

*A Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade
nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*

Paula Christofolletti Togni

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de
Doutora em Antropologia

Orientadora:

Prof. Doutora Maria Antónia Pedroso de Lima
Professora Auxiliar, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:

Prof. Doutora Adriana Gracia Piscitelli
Pesquisadora, UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

Maio, 2014

*A Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade
nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*

Paula Christofolletti Togni

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de
Doutora em Antropologia

Júri:

José Mapril, Professor Auxiliar Convidado FCSH-UNL

Elizabeth Challinor, Investigador Sénior, CRIA-UMinho

Manuela Ivone Paredes Pereira da Cunha,

Professor Auxiliar com Agregação, UMinho

Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida,

Professor Associado com Agregação, ISCTE-IUL

Maria Antónia Pereira de Resende Pedroso de Lima (Orientadora)

Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Adriana Gracia Piscitelli, (Coorientadora)

Pesquisadora, Universidade Estadual de Campinas

Maio, 2014

Investigação apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia FCT, por fundos nacionais do Ministério da Ciência, da Tecnologia e Ensino Superior, através da Bolsa de Doutoramento SFRH / BD / 61140 / 2009, e do projecto “O cuidado como factor de sustentabilidade em situações de crise.” FCT PTDC/CS-ANT/117259/2010, IR Antónia Pedroso de Lima.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

RESUMO

Palavras-chave: mobilidades, diferença, juventude, gênero e sexualidade,

A tese *A Europa é o Cacém!* reconstrói a partir de uma etnografia multisituada os trajetos e trajetórias entre Brasil e Portugal(2010-2013) de 26 sujeitos que partilham o fato de pertencerem a uma mesma faixa-etária (18 a 25 anos), a classes econômicas baixas do Brasil, se auto identificarem como *morenos* ou *pretos* e serem oriundos de uma mesma localidade, a cidade de Mantena – Minas Gerais, bem como, viverem em um mesmo bairro: o Cacém, região metropolitana de Lisboa.

Em suas trajetórias e trajetos estão presentes diferentes formas de mobilidade: espaciais, físicas, sociais, econômicas e imaginativas. Ao se deslocarem entre fronteiras internacionais, deslocam também ideias, relações e suas próprias subjetividades. Aliás, as fronteiras se configuram como um espaço nebuloso que permite refletir sobre determinados pares de oposições: família-indivíduo, jovem-adulto, centro-periferia, liberdade-responsabilidade.

Os contextos em que estão inseridos - que ultrapassam as noções de Estado-Nação- e as interações possibilitadas por eles tecem novas hierarquias e relações de poder criando novas localizações sociais (Pessar e Malher, 2001). A articulação entre diversas marcas de diferença como idade, nacionalidade, gênero, sexualidade, ”raça” e etnicidadetem mediado suas relações e interações cotidianas em Mantena e no Cacém.

A partir de uma aproximação teórica entre os estudos urbanos, abordagens sobre o transnacionalismo e o modelo teórico metodológico das interseccionalidades, utilizo como principais categorias de análise as noções sobre: mobilidade, diferença e fronteira para refletir sobre as mobilidades e deslocamentos contemporâneos entre Brasil e Portugal e as experiências e subjetividades desses sujeitos.

ABSTRACT

Key-words: mobilities, difference(s), youth, gender, sexuality

The work "A Europa é o Cacém!"/"Europe is Cacém!" is based on a multiplaced/multiple location ethnography, between Portugal and Brasil (2010-2013), which reconstructs the paths and directions of 26 individuals/subjects that belong to the same age group, the same low-income Brazilian background, the fact that they identify themselves as *morenos* or *pretos*. And they also come from the same place, the city of Mantena (Minas Gerais), and are living in the same neighbourhood: Cacém (Lisbon Metropolitan Area).

Their paths and directions are marked with different kinds of mobility: space, physique, society, economy and imagination. By crossing international frontiers/borders, they are also crossing ideas, relationships and their own subjectivities. Those borders become a hazy space which allows the reflection on several disparities: family-individual, young-grown-up, center-periphery, freedom-responsibility.

Surpassing the notions of nation-states, the contexts of their surroundings and the interactions which it allows, provide new hierarchies and power relations while creating new social locations (Pessar e Malher, 2001). Their relationships and everyday interactions have been mediated/facilitated with/by the articulation of several characteristics as age, nationality, gender, sexuality, race and ethnicity.

From a theoretical approximation between urban studies, transnationalism and the intersectionalities methodological model, these are the main analysis notions I apply: mobility, difference and frontier/border, based on the contemporary mobilities and travelling between Brasil and Portugal, focusing on the experiences and subjectivities of this group.

...A Maicon (in memoriam)

Ao mais desafiador, ao que demandou mais tempo para conquistar a sua confiança, ao menino que todos tinham *medo*. Ao menino que fez com que eu experimentasse o sentir da perda e da morte no fim. A morte e a saudade permeiam essa etnografia. Ao começar a pesquisa, perdi meu pai de *morte morrida* no dia do meu aniversário em março de 2009. Um infarto agudo no miocárdio. Não deu tempo de chegar ao Brasil. Em junho de 2012, Maicon morreu afogado, próximo a Mantena, após viver 8 anos em Portugal e ter regressado pela primeira vez. Não deu tempo também. E não foi *morte matada*, sempre anunciada para ele. Foi *morte morrida*!

AGRADECIMENTOS

Nos emigrantes há “qualquer coisa de estilhaçado que grita pela unidade, e que não pode, por mais que queira, encontrar a paz dum só lar, dum só gosto, duma só enxada”.

“Gemer por Portugal no Brasil, e pelo Brasil em Portugal. Ougar num por alheiras, e no outro por feijão preto. Trazer o corpo e o espírito neste vaivém de grávida com desejos”.

Miguel Torga

Elejo começar os agradecimentos a partir desses trechos de Miguel Torga: poeta português, que viveu entre Portugal e Brasil. “Seu Portugal”, era uma pequena aldeia, Sabrosa, em Trás-os-Montes e a cidade de Coimbra. “Seu Brasil”, Minas Gerais e a cidade de Leopoldina. Esse pequeno trecho de Torga retrata um pouco a forma como essa tese foi pensada, feita e escrita: em movimento. Entre lá e cá, ou, como defendo no texto, em um entrelaçamento de relações e comunicações.

Agradecer, se configura como algo difícil. Foram muitas pessoas importantes nessa trajetória. Começo pelos sujeitos que participaram dessa etnografia. Uma relação construída por diferença, respeito, intensas trocas, confiança, risadas, choros, medo e saudade. Preciso dizer que aprendi muito com vocês! E que mais do que a tese em si, os levarei comigo ao longo de toda minha trajetória. Obrigada por confiarem seus segredos, partilharem suas intimidades, casas, comida e afetos. Um obrigado especial às famílias Camargo e Silva que me acolheram em suas casas em Cachoeirinha de Itaúna e Mantena.

Agradeço a minha orientadora Antónia Pedroso de Lima, a Antonita! Obrigada por acreditar desde sempre nesse projeto! Lembro-me que no café Fábulas, prestes a viajar para o Brasil para a realização do primeiro trabalho de campo, perguntei-lhe se poderia ir à cidade de Mantena primeiro: você respondeu que sim. E depois me disse: “se achar que vale a pena ficar por lá, fique”! Fiquei! E realizar essa etnografia multisituada só foi possível pela sua dedicação e esforço: construir um projeto para a bolsa de mobilidade de doutorandos da Fundação Calouste Gulbenkian, associar a pesquisa ao projeto do “Cuidado” e confiar nas minhas ausências prolongadas em meio a demasiados conflitos internos. Você estava ali! Por Skype, por emails, na “Bat Caverna”, no CRIA.

Do outro lado do Atlântico, a partir de redes tecidas em Portugal, surge Adriana Piscitelli como minha co-orientadora. O fato dela aceitar me orientar já era o máximo. Ter as duas, um luxo! Entre o CRIA- Centro em Rede de Investigação em Antropologia e o PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero, entre o ISCTE e a UNICAMP! Dri, você foi uma linda surpresa. Pela sua gentileza e rigor, sua dedicação e generosidade nas partilhas. E o nosso grupo de estudo! Tantas leituras e trocas fundamentais nesse longo caminho. Quando utilizo o pronome “nosso” é porque quero lhe dizer como me senti: fazendo parte. Estar com você, era estar em casa, como em Lisboa! Vocês são uma dupla e tanto!

Ainda na Unicamp e em Campinas, agradeço a minha querida Iara Beleli. Nossa relação ultrapassou em muito as trocas acadêmicas. Você me recebeu em sua casa, como sua filha durante todo o meu período de estadia em Campinas! Agradeço também a D. Ina e ao Rafael Salazar por participarem dessa “adoção” e permitirem que eu me sentisse em casa.

Um especial agradecimento ao grupo de estudos do PAGU, coordenado pela Adriana Piscitelli: pela generosidade na leitura de meus textos e por proporcionarem discussões fantásticas que reconduziram várias análises da minha tese: Natália Corazza Padovani, Iara Beleli, José Miguel Olivar Neto, Laura Lowenkron, Patrícia Carvalho, Bruna Bumachar, como também, os funcionários do PAGU, Luciana Camargo Bueno, Karina Gama Cubas da Silva e Jadson da Silva Freitas.

Em Portugal, institucionalmente, começo por agradecer o CRIA- Centro em Rede de Investigação em Antropologia, e em especial, a amada e incomparável Manuela Raminhos, Catarina Mira e Mafalda Melo. Agradeço também Isabel Cardana (Isabelita) que já não está conosco no CRIA. Agradeço o Departamento de Antropologia do ISCTE-IUL, sobretudo o funcionário e amigo Fernando Gil Ferreira pelo seu cuidado com os alunos, eficiência e a gentileza de sempre. Agradeço a FCT por me conceder a bolsa de doutoramento que permitiu tornar a pesquisa executável, como também à Fundação Calouste Gulbenkian, que ao me conceder uma bolsa de mobilidade acadêmica, permitiu que eu permanecesse em Campinas, fundamentalmente no PAGU, como também, estender a realização dos trabalhos de campo em Mantena e Governador Valadares. Em Valadares, não poderia me esquecer do NEDER- Núcleo de Desenvolvimento Regional da UNIVALE- Universidade do Vale do Rio Doce, e de seus pesquisadores e bolsistas. Agradeço a Sueli Siqueira por me receber, pelo convite para ministrar a aula inaugural do Mestrado em Gestão do Território e pelas proveitosas trocas acadêmicas! Estendo o agradecimento aos pesquisadores do Neder- Cristina Sales Caetano e Mauro Augusto Santos. Agradeço também a antropóloga Gláucia de Oliveira Assis por me acompanhar por um dia no Cacém e, é claro, pelas sugestões e partilhas acadêmicas (para além da ida ao *faca show*).

Um agradecimento especial ao antropólogo José Mapril que acompanhou durante esses cinco anos o processo da pesquisa. Suas contribuições, críticas e sugestões foram fundamentais para a realização dessa tese.

Ao Paulo Raposo, meu eterno orientador, agradeço pelo incentivo e por ter me ajudado a ter “coragem” de fazer um doutoramento logo após o mestrado.

Agradeço a todos os pesquisadores e coordenadores do projeto "O cuidado como fator de sustentabilidade em situações de crise", financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia, PTDC/CS-ANT/117259/2010 pelos proveitosos debates e discussões ao longo destes anos, especialmente a: Antonia Lima, Miguel Vale de Almeida, José Mapril, Elisabeth Chalinnor e Cristina Santinho.

Aos amigos companheiros da “Bat Caverna”, nome carinhoso dado à sala de trabalho dos doutorandos do CRIA: Margarida Moz, Jander Nogueira, Lira Turrer Dolabela, Filipa Alvim, Cristina Santinho, Pedro Manuel Pombo.

Ainda em Portugal, agradeço o grupo de amigos BARZUCA, e, em especial, minha amiga e companheira de casa e aventuras: Monique Montenegro (xuxu), pelo cotidiano da escrita que envolveu tensões, risadas e choros (*tamo junto*) e a amiga fiel Debora Baldelli. Agradeço a Casa do Brasil de Lisboa, sobre tudo a Ana Rita Alho, minha grande amiga. Agradeço à Sonia Reis Pinto, pesquisadora e amiga de sempre e a

família da Pizzeria Mezzogiorno. E, claro o meu amigo e companheiro Alex Motta e o colega e amigo Otávio Raposo.

Por fim, gostaria de agradecer a Vende-se Filmes, Filipa Reis e João Miller Guerra pela oportunidade de participar do documentário “Fragmentos de Uma Observação Participativa”. Sem dúvida, essa experiência proporcionou-me refletir sobre o observar e ser observada e o fazer antropológico.

No Brasil, gostaria de agradecer em primeiro lugar, minha mãe, Katia Christofolletti: porque o que sou hoje, tem muito dela. Obrigada pelos sábios conselhos, amor e dedicação. Tento seguir os conselhos, tornados poesia por você: “Não deixe seus sonhos escaparem na caminhada. Sorrir é muito melhor que chorar, apesar do choro ser um aconchego para o corpo e para alma Seja fiel consigo mesma, coerente nas suas idéias”. Ainda choro muito (risos), mas acredito ser fiel e coerente com o que penso. Essa tese é resultado disso!

Agradeço toda a minha família, mas em especial: meu pai (*in memoriam*), minha prima irmã Flávia Togni do Lago, minha madrinha Tânia Christofolletti, meu padrinho Luiz César de Araujo e minha tia Vera Gomes Bastos. Ao meu primo que tornou possível o meu retorno em Portugal para defesa, Renam Christofolletti.

Às amigas de 21 anos! Aquelas que nem o tempo e a ausência nos fizeram perder a intimidade: Aline Maria Ko e Paula Drummond. Às amigas e amigo da graduação, participantes da *Gang da Primeira Fila*.

Aos amigos que, ainda que recentes, tenho a sensação de conhecer há séculos: minhas lindas surpresas em Campinas: Natália Corazza Padovani, Carolina Branco (*amiguinhas* que admiro muito como pessoas e antropólogas), o cineasta Rafael Salazar (produção) e o antropólogo e amigo José Mauricio Arruti.

À Lucia Taveira, minha analista, com quem tenho me descoberto, ainda que, aos poucos. Obrigada por ter aceitado o desafio de fazer uma análise em movimento, entre lá e cá.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
<i>PARTE I - ETNOGRAFIA E MOBILIDADES TRANSNACIONAIS: A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E A IMPORTÂNCIA DOS CONTEXTOS DE ORIGEM.....</i>	19
CAPÍTULO 1 - TRAJETOS E TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS: NEGOCIAÇÕES E TENSÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL	19
1.1 Fazer etnografia em movimento	23
1.2 Uma “estrangeira” “ fora de casa”	26
1.3 A “comunidade” “fora de casa”: estranhamento com o “familiar”	28
1.4 A “Europa” e “os Portugal”	32
1.5 No K-100 e Ericeira.....	37
1.6 Negociando corpo, gênero e sexualidade no campo	42
1.7 Ser “portuguesa” no Brasil: um “estrangeiro” em “casa”?	54
1.8 O regresso ao Cacém e a “amiga escritora”	55
CAPÍTULO 2- CENÁRIOS E ESPAÇOS TRANSNACIONAIS	59
2.1 A cidade de Mantena, Minas Gerais	59
Cachoeirinha de Itaúna e o Morro do Margoso	62
A “roça” e a Família Camargo	63
A família Camargo	67
O Morro do Margoso.....	72
A Família Santos	75
2.2 As redes: De Mantena para o Cacém.....	79
<i>A América e os Portugal</i>	<i>84</i>
<i>A viagem garantida.....</i>	<i>89</i>
2.3 Cenários e espaços transnacionais no destino: escalas e relacionalidade	92
O Cacém e a polissemia do termo periferia.....	92
Ericeira	97

CAPÍTULO 3- ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DIMENSÕES ESPACIAIS E POLÍTICAS E A INTERAÇÃO DE DIFERENÇAS

.....102

3.1 Fronteiras como dimensão espacial e política: de “comunidades nacionais” aos campos sociais transnacionais..... 103

Campos sociais, cidades, escalas e relacionalidade..... 111

Uma aproximação entre estudos urbanos e mobilidades transnacionais 115

Espaço como categoria relacional: *a roça, o morro, o suburbio e as periferias* 120

3.2 Fronteiras como interação de diferenças e o modelo teórico das interseccionalidades: repensando as categorias jovens migrantes..... 123

Feminismo transnacional e o modelo teórico-metodológico das interseccionalidades..... 132

Jovens brasileiros migrantes? 138

Juventude como categoria relacional e estilos de vida 142

O Brasil é o Brasil e a África não é nada: sobre pretos brasileiros e pretos africanos 147

PARTE II – DESLOCANDO SUJEITOS, TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES 156

CAPÍTULO 4- PROJETO, TEMPO E FAMÍLIA NAS MOBILIDADES TRANSNACIONAIS 156

4.1 Melhorar de vida e aproveitar a vida 160

“*Ganhar um destino*”: escola, trabalho e migrações 162

A educação formal como forma de *ser alguém na vida* 166

A mobilidade transnacional vista pela “*classe alta*” de Mantena 171

Da *favelinha* para o apartamento 502 175

O *Aproveitar a vida* 182

A *Crise*, situações limite e justificativas para o projeto migratório 190

“Situações limite” e reformulações dos projetos de mobilidade 193

CAPÍTULO 5: ENTRE A AJUDA E A COISA ERRADA. SEXUALIDADE, GÊNERO E MORALIDADES 198

5.1 Sexualidades e modos de construção da diferença a partir dos deslocamentos entre fronteiras internacionais..... 205

5.2 Negociando trocas afetivas e sexuais..... 213

(Re) criando categorias: “*pretos*”, “*brasileiros*” e “*tugas*” 217

5.3 Notas sobre dinheiro, interesse, sexo e afeto 221

CAPÍTULO 6- VIRANDO HOMEM. SOBRE MASCULINIDADES E CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA224

6.1 Os *gajos*..... 225

6.2 Que Brasileiros Portugal produz?..... 229

Estética e Performance entre <i>Brasileiros</i>	229
6.3. Crime, Favelas e <i>sangue nos olhos</i>	232
6.4 O trabalho nas obras	244
6.5 Construindo a diferença e novas hierarquias: tensões, respeito e masculinidades entre “brasileiros” e “ pretos”	250
6.6 Entre modelos “tradicionais” e de abertura: sexualidade, moralidades e família	259
6.7 Alguns Desfechos	268
<i>Ser crente e estar crente: Deus o papel da religiosidade nas trajetórias</i>	269
Experiências de paternidade: <i>botar filho no mundo</i>	275
Sobre <i>Morte matada e Morte morrida</i>	278
CONSIDERAÇÕES FINAIS	284
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	291
ANEXO A – Principais personagens da tese (por ordem alfabética)	310

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1- Folder de divulgação de festa “brasileira”	35
Mapa 1 – Localização Mantena.....	60
Mapa 2- Localização Cachoeirinha de Itaúna	65
Foto 2 - Cachoeirinha de Itaúna	67
Foto 3 – Casa Família Camargo	69
Foto 4 – Fachada Casa Família Camargo.....	69
Foto 5 e 6 – Morro do Margoso.....	73
Foto 7 – Casa da família Santos	78
Gráfico 1 - Residentes no Cacém - Principais Nacionalidades (2011).....	95
Foto 8 e 9 – Casa de Camila em Mantena; Prédio onde Camila reside no Cacém	97
Foto 10 - Prédio onde mora Maurício em Ericeira. Todos os apartamentos eram ocupados por brasileiros.	99
Fotos 11 e 12 – Quarto de Camila - no Cacém e no Morro do Margoso.....	180
Fotos 13 e 14 – Quarto de Sheila (Cacém e Mantena)	181
Foto 15- Sala da casa de Sheila e Camila	181
Foto 16 – Cozinha, casa de Sheila e Camila.....	182
Fotos 17 e 18 – Carro e equipamento de som; computador, notas de 50 euros, bebidas e celulares	187

Foto 19 e 20 – Mídia e o Assalto ao BES.....	235
Foto 21 e 22 – Matéria sobre o Primeiro Comando de Portugal, Jornal Correio da Manhã, 16 de setembro de 2008.	235
Foto 23 – Folder de divulgação do evento de aniversário de MC Didado.....	238
Foto 24 – Folder de divulgação de uma “festa brasileira”	254

INTRODUÇÃO

Trajetos e Trajetórias de mobilidade: desconstruindo um Brasil em Portugal

Em outubro de 2004, com 23 anos, desembarquei em Lisboa¹. A motivação para viver temporariamente “na “Europa”² era, inicialmente, a realização de parte de um mestrado, e a “Europa” que eu esperava encontrar, parafraseando Rodrigues (2010), “era construída como sinônimo de menor desigualdade, maior proteção social, altos níveis de educação, ética e cidadania, possibilidade de realização pessoal, segurança e bem-estar”. Por outro lado, morar em Portugal significava uma maior possibilidade de obtenção de determinados capitais culturais - circular para outros países da Europa, ter acesso a determinados produtos culturais (cinema europeu, óperas, shows, etc) que eram valorizados na origem por sujeitos com posicionamentos de classe específicos, de acordo com padrões “brasileiros”.

Em 2007, com 19 anos, Sheila³ desembarcou em Lisboa com o objetivo de melhorar *de vida*. Seu projeto inicial era trabalhar para acumular algum dinheiro que seria destinado à reforma da casa de sua família, localizada na zona rural - Cachoeirinha de Itaúna- em um distrito da cidade de Barra de São Francisco que faz fronteira com a cidade de Mantena, e abrir nesta última localidade um pequeno negócio: *quem sabe uma loja de roupas*. Sheila considerava que, no Brasil, pelo fato de *não gostar de estudar*, seria difícil realizar os seus desejos de melhoria de vida. Era preciso *ganhar um destino*. E no seu contexto de origem, uma das alternativas que são enxergadas como

¹ Vivi de forma ininterrupta em Portugal de 2004 a 2012, com exceção dos períodos de realização de trabalho de campo em Mantena e períodos curtos de férias. De qualquer forma, apenas após dois anos e cinco meses regresséi pela primeira vez ao Brasil

² As palavras e expressões em itálico significam expressões nativas ou êmicas dos sujeitos que fizeram parte da etnografia. As expressões ou palavras em aspas simples (‘n’) fazem referência a termos e categorias utilizadas que devem ser problematizadas e, por fim, as aspas duplas (“n”) são utilizadas nas citações bibliográficas.

³ Utilizo como recurso as trajetórias e projetos meus e de Sheila para problematizar tipos de deslocamentos entre fronteiras internacionais que são analisados separadamente no campo dos estudos sobre migrações e na própria legislação migratória: a mobilidade de “estudantes” (Report on International Educational Exchange, 2007/08, do Open Doors, apud Zamberlam et al., 2009, p. 53), e, por outro lado, a de “migrantes laborais” (cf. Peixoto, 1999; Casa do Brasil, 2004; Peixoto e Figueiredo, 2007 Malheiros, 2007). Em Portugal, tanto no que se refere aos movimentos de “estudantes” para Portugal, quanto ao número de “migrantes laborais”, o número de brasileiros tem se expandido na última década. O surgimento de associações e debates públicos sobre essas categorias – estudantes e migrantes – também são frequentes. O mais recente, envolveu estudantes brasileiros de Coimbra em uma campanha “contra o preconceito e a xenofobia na universidade”. Para saber mais ver <http://oglobo.globo.com/educacao/alunos-da-universidade-de-coimbra-fazem-campanha-contra-xenofobia-11263390>, acessado pela última vez em 18 de fevereiro de 2014.

possibilidades concretas de mobilidade social, têm um duplo sentido semântico: mover-se para outras cidades – geralmente Vitória, Belo Horizonte e Porto Velho – ou países – EUA e Portugal –, se configurava também como um projeto de mobilidade social e uma estratégia de reprodução social de grande parte das famílias em Mantena.

Deslocar-me para Portugal emerge como campo de possibilidade (Bertaux, 1978 e Velho, 1987; 1994) a partir do convite de uma professora e amiga que viria fazer parte de seu doutorado *sanduíche* em Lisboa. Morar com ela e não ter custos com moradia e alimentação tornava o projeto de realização da pós-graduação mais exequível. Meu projeto inicial era o de cursar o primeiro ano do mestrado em Patrimônio Cultural, na Universidade Católica portuguesa e, depois da conclusão das disciplinas, regressar ao Brasil⁴. A decisão de viver em Portugal foi tomada em agosto de 2004, imediatamente após terminar uma relação amorosa de quatro anos. Restavam apenas dois meses para a retirada do passaporte, financiar a passagem aérea e negociar a rescisão de contrato de trabalho na PUC-Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), local onde trabalhava.

Para Sheila, mover-se para Portugal foi facultado pelo fato de seus irmãos, Wellington, Beto e o vizinho Maicon, já viverem em Portugal, como também pelo fato das mobilidades (internas e entre fronteiras internacionais) serem parte da realidade social da sua cidade, visível através da existência e classificação das moradias dos migrantes como *casas modernas*, das narrativas de pessoas conhecidas sobre suas experiências de mobilidade nos retornos temporários e nos perfis do Orkut e Facebook e da existência de agências de viagens que ofereciam pacotes com a *viagem garantida*.

Tanto eu quanto Sheila contamos com *ajuda* de pessoas e redes de interconhecimento como estratégias para deslocar entre fronteiras internacionais. Todavia, os recursos econômicos para aceder ao continente europeu foram dissemelhantes. Sheila comprou um pacote na agência de viagens de Nilson deixando a terra da família como garantia de pagamento da dívida. Eu utilizei minha poupança para comprar a passagem e ter dinheiro para os primeiros meses em Lisboa. Os recursos financeiros da minha viagem foram oriundos de uma poupança e do acerto da minha demissão (na época trabalhava na PUC-Minas), que somava uma quantia de aproximadamente oito mil reais cujo intuito, antes do projeto migratório, era comprar

⁴ Vivi de forma ininterrupta em Portugal de 2004 a 2012, com exceção dos períodos de realização de trabalho de campo em Mantena e períodos curtos de férias. De qualquer forma, apenas após de dois anos e cinco meses regresssei pela primeira vez ao Brasil.

um carro. Na época, a cotação do euro era de aproximadamente 4 (quatro) reais. Portanto, portava comigo aproximadamente 2.000 euros.

Comprei um voo direto Belo Horizonte – Lisboa portando uma carta de aceite da universidade que me permitiria solicitar o visto de estudo e ter autorização legal para trabalhar. Já o trajeto de Sheila para entrar em Portugal envolveu mais deslocamentos: uma viagem de autocarro de Cachoeirinha de Itaúna para Mantena, de Mantena para o Rio de Janeiro, um voo com escala em Madrid e, finalmente, o desembarque em Lisboa. Este trajeto foi pensado pela agência de viagens para assegurar a sua entrada no continente europeu. *Um voo direto não dava... não entra... mas por Madrid entrava*, explica-me Nilson. Sheila entrou, mas outras pessoas do seu voo foram retidas no Aeroporto de Barajas e deportadas para o Brasil. Sheila tinha um visto de turista, que possibilitava a sua permanência “legal” em Portugal durante os três primeiros meses, mas não a autorizava a trabalhar.

É importante salientar que tanto a minha permanência como a de Sheila, bem como a concretização de nosso projeto inicial dependiam do fato de encontrarmos trabalho em Portugal, ou como Sheila afirma, de *dar certo*. Na primeira semana Sheila conseguiu um trabalho como auxiliar de limpeza através de um contato de Maicon. Eu, após três meses em Lisboa, fui admitida como empregada de mesa numa pizzaria na rua em que morava (região central de Lisboa) a partir da mediação de um funcionário “brasileiro” que conheci quando fui jantar no restaurante.

Início a introdução com ponderações que pretendem ilustrar diferentes estratégias, recursos e redes utilizadas para aceder Portugal que envolvem diversos conteúdos simbólicos associados aos deslocamentos entre fronteiras internacionais. Isto porque a partir das desigualdades e diferenças entre parte da minha trajetória de mobilidade e a dos sujeitos de Mantena com quem trabalhei (nesse caso específico apresento o percurso de Sheila) é possível refletir sobre como localizações sociais (Pessar e Mahler, 2001, 2003) distintas proporcionam experiências de deslocamento entre fronteiras internacionais diferentes.

Inquietações teóricas e metodológicas

Mostrar a heterogeneidade das experiências de mobilidade de “brasileiros” em Portugal se configurava como uma preocupação teórica e metodológica antes mesmo de conhecer Sheila e o grupo de 26 “jovens” com quem trabalhei. A noção de

“comunidade” e a partilha de uma “cultura” comum baseada no pertencimento a um determinado Estado-Nação não me ofereciam respostas para pensar as circulações e mobilidades contemporâneas entre Brasil e Portugal.

A predominância de um nacionalismo metodológico (Wimmer e Schiller, 2003) e da utilização de lentes étnicas (Shciller de Çaglar, 2008) nas análises produzidas sobre as migrações internacionais parecia encobrir outras marcas sociais de diferença como “raça”, classe, origem regional, religião e sexualidade, que se articulam e produzem novas hierarquias a partir da classificação dos sujeitos possibilitados por novas interações. Da mesma forma, para refletir sobre trajetórias construídas dentro de campos sociais transnacionais, mas onde os sujeitos estão expostos a um conjunto de expectativas, valores e padrões de interação humana compartilhados em mais de um sistema social, econômico e político (Velasco, 1998), fazia-se necessário incorporar os locais de origem.

É importante salientar que diversos trabalhos sobre a imigração brasileira em Portugal foram realizados anteriormente (Casa do Brasil, 2004; Padilla, 2006; Malheiros, 2007; Peixoto, 2007; Pinho, 2007) e traçaram padrões migratórios, sociografias de origem, motivações e reconfigurações de processos identitários ocasionados pela mudança de país.

Diferente desses trabalhos, procurei acompanhar e/ou reconstruir os trajetos e trajetórias dos “imigrantes” levando em conta os seus contextos de origem ou suas experiências anteriores aos deslocamentos entre fronteiras internacionais. Desde o início do projeto de doutoramento a proposta apresentada pretendia acompanhar as redes transnacionais construídas por migrantes, permitindo contextualizar socialmente os sujeitos, compreender os modelos de gênero e família, bem como os conteúdos simbólicos associados à migração nas sociedades de origem. Acreditava que, para compreender as construções das diferenças na migração, deveria considerar as mobilidades como processos complexos e muitas vezes contraditórios que interagem com uma variedade de posições e deslocamentos mediados, pelo que a literatura sobre as migrações tem definido como “sociedade de origem” e “destino”.

Da mesma forma, busquei não fixar o sentido dado às experiências de mobilidade dos sujeitos em um presente separado espacial e temporalmente do passado no lugar de origem, evitando enxergar os percursos migratórios como fases, respectivamente a fase pré-migração, do deslocamento e a pós-migração (Boyd e Grieco, 2003).

A escolha de Mantena e do Cacém

Em janeiro de 2010 conheci Sheila e o Cacém⁵. E através dela outros 25 sujeitos. Chamou-me à atenção o fato destes serem “jovens”, oriundos de uma mesma região em Minas Gerais – Noroeste de Minas, nomeadamente a cidade de Mantena e o distrito de Cachoeirinha de Itaúna, por serem residentes de áreas rurais ou de periferias de cidades pequenas; como também a forma como eram articuladas por eles categorias de diferenciação como “raça”, etnicidade e nacionalidade, uma vez que se auto classificavam como negras (os) ou *pretas (os)*. Outra particularidade do grupo que me despertou atenção era o fato de terem se deslocado entre fronteiras internacionais entre os 18 e 20 anos sem o acompanhamento de familiares adultos, ou seja, que suas experiências de mobilidade não se configuravam com o padrão de reagrupamento familiar (Fonseca, 2005), encontrado na maioria das pesquisas que relacionam as temáticas sobre juventude e migrações, mas também não poderiam ser consideradas migrações ancoradas em motivações exclusivamente individuais, uma vez que faziam parte também de uma estratégia de reprodução social da maioria das famílias.

A reprodução de um Brasil periférico em Portugal também me provocou curiosidade, fazendo com que eu participasse de vários eventos sociais com eles (festas, almoços, bailes funks, idas a discotecas brasileiras). O cotidiano dos sujeitos era circunscrito na linha de Sintra: lugar onde moram, trabalham, têm suas atividades de

⁵ É importante ressaltar que o projeto inicial de doutoramento foi reformulado logo quando iniciei o trabalho de campo, em janeiro de 2010. O título original da tese era “Gênero entreatos: trajetórias e representações de mulheres migrantes entre Minas Gerais e Lisboa”, cuja preocupação central era refletir sobre as experiências e trajetórias de “mulheres brasileiras”, compreendendo o sujeito como constituído mediante a experiência e o gênero enquanto construção simbólica no conjunto de relações sociais duplamente localizadas – no Brasil e em Portugal que se articula com outras marcas de diferença: idade, classe, sexualidade, religião, “raça”, etc. A escolha de Minas Gerais deu-se pela relevância estatística: dados recentes apontavam que 24% dos imigrantes em Portugal eram oriundos desse estado brasileiro (OIM, 2009:40); pela carência de discussões sobre a emigração feminina nesses contextos, com exceção da cidade de Governador Valadares (Assis, Siqueira, 2011); pelo fato do estado não estar no circuito de turismo internacional do Brasil (contato menos relevante com turistas internacionais), a existência escassa de ONG’s destinadas à problemática da “prostituição” e do “tráfico de seres humanos”, temas fortemente associados à região Nordeste e a própria heterogeneidade da região que poderia oferecer instrumentos para uma análise comparativa entre grandes, médias e pequenas cidades, no que se refere às expectativas, projetos e percursos de mobilidade, bem como o imaginário de “viver na Europa”. Num primeiro momento, identifiquei 14 mulheres de contextos bastante dessemelhantes no que se refere à classe social, local de moradia (no Brasil e na Grande Lisboa), escolaridade, atividade laboral, idade, contexto de origem, estado civil e projetos de mobilidade. Sheila era uma dessas mulheres. Através dela, conheci o Cacém, região considerada periférica da Grande Lisboa e aproximadamente 25 sujeitos (rapazes e meninas) de um mesmo grupo etário e de um mesmo lugar de origem: a cidade de Mantena, Minas Gerais.

lazer. Raramente vêm a Lisboa. De acordo com Sheila, o *Cacém é a sua casa e Lisboa parece outro mundo*. Ela, como grande parte dos sujeitos, nunca haviam ido ao cinema.

O contínuo contato com o grupo e o questionamento que emergiu da minha primeira ida a um bairro considerado periférico marcou, conjuntamente, a minha decisão de reconstruir os trajetos e trajetórias desses 26 sujeitos: como a “Europa” poderia ser o Cacém? Ou de que forma o sonho de *viver na Europa* poderia se concretizar no Cacém, na periferia, em um bairro de Lisboa onde a maioria das pessoas são classificadas como *pretas* ou “descendentes de africanos”, um local visto como *perigoso*, com alto índice de *delinqüência e criminalidade*?

De que maneira o Cacém poderia ser o lugar de materialização do sonho de *melhorar de vida*? A importância dos contextos espaciais em que as experiências de mobilidade são vivenciadas e onde a diferença é construída tornou-se, a partir do momento em que conheci Sheila, o Cacém e a cidade de Mantena, uma problemática fundamental. Pensar sobre atravessar diferentes fronteiras, suas escalas e relacionalidade se configurou como a maneira que encontrei para compreender categorias nativas como *roça*, *periferia*, *cidade grande*, *morro*, etc, bem como compreender os sentidos de *melhorar de vida*, *aproveitar a vida* e os significados dos deslocamentos entre fronteiras internacionais nos locais de origem.

Através da realização de uma etnografia multisituada (Marcus, 1985) entre o Cacém e Mantena ao longo dos anos de 2010 a 2013, procurei problematizar de que forma a alteração dos contextos sócioespaciais incidem na ressignificação das diferenças e de que maneira os deslocamentos entre fronteiras internacionais têm possibilitado aos sujeitos envolvidos – pessoas em deslocamento, familiares, amigos – e os próprios cenários de origem e destino transformar as relações de poder, reposicionar relações e produzir novas subjetividades.

Essas reconfigurações foram ponderadas levando em consideração a especificidade dos trajetos e das trajetórias dos que partiram de Mantena e Cachoeirinha de Itaúna, sem, no entanto, ignorar que os sujeitos que fazem parte das relações daqueles que partiram estão enredados nas mobilidades dos que estão em deslocamento, ou seja, que estes deslocamentos tiveram e têm efeitos nos sujeitos que ficaram e nas suas relações.

Esta ponderação surge em decorrência das minhas permanências em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna, na medida em que observei diferentes narrativas e imaginários em relação aos deslocamentos dos sujeitos, observados nos contextos de origem por

sujeitos de diferentes gerações, experiências de mobilidade e tipos de vínculos estabelecidos com os que partiram – i) família nuclear dos que atualmente vivem em Portugal, ii) sujeitos que permaneceram na origem, não tiveram experiências de mobilidade e são do mesmo grupo etário dos que partiram, iii) sujeitos que tiveram a experiência de deslocamentos entre fronteiras internacionais para Portugal e os EUA e retornaram para os contextos de origem.

Dessa forma, compreendo a trajetória destes 26 sujeitos em sua relação com outros que fizeram parte da pesquisa – diferentes pessoas de Mantena que vivem em Portugal, familiares, vizinhos e amigos, uma vez que, quando os sujeitos falam sobre suas trajetórias, estão comunicando sobre si, mas também sobre suas relações, valores e sobre as próprias localidades, o que permite articular experiências sociais e trajetórias individuais.

Trajelórias e trajetos são noções utilizadas de forma recorrente na etnografia. De entre as muitas compreensões e discussões sobre esses termos que remetem a noções sobre espaço e tempo, optei por utilizar a noção de trajetória em detrimento do método biográfico⁶ ou das histórias de vida, usualmente vistas como seqüências cronológicas e lógicas de acontecimentos e ocorrências na vida de uma pessoa. Ao contrário, opto por priorizar os percursos e caminhos biográficos ao longo do tempo (Velho,1987;1994), ao empregar a concepção de Bourdieu (1989), para quem a trajetória é uma série de posições sucessivas ocupadas por um grupo ou sujeito em um determinado espaço, ele mesmo exposto a transformações incessantes.

No que se refere às concepções sobre os trajetos, sigo a proposta de Magnani (2007) e Cachado (2010) que procuram dar conta dos deslocamentos cotidianos dos sujeitos que, nesse caso específico, incluem trajetos transnacionais, mas também os deslocamentos efetuados nos espaços urbanos e/ou rurais. Procurei uma abordagem que levasse em conta os trajetos entre e nas cidades, tanto nos países de acolhimento como nos de origem.

As interações entre diferenças no atravessar fronteiras foi problematizada através da análise das narrativas⁷ dos sujeitos em deslocamento sobre suas trajetórias. A

⁶ Bourdieu, em seu texto *A ilusão biográfica*, contesta a noção de “uma vida organizada, que transcorre segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo” (2002:184).

⁷ Para a análise das experiências dos sujeitos em deslocamento, utilizei o termo *narrativas* como proposto por Sorensen, “que se refere não somente aos relatos verbais, mas também às ações que servem como declarações ou comentários sobre situações sociais” (1997:161), tradução minha.

compreensão de que a “narrativa é um lugar onde o sujeito se coloca em um evento e cenário para fazer um espaço interpretativo que é relacional e que seus significados têm referentes sociais diretos” (Stewart,1992:252), reforça a opção pela utilização da noção de trajetória ao invés do método biográfico, na medida em que apresentarei fragmentos que se traduzem “pela constante variação dos tempos, pelo recurso a incessante retornos e pelo caráter contraditório, paradoxal dos pensamentos e da linguagem dos protagonistas” Levi (2002:170), bem como, episódios de interação observados ao longo da etnografia que não se associam à uma cronologia ordenada e à ideia de sujeitos coerentes e estáveis.

É importante ressaltar essa posição, sobretudo quando nos confrontamos com teorias sobre as migrações internacionais que abordam exclusivamente a racionalidade das intenções e dos projetos migratórios. Sorensen (1997) faz uma importante crítica aos estudos que interpretam um particular tipo de narrativa que define *a priori* os componentes metodológicos e conceituais para suas análises e que, ao mesmo tempo, estabelecem um curso de eventos precípuos nas vidas dos sujeitos em mobilidade, que passam a ser considerados como os eventos críticos para suas análises – como os atos de separação, sacrifício (Oliveira, 2006), liberdade, etc. Para Sorensen, essa delimitação é inadequada e tem impossibilitado a identificação de dinâmicas e aspectos criativos dos deslocamentos, na medida em que não proporcionam um entendimento de como as pessoas realmente “vivem com” e continuam a “reinterpretar e elaborar sobre suas experiências”, dependendo dos contextos e propósitos. Dentro dessa perspectiva, os sujeitos não são simplesmente “vítimas de mudanças”, “mas agentes sociais que assumem um papel vivo e activo no processo de engenharia social em curso” (tradução minha)⁸.

Essa é uma particular preocupação que permeou a etnografia. Parece-me importante não fixar as análises sobre as mobilidades transnacionais no presente, separado temporalmente e espacialmente de um passado no lugar de origem, mas levar em conta os relatos sobre e dos locais de origem. O presente tem sido frequentemente conceptualizado como um tipo de anti-estrutura, um “lugar topográfico entre dois lugares fixos” (Gupta e Ferguson, 1992:18), que é marcado pela incerteza e a falta de coerência (Sorensen, 1997:145). Além disto, a pouca atenção às narrativas sobre as

⁸“I shall try to demonstrate that people are not simply victims of change, but social agents taking a keen and active role in the ongoing process of social engineering”. (Sorensen, 1997:144).

localidades de origem invisibiliza o seu papel importante como ponto de referência e de contraste para os sujeitos quando relatam suas experiências do presente.

A proposta de análise de Boyd e Grieco (2003), por exemplo, remete à existência de três fases do percurso migratório em que as concepções sobre gênero produzem resultados diferenciados para mulheres/homens: a fase pré-migração, a fase do deslocamento e a fase pós-migração. Distancio-me desta abordagem por considerá-la efeito de um nacionalismo metodológico presente nos estudos sobre as migrações internacionais (Wimmer e Schiller, 2003), onde as noções de sociedade de origem e acolhimento são vinculadas aos estados-nação, mas também porque essa perspectiva pressupõe que as experiências dos sujeitos possuem temporalidades compartimentadas - passado, presente e futuro- e que inexistem inter-relações.

Oliveira (2006), por sua vez, considera o tempo e espaço nas migrações como entidades materiais que impõem condições objetivas de ação, mas também como processos simbólicos que são experienciados e construídos. Assim, passado, presente e futuro surgem na dinâmica cotidiana da ação e no estabelecimento de seus significados.

Dessa forma, adotei a ótica de Sorensen (1997) e Oliveira (2006) ao mudar o foco de uma narrativa analítica externa sobre os deslocamentos para uma narrativa ancorada na interação social que, para esses autores, é uma abordagem mais favorável para compreender como os sujeitos experenciam a mobilidade e de que forma expressam suas experiências em ações sociais, e, portanto, constitui uma abordagem mais útil para a identificação e entendimento sobre suas implicações sociais e culturais.

Na etnografia, as narrativas sobre as trajetórias dos sujeitos em deslocamento estão marcadas, conjuntamente, por temporalidades diferentes condicionadas pelo próprio trajeto da pesquisa e pela temporalidade das minhas estadias, ainda que a ausência no Cacém representasse uma permanência em Mantena e vice-versa. Ademais, recursos como as redes sociais virtuais e o telefone foram percebidos como outros espaços seletivos de comunicação que também informam sobre trajetórias e trajetos. A trajetória dos sujeitos foi apreendida através da seleção de experiências feitas pelos próprios sujeitos, pelas narrativas de seus familiares e amigos, o que permite situar a fala dos sujeitos. Notabiliza-se que as narrativas são selecionadas pelos sujeitos envolvidos em uma realidade social complexa, que definem o que contar e o que não contar, como também os sentidos de seus itinerários, os temas principais e os contextos das suas narrativas.

As temporalidades das narrativas devem ser situadas. Estas são construídas a partir de uma imaginação sobre o local de origem, aparentemente detida no tempo de ausência física nestes espaços (entre 3 a 8 anos), uma vez que apenas quatro dos sujeitos da pesquisa retornaram ao Brasil. Esta imaginação, no sentido proposto por Appadurai (2004), é conjuntamente alimentada por narrativas e imagens relatadas pelos familiares e amigos (Orkut, telefone), pelas permanências de outros jovens no regresso temporário e por mim, nas estadias em Mantena. Da mesma forma, as narrativas dos familiares e amigos na origem estão marcadas pelas informações (fotos, telefone, internet) que são selecionadas pelos jovens em deslocamento, como também por meio da materialização da *melhoria de vida*, visíveis nas alterações das moradias, no envio de presentes, na compra de equipamentos e bens (novos eletrodomésticos, carros/motos, etc).

Dessa forma, na observação e interação cotidiana e nas entrevistas realizadas durante os anos de 2010 a 2013 concedi relevância às formas como os sujeitos descrevem suas experiências sem tentar construir uma trajetória biográfica temporal e espacialmente coerente, marcadas por rupturas entre passado-presente-futuro e sociedade de origem-destino.

Algumas temáticas aparecem com maior regularidade. Descrições sobre o local de origem e de residência em Mantena, as memórias e histórias sobre a *infância*, os percursos escolares e profissionais; as relações familiares, as redes de amizade, a *adolescência* (namoros, iniciação sexual e amorosa, lugares de sociabilidade). No entanto, é importante salientar que noções sobre *infância* e *adolescência* não foram definidas em termos de idade *a priori*, o que permitiu aos sujeitos construir as suas próprias concepções sobre diferentes idades e “fases de vida”, como também, contrapor as minhas próprias noções.

Os diálogos também faziam referência à chegada dos sujeitos em Portugal: as primeiras impressões, contatos, o acionamento das redes, a busca de trabalho e moradia, os percursos profissionais, os processos de regularização (ou não), a construção das redes de amizade e namoro e os espaços de lazer e sociabilidade. A manutenção dos vínculos com as pessoas e os locais na origem também emergem nas narrativas dos sujeitos como o envio de remessas de dinheiro, a gestão do dinheiro, os contatos telefônicos e o uso da Internet, bem como os projetos de regressos temporários (ou não) para o Brasil. A maneira como os sujeitos pensam sobre como as pessoas em Mantena enxergam suas vidas em Portugal e as principais diferenças entre suas vidas em Mantena e no Cacém, foram conjuntamente abordadas.

A interlocução com sujeitos que não tiveram a experiência do deslocamento entre fronteiras internacionais⁹ também se efetuou nos locais de origem. Familiares, amigos e conhecidos dos sujeitos em mobilidade discorreram sobre os significados atribuídos e as suas representações sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais. Questões sobre a motivação dos sujeitos para se moverem para Portugal, as diferenças entre a vida em Mantena e em Portugal e as imaginações sobre o lugar onde os sujeitos moram e as pessoas com quem convivem foram surgindo como importantes questões. A importância econômica dos sujeitos na família, as expectativas sobre o regresso dos mesmos e as imagens sobre seu futuro foram conjuntamente discutidas.

Desta maneira, na tentativa de etnografar experiências de mobilidade entre fronteiras internacionais, a partir da observação e interação cotidiana, de entrevistas e de permanências alternadas entre o Cacém e Mantena, utilizarei como enredo fragmentos de trajetórias e trajetos de alguns dos sujeitos para tecer, ao longo dos capítulos, as principais temáticas que emergiram na etnografia.

Descobri ao longo da pesquisa que, para esses sujeitos, a Europa é o Cacém e que em suas trajetórias e trajetos estão presentes diferentes formas de mobilidades: espaciais, físicas, sociais, econômicas e imaginativas; que ao se deslocarem entre fronteiras internacionais, deslocam também ideias, relações e suas próprias subjetividades, pois os contextos em que estão inseridos e as interações possibilitadas por eles tecem novas hierarquias e relações de poder através da articulação entre diversas marcas de diferença. Para tanto, mobilidade, diferença e fronteira serão as principais categorias de análise que perpassam toda a tese.

⁹ Para além da observação cotidiana possibilitada através da permanência nas casas das famílias, foram realizadas no Morro do Margoso e na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna 14 entrevistas com pessoas que não tiveram a experiência de deslocamento entre fronteiras internacionais: pais, irmãos (irmãs), amigos(a) e primos(a) dos jovens.

Mobilidades, Fronteira e Diferença: Sobre categorias de análise e organização do texto

A presente tese está dividida em duas partes. A primeira, intitulada *Etnografia e mobilidades transnacionais: a construção do campo de pesquisa e a importância dos contextos de origem* está subdividida em três capítulos. No capítulo 1, “*Trajetos e Trajetórias metodológicas: negociações e tensões entre Brasil e Portugal*”, problematizo sobre as delimitações do campo e discuto algumas concepções sobre o trabalho de campo na prática antropológica. Através das noções de distância, lugar e alteridade, e da descrição de diferentes cenários de interação na realização do trabalho de campo, mostro que a diversidade de experiências de mobilidade, bem como a etnografia em si, está marcada por desigualdades e diferenças de acordo com a localização social dos sujeitos. Potencializo uma discussão sobre como gênero, corpo e sexualidade, para além de outras marcas sociais intercedem de maneira determinante na realização da etnografia, prestando especial atenção nos contextos e cenários de interação e nas (re)configurações de poder entre os sujeitos/antropóloga.

No capítulo 2, *Cenários e espaços transnacionais*, apresento os principais locais de origem dos sujeitos: a cidade de Mantena, a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna e o Morro do Margoso, principais cenários de realização da etnografia no Brasil e espaços de vivência cotidiana da maioria dos sujeitos antes de se deslocarem entre fronteiras internacionais. Na descrição dos espaços, focalizo a trajetória e história de duas famílias: a família Camargo, oriunda da *roça* e a família Santos, residente no Morro do Margoso, pelo fato de suas casas terem se configurado como os meus locais de residência durante a realização da etnografia no Brasil e, também, pelo fato da rede migratória e de conhecimento entre Mantena e o Cacém ser tecida, em grande parte, através desses núcleos domésticos. Ainda neste capítulo, mostro a importância e o funcionamento das redes de relações, *ajuda* familiar e de amizade que permitem a execução do projeto de mobilidade e os diferentes conteúdos simbólicos e expectativas implicados em diferentes deslocamentos, como, por exemplo, para a *América* e Portugal. A existência de agências de viagens especializadas nesses deslocamentos, as diferentes estratégias e recursos envolvidos também são abordados.

Da mesma forma, apresento os principais cenários e espaços transnacionais no destino, fundamentalmente o bairro Cacém e a cidade de Ericeira, e questiono a

polissemia do conceito de “periferia”, noção que tem sido empregada para qualificar tanto os espaços de origem quanto de destino dos sujeitos que fizeram parte dessa etnografia.

No capítulo 3, *Atravessando fronteiras: dimensões espaciais e políticas e a interação das diferenças*, indico a principal abordagem teórico metodológicas utilizadas na etnografia para problematizar a fronteira enquanto categoria analítica. Penso a fronteira simultaneamente, em suas dimensões políticas, espaciais e territoriais explicitadas por diferentes deslocamentos dos sujeitos em diferentes escalas: rurais-urbanos, intermunicipais, interestaduais e internacionais, a partir de uma aproximação e discussão entre os *migration studies*, os estudos sobre transnacionalismo e os estudos urbanos.

Todavia, argumento que as fronteiras ultrapassam sua dimensão política e territorial, e que as várias escalas ultrapassam relações entre fronteiras geográficas e incluem relações sociais para além de econômicas. Na segunda parte do capítulo, mostro que a categoria fronteira serve, conjuntamente, para pensar as ambiguidades entre pares de oposição: jovem/adulto, urbano/rural, família/indivíduo, centro/periferia, entre outros. Influenciada pelo debate feminista sobre o gênero nos espaços sociais transnacionais, onde conceitos como diferença, experiência e agência (*agency*) são centrais, apresento o modelo teórico das interseccionalidades (Brah, 2006; Piscitelli, 2008) como a perspectiva teórica que permitiu repensar a maneira como a categoria “juventude” têm sido pensada nas mobilidades entre fronteiras internacionais.

A segunda parte da tese, intitulada *Deslocando sujeitos, trajetórias e relações*, é composta por três outros capítulos e analisa, em diferentes situações e interações, diversas formas de mobilidade que se configuram como mecanismos de reconfiguração de relações e ideias sobre família, gênero, moralidade, sexualidade e posição social. O capítulo 4, *“Projeto, tempo e família nas mobilidades transnacionais”*, por meio das categorias nativas *melhorar de vida e aproveitar a vida*, abordo as dimensões relacionais e temporais dos projetos migratórios; as migrações (internas e internacionais) como recursos locais de reprodução social das famílias; os diferentes projetos e estratégias de mobilidade social para rapazes e meninas; as reconfigurações familiares e das relações a partir da mobilidade dos sujeitos (econômica, residencial e simbólica) e, por fim, as categorias de idade e a relevância da oposição jovem/adulto e da noção de “transição para a vida adulta” .

No capítulo 5, **“Entre ajuda e a coisa errada: sexualidade, gênero e moralidades”**, mostro como a mobilidade de rapazes e meninas envolve diferentes conteúdos simbólicos e negociações no contexto familiar. A relevância da sexualidade na construção da diferença e na classificação dos sujeitos no mercado afetivo-sexual é problematizada, levando em consideração a feminização da imigração brasileira em Portugal, que tem sido amplamente associada aos mercados do sexo e matrimonial, e a uma especificidade da “cultura sexual brasileira” (Parker, 1991). Nesse contexto discursivo, mostro de que forma são negociadas as trocas afetivas e sexuais no Cacém e em Mantena.

No último capítulo, **“Virando homem”. Sobre masculinidades e a construção da diferença**”, focalizo as trajetórias de Maicon, Yan, Jonas, Wellington e Beto, com o intuito de dar voz às experiências de mobilidade dos rapazes de Mantena que vivem no Cacém. Ao comparar suas trajetórias, analiso como os discursos e as práticas sobre diferentes masculinidades e feminilidades se exprimem, são moldadas e ressignificadas, prestando especial atenção nas formas e situações em que são acionadas marcas de diferença que simbolizam ser *brasileiro* e *homem*. Para tanto, analiso a construção de corporalidades e estilos, as relações de sociabilidade e de trabalho, e as relações afetivos-sexuais.

**PARTE I- ETNOGRAFIA E MOBILIDADES TRANSNACIONAIS: A
CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E A IMPORTÂNCIA
DOS CONTEXTOS DE ORIGEM**

**CAPÍTULO 1 - TRAJETOS E TRAJETÓRIAS
METODOLÓGICAS: NEGOCIAÇÕES E TENSÕES ENTRE
BRASIL E PORTUGAL**

23 de Junho de 2010. Após seis meses de realização da etnografia no Cacém, chego em Mantena, cidade de origem da maioria dos sujeitos que conheci em Portugal. A cidade é bem diferente do que eu imaginava. Menor, mais rural, pelo menos à primeira vista. A ideia era seguir direto para o distrito de Cachoeirinha de Itaúna, zona rural, onde vive a família de Sheila, Maicon, Jonas, Wellington e Beto. Na rodoviária de Mantena, após dez horas de viagem de ônibus, pergunto a um rapaz (que mais tarde descobriria ser o primeiro namorado de Camila), que me cobra 50 centavos para o uso do banheiro, se havia ônibus para Cachoeirinha. Ele responde que não...pergunto quase que afirmando que teria que ir de táxi, pois D. Rosa já havia me dito que *na quarta não tem ônibus*. Antes de sair de Belo Horizonte, havia conversado com D. Rosa pelo telefone avisando sobre a data da minha chegada. Converso com um taxista para saber o valor da corrida. Seu José é o nome do taxista que me levou até Cachoeirinha. Durante o trajeto, me conta que tem dois filhos vivendo nos EUA. São aproximadamente 25 km de estrada de terra até Cachoeirinha. Ao chegar no vilarejo, pergunto a alguém na rua sobre a morada de Sr. Calixto Camargo e as pessoas, mesmo reconhecendo a família, não conseguem explicar muito bem o caminho. No entanto, uma mulher responde “*é bem na roça mesmo*”. Começa a escurecer e eu e S. José (perdidos), já havíamos andado mais uns 3 km de estrada de terra. Resolvemos perguntar em uma casa o local onde a família morava. Depois de algum tempo chamando, saiu da casa uma menina, Thayná, cuja mãe vive atualmente em Portugal e que diz saber onde é a casa de Sr. Calixto. Diz que iria até lá comigo. Eu perguntei como ela voltaria e ela me disse ter uma moto, principal forma de locomoção na região. Sigo a Thayná (com o táxi) até à porta da casa dos pais de Sheila. Sr. Calixto e D. Rosa vieram receber-me na porta. Estavam bastante tímidos. Eu abracei a D. Rosa, dizendo que havia prometido à sua filha dar-lhe um forte abraço. Entramos na casa. Passava na TV um programa evangélico, da Igreja Mundial do Poder de Deus... na parede há alguns escritos que fazem referência a igreja e ao apóstolo Waldomiro... A casa é simples, nos sentamos no sofá e eu pergunto a D. Rosa se Sheila havia lhe dito o motivo da minha vinda, e ela diz que não tinha explicado direito, que disse que *uma amiga dela iria vir aqui*. Assim, eu explico a ela sobre a minha pesquisa e a participação da Sheila e de toda a família, e lhe mostro o meu livro, acabando por me tornar aqui também (como no Cacém, Portugal) “a escritora”. Após poucos minutos da minha chegada, toca o telefone e é a Sheila, de Portugal. D. Rosa comenta que ela já havia ligado para saber se eu havia chegado. Ela pede para conversar comigo no telefone... e diz “num é que você foi mesmo” e eu respondo: “eu te falei que viria”.

Inicialmente, esta etnografia foi desenhada e pensada de acordo com a proposta teórica de Marcus (1995), - a etnografia multisituada - cuja essência é a de uma etnografia “móvel”, que segue as pessoas, suas conexões e relações através do espaço (Olwing e Hastrup, 1997). Estas abordagens procuram imaginar formas inovadoras de produzir etnografias, que possam fazer justiça às complexas e dinâmicas forças culturais, econômicas e políticas transnacionais que atravessam e constituem mundos regionais ou locais (1995:94-95). Neste sentido, longe de ser um mero estudo comparativo entre localidades, esta abordagem que proponho incorpora, para além da pesquisa em mais de um espaço físico, o uso de novos tipos de materiais, tais como meios eletrônicos, reconhecendo a sua importância crescente nos mundos sociais contemporâneos.

De forma não explícita, logo nos primeiros meses da realização da etnografia em Portugal, constatei que as tecnologias de informação e comunicação ocupariam um lugar metodológico fundamental em todas as etapas da pesquisa. De fato, a Internet e o telemóvel (celular) se configuraram como ferramentas fundamentais na realização da etnografia, tal como eram centrais nas práticas cotidianas dos sujeitos com quem trabalhava. Inicialmente, para o estabelecimento de contatos de constituição e ampliação da rede da pesquisa, mas, sobretudo, por permitir um *continuum* de comunicação entre os trabalhos de campo no Brasil e em Portugal, possibilitando diálogos com os jovens, tanto na origem como no destino. O telefone (principalmente através das SMS), o MSN e o Orkut se configuraram como a maneira mais espontânea e fácil de agendar encontros, receber notícias e trocar informações.

O lugar ocupado pela Internet como campo e/ou ferramenta de pesquisa na etnografia multisituada, enquadra-se na perspectiva teórica de Miller&Slater, que a considera um meio de comunicação “contínuo e incorporado em outros espaços sociais” (2000:5). Esta abordagem permitiu, assim, ultrapassar a oposição real/virtual presente nos primeiros estudos sobre as relações mediadas digitalmente. Como explica Miskolci (2012), o espaço *cyber* não é uma esfera virtual distinta do real circunscrito ao mundo concreto das relações pessoais tradicionais, mas parte de dinâmicas articuladas e interdependentes de comunicação e interação.

Tal constatação permitiu-me compreender que a inovação metodológica e teórica para a análise dos deslocamentos entre fronteiras internacionais não era a divisão entre os campos no “Brasil” e em “Portugal”. Etnografias nos contextos de origem e

destino já haviam sido realizadas em outros contextos de mobilidade entre fronteiras internacionais (Assis, 1999, 2007; Mapril, 2008)¹⁰.

José Mapril defende que os contextos de origem se tornaram um ponto fundamental para interpretar os fluxos e deslocamentos entre o Bangladesh e Lisboa, à medida que permitiram pensar o campo, não como um lugar, mas sim como uma rede de relações sociais. Nas palavras do antropólogo:

“Esta viagem foi reveladora por me possibilitar explorar as dinâmicas das relações entre estruturas de parentesco e projectos migratórios, não só ao nível da circulação do capital humano, mas também no papel que um migrante pode e deve desempenhar, aquando das suas viagens de regresso” (2008:13).

No que se refere aos deslocamentos entre fronteiras internacionais de “brasileiras”, as investigações de Assis (2004; 2011) e os trabalhos de Piscitelli (2004; 2008; 2009; 2013), podem ser considerados exemplos importantes de etnografias multisituadas. Piscitelli, através da ideia central de trânsito, tem produzido importantes análises que intersectam gênero, sexualidade e migrações, com base em etnografias nos locais de origem e de destino (Itália e Espanha) de mulheres em situações de mobilidade que servem como modelos de referência.

O que nos permite definir esta etnografia como multisituada é, justamente, este *continuum* entre os espaços de análise. A opção pelo modelo sugerido por Marcus (1995) é, portanto, mais do que um pressuposto metodológico: é uma orientação de conhecimento e epistemologia diante da necessidade de construir, etnograficamente, visões de mundo de sujeitos situados em uma justaposição de lugares.

No entanto, paulatinamente, compreendi que as reflexões desta etnografia estavam permeadas pela minha própria trajetória de mobilidade que se interrelaciona com a dos sujeitos que tenho acompanhado durante os últimos quatro anos em seus trajetos e experiências transnacionais. A minha experiência de mobilidade - física, residencial, social, econômica, como também virtual e imaginativa - estava continuamente relacionada aos processos, narrativas e vivências que pretendia examinar. Viver em Lisboa, de forma ininterrupta entre os anos de 2004 a 2013, proporcionou-me o acompanhamento de diversas temporalidades e discursos sobre uma “comunidade brasileira” em Portugal. O rápido aumento de fluxos do Brasil para

¹⁰ Nos *migration studies*, as etnografias multisituadas têm sido realizadas desde o início da década de 1990, como o notável trabalho de Gramusck, S; Pessar, P (1991) “*Between Two Islands: Dominican International Migration*”.

Portugal; o surgimento do “problema da imigração”, as reivindicações e alterações nas políticas migratórias; as inúmeras tensões provocadas pela mídia e pelo Estado português ao relacionarem estes deslocamentos com o mercado do sexo, *tráfico de pessoas* e *casamentos de conveniência*; a emergência da temática das migrações na agenda acadêmica portuguesa e os atuais discursos sobre a crise econômica europeia e o crescimento econômico brasileiro, que provocaria o *retorno em massa* desta mesma *comunidade*, são alguns exemplos.

Assim, quando falo dos sujeitos de Mantena que residem no Cacém, estou consciente de que comunico simultaneamente sobre a minha própria trajetória no que diz respeito ao modo como compreendo e explico as situações que experienciei no campo e no meu percurso. No entanto, a minha “localização social” (Pessar e Mahler, 2001) - regional, nacional e global - e as geografias de poder permeadas por gênero, nortearam os imaginários e experiências de mobilidade. O que pretendo demonstrar nesta tese é que, apesar de viver em Portugal por oito anos ininterruptos, a minha experiência, os trajetos percorridos e minha mobilidade, se aproximam e se diferenciam dos dos sujeitos de Mantena com quem trabalhei.

Dessa forma, optei por refletir sobre o campo e a construção metodológica da etnografia através de episódios de interação, circunscritos em temporalidades e cenários específicos, que evidenciam negociações e tensões ao longo do processo etnográfico. Os dois primeiros fazem referência à minha primeira experiência de deslocamento entre fronteiras internacionais, anterior ao início “formal” da pesquisa; os subsequentes problematizam e simultaneamente apresentam os cenários, espaços e condições de produção e realização da etnografia “oficial” entre o bairro do Cacém, Portugal, e a cidade de Mantena (Minas Gerais, Brasil). Estes contextos de negociação servem para demonstrar a ambiguidade das localizações sociais e das hierarquias de poder que ultrapassam noções cristalizadas de “sociedade de origem” e “sociedade de destino” corrente nos estudos sobre migrações internacionais, bem como mostrar, a partir dos cenários de interação, como as marcas de diferenciação social são articuladas de forma diferente pelos sujeitos.

1.1 Fazer etnografia em movimento

“Um antropólogo *experiencia*, de um modo ou de outro, seu objeto de estudo; ele o faz através do universo de seus próprios significados” Roy Wagner, (2010:29)

Reflexões sobre o “fazer antropológico” já apontavam para o fato de que a antropologia é realizada na primeira pessoa (Rosaldo, 1993 [1989], Wagner, 2010 [1975]; Oliveira, 1998): com nossas experiências, habilidades, emoções e com o corpo (Bonetti, 2006). Para Wagner (2010:28), o que distingue a antropologia das outras disciplinas é a implicação dos antropólogos, do seu próprio modo de vida, em seu objeto de estudo. É um “investigar a si mesmo”. Na sua perspectiva, a noção de “objetividade relativa” torna-se mais apropriada na medida em que enfatiza a ideia de relação, uma criação e interpretação que nos inclui.

Rosaldo (1993, [1989]) desenvolve uma das primeiras críticas à forma objetiva da etnografia clássica, argumentando que o entendimento etnográfico exige o envolvimento pessoal do etnógrafo, e que este deve ser reconhecido. Tal reconhecimento perpassa pelo entendimento de que o conhecimento etnográfico é, em parte, produto da situação social dos etnógrafos, e que seus significados devem ser abordados em suas análises. Como exemplo, o autor mostra como a sua interpretação dos Illongot foi transformada pela sua experiência de dor após uma perda trágica pessoal: a morte de sua mulher, Michelle Rosaldo, durante o trabalho de campo.

A intenção deste capítulo é problematizar as delimitações do campo e as noções de distância, lugar e alteridade nesta etnografia, e não apenas discutir epistemologicamente as concepções sobre o trabalho de campo na prática antropológica. A própria delimitação do “campo” tornou-se uma das problemáticas relevantes. As preocupações teóricas sobre o “campo”, no que diz respeito às práticas espaciais específicas de sua delimitação pelo pesquisador, corrente nos argumentos de Clifford (2000) que intercede pela imprescindibilidade de se analisar comparativamente as dinâmicas específicas de “morar” e “viajar”, me induziram a indagar a idealização do “campo” como um lugar “fora de casa”, visto que, num primeiro momento, identifiquei que o “campo” foi produzido e alimentado não somente nas práticas de pesquisa, como também na articulação das experiências de mobilidade que vivenciei. Eu própria, durante a etnografia, estava em movimento. Mas quando é que a etnografia, o “campo”

começou? Levando em consideração a experiência temporal do sujeito etnógrafo, reconheço que algumas situações e encontros intersubjetivos durante a minha experiência de mobilidade, anteriores ao início “formal” da pesquisa de doutorado, têm profundas consequências na forma como analiso e interpreto esta etnografia. Partindo da proposição de Fabian (1983), que argumenta que o processo de alterização, ou construção do “outro”, define uma prática disciplinar cujo ponto de partida é o encontro “intercultural”, constatei que o “estar em movimento” e “fora de casa” baralhavam antinomias como estranho/familiar e estrangeiro/nativo. Os vários encontros, em contextos e temporalidades específicas, impulsionavam negociações e ressignificações dinâmicas das noções de distância e alteridade e das categorias estranho/familiar e estrangeiro/nativo.

Curiosamente, o interesse no estudo sobre mobilidades, em alguns casos, tem sido motivado pela experiência de deslocamento dos próprios pesquisadores. Sales, a partir de sua experiência em Boston (EUA), época em que foi realizar seu pós-doutoramento em Massachusetts, revelou que acabou por se interessar pela problemática dos “imigrantes brasileiros”, ficando “presa à atração quase irresistível de entender o significado desse fluxo de imigração” (1995:14). Velho (1994), apesar de não aprofundar a temática sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais, aborda através da trajetória de Catarina, uma jovem portuguesa que vive com a família nos EUA, algumas dimensões destas experiências, vinculando-as aos conceitos de trajetória e projeto.

Em Portugal, grande parte das pesquisas realizadas sobre a “imigração brasileira” e, sobretudo, as que investigam a feminização destes deslocamentos, têm sido produzidas por pesquisadoras brasileiras, a partir de suas experiências de mobilidade (Pontes, 2004; Torresan, 2004; Téchio, 2006; Fernandes, 2008; Togni, 2008; 2012; 2012a; 2013; Dolabela, 2009; Pereira, 2009). Em alguns casos, estas experiências são problematizadas teoricamente, como no trabalho de Fernandes (2008) que propõe como método uma “autoetnografia”. No entanto, na maioria dos trabalhos, as experiências dos deslocamentos são incorporadas na discussão para posicionar o “lugar” das pesquisadoras, ou ainda reivindicar o lugar de *insider* em suas análises. Compreendo que, como sugere Davies, mesmo nas formas mais autobiográficas de pesquisa, um etnógrafo não tem acesso incondicional e irrestrito: a questão do *status* de *insider* é sempre problemática (1999:189).

Desde que se iniciaram as discussões sobre o trabalho de campo *at home* (Jackson, 1989), sabemos que não é a distância geográfica que promove um olhar distanciado e que proximidade não significa conhecimento (Strathern, 1987, Pina Cabral, 1991; e Lima, 1997 *op.cit* Sarró e Lima, 2006). Dessa forma não se podem medir níveis de familiaridade com base na metáfora “*at home*” (Lima, 1997), sobretudo quando o etnógrafo, ele próprio, está em constante movimento. Por outro lado, seguirei a proposta de Geertz (1989:7) de que na etnografia “o que chamamos de “nossos” dados são realmente a nossa própria construção das construções de outras pessoas”, ainda que reconheça que os deslocamentos proporcionam *per se* experiências distintas de alteridade.

À partida, posso afirmar que a desigualdade de poder permeou a elaboração e operacionalização de categorias de diferenciação social pelos sujeitos (que me inclui); a problematização teórica sobre os fluxos da “imigração brasileira” em Portugal; as percepções e negociações no campo enquanto etnógrafa, no Cacém (periferia) e em Mantena; como também as minhas experiências, a dos sujeitos migrantes e seus familiares.

A noção de poder acompanha a perspectiva de Foucault (1996:183) de que o poder deve ser analisado como algo que circula, que não está localizado aqui nem ali e que os indivíduos estão sempre em posição de exercer o poder e de sofrer a sua ação. Esse entendimento esclarece as diversas interações entre contexto, situação e sentido que foram propostas por Atkinson (1982) e discutidas por Bonetti (2006) sobre relações de poder nas relações de pesquisa. Todavia, cabe ressaltar que essas interações são dinâmicas e revelam diferenças e desigualdades de poder acionadas, ou não, em determinados cenários de interação, que podem ser apreendidas na análise das trajetórias em temporalidades diversas.

O que parece axiomático é a diversidade de experiências proporcionadas por localizações sociais distintas. Não obstante, as desigualdades e diferenças entre a minha trajetória de mobilidade, quando comparada com a dos “jovens” de Mantena, estão presentes tanto nas narrativas sobre suas experiências, expectativas e motivações para o deslocamento quanto nas estratégias utilizadas para aceder ao continente europeu, possuindo ambas conteúdos simbólicos distintos.

1.2 Uma “estrangeira” “ fora de casa”

Considero que a primeira situação, o meu primordial “encontro intercultural”, se sucedeu na minha experiência de deslocamento entre fronteiras internacionais. Durante os primeiros dois anos escrevi num pequeno diário as minhas impressões, sentimentos e experiências em Portugal que, expostas através de pequenos excertos, se relacionam e se misturam com a própria etnografia. O meu primeiro “amigo”, Jorge, da Andaluzia (Espanha), era estudante de Medicina e estava realizando intercâmbio em Portugal. Conheci Jorge na estação de metrô e foi através dele que “conheci” uma Europa que coincidia com o meu imaginário primordial de deslocamento.

Fui até a casa de Jorge, em Alfama. Era uma festa de estudantes de Erasmus¹¹. Europeus de toda parte: austríacos, alemães, franceses, espanhóis, portugueses e italianos...nunca foram num lugar como este. Da janela avistava a imponente Igreja da Sé. Me sentia muito bem. (Diário pessoal, maio de 2005).

As narrativas sobre mudança e discursos psicologizantes, que fazem referência às “oportunidades de autoconhecimento” proporcionadas pela experiência do deslocamento, apareciam inicialmente de maneira recorrente nas minhas narrativas, vinculadas a uma noção de mobilidade física e residencial.

A viagem foi tranquila, com pouca ansiedade e um pouco de tristeza, uma vez que a mudança implica em deixar pessoas muito especiais por um tempo. Na chegada, passei tranquilamente pela alfândega, estava bastante receosa. Ainda me faltava a entrevista na universidade para ser aceita no mestrado e posteriormente solicitar o visto de estudo. Ainda no aeroporto era tudo novo...um grande movimento de pessoas, ouvia várias línguas...o mundo na minha frente...ficamos à espera de Miguel, amigo de Marcelo, um colega da PUC, que nos levaria para a casa de Inês, amiga também de Marcelo. Os Prazeres, bairro onde Inês vivia, era um bairro antigo, com ruelas estreitas e a casa era bastante pequena, com águas furtadas. Deixamos as bagagens e fomos para Belém onde avistei o famoso Rio Tejo pela primeira vez e a Ponte 25 de abril. Fomos a uma cafeteria no Centro Cultural: Lindo! Tomamos um café e admiramos o entardecer com o lindo céu de Lisboa (Win Wenders tinha toda razão). Excerto do meu diário pessoal, 30 de outubro de 2004.

Incluir algumas narrativas autobiográficas na pesquisa etnográfica foi uma decisão encorajada por Davies (1999), ao refletir sobre como a autobiografia pode se tornar parte da etnografia. O intuito é a de estabelecer uma relação entre as minhas

¹¹ O Erasmus é um projeto de cooperação e mobilidade no ensino superior entre a Europa, e, nos últimos anos, passa a incluir também “países terceiros”.

experiências passadas com as vivências durante o trabalho de campo e na análise dos dados. Para Davies, a autobiografia pode ser também uma parte do processo da pesquisa, em que os antropólogos são membros de coletividades que eles estão pesquisando. Porém, a natureza da filiação e o seu significado para a pesquisa pode não ser mais do que um compartilhamento de uma “identidade coletiva” baseada em gênero, “raça” ou nacionalidade e pode aumentar ou diminuir. O método etnográfico, *per se*, é dinâmico e se fortalece quando o esquema espaço-temporal da constituição da pessoa do antropólogo é detalhado (Feldman-Bianco, 1987). Desta forma, pretendo demonstrar que a “natureza” e os significados da filiação foram negociados e ressignificados em vários contextos.

O imaginário sobre um “Portugal-Europa”, que remetia para um posicionamento subjetivo de classe, particularizado por visões de mundo, valores, recursos e projetos, estava incorporado nas minhas primeiras narrativas sobre o deslocamento entre fronteiras internacionais. Rodrigues (2010), ao trabalhar com a classe como principal lente analítica, sobretudo as posições subjetivas de classe numa perspectiva êmica, constata a importância de “onde se vem” e para “onde se vai” nas narrativas de pertença de classe de mulheres brasileiras, cujos deslocamentos são construídos relacionalmente e definidos por uma referência implícita a outras “classes”.

Na minha experiência de deslocamento, o Portugal-Europa fora logo ameaçado nas primeiras semanas quando procurávamos uma casa para alugar. Pela primeira vez compreendi que estar em Portugal exigia definir o que significava ser “brasileira/o”, dentro de um universo simbólico repleto de representações hegemônicas. Machado, em sua etnografia com brasileiros na cidade do Porto, aponta para a existência de um “dado Brasil em Portugal, com representações, discursos e um lugar especial no imaginário popular e político”, com os quais os “brasileiros” têm que contrastar (2009:64). Esse “dado Brasil em Portugal” é marcado por noções justapostas de gênero, sexualidade e classe que têm associado os deslocamentos contemporâneos direcionados para Portugal a pessoas de classes econômicas baixas, à prática da prostituição e da criminalidade e à sensualidade e simpatia (Ver Machado, 2009; Fernandes, 2008; Togni, 2012;2013).

Para mim foi desconfortável sentir e assistir à forma como essa suposta “brasilidade” era definida neste contexto. Senti-me agredida, principalmente pelas justificativas dadas pelas imobiliárias e donos de imóveis ao nos recusar o aluguel dos apartamentos. Éramos “brasileiras”! Acostumada no Brasil com uma lógica privilegiada de “raça” e classe que me protegia de possíveis discriminações, estava, pela primeira

vez, diante de narrativas que evocavam uma suposta identidade nacional brasileira, da qual eu, afinal, também fazia parte sem o saber.

1.3 A “comunidade” “fora de casa”: estranhamento com o “familiar”

Passado algum tempo, os recursos financeiros começaram a ficar escassos. Precisava trabalhar. E foi através da inserção laboral no subemprego que me deparei com brasileiros/as de diversas regiões e realidades sociais bem distintas da minha: foi quando se efetuou o segundo (des) encontro. A primeira experiência profissional em Portugal foi em uma pizzaria no centro de Lisboa. O dono, português, havia vivido na Itália durante vários anos e ao regressar abriu seu próprio negócio. Todos os trabalhadores eram brasileiros, com exceção de Ali, ajudante de cozinha que viera da Índia. No diário de campo, um mês depois do meu deslocamento para Lisboa, a palavra *imigrante* surgia em minhas narrativas. A palavra *imigrante*, como sugere Bryceson e Vuorela (2002), tende a trazer consigo importantes conotações de classe e é aplicada mais facilmente para pessoas que são consideradas desprivilegiadas econômica ou politicamente, e que esperam melhorias dessas circunstâncias através da mobilidade.

Tenho vivido nestas últimas semanas como imigrante: trabalhando 15 horas por dia, comendo coisas horríveis e dividindo com outros brasileiros as humilhações dos que nos contratam... é dura a realidade **dessas** pessoas que sem possibilidades no Brasil se submetem a péssimas condições de trabalho. Uma outra realidade se abre, que agora é a minha. Diário pessoal, 15 de novembro de 2004.

Durante aproximadamente três anos trabalhei como “empregada de mesa” (garçonete), e como atendente num posto de gasolina para pagar as despesas com estudos e moradia. As horas excessivas de trabalho, a relação de subalternidade dos trabalhadores (na grande maioria indocumentados) em relação aos empregadores, as condições precárias no trabalho e o fato de alguns *ilegais* nem sequer receberem no final do mês, despertava-me indignação. As narrativas sobre a vida no Brasil, marcadas pela pobreza e o desejo de *melhorar de vida*, que implicava normalmente a compra da *casa própria* e de um carro, distinguiram enormemente das minhas aspirações, desejos e experiências. Dessa forma, o trabalho assumia centralidade na vida das pessoas, visto que o objetivo era *guardar dinheiro*.

O pressuposto de que estar com “brasileiros” faria “sentir-me em casa”, tornando o local de nascimento um símbolo de compartilhamento cultural e de estilos de vida, não se efetivou. Me sentia precisamente “fora de casa”. Mas não mais como *estrangeira*, como *imigrante*: trabalhava seis dias por semana, e a folga era permutada pelo dia da aula no Mestrado. Os meus trajetos, portanto, se limitavam ao trabalho e a universidade - local onde a ausência de redes de sociabilidade se fazia presente. O meu imaginário de circulação pela “Europa” fora constantemente adiado.

A influência do gênero entretecido com outros marcadores como a sexualidade nas experiências do deslocamento logo foi evidenciada por mim, no trabalho desempenhado no posto de gasolina. Fui contratada para fazer a divulgação e promoção de um novo produto - um gasóleo (diesel). O trabalho consistia em abordar as pessoas no momento da colocação do combustível e entregar um “brinde”. No ato do contratação, a senhora que me “escolhera”, revelou a sua preferência pelas “brasileiras” para este “tipo de trabalho” por serem “mais simpáticas”¹². Numa das abordagens, em um veículo onde estavam quatro homens, ouvi o seguinte comentário “Brinde a gente não quer não, mas se você quiser entrar aqui para gente fazer um bacanal! (Gargalhadas)”. Imediatamente, com medo, entrei no posto de conveniência chorando. Um dos meus colegas, Bruno, perguntou o que havia conhecido e chamou Sr. Gonçalo, gerente do posto. Recordo das palavras emblemáticas do senhor.

“Sente aqui, Paula. Se você continuar assim, não vai durar nem um mês aqui em Portugal. As coisas funcionam assim: esses “caras” vem aqui todos os dias. Amanhã, quando fizerem troça de você, responderá “você acham que estão falando com quem? Com a sua mãe?”. Fiquei assustada e questionei: “mas não posso fazer isso, eles são clientes”. E Sr Gonçalo retrucou: “eu estou mandando, sou seu patrão. Aqui é assim”.

Os conflitos no trabalho se tornavam cada vez mais constantes. O fato de estar “regularizada” me proporcionava receber o salário todos os meses. O que não acontecia com a maioria dos meus colegas. Após uma tentativa de greve (sem sucesso), o episódio da “fejjoada” marcou sobremaneira a minha saída do último trabalho.

¹²O conceito de “identidade para o mercado” elaborado por Machado (2009) ilumina esta noção. Baseado nas ideias de Jameson (1996) o antropólogo propõe este conceito para analisar os processos de essencialização de identidades de brasileiros que vivem na cidade do Porto, em Portugal. Para Machado, a especificidade da identidade-para-o-mercado é que esta ocorre no mercado, para o mercado e através do mercado, numa tentativa dos sujeitos de adentrar nos espaços hierarquizados do mercado de trabalho dos diversos contextos de migração. Portanto, *simpatia* e *espontaneidade* são atributos vinculados aos brasileiros no contexto português e valorizados para o desempenho de determinadas funções.

“Elaine, que era de Linhares, Espírito Santo, cozinhava uma feijoada brasileira. Todos nós esperávamos ansiosamente pelo feijão. No entanto, as 25 mesas do restaurante eram responsabilidade minha e de Hudson, natural do Maranhão. Tínhamos apenas 20 minutos para almoçar e regressar ao trabalho. Hudson comeu a feijoada e passou mal. Teve uma congestão, era diabético e não sabia. No minúsculo banheiro onde escovávamos os dentes e guardávamos no cacifo os pertences pessoais, Hudson desmaiou e começou a ter convulsões. Imediatamente, saí a procura de Sr. Miguel, dono do restaurante, pedindo que ele chamasse uma ambulância. Hudson perdia o pulso...Foi então que Sr. Miguel disse-me que não chamaria a ambulância, que Hudson estava “ilegal” e que ele teria problemas. Fiquei louca... No salão do restaurante, cheio, disse-lhe (gritando) que se ele não chamasse a ambulância naquele momento, Hudson poderia morrer. E ameacei processá-lo por omissão de socorro. A reação do “patrão” foi mandar-me calar a boca e disparar um tapa no meu rosto. Era a primeira vez que levava um tapa no rosto... A ambulância foi chamada. Hudson teve uma perfuração no estômago e demorou aproximadamente 15 dias para se recuperar. Eu pedira demissão, mas me disponibilizei a ficar no restaurante até o retorno de Hudson, com receio de que ele fosse trabalhar doente. Sr. Miguel proibiu os colegas de conversarem comigo. Recebia bilhetes no cacifo “Paula, gosto muito de você, mas preciso do emprego”. Depois da volta de Hudson, fui-me embora.” (Diário pessoal, outubro de 2005).

Paralelamente, em 2005, comecei a frequentar como associada, a Casa do Brasil de Lisboa¹³, e posteriormente aí realizei trabalho voluntário até 2007, altura em que fui convidada para conduzir o projeto de “inserção laboral de imigrantes brasileiros”, denominado UNIVA- Imigrante¹⁴. A remuneração não era suficiente para a manutenção do curso e das despesas pessoais. Por isso continuei trabalhando à noite, em restaurantes e cafés.

O atendimento a “imigrantes brasileiros” e a convivência na associação me possibilitou observar de perto a realidade destes deslocamentos em várias dimensões, seja ela jurídica (relativamente a legalização, a inserção no mercado de trabalho, reagrupamento familiar), como conjuntamente em casos de retorno voluntário, violência

¹³ A Casa do Brasil de Lisboa (CBL) é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada oficialmente em Janeiro de 1992. Desde 1999, é uma associação de imigrantes, reconhecida nos termos da Lei 115/99, de 3 de Agosto de 1999. Tem assento no COCAI - Conselho Consultivo para os Assuntos da Imigração da Presidência do Conselho de Ministros e desde sua fundação, mantém um diálogo permanente com as autoridades portuguesas, na ótica da defesa dos interesses dos imigrantes em Portugal, em especial, da “comunidade brasileira”, <http://www.casado brasil.info/>, acessado em 27 de julho de 2012.

¹⁴ A Rede Univa Imigrante, actual Rede GIP Imigrante (RGI), é um projecto de apoio ao emprego e formação profissional direccionado à imigrantes, financiado pelo Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e Associações de Imigrantes (ONG’S e IPSS).

doméstica, e o crescimento das relações afetivas-sexuais entre cidadãos brasileiros e portugueses.

Em 2006, desisti do mestrado em patrimônio cultural e ingressei no ISCTE-IUL com o objetivo de realizar o mestrado em antropologia, intitulado “multiculturalismo e identidades”. O envolvimento com a temática dos deslocamentos se tornava cada vez mais evidente. O projeto de mestrado, “os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: gênero e imigração” foi financiado durante 6 meses pelo Observatório da Imigração do ACIDI - Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural – e, posteriormente, publicado em livro¹⁵. O título de mestre, a publicação do livro e o trabalho realizado por mim na Casa do Brasil permitiu-me um aprendizado distinto dos primeiros anos do deslocamento. Portanto, quando iniciei a etnografia no doutorado, ocupava uma posição bastante privilegiada: dispunha de uma bolsa de doutoramento da FCT- Fundação de Ciência e Tecnologia e vivia na região central de Lisboa.

A construção discursiva de alguns elementos da minha trajetória, narrados no diário pessoal, demonstra a dissemelhança de experiências proporcionadas por localizações sociais distintas. Ainda que fosse necessário definir o que era ser brasileira em Portugal, o fato de ser branca, oriunda de classe média, vir de uma experiência metropolitana e ter alta escolaridade, alimentava um capital cultural e simbólico que abria espaço para circulações, negociações e agências na minha trajetória de mobilidade. Ou seja, faz-se necessário levar em consideração as várias versões construídas pelos sujeitos sobre o que é ser brasileira(o) em Portugal, como também a maneira como esses mesmos sujeitos agenciam as imagens e representações sobre o que é ser brasileira(o) em Portugal e constroem diferentes subjetividades.

Para além do conceito de localização social proposto por Pessar e Mahler (2001), as noções de campo de possibilidades (Bertaux, 1977; Velho, 1994) e de motilidade (Kaufman, 2006) e as discussões realizadas por antropólogos/as que utilizam estes conceitos na pesquisa sobre deslocamentos internacionais (Cachado, 2009), contribuem para iluminar este ponto. O conceito de campo de possibilidades foi proposto por Daneil Bertaux (1978) e retomado por Gilberto Velho (1994:43) com a finalidade de evitar na discussão sobre trajetórias um voluntarismo individualista ou um

¹⁵ Togni, Paula C., e Raposo, Paulo, *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: gênero e imigração* (Estudos OI), Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009. Estudo disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_38.pdf (Consultado pela última vez a 21.03.2013).

determinismo socio-cultural rígido. Por sua vez, Kaufman (2004) propôs o conceito de motilidade para pensar a intersecção entre mobilidade espacial e social. Ao designar a motilidade como o “potencial de mobilidade de um ator”, intenta apreender a forma pela qual um sujeito ou um grupo dentro das suas possibilidades de mobilidade as utiliza para desenvolver projetos (op.cit Cachado, 2009:17). O autor avança o conceito de campo de possibilidades na medida que inclui as táticas, habilidades e estratégias dos sujeitos na construção dos seus percursos pessoais. A operacionalização do conceito de motilidade é proposta por Flamm e Kaufman (2006) a partir de três dimensões: 1) os acessos, 2) as habilidades (*skills*) e por fim 3) apropriação cognitiva. Os acessos são definidos como as condições materiais disponíveis para os sujeitos. No caso dos deslocamentos entre fronteiras internacionais dos sujeitos em Mantena identifiquei a existência de agências de viagens na cidade que oferecem *pacotes* que disponibilizam mobilidades com fluxos determinados, somado ao fato de suas famílias terem terra ou crédito (garantias) para contrair a dívida do deslocamento. As habilidades, definidas como competências dos sujeitos para transformar possibilidades em recursos utilizáveis, podem ser observadas, por exemplo, no acesso dos sujeitos às redes migratórias que garantem a ajuda e informações dos locais de destino e na negociação dos sujeitos para a aceitação da família, a qual garante materialmente o deslocamento. Por fim, o que os autores definem como “apropriação cognitiva” é a associação da ideia de que a mobilidade não se trata apenas de se deslocar de um lugar a outro, mas envolve desigualdades, *status* e a classificação das pessoas que transitam como também projetos de ascensão social, ou seja, os autores consideram desiguais os acessos às diferentes formas de mobilidade¹⁶.

1.4 A “Europa” e “os Portugal”

De maneira oposta da maioria das etnografias multisituadas que iniciaram suas investigações nas sociedades de origem (Assis, 2007; Gramusck, 1991), esta etnografia teve como estratégia metodológica a reconstrução das trajetórias dos sujeitos primeiramente na “sociedade de destino”. Através da consolidação de uma relação de

¹⁶ Para outras discussões sobre deslocamentos e portfólios de motilidade, recomendo o artigo de Cachado (2009) sobre trajetos interurbanos na diáspora hindu e o texto de Moura e Vasconcelos (2012) sobre os trajetos e trajetórias de estudantes universitários da UNB (Universidade de Brasília) oriundos de uma região considerada periférica.

confiança com os jovens tive posteriormente acesso, no Brasil, às suas famílias e seus círculos de amizades, o que me possibilitou avaliar como viviam anteriormente ao deslocamento, e, ao mesmo tempo, contrastar as percepções das famílias e amigos sobre as suas experiências e narrativas com as que eles próprios formulam.

Como ponto de partida estabeleci contatos com migrantes oriundos de Minas Gerais que vivem na Grande Lisboa, através de redes previamente consolidadas por mim durante a realização da minha pesquisa de mestrado; de contatos mediados pela Associação Casa do Brasil de Lisboa; mas, principalmente, através de contatos virtuais em redes sociais, sobretudo o Orkut¹⁷. Realizei uma pesquisa exploratória com o intuito de identificar os principais cenários de origem de migrantes oriundos do Estado de Minas Gerais, fundamentalmente jovens. Foi na “comunidade virtual” *Brasileiros em Portugal*¹⁸ que identifiquei Sheila, dentre outros participantes da comunidade.

Para Aguiar (2007) a expressão “redes sociais na Internet” vem sendo utilizada para designar plataformas que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação centrados em um padrão egocentrado de relacionamentos. Os usuários constroem um perfil público (ou semipúblico) a partir de dados estruturados em um formulário e o associam aos perfis de amigos, amigos de amigos e conhecidos com os quais possuem algum tipo de proximidade e de identidade. Para a autora, algumas ferramentas potencializam redes interpessoais preexistentes e outras proporcionam a ampliação das redes que incluem “estranhos”, ou seja, perfis sem vínculos obrigatórios *offline* ou anteriores. A “amizade” com celebridades, “mulheres bonitas” e “homens sarados”, por exemplo, parece proporcionar um aumento no *status* dos jovens.

Apesar de não ter problemas em ser adicionada à sua lista de “amigos” do *Orkut*, durante quase um mês fiz inúmeras tentativas para um encontro *face a face* com Sheila, sem nenhum resultado. A presunção de que comunidades virtuais são um exemplo de redes ampliadas em função de subjetividades comum e a suposição de que o fato de falar a mesma “língua”, compartilhar experiências “comuns” de deslocamento e “ser brasileira” outorgariam, a mim, uma maior proximidade do “campo”, não foi verificada.

¹⁷ O funcionamento do *Orkut* como rede social foi analisado por Recuero que descreve a forma como esta rede se operacionaliza: “...O software é uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades. Nele é possível cadastrar-se e colocar fotos e preferências pessoais, listar amigos e formar comunidades. Os indivíduos são mostrados como perfis, é possível perceber suas conexões diretas (amigos) e indiretas (amigos dos amigos), bem como as organizações sob a forma de comunidades. Além disso, existem ferramentas de interação variadas, tais como sistemas de fóruns para comunidades, envio de mensagens para cada perfil, envio de mensagens para comunidades, amigos e amigos de amigos” (2004:7).

¹⁸A comunidade virtual possui aproximadamente 27.450 membros. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=204940>, acesso em 27/10/2012.

Como afirma Wagner,

“Ele (o/a antropólogo/a) pode ou não saber algo sobre as pessoas que veio estudar, pode até ser capaz de falar sua língua, mas permanece o fato de que como pessoa ele tem de começar do zero. É como uma pessoa, então, como um participante, que começa sua invenção da cultura estudada (2010:39).”

Participava da mesma “comunidade”, expliquei a natureza da conversa, mas foi somente quando percebi que tínhamos um “amigo” em comum, MC Dinho, cantor de *funk* que coincidentemente trabalhou comigo numa pizzaria em Lisboa, é que obtive respostas de Sheila. Pedi a Dinho, que conhecia o meu trabalho de pesquisa, que desse referências sobre mim para Sheila. É importante ressaltar a posição que MC Dinho ocupava dentro do contexto da pesquisa: o jovem é um dos principais cantores de *funk* que atua em Portugal e possui grande visibilidade nas festas brasileiras que Sheila e os outros jovens frequentam. É importante salientar que atualmente, na região metropolitana de Lisboa, existe um circuito cultural de discotecas e bares que produzem eventos destinados à “comunidade brasileira”. Neste cenário, membros de bandas, dançarinos/as e MC’s de *funk* são produzidos como “novas celebridades” dentro do grupo e são reconhecidos como tendo um *status* elevado. Conjuntamente, nestes espaços de sociabilidade são definidos estilos, corporalidades e estéticas que são relevantes à medida que articulam interesses e expectativas de auto-imagem e imagem coletiva a determinados objetos, corpos e práticas, que nesse contexto específico têm definido os significados do que é “ser brasileiro/a em Portugal”, nomeadamente no Cacém.

Os cartazes das discotecas (imagem 1) e eventos realizados na Grande Lisboa ilustram as estéticas e estilos considerados “brasileiros”, publicitados constantemente nas redes sociais da Internet.



Foto 1- Folder de divulgação de festa “brasileira”

No início da etnografia, MC Dinho era uma das figuras “públicas” da noite brasileira da Grande Lisboa. Foi através da mediação dele que Sheila “decidiu” me encontrar no Cacém. Segundo as palavras da jovem, “*resolvi te conhecer pela sua insistência... e veja se troca a sua foto de perfil porque você parece bem mais velha lá*”.

Paulatinamente, percebi que a foto do meu perfil do *Orkut*, como as fotos pessoais, os *scraps* recebidos e a forma como utilizava o hipertexto poderiam ser decisivas no meu acesso ao campo, na medida em que corporificavam a diferença de *status* entre mim e o grupo. A negociação da minha presença e atuação nas redes sociais virtuais perpassaria pela diferença etária (explicitada por Sheila), pelo círculo de sociabilidade por mim frequentado e pela estética e corporalidade apresentada no perfil. Desta forma, o primeiro passo foi a alteração da foto do perfil. Parecia importante parecer *menos velha* ou *mais nova* para o grupo. Entretanto, ao longo da etnografia a diferença de *status* entre mim e o grupo, para além do estilo e estética, foi marcada pela interseção de categorias de diferenciação social como geração, classe, escolaridade e cor da pele, que naquele contexto simbólico significa ser “portuguesa”.

A distinção social foi igualmente demarcada no que se refere às próprias plataformas de comunicação mediadas pelo computador. No início da etnografia eu criei um perfil no *Facebook*, consequência do fato da maioria dos meus contatos

pessoais e profissionais terem se “deslocado” para esta outra ferramenta com o argumento recorrente sobre a “popularização” do *Orkut*.

Portanto, o prolongamento da minha presença no *Orkut* se deu pela própria etnografia. É importante salientar que o *Facebook* passa a ser utilizado pelos jovens somente no final de 2011. Em um churrasco na casa de Sheila, Érica acessa seu perfil no *Facebook* e fala: “O *Orkut* já era, agora o que está a dar é o *Face*”. De qualquer forma, somente a partir de 2012 comecei a receber solicitações de amizade dos jovens no *Facebook*, apesar de que os mesmos mantiveram seus perfis no *Orkut*.

Por conseguinte, durante todo o período de realização da etnografia, negocie meu *status* e a minha presença nas redes sociais virtuais com o grupo por meio do perfil do *Orkut*, que incluía poucas fotos pessoais e era utilizado, sobretudo, para a troca de *scraps*, para o acompanhamento dos perfis dos jovens e, conjuntamente, para observar os acessos dos jovens ao meu perfil.¹⁹

Deste modo, o meu “começar do zero”, enquanto pessoa no Cacém, demandou negociar diversas marcas de diferença, como classe - que marcava posicionamentos subjetivos e imaginários de uma “Europa” específica -, cor da pele - ser “branquinha”, idade, local de residência (centro de Lisboa e não a “periferia”) - e determinadas corporalidades.

Ser *portuguesa* no Cacém criava condições para a pesquisa bastante particulares. A empatia com Sheila foi tecida, num primeiro momento, através do compartilhamento de algumas experiências pessoais minhas, em Portugal, que remetiam para circunstâncias materiais e laborais semelhantes. O fato de ter trabalhado em ocupações que exigem pouca escolaridade e de *status* pouco reconhecido - posto de gasolina, cafés e restaurantes -, e, ao mesmo tempo, receber um salário quase equivalente ao seu, aproximava, de certa forma, a nossa relação. Entretanto, a minha trajetória no Brasil - escolar, profissional, de classe e de viver numa metrópole - nos separava sobremaneira, como também a trajetória seguinte em Portugal.

Em 2004, Sheila desembarcara em Lisboa com o objetivo de *melhorar de vida* e eu de *fazer um mestrado e conhecer a Europa*. A sociografia de Sheila e os discursos sobre as motivações para seu deslocamento podem ser emoldurados como uma regularidade encontrada na trajetória dos 26 sujeitos.

¹⁹ O *Orkut* torna possível acessar as últimas “visitas” recebidas no perfil.

1.5 No K-100²⁰ e Ericeira

Ao longo de cinco meses (de janeiro a abril de 2010), realizei trabalho de campo no Cacém, acompanhando os trajetos, as trajetórias²¹ desses “jovens” brasileiros através da realização de observações e entrevistas nos espaços de moradia e de sociabilidade - festas e almoços, *bailes funks*, cafés e discotecas brasileiras -, como também seguia os seus perfis do *Orkut*, mantendo contato através dos *scraps* e mensagens de celular (telefonia móvel). A construção das relações com outros jovens ao longo da etnografia também foi possibilitada através de três jovens interlocutoras privilegiadas: Sheila, Camila e Dora.

O apartamento 502

A casa de Sheila se configurou como um dos principais cenários de observação. Localizada próxima da estação de comboios do Cacém, era frequentada constantemente por muitos “jovens” brasileiros e se converteu no espaço privilegiado para a realização de festas, almoços e encontros. A movimentação da casa através da constante presença de amigos (as), namorados (as) e *peguetes*²², como também de moradores ao longo dos três anos da etnografia, dão uma dimensão da circularidade e dinâmica da moradia.

O prédio tem doze andares e Sheila mora no quinto. O apartamento 502 era conhecido pelo *entra e sai de gente* e pela música alta constante. Foram inúmeras às vezes em que a polícia tocou a campainha, respondendo à queixa de algum morador sobre o excesso de barulho. Os jovens riam e eu ficava tensa, uma vez que a grande maioria deles estava em situação “irregular” em Portugal. A casa tem três quartos, uma sala, uma cozinha e duas casas de banho. Em alguns momentos, a sala se converteu em quarto, diante da necessidade de algum(a) amigo(a) ou parente morar provisoriamente

²⁰ Forma utilizada pelos jovens nas redes sociais para fazer referência ao bairro de residência em Portugal, o Cacém.

²¹ Como afirmei na introdução da tese, a noção de trajetórias e trajetos serão bastante utilizadas na etnografia. A noção de trajetória surge como possibilidade de pensar sobre espaço e tempo, sem aprisioná-los a seqüências cronológicas e lógicas de acontecimentos nas vidas de pessoas. Ao contrário, permite refletir sobre percursos e caminhos biográficos ao longo do tempo (Velho, 1987; 1994) expostos a transformações constantes. Ao falar de trajetos, procuro enfatizar os deslocamentos espaciais cotidianos dos sujeitos Magnani (2007) e Cachado (2010). Apesar de alguns autores como Telles (2006), utilizarem o termo trajetória para pensar também o que aqui estou denominando de trajeto, preferi, na etnografia, utilizar os dois termos separadamente, com a finalidade de pensar a dimensão espacial dos deslocamentos nos espaços em suas várias escalas: urbano/rural, nacional, transnacional e nas cidades.

²² A categoria *peguete* é utilizada para fazer referência a situações que envolvem ter relações sexuais, mas sem compromisso.

na casa, geralmente consequência do fato de ficar sem trabalho e/ou terminar uma relação.

Logo no nosso primeiro encontro estive na casa de Sheila. Após uma longa conversa (de quase três horas), regada a cerveja (escolha de Sheila quando perguntei no café se ela gostaria de beber algo), conheci Camila, também de Mantena, que viera para Portugal por sugestão de Sheila. Sheila me convidou para conhecer a sua casa, localizada muito próxima da estação de comboios. Elas haviam pedido uma pizza, e jantamos eu, a Sheila e Camila. Sofia permaneceu no sofá, até que nos despedimos. Eu e Camila fomos para o comboio: eu regressei a Lisboa e ela seguiu para Rio de Mouro (uma estação depois do Cacém).

Compartilhar a sociabilidade do grupo implicava participar em muitas festas, tomar muita cerveja e escutar e conhecer as letras das “músicas do Brasil”, que não faziam parte do meu repertório e, conjuntamente, aprender a dançar *funk* e axé. O caráter comensal da sociabilidade - elaborar as refeições e comer em conjunto e partilhar a cerveja - deve ser salientado. Duas semanas depois de compartilhar uma pizza na cozinha de Sheila, regressei ao Cacém após ser convidada para uma feijoada em sua casa.

Sentia-me em um local estranho e, como anunciara Roy Wagner, “esse sentimento é conhecido pelos antropólogos como “choque cultural”. Nele, a “cultura” local se manifesta ao antropólogo primeiramente por meio de sua própria *inadequação* contra o pano de fundo de seu novo ambiente, foi ele que se tornou “visível” (2010:33).

“Era dia e chovia muito...estava frio e eu atrasada. Sheila já havia me ligado cedo para confirmar a minha ida. Tomei um taxi que me levou diretamente para o Cacém. No entanto, não encontrava o prédio de Sheila. Liguei e ela também não sabia o número nem o endereço “de cor”. E dizia-me “é o prédio ao lado do Mini Preço (supermercado) ... Acabei por entrar em outro prédio, onde haviam vários brasileiros à porta, sem sucesso. Era o prédio da frente. Subi no elevador e a porta do apartamento estava aberta. Bati na porta e entrei. O som estava bastante alto. Tocava *funk*. Sheila não estava, havia várias pessoas na casa, e quem me recebeu foi Lígia, uma mineira, também de Belo Horizonte (Bairro Santa Terezinha), que aparentava ter a minha idade...eu e ela, éramos as pessoas mais “velhas” daquele encontro. Sentia-me completamente deslocada com a ausência de Sheila. A forma como me vestia - calças, botas e cachecol - se diferenciava enormemente das outras pessoas que usavam sandálias, vestidos e um pequeno casaco (no caso das meninas) e bermudas e moletons (no caso dos rapazes). Lígia pouco falava... tentei ser simpática,

oferecendo ajuda na cozinha, já que ela era a responsável pelo preparo da feijoada. Lígia respondeu: “coloca as bebidas no congelador”... Logo, Sheila apareceu... Me cumprimentou e perguntou sobre o livro (minha dissertação de mestrado publicada, que eu referenciara no primeiro encontro). Entreguei a ela e mostrei a dedicatória. Sheila me apresentou a todos, e com certo orgulho dizia “essa é minha nova amiga, ela é escritora”, e mostrava o livro para eles. Todos riam e disseram que ela não ia ler, ou ia ler duas páginas e parar... Logo sentei-me ao sofá e comecei a conversar com um dos jovens. Percebia alguma curiosidade em relação a mim, principalmente dos rapazes que me diziam que eu parecia ser portuguesa, pelos meus traços no rosto e o corte de cabelo.... Havia mais ou menos umas 12 pessoas e, mais tarde, chegaram mais dois meninos. Sheila não para de dançar, nem beber, e segundo seus amigos, quando bebe em excesso, chora de saudades de casa, quer ligar para sua mãe... Aliás, no meio da festa, seu irmão ligou de Ericeira, e eu a ouvi dizendo que iria enviar um dinheiro para sua mãe. Só havia brasileiros, a música era brasileira, a comida era brasileira... De português havia o espaço, o tempo e algumas bebidas alcoólicas: moscatel, vinho e cerveja. Sheila me diz: “você viu, não tem portugueses aqui, eles ficam lá fora”. Para mim, isso já estava claro. A música foi sempre brasileira, com exceção do Kizomba, que tocou durante um curto tempo. Axé, *Funk*, Forró e música sertaneja. O curioso é que a sensualidade e sexualidade estavam sempre muito aguçadas entre eles: seja na dança, nas brincadeiras que sempre envolviam toques (sentar no colo, se tocarem na barriga, na cintura) ou tinham uma conotação sexual. Sheila é muito vaidosa, tira fotos o tempo todo, trocou de roupa uma vez e depois regressou com o mesmo vestido. Alguns jovens estavam na Internet, no *Orkut*, postando fotos da noite passada no GO Times “O Inferninho”, uma discoteca brasileira em Barcarena, próxima ao Cacém”. (Caderno de Campo, fevereiro de 2010, Cacém).

Num jogo de ausências e presenças, transitei pelo Cacém nos últimos quatro anos. Espaços de moradia, discotecas, centros comerciais, supermercados, discotecas, bares e cafés foram se tornando familiares. Com o objetivo de operacionalizar o campo desde o início da etnografia, comecei a pernoitar na casa dos jovens, na grande maioria das vezes na casa de Sheila. Em primeiro lugar porque os jovens consideravam “perigoso” que eu retornasse sozinha para Lisboa, mas, sobretudo, pela inexistência de comboios a partir das duas da madrugada, o que tornava extremamente dispendioso o retorno por meio de táxi. Assim, na sexta-feira dirigia-me para o Cacém e retornava para Lisboa na segunda de manhã, quando os jovens retomavam suas jornadas de trabalho.

Por vezes deslocava-me ao Cacém nos dias de semana. Aniversários, quando os jovens adoeciam, ou ainda quando estes solicitavam a minha presença, normalmente para acompanhá-los nos postos de saúde e/ou serviços burocráticos, ou auxiliá-los com as dúvidas em relação ao processo de regularização em Portugal.

O conhecimento sobre os processos e leis sobre a “imigração” em Portugal criava expectativas de reciprocidade. Num primeiro momento, durante a etnografia, auxiliei e acompanhei o processo de regularização de cinco sujeitos e, conjuntamente, a renovação dos títulos de residência de outros. Sheila, por exemplo, esteve em situação irregular desde a sua chegada em Portugal, em 2007. Sua Autorização de Residência foi emitida em outubro de 2012, após a entrada do pedido de regularização feito por mim em abril de 2012. Para além da morosidade do processo, ela precisou adiar sua regularização, porque no ato da entrevista era necessário pagar uma multa por ter residido “ilegalmente” em território português, que na época custava aproximadamente 550 euros.

No entanto, episódios em que os jovens eram retidos em batidas policiais realizadas nas discotecas brasileiras, por falta de documentos de identificação e/ou por estarem “ilegais” no país, o que acarretava o recebimento de uma carta de expulsão,²³ também foram marcantes. Eu era a pessoa a quem os jovens recorriam para saber “o que fazer”. Envio de documentos por *fax* e mediações com a polícia fizeram parte da etnografia. Em um dos episódios em que eu estava em Mantena e, portanto, ausente no Cacém, Sheila me solicitou no *chat* do *MSN* para relatar que havia levado uma carta de expulsão quando frequentava uma discoteca brasileira buscando *ajuda*.

S: olha, ontem levei uma carta de expulsão

P: Não acredito! Quando?

S: Sábado em Ericeira. Mas eles [os policiais] dizem que não há problema. Mas vê se tem problema!

P: Terei que ver com a advogada da Casa do Brasil.

S: Vê e me fala...vergonha, né...eles foram atrás de mim...não estava a fazer nada, vieram e me pediram os documentos

P: Não precisa ter vergonha, você não está fazendo nada de errado, você trabalha e vive aí em Portugal.

S: Acho que não vou poder esperar 3 meses para me inscrever [no SEF-Serviço de Estrangeiros e Fronteiras]. Se eles me pegam outra vez me mandam para o Brasil. Vê lá e me diz!

P: Pode deixar!

²³ Carta de expulsão é uma carta de abandono voluntária emitida pela Polícia de Imigração portuguesa para imigrantes em situação irregular.

A transcrição de uma parte desta conversa “virtual” mostra novamente a relação contínua entre os campos (Brasil e Portugal), mas, sobretudo, revela que em vários momentos fui acionada para “ajudar” na resolução de problemas e encontrar soluções, mesmo estando fisicamente em outros espaços. A partir desta conversa tive conhecimento da situação de Sheila, entrei em contato com a Casa do Brasil de Lisboa e decidimos (Sheila e eu) entrar com o pedido de regularização extraordinária²⁴

Outros eventos violentos marcaram a etnografia no Cacém e a minha presença mais prolongada no bairro: a morte de um dos jovens, consequência de uma explosão de gás; o espancamento de Maicon na saída de uma discoteca por seguranças “portugueses”; o término da relação afetiva-sexual entre Camila e Zico que teve como consequência a agressão física (de Camila sobre Zico) e o internamento deste no hospital Amadora-Sintra²⁵.

Para além dos espaços de moradia, os cafés (pequenos bares) e as discotecas brasileiras se configuraram conjuntamente como importantes locais da etnografia. A estética e performance dos jovens nos locais de sociabilidade podem ser compreendidas à maneira Goffeniana de “apresentação do eu” (Goffman, 2002), ou através da noção de estilo: “um jeito de dar-se a ver em público, uma forma de encenação e comunicação” (Abramo, 1994, Simões, França e Macedo, 2009). A noção de estilo tornou-se relevante à medida que articula interesses e expectativas de auto-imagem e imagem coletiva a determinados objetos, corpos e práticas, que, nesse contexto específico, definiam os significados do que é “ser brasileiro em Portugal”, nomeadamente no Cacém.

Por outro lado, a construção do que é *ser brasileiro*, neste contexto, revela da mesma forma, a maneira como os jovens se situavam fora das fronteiras das moradias, frequentadas quase exclusivamente por outros brasileiros. A maneira como os sujeitos interagem com os outros “grupos”, evidencia a configuração de hierarquias na intersecção de marcadores de diferenciação como etnicidade, nacionalidade e sexualidade, como por exemplo a necessidade de diferenciação entre brasileiros e africanos, os *pretos*, comumente presente nas narrativas e performances da maioria dos jovens brasileiros, que se auto-identificam como *negros* e *morenos*.

²⁴ Atualmente Portugal é um dos poucos países europeus onde é possível ainda solicitar a Autorização de Residência para trabalho sem retornar ao país de origem. Através do art88º da lei de estrangeiros e fronteiras (Lei nº 23/2007) de 4 de Julho, o imigrante, tendo um contrato de trabalho e seis meses de descontos na Segurança Social portuguesa, podem solicitar a regularização. Lei disponível em <http://www.sef.pt/documentos/56/NOVA%20LEI%20ESTRANGEIROS.pdf>.

²⁵ Estes episódios serão descritos em profundidade ao longo dos outros capítulos.

Ribeiro (1998), por meio da metáfora do “jogo de espelhos”, aponta para a importância de se analisar a dinâmica público/privado e cenários/rituais para compreender a “inserção de diferentes populações brasileiras em distintos Estados nacionais e sistemas interétnicos”. Para o antropólogo, ainda que pareça consensual o caráter processual e relacional da identidade, é fundamental refletir sobre as características dos contextos de interação e de suas partes constitutivas, que possibilitam encontros com diversos “outros”.

Além disso, os bares e discotecas se configuraram como espaços interessantes para examinar a importância concedida à sexualidade na vivência cotidiana deste grupo, a autonomização sexual e afetiva destes jovens, a reelaboração das categorias de diferenciação nas interações e a definição de marcas e padrões que os tornavam sujeitos mais ou desejáveis no mercado afetivo-sexual²⁶.

Outro marcador de diferenciação social que se articula na experiência e subjetividade dos sujeitos é a classe ou grupo de estatuto. Ainda que em algumas situações ela se mascare através da ativação de outros marcadores de diferença, continua operando com suas hierarquias como também é resignificada. Todavia, nos estudos sobre as migrações internacionais a invisibilidade da classe²⁷, é muitas vezes ocasionada pela substituição de categorias como nacionalidade/etnicidade/raça. Machado (2002) aponta para a necessidade de dar uma particular atenção à classe nos estudos sobre as relações étnicas e raciais nos contextos de mobilidade, desconstruindo certo etnocentrismo ao mascarar o fato de que “qualquer minoria tem sempre algum grau de diferenciação do ponto de vista dos lugares de classe dos seus membros” (2002:39).

1.6 Negociando corpo, gênero e sexualidade no campo

Na etnografia, a aproximação com os rapazes deu-se de forma bastante heterogênea no Cacém, em Mantena e em Cachoeirinha de Itaúna. É importante sublinhar as singularidades no acesso ao universo masculino nos diferentes contextos de pesquisa, porque estes têm profundas consequências nas análises que faço sobre as

²⁶ Estas dimensões serão analisadas com profundidade no capítulo 4 e 5.

²⁷ No que se refere à produção acadêmica sobre a imigração brasileira em Portugal, Rodrigues (2010) possui um competente trabalho que não somente inclui como também concede relevância às diferenças de classe na análise das migrações internacionais.

experiências e trajetórias dos diferentes sujeitos. Além disso, ao explicitar as relações construídas com os rapazes nos diversos momentos de pesquisa, mostro as diferenças nas relações estabelecidas com as meninas.

Vale de Almeida (1994), por exemplo, quando realizou a etnografia em Pardais, no Alentejo, problematizou à partida o seu “estatuto de homem solteiro”. Se, por um lado, este mesmo estatuto o proporcionava participar de contextos de homossexualidade em que as conversas sobre “predação sexual”, infidelidades, “gajas” e também de constantes provocações e brincadeiras jocosas entre os homens, por outro, limitou sua entrada no ambiente doméstico, que, na aldeia, era fundamentalmente feminino.

Ao longo da minha pesquisa, o meu estatuto de mulher solteira exigiu também negociações contínuas e diferentes. No Cacém, nos primeiros meses de realização da etnografia, os contornos das relações com os rapazes passavam, necessariamente, pela mediação das meninas. Em primeiro lugar, porque para as que estavam comprometidas eu poderia ser uma ameaça, e, para as solteiras, uma potencial concorrente. Na primeira vez que conheci Maicon, que na altura vivia com a namorada Juliana e a amiga Camila, fui acautelada por Sheila e Camila sobre o excesso de ciúmes de Juliana. Convidada por Camila para jantar em sua casa, preocupava-me a maneira como seria recebida por Juliana.

Camila me esperava com o jantar quase pronto: arroz, salada e pescoço de peru. Estava na cozinha sua colega de casa, Juliana, que mora com o seu *marido* e Camila. Eu e Juliana conversávamos enquanto Camila terminava de fazer a comida. Juliana falava pouco e parecia bastante desconfiada... Camila contou-lhe do nosso encontro no dia anterior, da entrevista com Sheila e do meu trabalho. Disse que eu era jornalista e ia entrevistá-la *com gravador e tudo*. Juliana escutava Kizomba²⁸, também cozinhava e dizia estar à espera do *marido*, ao mesmo tempo que conversava através do MSN com um homem, que lhe dizia o quanto era bonita... Juliana quis saber mais do meu trabalho, eu expliquei... depois me perguntou se era difícil fazer uma faculdade em Portugal. Disse-lhe que não e expliquei a ela os procedimentos necessários. Depois do jantar, conversamos mais um pouco e Juliana mostrou fotos de seu filho de 3 anos que havia ficado aos cuidados de sua mãe. Logo, o *marido* de Juliana chegou, disse boa noite, mal olhou para mim e entrou no quarto... Eu, procurei não olhar para ele abaixando a cabeça. Apenas respondi ao cumprimento. Camila e eu nos levantamos e fomos para seu quarto, onde iniciamos a entrevista.

²⁸Apesar de vários rapazes e meninas afirmarem que não gostam de *pretos*, músicas de origem angolana como o Kizomba têm ingressado em seus repertórios musicais que, anteriormente, contavam apenas com músicas brasileiras.

Para os rapazes eu parecia, a princípio, surgir como uma nova possibilidade de paquera. Depois de anos de pesquisa, Yan confessou-me que, quando me conheceram, os rapazes apostaram quem iria *me comer*. Essa conversa, possibilitada apenas quando a intimidade entre nós estava consolidada²⁹, demonstra as diferentes camadas de significados das relações de gênero no que tange à minha relação com os rapazes no decorrer da pesquisa.

Apesar do meu estatuto de mulher solteira, outras categorias de diferenciação surgiram na forma como estes “jovens” me viam: grupo de *status*, grau de escolaridade e idade, me distinguiam claramente das outras meninas. As pessoas me diferenciavam, geralmente, pela minha ocupação laboral - pesquisadora, escritora -, pelo meu local de residência - região central de Lisboa -, e pelos bairros de origem em Belo Horizonte, já que vários sujeitos conheciam e/ou tiveram uma experiência de mobilidade na capital do Estado de Minas Gerais. A cor da minha pele, *muito branquinha*³⁰, a forma como me vestia e cortava o cabelo era rotulada com o *parecer portuguesa*. Tudo isso me fazia parecer profundamente diferente deles.

Dentro deste contexto, como estratégia inicial, procurei aumentar simbolicamente a nossa diferença etária (quando iniciei a etnografia tinha 28 anos, ao passo que a maioria dos sujeitos tinham entre 19 e 24), vestindo roupas mais largas e não usando maquiagem. Todavia, apesar desta estratégia, apercebi-me que jamais poderia ser considerada como sendo daquele grupo de estatuto, mesmo se quisesse. Tal constatação foi possibilitada pela primeira experiência no baile *funk* e pela disparidade de tratamento dos rapazes em relação a mim. Os rapazes oriundos de Mantena e outros que faziam parte dessa rede, inicialmente, poupavam-me das brincadeiras que envolviam toques - sentar no colo, se tocarem na barriga, na cintura e das piadas jocosas com conotações sexuais e, em muitos momentos, me “protegiam” do assédio de outros rapazes. Sheila também me resguardava. Quando pernoitava em sua casa, onde vários outros dormiam (meninas e rapazes), fazia questão em dormir ao meu lado e colocava-me no canto da cama, para que *nenhum engraçadinho mexesse* comigo. A cumplicidade

²⁹ Este assunto será problematizado ao longo do capítulo 6.

de Sheila e de alguns rapazes na minha “proteção” contra o assédio era bastante eficaz, mas não me desobrigou a negociar com os rapazes o meu estatuto de mulher solteira.

Dentro de uma “endogamia” no grupo, a minha posição se revelava bastante ambígua: ainda que não fosse considerada uma parceira possível para os rapazes de Mantena, ao mesmo tempo era considerada uma das mulheres do grupo, que deveria ser protegida dos “outros” rapazes fora do grupo, para os quais eu poderia ser uma parceira potencial.³¹ O jogo entre dentro/fora do grupo, portanto, era bastante relacional: ainda que dentro do grupo de “jovens” com quem trabalhava fosse enxergada como uma de “fora”, era aceita dentro da sociabilidade do grupo. Ao mesmo tempo, em outras situações, pessoas de fora do grupo me consideravam como pertencente ao grupo.

Ao mesmo tempo, eram as meninas que faziam a maioria das brincadeiras jocosas em relação à minha sexualidade e ao meu estranhamento aos locais frequentados com elas, sobretudo, os bailes *funk*.

Sheila sempre me convidava para ir ao Go Times (a discoteca), ou melhor, no *inferninho*. Cheguei mais cedo em sua casa e junto com as outras meninas fui me *arrumar*. Enquanto tomava banho, Livia chegou, (havia a conhecido na última vez), e logo depois Roberson. Livia parece não gostar muito de mim, sempre me olha com um ar de desconfiança. Sheila, Livia e eu fomos para o comboio enquanto Roberson e Jonas foram para a casa de Jonas, afinal, não poderiam entrar na discoteca entre 22h30 e 23h30. Aconteceria um *strip* masculino, só entrava meninas. Livia vestia uma micro saia jeans, sapatos de salto e um casaco e, Sheila um macacão jeans colado ao corpo e umas sandálias de salto. Eu, que tentava me vestir um pouco mais “sensual”, também tinha uma mini-saia, mas usava também, colãs de lã, botas e uma blusa de manga comprida. Totalmente fora do contexto. Percebi isso já na estação, quando tinham mais duas brasileiras vestidas de forma muito semelhante a das meninas, e logo, Sheila disse: não gosto dessas *piriguetes*. Andamos ainda uns cinco minutos e chegamos ao Go Times. Na entrada, os seguranças alertaram para que andássemos rápido que o show do Rodrigoinho Playboy³² havia começado. Entramos no salão, e avistei uma roda de mulheres sentadas, e um menino, forte, sem camisa, sem pêlos, dançando, se tocando e tocando nas meninas. Assim que entrei, ele chegou

³¹ Agradeço a Natália Corazza Padovanni por me chamar atenção para este ponto.

³² Arent e Carrara, na etnografia realizada em um Clube de Mulheres no Rio de Janeiro, observaram que os shows seguem “um repertório baseado, essencialmente, na encenação de práticas (hetero) sexuais travadas no palco, entre os Sedutores e algumas mulheres da platéia. A performance dos shows consta de pouca dança, praticamente nenhuma coreografia (excetuando a atuação individual de dois Sedutores) e muita representação de práticas heterossexuais, nas quais a cópula é executada de modo “acrobático”, evidenciando a força física dos rapazes, já vislumbrada na forma de seus músculos bastante hipertrofiados (2007:256).

perto de mim, me pegou no colo e colocou as minhas mãos no seu peito... fiquei tão nervosa que derrubei um cinzeiro... Sheila e Lívia não paravam de rir. Na medida em que ele se apresentava, um fotógrafo brasileiro fotografava para colocar as fotos na página do *Orkut*. Em um dado momento, em que ele aproximava o pênis próximo da boca das mulheres (ele estava de cueca), e algumas o apalpavam, compreendi o meu limite. E ao afastá-lo de mim escuto *chupa o pau dele, porra*. Me sentia num mundo a parte, e havia uma cobrança de algumas meninas de uma postura minha, que excedia o meu limite na observação participante. Após o *striptease*, os rapazes começaram a entrar e todos começaram a dançar. São os rapazes quem chamam as meninas para dançar e é quase impossível recusar. Fui recusar uma dança e o homem me puxou pelo braço com força... Fui dançar. Percebi também que alguns comportamentos não são bem aceitos, como, por exemplo, a mulher convidar um homem para dançar. Sempre quando me conheciam indagavam se eu era portuguesa. Fui ao meio do salão dançar e no meio da dança um menino deu-me um tapa na bunda. Por sorte, Zico se aproximou e disse enfaticamente: *dança mais afastado, ela é minha amiga*.

Por meio deste episódio parece evidente a diferença entre o meu estilo, gostos e comportamentos quando comparados às meninas de Mantena que vivem no Cacém. No entanto, esta distinção não se tornou problemática. Não *ficar* com ninguém e não demonstrar interesse pelos rapazes, em certa medida, retirava-me o olhar desconfiado pelo risco da concorrência. Não quer dizer que a vivência da minha sexualidade e minha performance nas *baladas* não tenham sido os temas principais em outras situações de interação. Numa das noites em que pernoitei na casa de Sheila (eu dormia com ela em sua cama e Lígia e Roberson no colchão), enquanto tentava dormir, escutei-os conversando. Roberson afirmou: *vocês acabaram com a menina coitada. A menina era eu*. Em outro momento, na discoteca Bye Bye Brasil, conversava com Dalton e escutei uma das meninas, uma amiga recente de Dora repetir inúmeras vezes: *ô loira, você é devagar mesmo, se fosse eu já tinha pegado esse negão gostoso...arranhava ele todo!* Continuei conversando com ele, mas percebia o seu interesse por mim, já que uma das maneiras recorrentes de engatar³³ as meninas, naquele contexto, era oferecer bebidas. Dalton me perguntou qual era a bebida que eu mais gostava e eu interpelei-o: porquê? O rapaz responde que queria *só me pagar uma bebida*³⁴. Aceito e ele regressa do bar com

³³ Paquerar, “dar em cima”.

³⁴ É interessante notar como o “pagar uma bebida”, no contexto de paquera, se relaciona com os bares de alterne, onde a troca também se dá pelo pagamento da bebida. Para um estudo sobre as práticas e relações nos bares de alterne em Lisboa, ver Dolabella (2010).

duas caipirinhas. Dalton começa a relatar que tinha sido casado com uma *portuguesa*: *eu dava tudo para ela... ganhava bem, na época ganhava quase 500 euros por semana... eu dava carinho, tinha responsabilidade de homem que é colocar as coisas dentro de casa, dar carinho, atenção... mas ela me traiu...* Notava que a sua narrativa era construída para valorizá-lo enquanto homem, mas não um homem qualquer. Um homem que condiz com o que a maioria das meninas de Mantena e Cachoeirinha de Itaúna procuram: *trabalhador, que ganha bem, provedor, carinhoso e fiel*. Dalton continua: *porque, por exemplo, você é uma mulher bonita, qualquer homem que você quiser aqui te leva para cama, mas um homem a sério, você me entende? Eu sempre tive muitas mulheres, mas queria agora algo sério...*

Dalton era um dos rapazes que me assediava constantemente durante um período da etnografia. Recebia inúmeras mensagens do telemóvel dele: *Olá princesa, boa tarde! Como você está, linda?* Todavia, Sheila ao perceber que eu não respondia às mensagens e por questionar quem havia dado o meu número de telefone para Dalton, contou-me um *segredo*:

Olha eu vou te contar uma coisa, mas você não pode comentar com ninguém...vou dizer porque não quero que as pessoas fiquem rindo, porque todo mundo sabe...é que aquele dia o Dalton contou um tanto de mentira para você" "É que o Dalton é um folgado." Eu pergunto: Como assim folgado? Ele não gosta de trabalhar e é chula de viado, come viado por causa de dinheiro. Ele estava vivendo na casa de um viado na Ericeira, o Dison...tadinho, ele é super gente boa, trabalhador, mas o Dison gostava mesmo do Wesley, mas mandou o Dalton... Eu tô te dizendo isso para seu bem, a Dora não queria que eu te contasse, mas eu mesma já vi ele fazer isso. Ele estava enrolado com a Juliana uma época e ela emprestou o quarto para ele fazer um programa... não, programa não, era chulo de viado...é tudo igual, né.

Durante a etnografia notei que os meninos *que comem viados por causa de dinheiro* não eram sempre classificados como *garotos de programa*, nem como *gays*, mas sim como *chulas de viado*. Sheila fazia uma separação entre *fazer programa* e *chular viado*³⁵. Para além de serem categorias diferenciadas também envolviam éticas diferentes.

³⁵ A diferença entre as duas categorias serão analisadas em profundidade também no capítulo 5.

Em outra circunstância, no apartamento 502, estávamos eu, Sheila, Dora³⁶ e Camila na cozinha. Havíamos comprado uma pizza e cervejas. Dora estava no computador de Sheila, no MSN e *Orkut* e conversava com um rapaz. Quando a pizza ficou pronta, sentamos na cozinha, nós quatro. E o assunto sexo se iniciou. Sheila brincou ironicamente com Dora, aludindo à minha insistência na realização de entrevistas: *Vai lá, Dora, vou te fazer uma entrevista! Com quantos homens você já saiu* (muitos risos)? Dora mandou ela tomar no *cú* e depois disse, *you não gosta de homem, né!* A partir daí a conversa foi conduzida sobretudo por Dora, que anunciou que gostava de praticar sexo anal. Nesse momento, vira-se para mim e pergunta: e você, tia³⁷? Gosta de dar o *cú*? Fico envergonhada... ela finaliza: *Ah tá! Essa aqui* (eu) *tem cara de quem vê um homem sem roupa e diz meu Deus do céu* (todas riem muito). Depois completa: *vai lá Paula conta de que tipo de pinto você gosta? E aponta-me uma garrafa de cerveja, como se fosse um microfone, ou mesmo um pênis*³⁸.

Sheila, por sua vez, afirma nunca *ter feito: já tentei algumas vezes, mas não consegui...dói*. Dora relata sua experiência: *no começo dói, mas depois que dói é uma delícia!* E Marcela³⁹ conta que nunca havia experimentado. Sheila olha-me e fala num tom de pergunta: *todo homem tem essa mania de querer comer o cú? E para onde sai aquilo* (o esperma)? *Tem alguma ligação do cú com a vagina?* Como Sheila olhava para mim, respondi suas questões e Dora confirmara a minha resposta. Curiosamente, neste contexto, o fato de eu ser mais velha que as meninas da etnografia não conferia a mim uma maior legitimidade para comentar sobre as experiências sexuais e afetivas. Pelo contrário, o fato delas não me verem com nenhum rapaz alimentava uma visão de ingenuidade e de inexperiência, ou até mesmo uma suspeita de *gostar de mulher*. Camila, depois de alguns meses do início da etnografia, confessou que Juliana havia

³⁶ Algumas considerações a respeito da trajetória de Dora são importantes. Dora é uma das poucas meninas que ao atravessar as fronteiras internacionais, contava com a ajuda da mãe que vivia em Portugal. Cleusa, têm 40 anos, foi mãe aos 15 e reside em Portugal há 8 anos. Trabalha como doméstica na casa de uma família portuguesa. Quando conheci Dora e Neusa, elas não moravam juntas. Dora trabalhava, tinha o seu próprio dinheiro e vivia com outras meninas da sua idade. Dora era, para as meninas, considerada *piriguete*, pelo fato de ter diversos namorados.

³⁷ *Tia* era a forma como Dora se referia a mim. É uma expressão utilizada no Brasil para fazer referência às pessoas mais velhas. No entanto, não está vinculada necessariamente com uma idade específica, mas sim, com a energia e disponibilidade, nesse caso, para sair para as baladas, beber e dançar, actividades consideradas de um estilo de vida jovem.

³⁸ Algumas narrativas sobre a intimidade nas práticas sexuais dos sujeitos foram incluídas ao longo da tese. Um recurso utilizado para mostrar a liberdade sexual dos sujeitos e ilustrar como esse tema é importante e recorrente nas conversas. Não pretendo com isso dizer que estes têm outra noção de privacidade, ainda que, algumas análises no Brasil tenham vinculado determinadas formas de vivenciar a sexualidade às classes populares.

³⁹ Marcela era vizinha de Sheila. Na época da pesquisa tinha 18 anos. Em 2011, engravidou do namorado e continua residindo com ele no Cacém.

dito a ela para *tomar cuidado* ao dividir a mesma cama comigo. Camila diz: *o máximo que poderia acontecer era você tentar me agarrar e eu dizer não... que gosto de homem* (risos).

Falar sobre sexo com os rapazes, nessa altura da etnografia, era praticamente impossível. Aliás, a minha interação com eles era restrita à ida as discotecas brasileiras e aos almoços e festas realizadas na casa de Sheila. Se alguns rapazes me olhavam com curiosidade e conversavam comigo, como Jonas, Zico e Ateílson, outros, como por exemplo Maicon e Yan, demonstravam frequentemente desconfiança e não deixavam espaço para nenhum tipo de aproximação.

Conheci Zico⁴⁰ e Atenílson⁴¹ logo no primeiro evento na casa de Sheila, uma feijoada, realizada em abril de 2010. Com Jonas, relacionei-me pela primeira vez um mês depois de iniciar o trabalho de campo no Cacém:

Cheguei na casa da Sheila por volta das 12 horas. Ela estava de pijama, *arrumando* o seu quarto. Me cumprimentou sem muita festa e disse para eu *ficar a vontade*, que estava *limpando a casa*. Entrei na cozinha e estava um rapaz sentado. Calado, com a cabeça baixa, me apresentei. Com muita timidez o rapaz contou-me que se chamava Jonas e que era primo de Sheila. Sentei-me ao seu lado, na mesa da cozinha e me empenhei a conversar com ele. Jonas para além de tímido, era muito simples, e destoava bastante do estilo dos outros rapazes: na forma de se vestir, nas tatuagens, piercings e no uso recorrente de gírias. Jonas veio para Portugal há dois anos, e, segundo ele, *sem saber porque*. Contou-me que havia tentado imigrar uma vez pela Espanha, foi deportado e duas semanas depois *entrou* pela França. Trabalha na construção civil e mora no Cacém com outros dois rapazes de Cachoeirinha de Itaúna. Dizia sentir muita falta da sua família e repetia várias vezes que não entendia o que estava fazendo em Portugal.

⁴⁰ Zico (26 anos), estudou até o 6º ano e está em Portugal há 6 anos. Tem um filho no Brasil e trabalhava com a elaboração de portões de ferro. Aqui em Portugal, conseguiu trabalhar na mesma área e está no primeiro trabalho desde que chegou em Portugal. Logo no nosso primeiro encontro, relatou-me que continuava *ilegal*, que o seu *patrão lhe deu um contrato de três meses e quando foi chamado ao SEF, o contrato já havia expirado*. Segundo ele, se arranjar *algo melhor sai*, mas que o patrão *precisa de mim pelo trabalho e eu dele pelo dinheiro*. Perguntei se o Serviços de Estrangeiros e Fronteiras não havia fiscalizado a empresa, e ele me respondeu: *o SEF tem que se anunciar antes de entrar, então o patrão esconde a gente*. Roberson *ficou* com Lígia e namorou Camila, como abordado no Capítulo V.

⁴¹ Atenílson (26 anos) que morava em Setúbal e reside em Portugal há 4 anos. Como a maioria das pessoas nunca regressara ao Brasil, apesar de estar regularizado. Ele mora com o primo, mas tem dois irmãos em Portugal. Trabalha na montagem de andaimes, uma profissão de bastante risco, mas que segundo ele é bem remunerada. Mora em Setúbal e trabalha em Abrantes, onde passa a semana. Apesar de viver em Setúbal, Ateílson passava vários finais de semana na casa de Sheila, para compartilhar as idas às discotecas brasileiras e à sociabilidade do grupo.

Durante o almoço, Dora e Sheila faziam troça de Jonas por ele ser evangélico e incentivavam-o a beber cerveja e vodka. Eu compartilhava com Jonas o desejo de não beber, mas, tal como ele, parecia ter que provar o tempo todo que poderia fazer parte do grupo. Começamos a jogar palitinhos⁴² e Adilson (namorado de Cleusa) teve a ideia de buscar uma garrafa de cachaça, para quem perdesse tomar um *xote*. Mesmo que a sorte me ajudasse (eu não perdia), era praticamente “obrigada” a tomar os *shots* de vodka com limão.... Sim, vodka. Porque a cachaça havia se esgotado no supermercado. Depois do quarto *xote*, sentia a minha cabeça estourar. Estava bêbada. Eu e Jonas.

A bebida fazia parte de quase todos os espaços de sociabilidade. Se inicialmente partilhava na ingestão das bebidas alcoólicas, o que me custava muito, ao longo da etnografia tentava negociar ao menos a quantidade recorrendo a várias estratégias: estar tomando medicamentos, desperdiçar alguns copos na pia ou delongar a beber um copo. Todavia, *beber que nem homem* e participar dos jogos de palitos proporcionou-me adentrar, depois de oito meses de etnografia, ao universo de Maicon e Yan e, ao mesmo tempo, ter a aprovação deles. Permitiu-me circular por outros espaços, inclusive os de homosociabilidade masculina.

No entanto, outros acontecimentos destacaram-se como fundamentais para a minha aproximação de Maicon: o término do namoro com Juliana, que tinha ciúmes dele, e o fato de eu ter estado em Cachoeirinha de Itaúna e conviver com a sua família. Logo quando regresssei do primeiro trabalho de campo realizado em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna, entre maio a agosto de 2010, encontrei Maicon na casa de Sheila. Cumprimentei-o e contei que havia estado em sua “casa” no Brasil, tinha conhecido a sua mãe e seu padrasto. Ele ficou em silêncio. Relatei também que a comida da sua mãe era deliciosa e que tinha colocado as fotos de todos no computador de Sheila. Maicon diz em um tom autoritário: *pega lá para eu ver*. Como ordenado, busquei o computador e vemos as fotos juntos. Ele fez poucos comentários, mas percebo que se sensibiliza um pouco. Só comenta que *todo mundo tinha gostado de mim*. Depois, em tom de brincadeira, digo-lhe que gostaria de entrevistá-lo e ele responde: *para quê?* Explico que é sobre a minha pesquisa e ele, por sua vez, diz que está trabalhando em uma obra na cidade de Santarém. Replico que poderia ir lá para entrevistá-lo e depois, em tom de brincadeira, digo-lhe: mas se eu for em Santarém e

⁴² *Palitinhos* ou *porrinha* é um jogo de adivinhação e blefe, muito comum no Brasil. No dicionário Aurélio, versão eletrônica, *porrinha* é: [De *porra* + *-inha*.] S. f. Bras. 1. Jogo em que os parceiros encerram na mão certo número (entre 0 e 3) de moedas ou palitos de fósforo, para depois, um a um, tentarem adivinhar o total; *basquete-de-bolso*, jogo de palitinhos.

você não me der a entrevista, você vai ver. E Maicon responde: *vou ver o quê? Você acha que vai me bater?* Respondo que não, e mais uma vez, num tom de piada, falo que sou faixa preta em judô. Ele finaliza a conversa: *tem uma coisa pequenina que resolve tudo*. Posteriormente compreendi que Maicon fazia referência às armas de fogo. Percebi-o muito agressivo e defensivo, apesar de, naquele momento, depois de quase um ano, achar que ele começava a *ir com a minha cara*. Despedi-me e fui embora.

Nosso próximo encontro foi na comemoração do aniversário de Wellington, na casa de Sheila. Ao chegar cumprimentei Maicon e perguntei se estava tudo bem. *Melhor agora*, respondeu ele. Yan também me saudou de forma diferente da última vez em que o encontrei na discoteca Bye Bye Brasil, onde ele mal havia me cumprimentado. Sentamos todos na mesa da cozinha. Maicon diz ter *ficado sabendo que eu era boa de beber, que aguentava bem!* Jonas havia lhe contado do dia em que jogamos palitos apostando *shots* de vodka. Maicon pergunta, em um tom desafiador, se quero jogar. Respondo que sim. Pensei que esse era o momento de me aproximar dele, e consequentemente dos outros meninos, pois ele sempre exerceu uma liderança grande. Em primeiro lugar, porque foi um dos primeiros sujeitos de Mantena e Cachoeirinha a chegar no Cacém, tinha bons contatos com os empreiteiros de obras da construção civil, o que permitia ajudar os recém-chegados a encontrar trabalho (Wellington, Sheila, Jonas, etc), e, porque, no Cacém, impunha respeito aos *pretos*, que compartilhavam espaços de sociabilidade como os cafés, um lugar bastante disputado entre *brasileiros e africanos*.

Começamos a jogar: Eu, Maicon, Yan, Wellington e Jonas. Eu era a única menina. Por algum tempo Camila ficou sentada ao meu lado, observando o jogo. Sheila tentou jogar, mas não quis continuar. Perdi apenas uma partida, o que me garantiu não beber muito, apenas um *shot*. Percebia que o *aguentar beber* está inscrito nos significados de *ser homem*. Quando Wellington perdeu pela segunda vez, e disse que não iria mais jogar, Maicon o repreendeu: *vai ter que beber, vira homem!* Wellington responde: *é claro que eu vou beber, sou homem ou o quê...* Naquele momento, apesar de eu não *ser homem*, pareciam não estar incomodados, e, havia claramente uma disputa de olhares para mim, sobretudo entre Maicon e Yan.

Driblar o assédio dos rapazes no trabalho de campo não foi tarefa fácil. Nem no Cacém, nem em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna. Mas as formas e os conteúdos simbólicos envolvidos na minha relação com os rapazes se transmutavam ao longo do tempo e dos cenários de realização da etnografia. No entanto, tornou-se claro que o meu

corpo, sexuado, jogava um importante papel nas relações estabelecidas com os sujeitos (rapazes e meninas), o que refuta a ideia do “mito do antropólogo assexuado”, conforme descrito por Grossi (1992). Para a antropóloga, este “mito” é endereçado a pesquisadores que procuram esconder as relações e marcas de gênero através da ideia de um “terceiro gênero, nem homem, nem mulher, mas um ser neutro e assexuado” (1992:13).

O que parece importante salientar é que o fato de eu nunca ter entrado nas relações sexuais com eles permitiu minha circulação entre rapazes e meninas, ainda que em temporalidades diferentes, circulação que provavelmente seria vedada de outra forma. O que pretendo dizer é que mesmo sem ser assexuada para o grupo, em um determinado momento tornei-me uma menina indisponível para se *comer*, sobretudo depois da minha estadia prolongada na casa de suas famílias, que me tornou uma espécie de “irmã” e, que, por isso, impossibilitava qualquer troca sexual entre mim e eles.

Os vínculos e interações firmadas com os rapazes e meninas, problematizam as relações de gênero e poder no trabalho de campo articuladas com outros marcadores de diferença. Parto da noção de poder de Foucault (1996:183), ao analisá-lo “como algo que circula, que não está localizado aqui nem ali e que os indivíduos estão sempre em posição de exercer o poder e de sofrer a sua ação” e das complexas interações entre contexto, situação e sentido propostas por Atkinson (1982) e discutidas por Bonetti (2006) sobre relações de poder nas pesquisas. Bonetti, ainda que trouxesse na sua bagagem experiências de pesquisa em periferias de grandes cidades do Brasil, foi constantemente desafiada na etnografia realizada numa periferia da Grande Recife. Naquele contexto, ela simbolizava para algumas pessoas (sobretudo as dos movimentos sociais) uma *burguesia branca e intelectual* (Bonetti, 2006:22).

A roça e as visitas

Na minha primeira estadia na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna vários rapazes, ao saberem que *havia uma loira portuguesa simpática hospedada na casa de Sr Calixto*, faziam visitas à casa da família. A maioria deles já havia vivido em Portugal e regressado há pouco tempo e compartilhavam comigo suas experiências de mobilidade⁴³. Porém, se em um primeiro momento o “campo” vinha até mim, o fato da

⁴³ Foram realizadas entrevistas com 7 homens e 1 mulher: vizinhos (a), amigos(a) e conhecidos (a) dos jovens de Mantena que se deslocaram para o Cacém.

maioria das visitas serem de rapazes não era ausente de significação. Ser *branquinha* (minha cor era evocada sistematicamente), mulher, ter 29 anos, ser solteira e não ter filhos, estava intimamente relacionado com as relações de poder e de gênero no campo.

Interações entre contexto, situação e sentido (Atinkson, 1982 apud Bonetti, 2006:20) só foram percebidas por mim, após uma segunda *visita*, quando D. Rosa me perguntou: *E aí, gostou desse?* Foi por meio das visitas que D. Rosa me informava sobre as trajetórias dos rapazes e sobre o que era um *bom partido* de acordo com os mapas sociais locais. Por outro lado, era através das *visitas* que D. Rosa e Sr. Calixto me questionavam pelo fato de não ter filhos e ser solteira. *Uma moça boa e simpática* como eu não poderia estar *sozinha*. Ademais, estava *já* com 29 anos.

No entanto, estas *visitas* recorrentes originaram consequências no trabalho de campo, perceptíveis por meio da desconfiança das mulheres e geralmente a recusa em conversar comigo; dificuldade que só foi ultrapassada ao longo da segunda visita, quando as meninas perceberam que não havia me “interessado” por nenhum rapaz local. O constante assédio dos rapazes se tornou mais desconfortável em Cachoeirinha de Itaúna. Diariamente, percorria aproximadamente três quilômetros de estrada de terra para ter acesso ao “centro” de Cachoeirinha de Itaúna, onde se localizavam as mercearias, bares, igrejas e a escola pública local. Em um dos dias que regressava deste percurso, *sozinha*, fui abordada por um rapaz, amigo de Beto que estava em uma moto, principal meio de transporte e mobilidade da zona rural. Beto já havia me dito que seu amigo Odair queria “conversar” comigo. Odair era bastante temido na região, pelo fato de ter matado a tiros um rapaz, consequência de uma discussão no bar de Seu Jovinho, como também pelo fato de *andar sempre armado*. Ao cruzar com Odair na estrada percebi que ele estava bastante alcoolizado. Ele desceu da moto e perguntou-me porque eu não queria *conversar* com ele. Respondi que estava conversando com ele, mas que precisava regressar para a casa da família Camargo. Odair segurou o meu braço e em um tom ameaçador repetiu que queria *conversar* comigo. No impulso, repeti que não poderia conversar com ele e ao tentar me desvençilhar, ele caiu da moto. Naquele momento, corri quase sem olhar para trás, até perceber que não estava sendo seguida. Ao chegar na casa de D. Rosa, bastante nervosa e com medo ela afirmou: *a partir de agora, você não sai mais sozinha. A Sheila pediu para gente tomar conta de você. Se precisar sair, meu sobrinho Miltinho leva você*. Por fim, D. Rosa chama Beto e diz: *fala para aquele virar homem e deixar a moça em paz*.

Por meio deste episódio, percebi que corria riscos ao percorrer as estradas de terra sozinha. D. Rosa sugeriu que Miltinho, seu sobrinho, um rapaz de 18 anos que trabalhava no corte de eucaliptos mas que, naquela altura, estava sem trabalho, me acompanhasse nos deslocamentos para o centro e outros sítios e fazendas da região. Dessa forma, sua companhia ao longo daquela estadia e durante as outras, tornou menos arriscada a minha permanência, como também facilitou a minha mobilidade na zona rural, na medida em que Miltinho tinha uma moto.

Se em Cachoeirinha de Itaúna, as *visitas*, inicialmente, possuíam sentidos de engate e paquera, que de certa forma facilitou o meu acesso aos rapazes, por outro lado essa situação dificultou a minha interlocução com as meninas. No Cacém, somente depois de 8 meses de etnografia consegui ter uma aproximação com os rapazes. Num e noutro contexto, sexualidade e gênero foram, ainda que diferentes formas, fundamentais no estabelecimento de relação, distância, proximidade e conflitos.

1.7 Ser “portuguesa” no Brasil: um “estrangeiro” em “casa”?

A realização do trabalho de campo no Brasil foi negociada ao longo da etnografia no Cacém e, especialmente, através de *chats* no Messenger e de *scraps* no *Orkut*. Ao perguntar a Sheila se sua mãe, D. Rosa, tinha conhecimento sobre minha ida e permanência na casa da família, a jovem respondeu: “... *um vai ficar lá só no meio dos bichos... já falei com ela (a mãe) ... a casa é mesmo humilde, não repara não*”.

A poucas horas da minha chegada à casa da família Camargo, o telefone tocou e era Sheila de Portugal.⁴⁴ D. Rosa comenta que Sheila já havia ligado para saber se eu tinha chegado. Ela pede para conversar comigo no telefone e diz *não é que você foi mesmo* e eu respondi *eu te falei que viria*. Conversamos um pouco, ela me contou que ter *tomado todas* no jogo do Brasil, e que a Sofia (amiga que dividia a casa na altura) havia arranjado um trabalho em Ericeira e tinha se mudado para casa do seu irmão e que, então, Juliana havia chegado do Brasil e estava agora morando com ela. O entrelaçamento permanente de relações e comunicação na etnografia pode ser observado na fala de Sheila, que para além de obter informações sobre a minha chegada em seu

⁴⁴ Na zona rural, em Cachoeirinha de Itaúna, a única rede de telefonia móvel é a Vivo, funcionando somente com uma antena. Sendo assim, durante minhas permanências estive sem comunicação - telefonia móvel e *internet*.

lugar de origem, atualiza as informações e os principais acontecimentos no Cacém durante a minha ausência.

Através dos *scraps* outros jovens, como Camila, comentavam a minha estadia na casa de suas famílias “oi... vou ligar amanhã quinta-feira (na casa da família de sua onde eu estava residindo). *Que bom que voce esta gostando minha velha é nota 10 num é. bjus amiga tou mto feliz de saber*⁴⁵”. Num outro momento, Sheila e Camila estavam em uma *lan house* no Cacém (a *Internet* havia sido cortada na residência) e me chamaram em uma ligação de vídeo. Sheila relatou que um amigo seu de Mantena chamou-a no *MSN* para perguntar “*quem era a loira bonita que estava na casa dela*”. Sheila respondeu que eu não era “*mulher desse tipo que dá confiança para qualquer um*” e relata que todos na zona rural “*gostaram muito*” de mim.

Como já referenciei no Capítulo 1, até ao início da etnografia, eu não havia estado em nenhuma circunstância na cidade de Mantena. *A priori*, as informações e imaginários acerca da cidade foram possibilitadas através de dados estatísticos sobre esta cidade de “pequeno porte” e das narrativas dos jovens que desde os primeiros encontros afirmavam *que não queriam morar na roça, onde não tinha nada para fazer*.

Entre os anos de 2010 e 2013 permaneci em Mantena por três períodos: entre Maio e Outubro de 2010, Julho e Agosto de 2011 e em Agosto de 2012, fragmentando o tempo de estadia entre o Morro do Margoso e a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna.

A comunicação com pessoas que tiveram a experiência de mobilidade entre fronteiras internacionais⁴⁶ e já regressaram para Mantena foi igualmente potencializada pelas minhas permanências no Margoso e na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna.

1.8 O regresso ao Cacém e a “amiga escritora”

É importante ressaltar que as maiorias dos sujeitos mantinham-se em Portugal, de forma ininterrupta, entre 3 a 7 anos. A grande maioria não havia regressado ao Brasil desde o momento do deslocamento entre fronteiras internacionais. Ao chegar em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna compreendi que minha presença delongada na casa de suas famílias, implicava no compartilhamento de seus cotidianos e a ocupação dos

⁴⁵ Os *scraps* não sofreram correções, sendo inseridos da maneira literal em que os sujeitos escrevem.

⁴⁶ Foram realizadas entrevistas com 7 homens e 1 mulher: vizinhos (a), amigos(a) e conhecidos (a) dos jovens de Mantena que se deslocaram para o Cacém.

quartos dos filhos ausentes simbolizava, por vezes, um quase retorno, tanto para família na origem, como para os sujeitos no Cacém. Do Cacém, levava notícias, fotos e presentes. Em Mantena, ocupava o lugar vazio deixado nas casas e era a “prova” do sucesso e do *esforço* de seus filhos/as. A minha ausência no Cacém significava a minha e sua presença nos seus lugares de origem.

Durante as minhas estadias nas casas das famílias Camargo e Santos, Sheila e Camila ligavam com frequência. Repetiam que todos *gostavam de mim* e Camila dizia: *é bom que você faz companhia para mãe...ela fica tão sozinha*. As despedidas eram sempre difíceis. Agradeciam-me e diziam que a casa era *humilde*, que eram *pobres*, mas que eu era muito *bemvinda*. Sr. Calixto ao se despedir de mim na última estadia afirmou: *você é nossa filha branca!*

Quando regressava à Portugal trazia comigo presentes, fotos, comida e notícias de familiares e amigos. No primeiro retorno em Portugal, logo reencontrei Sheila e Camila que ansiavam para saber notícias e ver as fotos dos lugares de origem, familiares e amigos e conjuntamente receber os presentes enviados pelas famílias.

“Conversamos em seu quarto, mostrei algumas fotos de Cachoeirinha, de seu sobrinho que acabara de nascer... Entreguei os presentes enviados pela sua mãe (calcinhas e soutiens) e logo fomos para a cozinha onde Dora preparava o almoço. Elias, o novo namorado de Dora me perguta? Vc então que é a escritora? E eu pergunto: como vc sabe? E Dora responde: ela (Sheila) não para de falar na amiga escritora... (Caderno de Campo, 24 de outubro de 2010).

Sheila ficou bastante emocionada e repetia inúmeras vezes *"ai que vontade de ir para o Brasil"*. Ria de algumas fotos, reconhecia as coisas da casa (a colcha da cama, o pano da cozinha), e ao mesmo tempo dizia *"nossa está tudo mudado"*. Achou seu avô bastante envelhecido, e sua tia D. Joana, mãe de Jonas, muito mal *"nossa, nem a reconheci"*. Ficou surpresa ao ver os filhos de suas amigas e lembrou alguns casos de saídas em Mantena, contando-me que as meninas do Morro queriam bater nela porque ela *"andava com as patricinhas"*, e de quando suas amigas iam para Cachoeirinha.

Quando apareceram as fotos de Alan e D. Helena- vizinhos da família de Sheila que possuem os dois filhos em Portugal - ela imediatamente pegou o telefone e ligou para a mãe de Alan, Sandrely. Contou a ela que estava vendo as fotos de seu filho e da D. Helena que eu havia levado. Perguntou se ela queria ver... Ela (Sandrely) disse que

estava no trabalho e que depois veria. No dia seguinte me enviou um *scrap* no *Orkut* pedindo que eu lhe enviasse as imagens.

Quando retornei ao Cacém, havia me convertido na *amiga escritora*. A minha permanência em Mantena junto às famílias de origem proporcionou-me uma maior intimidade com as meninas e uma aproximação dos rapazes, tarefa laboriosa até então. Logo, chegou Camila do trabalho ansiosa também para ver as fotos. À medida que mostrava as imagens da sua casa, de seu quarto e do Morro ela comentava: “*está tudo na mesma: o banco, as coisas...*” Reconhece o sofá novo da sala e exclama “queria ir bem para o Brasil, com dinheiro, para derrubar a casa e construir outra: *ninguém mais mora desse jeito, nessas condições*”. O telefone de Camila toca e é Rodrigo, seu namorado. Camila diz: “*a Paula está aqui... vi as fotos lá de casa... todo mundo que eu conheço já casou, tem filho, até quem eu não esperava...*”.

Prossegui a etnografia no Cacém de Outubro de 2010 a Junho de 2011. Os contatos ficaram muito mais frequentes e foram substituídos pelo telefone (antes era o *Orkut*, o espaço de comunicação privilegiado). Numa sexta-feira Sheila me ligou para me convidar para passar o fim-de-semana em sua casa e fala “*agora que você é minha amiga eu vou te ligar mesmo, vc não liga não!*” Já havia percebido desde o meu retorno do Brasil uma maior aproximação dos jovens, mas me questionava em qual foi o momento em que me tornei “amiga”. Será que depois de ter ido às casas de suas famílias? De ajudá-las (os) com os processos de legalização? Por compartilhar segredos e mantê-los em Mantena? Ou ainda por sair à noite - discotecas, bailes *funks* - e compartilhar o quarto com elas/eles? Acredito que pela soma de todas estas variáveis.

De fato, durante os anos da etnografia, após a primeira estadia em Mantena, mantive contacto, sobretudo pelo telefone, com os familiares das pessoas, especialmente as mães. Nas visitas no Cacém, Camila e Sheila sempre sugeriam: *vamos ligar par mãe, é bom que você fala com ela também...ela sempre pergunta de você e morre de saudades!*

Epílogo

Através da descrição dos principais trajetos e trajetórias metodológicas da pesquisa, procurei demonstrar que a etnografia foi marcada por diversas ambiguidades no que se refere às noções de familiar/estranho; aproximação/separação, nativo/estrangeiro e ausência/presença. Em várias ocasiões, contextos e cenários de

pesquisa que poderiam representar um lugar familiar, “em casa”, por estarem localizados no Brasil, (meu “país de origem”), representaram um lugar de estranhamento, “fora de casa”, como, por exemplo, o Morro do Margoso e a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna e o próprio Cacém.

Dessa forma, ao invés de utilizar conceitos como sociedade de origem e destino, opto por empregar a mobilidade como um conceito alargado, concordando com Cachado (2009) ao argumentar sobre a necessidade de uma abordagem que leve em consideração os trajetos e as trajetórias nos países de origem e de destino e as respectivas implicações em termos de mobilidade social dos sujeitos nas análises sobre seus deslocamentos entre fronteiras internacionais. As pessoas habitam e se movem em contextos urbanos com ofertas específicas. Mais do que países de origem e de acolhimento, são as cidades, e, sobretudo, a parte da cidade vivenciada pelos sujeitos que interferem nos seus percursos de vida (Cachado, 2009:12).

Por outro lado, como advertiu Peirano (1997), compreendi que “pesquisador e sujeitos pesquisados vivenciam, no tempo de duração do trabalho de campo, uma espécie de jogos de interações e de negociação de interesses, onde informações são trocadas, assim como afetividades, angústias, tensões, frustrações” (Peirano, 1997: 14) demonstradas nos diversos (des) encontros. Estas interações e negociações são circunscritas em uma distribuição desigual de poder entre pesquisador/pesquisados em função de distintas combinações entre idade, gênero, raça, classe, nacionalidade, entre outros marcadores de diferença.

Considero que a decisão teórica e metodológica de fazer a pesquisa a partir dos fluxos das pessoas entre os anos de 2010 a 2013, que incluiu os espaços de vivência e as relações cotidianas entre Mantena e o Cacém, foi o alicerce desta etnografia. Somente quando permaneci nos contextos de origem pude compreender as transformações nas trajetórias dos sujeitos e analisar as mobilidades - que para além de física, é conjuntamente biográfica e social – envolvidas nos processos de deslocamentos entre fronteiras internacionais.

No próximo capítulo caracterizarei os cenários e espaços da realização da etnografia, prestando especial atenção nas escalas e na relacionalidade entre os lugares, nos diversos fluxos e redes migratórias na cidade de Mantena, como também apresentarei as famílias Camargo e Santos, núcleos domésticos fundamentais para que a etnografia fosse ampliada, bem como os meus locais de estadia durante as permanências em Cachoeirinha de Itaúna e Mantena.

CAPÍTULO 2- CENÁRIOS E ESPAÇOS TRANSNACIONAIS

2.1 A cidade de Mantena, Minas Gerais

A transposição de Estados-nação como realidade empírica na cidade de Mantena, pôde ser verificada a partir da existência de diversos fluxos direcionados para os EUA e Portugal. Dessa forma, na cidade, os deslocamentos entre fronteiras internacionais se configuram como um dos “mundos possíveis” (Appadurai, 2004), que tornam-se acessíveis a partir da criação de um imaginário em relação à mobilidade das pessoas, bem como a coexistência de agências de viagens que viabilizam a realização desses mesmos deslocamentos.

Mantena está localizada no leste de Minas Gerais, numa zona fronteira entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, a Mantena são aproximadamente 460 km de distância e de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, são 250 km. No Brasil, Mantena é considerada uma cidade de pequeno porte, com aproximadamente 27.000 habitantes, sendo que 6.000 vivem em áreas consideradas *rurais*⁴⁷. De acordo com dados do IBGE (2010), as principais atividades econômicas são a cafeicultura e a pecuária. O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano - do município é considerado como médio-alto (0,675), ainda que a renda *per capita* seja baixa (238,70) e se verifique também uma grande desigualdade de distribuição da renda⁴⁸. A cidade tem quatro indústrias. Camila trabalhou durante três anos na *Rabit*, uma indústria têxtil, a maior da região. O seu trabalho era considerado como um *emprego bom*, uma vez que a maioria dos familiares e amigos dos migrantes trabalhava no plantio e na colheita do café, na construção civil ou em trabalhos domésticos, no caso das mulheres.

D. Rosa, mãe de Sheila, conta que *trabalhou fora* algum tempo, em duas *casas de família*, como doméstica: *ganhava R\$ 80,00 por mês para trabalhar três vezes por semana numa casa, e na outra apenas R\$ 10,00*. Diz ter se sentido *explorada* e por isso

⁴⁷ Censo IBGE, 2010.

⁴⁸ O coeficiente de gini do município - parâmetro internacional usado para medir a desigualdade de distribuição de renda que varia entre 0 e 1, sendo que, quanto mais próximo do zero, menor é a desigualdade de renda, ou seja, melhor a distribuição de renda - é de 0,680. Este índice foi retirado dos resultados do Censo de 2010

[<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=313960&idtema=16&search=minas-gerais|mantena|sintese-das-informacoes>, último acesso em acesso em 12 de fevereiro de 2014].

*resolveu sair*⁴⁹. Ela estudou até o 4º ano do ensino fundamental e ainda trabalha na *roça* com o Sr Calixto (marido) no plantio e colheita de café, principal fonte de renda da família. Alguns jovens e familiares, que viviam em espaços nomeados urbanos, consideram o momento de colheita do café como “a época que povo tem mais serviço” (Camila). O baixo nível salarial e a escassez de trabalho em Mantena e na zona rural, relatados tanto pelos jovens migrantes, como pelos seus familiares e amigos, são considerados como o principal fator que causa a emigração dos sujeitos, para *melhorar de vida*.

É importante ressaltar igualmente que a cidade faz parte da mesorregião do Vale do Rio Doce, na qual a cidade de Governador Valadares está enquadrada e que, desde a década de 1960, é associada a um fluxo intenso direcionado para os Estados Unidos.



Mapa 1 – Localização Mantena

Governador Valadares, designada por Machado como a “capital nacional da migração” (2009:171), tem sido o foco das atenções de inúmeras pesquisas sociológicas e antropológicas (Assis, 1999, 2007, 2008, Siqueira, 2009; Machado, 2009). Exemplo disto é a extensa bibliografia que tem a cidade como objeto principal de análise (Assis, 1995, 1999; Fusco, 1998; Siqueira, 1997; 2009; Soares, 2002) ou ainda pesquisas que fazem referência a Governador Valadares para tornar inteligíveis conceitos como “cultura migratória” ou “redes migratórias” (Sales, 1999; Debiaggi, 2004; Oliveira, 2006).

⁴⁹ É importante ressaltar que o valor do salário mínimo nacional em 2010 era de R\$ 510,00.

O papel da mídia e dos imaginários construídos sobre os “emigrantes” no Brasil e no exterior, fundamentalmente nos EUA e Portugal, envolvem a cidade de Governador Valadares. Neste sentido, o meu imaginário de pesquisadora tornava a cidade um cenário singular de fluxos e deslocamentos. A minha primeira passagem pela cidade foi consequência do percurso realizado na primeira visita que fiz a Mantena. Clifford, no texto “Culturas viajantes” (2000), aponta para o fato de que as localizações dos objetos de estudo, em termos da definição de um “campo”, tendem a marginalizar o processo da viagem, o “chegar lá” que inclui, por exemplo, o meio de transporte. Ao recorrer ao conceito de pré-terreno de Condominas, “aqueles lugares por onde se tem de passar e com os quais se mantêm relação para chegar ao lugar de trabalho que será chamado de campo”, o autor sublinha a importância das fronteiras e realidades históricas que “escapam para fora do quadro etnográfico” (2000:56).

No caminho... Valadares. Ônibus... Cheio... A viagem para Mantena dura aproximadamente 10 (dez horas)... São 469 km entre Belo Horizonte e Mantena e 127 km de Governador Valadares. Não demora muito e o tema migração surge na conversa de dois passageiros... Num destes casos, uma mulher conversa com um senhor. Ela relata que tem família nos EUA e que todos moram na Flórida. Não consigo escutar toda a conversa, pois ela se cruza com outras... Mas a mulher fala da “América” com muita familiaridade, e acabo por perceber que ela também morou ou mora lá. Começo a tirar algumas fotos da paisagem... e escuto ela comentar sobre a minha máquina fotográfica digital... Neste momento outro senhor afirma “na América, essas coisas são muito baratas” e ela pondera: “mais ou menos, é muita ilusão”. Chegamos a Valadares. Mesmo da janela do ônibus, observei inúmeras lojas que possuem nomes em inglês ou fazem referência à moeda americana. (Caderno de Campo, maio de 2010).

As migrações como parte da realidade social da cidade anunciam-se da mesma forma na longa viagem de ônibus entre Belo Horizonte e Mantena. Foi numa conversa com D. Altamira, uma velha senhora que sentava ao meu lado questionando o que eu iria fazer em Mantena (eu respondi que iria à casa da família de uma conhecida que vivia em Portugal), que surgiu a primeira narrativa sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais em Mantena. A senhora me perguntava o nome da família a qual eu iria visitar, já que na cidade as pessoas se conhecem pelo apelido⁵⁰. Respondi que não era propriamente em Mantena, mas sim em Cachoeirinha de Itaúna, na zona

⁵⁰ Sobrenome.

rural. D. Altamira comentou: “*ah então eu não conheço*”. Logo em seguida, contou-me que uma de suas filhas vivera em Portugal durante dois anos. Segundo ela, a filha, que é professora no Brasil, trabalhava com limpezas e *ganhava bem... além de gostar muito de viver em Portugal*. No entanto, D. Altamira adoeceu e sua filha decidiu regressar. A senhora afirma que há muitas pessoas de Mantena nos EUA e em Portugal: “*mais até nos EUA*”, completa. “*Toda casa moderna que você vê construindo, pode saber que é alguém que está fora*”.

De fato, D. Altamira tinha razão. Ao reconstruir os trajetos dos jovens em Mantena, me deparei com dois cenários marcados por redes migratórias bastante consolidadas: o Bairro dos Operários (Morro⁵¹ do Margoso), situado no centro da cidade, e a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna, localizada a 12 km de Mantena, locais estes onde a etnografia foi realizada. A visível alteração no espaço com a verticalização das moradias, as chamadas *casas modernas*, o número crescente de agências de viagem na cidade e o fato de que a grande maioria das pessoas possuem um familiar, amigo ou conhecido que reside ou já residiram em Portugal ou nos EUA foram verificadas.

Cachoeirinha de Itaúna e o Morro do Margoso

Todavia, o objeto da etnografia não foi a cidade de Mantena. A proposta de acompanhar os trajetos transnacionais de sujeitos oriundos desta mesma cidade, levaram-me a dois contextos etnográficos específicos: a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna e o Morro do Margoso, espaços prioritários de realização da presente etnografia. Tal escolha justifica-se, por um lado, pelo fato da etnografia no Brasil ter tido como pontos de referência dois núcleos domésticos: as famílias de Sheila e Camila, as quais havia contactado anteriormente na periferia de Lisboa.

Estes cenários são, conjuntamente, os locais de residência anteriores ao deslocamento entre fronteiras internacionais de Camila e Sheila e os espaços de vivência cotidiana nos contextos de origem da maioria dos sujeitos que fizeram parte da etnografia. Assim, a partir da descrição e da história das famílias Camargo e Santos, mostrarei as desigualdades que marcam as trajetória dos sujeitos que se deslocaram, como também das suas famílias, amigos e vizinhos, prestando especial atenção nas relações entre mobilidade (física, residencial e social), projeto e reprodução social.

⁵¹ “Morro” é uma categoria êmica utilizada pelos moradores para fazer referência ao Bairro dos Operários.

Por meio da interação cotidiana com pessoas consideradas “importantes” nas trajetórias biográficas dos sujeitos em deslocamento, que foram definidas *a priori* pelos mesmos em Portugal, na primeira fase da etnografia, e inclui os membros da família consanguínea, amigos e as redes de vizinhança, foi possível contextualizar as trajetórias sociais dos sujeitos migrantes e, ao mesmo tempo, confrontá-las com as trajetórias biográficas e sociais dos jovens que permaneceram nos locais de origem, os quais não tiveram a experiência do deslocamento entre fronteiras internacionais. Esta contextualização social possibilitou superar o relato dos fatos das experiências vividas, através da criação de uma familiaridade “não só com o que o interlocutor pensa, mas com o contexto intersubjetivo em que o sujeito pensa” (Lima, Pina-Cabral, 2005.) Esse recurso permitiu ainda explorar os aspectos mais variados das relações próximas dos agentes sociais no seu percurso de vida, através da realização de várias entrevistas onde foram abordadas “as suas relações familiares, a história da sua família e das relações e trajetórias dos que a compõem, falando inevitavelmente de contextos de sociabilidade, constrangimentos socioeconômicos, percursos escolares, etc” (ibid. 364-365).

Centralizarei a descrição das trajetórias e a história dessas duas famílias, a *Família Camargo*, originária da zona rural, e a *Família Santos*, procedente do Morro do Margoso, na medida em que suas casas se converteram como os locais de estadia durante as permanências em Mantena, bem como pelo fato da rede migratória e de interconhecimento entre Mantena e o Cacém perpassarem por esses dois núcleos domésticos.

A “roça” e a Família Camargo

Cachoeirinha de Itaúna possui 611 habitantes, é distrito do município de Barra de São Francisco (43.000 habitantes), uma cidade do estado do Espírito Santo. A distância entre Mantena e Barra de São Francisco é de 11 km. De Cachoeirinha de Itaúna a Mantena são aproximadamente 18 km de estrada de terra. O vilarejo possui uma escassa infraestrutura. Há uma escola pública (municipal), quatro igrejas (três delas são evangélicas) e duas mercearias. Existem dois bares, do Sr. Jovinho e o de Reinaldo, que se configuram como os únicos espaços de sociabilidade, locais onde os jovens (fundamentalmente, os rapazes) bebem e jogam sinuca. Durante as minhas permanências na zona rural percebi que eu era uma das poucas mulheres que

frequentavam os espaços de sociabilidade pública: nos bares (bebia e jogava sinuca) ou para assistir aos domingos os jogos de futebol no campo. Estes espaços sociais são marcadamente masculinos.

A configuração espacial e política de fronteira entre os estados de Minas Gerais e o Espírito Santo para além de interferir nas circulações dos sujeitos da etnografia e nas suas práticas sociais - ida a cultos, supermercados, bares, discotecas -, imiscui-se no processo de identificação dos sujeitos - quem é mineiro ou capixaba. No campo, encontrei diferentes formas de identificação dos sujeitos, que se consideram *mineiros* ou *capixabas*. Em um primeiro nível, o lugar jurídico de nascimento parece influenciar na identificação: como Sheila, a maioria dos moradores de Cachoeirinha de Itaúna foram registrados em Mantena, hospital mais próximo da zona rural. No entanto, deparei-me com sujeitos que nasceram em Mantena, mas se consideram *capixabas*. O trajetos cotidianos como o lugar escolhido para a realização de compras, a existência de escolas e vagas disponíveis, a resolução de problemas de saúde, bancos, o recebimento de aposentadoria ou bolsa família, e/ou lugares de lazer, como também, as condições de acesso (transportes) a Mantena e Barra de São Francisco também são outros condicionantes relevantes.

Mas a fronteira faz parte também do história oficial do município de Mantena, através da “Zona do Contestado”: um conflito político entre os governantes dos dois Estados e de demarcação de terras que terminou com a intervenção do Supremo Tribunal Federal, em 1963, por meio da demarcação dos limites territoriais e administrativos entre os Estados. Em Mantena, é contada uma anedota de que nas missas realizadas no período do Contestado, os padres declamavam “*Em nome do Pai, do filho e de Minas Gerais*”. Para saber mais sobre o Contestado, ver Pontes (2007) e Silveira (2007).



Mapa 2- Localização Cachoeirinha de Itaúna

Da mesma forma, a maneira como os sujeitos classificam os lugares se configurou como uma problemática fundamental na etnografia. Não porque a definição de categorias genéricas como “rural” e “urbano” sejam pertinentes para qualificar espaços e universos sociais nas sociedades contemporâneas, mas porque revelam conteúdos e significados atribuídos pelos sujeitos em deslocamento e pelos seus familiares às localidades (ao rural e também ao urbano) e às possibilidades dos mesmos concretizarem seus projetos individuais e familiares em determinados espaços.

Grande parte dos sujeitos que participaram na etnografia eram oriundos de “pequenas cidades brasileiras” como Mantena e Barra de São Francisco. O restante, de zonas consideradas administrativamente rurais⁵³, cujo termo nativo utilizado é *morar na roça*. Ao longo da etnografia, roça se tornou uma categoria recorrente e polissêmica

⁵² Mapa retirado de Carvalho (2013). Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/8446/6564>, acessado em 02 de fevereiro de 2014.

⁵³ Para Eli Veiga (2003, *op.cit* Rodrigues, 2013:53), a forma ou o critério administrativo de categorizar o urbano e rural no Brasil têm criado uma ficção estatística sobre um Brasil urbanizado que esconde a característica essencialmente rural dos pequenos municípios brasileiros. O “pequeno” é uma problematização sobre o tamanho do rural brasileiro e têm sido classificado por alguns autores como Vilmar Faria (1991) e Wanderley (2002), como municípios com menos de 20.000 habitantes. No entanto, Rodrigues aponta para deficiência empírica de se definir a ruralidade somente a partir do número de habitantes. Indicadores como a *localização relativamente aos centros urbanos e regiões metropolitanas* e o *conjunto de atividades econômicas presentes nos espaços* são importantes para distinguir o rural do urbano (Rodrigues, 2013:54).

para fazer referência aos locais de origem. Em algumas situações transmitia a noção de um lugar *onde não tem nada para fazer*, como afirmava Sheila e outras meninas. Antes de ir a Cachoeirinha de Itaúna, imaginava que o significado da *roça*, para Sheila, prendia-se ao fato de viver em um pequeno município (Mantena), que tinha, entretanto, “uma trama social marcada pelo rural” (Rodrigues, 2013:53). Contudo, foi somente quando estive em Cachoeirinha de Itaúna pela primeira vez, em junho de 2010, que percebi que as localidades são categorias espaciais significadas em termos relacionais, ou seja, *a roça*, como me informou uma moradora da única rua de Cachoeirinha de Itaúna (oficialmente zona rural) sobre a localização da casa da família Santos: *é bem roça mesmo, lá no meio do mato*.

Carneiro (2007), ao tentar ultrapassar em suas análises a dicotomia rural-urbano, propõe exatamente que os espaços sejam apreendidos numa perspectiva relacional, visto que os lugares são conceituados como mais rurais ou urbanos dependendo da posição e da localização de quem os avalia. Dentro desta perspectiva relacional, para alguém como eu, com experiência metropolitana, a *roça* evocada por Sheila, poderia ser um pequeno município do Estado de Minas Gerais. Assim sendo, dentre os espaços de análise da etnografia considerarei Mantena como um pequeno município, seguindo a definição de Wanderley (2007: 22):

“...admitimos que as pequenas cidades fazem parte do mundo rural: elas são, também frequentemente, um espaço marcado pela particular vinculação com a natureza e pelas relações de interconhecimento, exercem as funções de organização, gestão e representação do conjunto de sua área de influência, e, ainda constituem um dos elos de integração do mundo rural com o sistema mais geral das cidades. A esse respeito, é importante não minimizar o significado destas pequenas cidades, enquanto expressão de um *ethos urbano*, que precisamente organiza, administra e integra a sociedade local, rural e urbana (Harris, 1956). Mas por outro lado, parece evidente que estas cidades pela sua própria dimensão, impõe limites a uma verdadeira experiência da vida urbana (Wanderley, 2002)”

Como escrevi no diário de campo, em 23 de junho de 2010, na minha primeira impressão de Mantena “a cidade é bem diferente do que eu imaginava. Menor, mais rural, pelo menos à primeira vista”. Apesar disso, ainda que a cidade seja classificada por um habitante de uma cidade de escala maior como interior ou rural, para os moradores de Cachoeirinha de Itaúna, Mantena é considerada uma cidade, urbana. É na cidade de Mantena que os sujeitos têm acesso a equipamentos urbanos como bancos,

supermercados, farmácias, hospitais, agências de viagens, etc, ainda que, inexistentem transportes públicos e sejam escassos os lugares de lazer e sociabilidade.

Mas o termo *roça* expressa também o lugar do trabalho na terra. É o lugar onde a maioria dos sujeitos que conheci no Cacém iniciaram a vida laboral (a partir dos sete, oito anos de idade) e o principal local de trabalho de seus pais e familiares, sobretudo, no plantio de café e no corte de eucaliptos. Por fim, *roça* pode ser um adjetivo para qualificar pessoas dos locais de origem. *Gente da roça* é mais uma expressão utilizada que, neste caso, inclui sujeitos que vivem em Cachoeirinha de Itaúna ou o Morro do Margoso. São pessoas que *não andam para frente e ficam vivendo a vida dos outros, querendo o que os outros tem*, explicam Jonas e Camila.

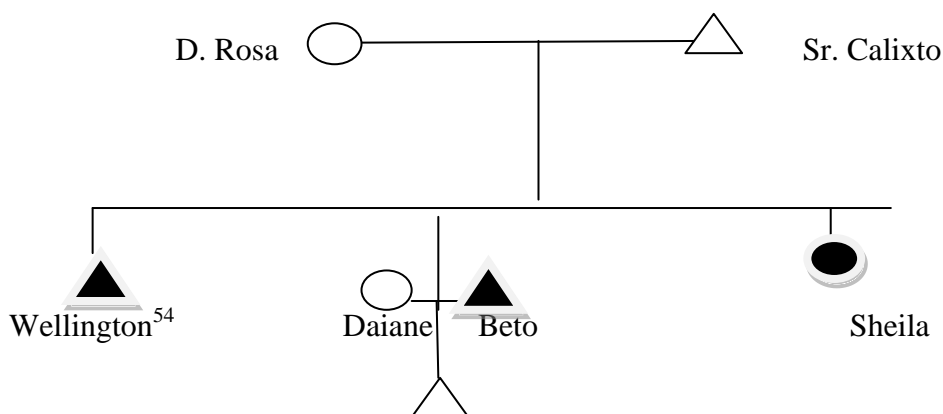


Foto 2 - Cachoeirinha de Itaúna

A família Camargo

A família Camargo é originalmente rural e se insere no modelo “tradicional” de família nuclear. D. Rosa (48 anos) e Sr. Calixto (51 anos) são casados pela Igreja Católica e possuem 3 (três) filhos: Welington (28 anos), Beto (25 anos) e Sheila (23 anos). Todos os seus filhos tiveram experiências migratórias internacionais entre os 18 e 20 anos, a começar por Welington que imigrou no ano de 2000 e ainda permanece em Portugal. Beto viveu em Portugal durante dois anos e regressou para a zona rural. Atualmente, mora nas terras da família, num cômodo de quarto, cozinha e um banheiro externo desde que se casou com Daiana (16 anos), há pouco mais de um ano. Do

casamento entre Daiana e Beto nasceu Wallyson que atualmente tem 1 ano. Sheila imigrou com 18 anos, em 2007, e vive em Portugal, no Cacém.



Os pais vivem de agricultura familiar num pequeno pedaço de terra e trabalham nas lavouras de café, como a maioria das pessoas da região, para completar a renda familiar que soma escassamente um salário mínimo. D. Rosa possui apenas o 4º ano e *trabalhou fora* algum tempo em duas casas de família da zona rural como doméstica. De acordo com ela, *desisituu* por ter se sentido *explorada*. Em uma das casas trabalhava três vezes por semana e recebia 80 reais, na outra, apenas 10 reais. Esporadicamente acompanha Sr. Calixto no plantio e colheita de café, principal fonte de renda da família. A casa da família fica a três quilômetros de Cachoeirinha de Itaúna, *no meio do mato*, como afirma Sheila.

⁵⁴ O negrito simboliza a experiência de mobilidade entre fronteiras internacionais.



Foto 3 – Casa Família Camargo

Em seu interior possui três quartos, uma pequena cozinha e um banheiro externo. A estrutura da casa é de forro (não possui lage), o que possibilita a comunicação entre todos os cômodos. Vale salientar que ter uma casa de alvenaria é desejado pela maioria das famílias e as configura como *casas modernas*. Não há chuveiro elétrico e nos períodos de inverno a água para o banho é aquecida no fogão à lenha e colocada em bacias. Na fachada da casa, pintada em rosa, aparecem os dizeres “*Sê tu uma benção... a mão de Deus está aqui*”, escrita em giz branco.



Foto 4 – Fachada Casa Família Camargo

Na sala há uma pequena televisão que permanece ligada quase todo o dia no canal da Igreja Mundial do Poder de Deus, do Pastor Waldomiro. Um sofá e uma cômoda fazem parte dos mobiliário, além de diversas fotos de Sheila e Welington em Portugal. Na parede onde se localizam as fotos, há um quadro com o salmo 91⁵⁵ e outra frase escrita em giz branco “*A mão de Deus está aqui. Deus está aqui tomando conta de meus filhos*”.

No terreiro há criações de galinhas e patos e um cachorro que era de Sheila, o Chorão. A comensalidade foi algo essencial na minha permanência na casa. D. Rosa logo nos primeiros dias da minha estadia disse “*Você come bem... isso é bom. Porque tinha uma amiga da Sheila que era enjoada para comer, parecia ter nojo da minha comida*”. Havia uma preocupação dos pais de Sheila para que em todas as refeições (as principais eram o almoço e jantar) houvesse carne. Para tanto, D. Rosa matara algumas galinhas e comprara carne de boi e de porco dos vizinhos que produziam na região. Expliquei para D. Rosa que para mim não era necessário comer carne todos os dias e ela replicou: *É que o Calixto não come sem carne.*

No período que estive em sua casa, foram poucas as vezes que D. Rosa acompanhou Sr. Calixto nas lavouras. De fato, a minha presença parece ter alterado a rotina da família (principalmente a de D. Rosa). D. Rosa se preocupava em me apresentar a todos os moradores da zona rural, que normalmente também possuíam familiares e conhecidos no exterior, e provocava diálogos que possibilitavam através da minha fala, noticiar e ao mesmo tempo reconhecer o “esforço” de Sheila em Portugal. Em outros momentos algumas pessoas procuravam notícias de conhecidos e/ou familiares que depois de se deslocarem deixavam de enviar notícias, como o filho de D. Zezé que já não se comunicava com a família há mais de seis meses. A senhora relata que seu filho fora para Portugal com a esposa Silmara, mas que lá (em Portugal)

⁵⁵ “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei. Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste pernicioso. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel. Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia. Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti. Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios. Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra. Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente. Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome. Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei. Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação”. Disponível em [www.http://salmo91.net/](http://salmo91.net/), acessado em 10 de setembro de 2012.

acabaram se separando por causa do excesso de bebida dele e que ela (Silmara) havia se casado novamente com um português.

D. Luiza, mãe de Maicon, reclamou muito da falta de notícias do filho, que há seis anos se deslocou para Portugal e pede que eu lhe envie um recado “*Maicon não liga há não sei quanto tempo...o povo diz que ele não liga porque eu vou pedir coisas...eu não quero nada não, fala para ele... Quero notícias ou um telefonema para eu conversar direito*”.

Inicialmente D. Rosa me acompanhava nas idas ao centro da vila de Cachoeirinha de Itaúna, uma caminhada de aproximadamente 3,5 km de estrada de terra. A mediação dos primeiros contatos com os familiares de outros jovens em mobilidade e com os jovens rurais era feita por D. Rosa, que me anunciava como “*a amiga de Sheila de Portugal, que está escrevendo um livro sobre a vida dela*”.

D. Rosa dizia que Sheila havia pedido para que ela “cuidasse bem de mim porque eu tinha ajudado ela muito”. Perguntei de que forma e a mãe da jovem respondeu “*você faz o que está a seu alcance*”. Sheila contara para mãe sobre a minha ajuda na elaboração de seu contrato de trabalho, na interlocução com a sua patroa para a sua regularização e nas vezes em que estava doente e eu levava medicamentos.

De forma recorrente, quando visitava as casas da zona rural, os familiares de pessoas que viviam em Portugal traziam diversas fotos de seus *parentes* - fundamentalmente filhos/as e irmãos/as - em lugares como a Praça do Rossio, a Praia de Carcavelos e o Cacém. Fotos de carros, das moradias e das próprias pessoas eram bastante frequentes. D. Helena, por exemplo, mostra as fotos de um dos seus netos de três anos que ainda não conhecia.

Depois de certo tempo passei também a receber visitas na casa da família Camargo. A minha presença na casa da família despertou a curiosidade das pessoas - sobretudo homens - que ao se anunciarem diziam que queriam saber quem era “a menina bonita e educada que estava na casa de Sr. Calixto Camargo!”.

Passava a maior parte do tempo com D. Rosa. Sr Calixto é bastante observador e fala pouco. Durante o tempo que permaneci em Cachoeirinha de Itaúna, nossas conversas eram circunscritas a temáticas como a terra, o plantio e a colheita do café, mas também aos casos e fofocas narrados por ele sobre a vizinhança. Era através dele que surgiam relatos sobre pessoas que faziam a *coisa errada*⁵⁶, homens e mulheres

⁵⁶ Categoria nativa explicada de forma detalhada no Capítulo 5.

infiéis, sobre a situação financeira dos vizinhos e a avaliação que a vila fazia sobre minha pessoa.

O dia na casa começa e termina cedo. Por volta das 04h30 da manhã D. Rosa se levanta para preparar a marmita de Sr. Calixto e de Beto, agora mais recentemente depois do seu retorno de Portugal. Após o casamento de Beto e Daiana e o nascimento de seu filho, Wallyson, D. Rosa também se responsabiliza pelo cuidado do neto. Beto trabalha sazonalmente no corte de eucaliptos, recebendo 35 reais por dia. A preocupação atual de D. Rosa e Sr Calixto é com a situação de Beto. Sheila já tinha relatado que o irmão bebia em excesso e às vezes ficava *agressivo*. Foram inúmeras as vezes que Daiana e Beto discutiram e D. Rosa interviu. A mãe do jovem escondia também garrafas de vinho e cachaça que encontrava na casa. Sr. Calixto afirma: *ele bebe de aborrecimento, de não querer estar no Brasil, de não ter emprego*. Beto voltou de Portugal para tirar carteira de motorista, mas, entretanto, conheceu Daiana e rapidamente se casaram. D. Rosa completa: *Mas Deus é quem sabe, se for para voltar, mais para frente, porque agora não dá, né, foi arrumar menino*.

A ida à cidade de Mantena não é habitual. É restrita à utilização de alguns serviços - hospitais, lojas e supermercados (as compras são feitas mensalmente) - como também para frequentar cultos religiosos e algumas festas. O acesso à cidade é dispendioso. Não há transportes públicos, pelo que as opções são alugar o táxi de Jovinho, que custa em média 100 reais ida e volta e é utilizado somente nos casos de urgência, ou ir de ônibus fretado, cujo valor ida e volta custa seis reais, e a viagem dura aproximadamente 1 hora e meia (18 km). O ônibus está disponível apenas nas terças, quintas e sábados. O horário de partida é às 7h da manhã e o retorno às 12h30.

O Morro do Margoso

O *Morro*, conhecido também como bairro dos Operários emerge na etnografia para nomear o lugar de residência de Camila e outros sujeitos. O Margoso, derivado de amargo, é classificado como um lugar *perigoso*, cujo tráfico de drogas e os *assaltos* são recorrentes. Um lugar apontado como *violento*, onde o primo de Sheila foi assassinado à porta de casa com *sete tiros*. O bairro é estigmatizado em Mantena pela sua associação ao tráfico de drogas, por ser uma zona de ocupação ilegal e pela violência, sendo constante a presença da polícia. Muitos dos relatos policiais do município fazem referência ao local. “Mulher é roubada na escadaria do Bairro dos Operários em

Mantena” (Portal Mantena, acessado em abril de 2011) e “Tentativa de homicídio no bairro Operário em Mantena” (Portal Mantena, acessado em janeiro de 2011) são algumas das notícias recentes que vinculam o local à criminalidade.



Foto 5 e 6 – Morro do Margoso

As narrativas e boatos sobre o Margoso surgem durante a minha estadia em Cachoeirinha de Itaúna, a *roça*, quando me organizava para ir conhecer a família de Camila, que não havia me contado sobre o fato de viver em um *morro*, como também que um de seus irmãos, Micael, estava preso.

Preparo-me para ir para Mantena amanhã, na casa da segunda família: a de Camila. No entanto, estou bastante apreensiva porque sua família mora num morro chamado “Morro do Margoso”, e várias pessoas, inclusive Sheila e a D. Rosa (além do Bernardo e da Gilcilene) disseram-me que *é perigoso eu ficar lá...que não poderia andar lá, que os traficantes veriam que eu não era de lá e provavelmente eu teria problemas*. D. Rosa conta que Beto foi assaltado lá, quando regressou de Portugal “*Ainda mais quando souberam que ele tinha voltado de Portugal...Tinha que ter alguma coisa*”. Converso com D.Rosa e ela se dispõe a me levar no morro, mas diz que a mãe de Camila é *doente das perna* e que, provavelmente não poderá *andar muito comigo...* me conta também que um dos irmãos de Camila está preso e que talvez tenha acabado de sair da prisão... eu não sabia, a Camila não havia me contado. (Caderno de Campo, 27 de junho de 2010).

Subi o morro pela primeira vez acompanhada de D. Rosa e Shirley, prima de Sheila que conheci na Igreja Mundial do Poder de Deus, no centro de Mantena. D. Rosa

frequentava o culto todas as terças-feiras. Portanto, aproveitei a sua ida à cidade e pedi para que ela me acompanhasse até a casa de D. Chiquinha, pois D. Rosa tinha “parentes” no morro e circulava livremente. Shirley tem 15 anos e cresceu no Morro do Margoso. De acordo com a jovem, o morro havia melhorado muito porque os principais traficantes haviam sido presos. D. Rosa questiona Shirley e faz menção ao fato de seu primo de 17 anos, sobrinho de Sr. Calixto, ter sido assassinado há pouco tempo, com sete tiros em frente de sua casa.

Durante as primeiras semanas não saía desacompanhada. Estava sempre na companhia de Shirley ou D. Chiquinha. A mãe de Camila conhece todas as pessoas do morro. Cumprimenta-as e me apresenta como a *escritora amiga de Camila que vive em Portugal*. Nos primeiros dias sentia medo. Via alguma movimentação de tráfico de drogas, mas não havia ninguém portando visivelmente armas de fogo. Ao longo da minha estadia e, sobretudo, a partir do momento em que recebi a visita de Wanderson, o principal responsável pela *boca*⁵⁷ do morro, na casa da família de Camila senti-me mais segura. Wanderson relatou-me que esteve em Portugal durante *muito tempo*. Perguntei-me se conheço o Amarelinho de Cascais (uma conhecida discoteca brasileira da Grande Lisboa) e diz que queria voltar, mas que tinha *matado um cara* e agora *estava difícil*. D. Chiquinha fica apreensiva. Wanderson diz que sou *muito simpática* e que gosta muito de Camila, *eu vi ela crescer*. Por fim, diz para eu *ficar à vontade* e que se precisasse de *alguma coisa* ele estaria à disposição.

Portanto, a partir de um dado momento passei a caminhar sozinha e a descer e o subir o morro. Senti-me mais segura, ainda que a mãe de Camila recomendasse que eu não *subisse o morro à noite sozinha*. Geralmente quando regressava da *cidade* à noite, esperava Edmilson, irmão de Camila ou algum vizinho/a.

Porém, ao longo das minhas estadias, várias pessoas faziam questão em diferenciar o Morro do Margoso de outros *morros* e *favelas*. Sr. Divino, pai de Camila, quando relatei os boatos sobre o *perigo* do morro exclama: *aqui é morro mas não é como no Rio de Janeiro. Minha irmã mora lá, numa favela...de vez enquanto eu vou lá...é tiro para todo o lado, os traficantes mandam o povo entrar para as casas...não é como aqui não...aqui, de vez em quando eles matam um...*

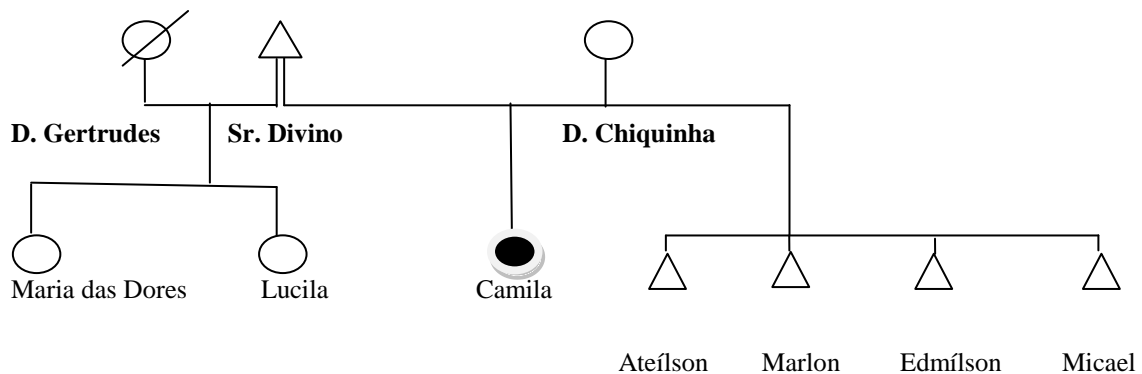
O *morro* também aparece associado às condições precárias de moradia e a escassez de recursos financeiros. Quando regresssei ao Cacém e mostrei as fotos tiradas

⁵⁷ Ponto de venda de drogas.

na casa de sua família, Camila disse: *nossa, ninguém mora mais desse jeito, já falei para mãe sair dali...comprei uma casinha e tudo em outro bairro, mas ela não quer*". Rejane, sua amiga e vizinha, já havia me contado que Camila tinha *vergonha* em dizer que morava no morro, principalmente quando conhecia algum *menino da cidade*.

No *morro*, os jovens passam a maior parte do tempo nas ruas e vielas, permanecendo em pequenos grupos ouvindo *funk*, ou nas casas, onde realizam algumas poucas festas. Não existe transporte público em Mantena. Ainda que o morro se localize na região central, é preciso subir (ou descer) aproximadamente 250 degraus para acessar a cidade.

A Família Santos



A família Santos, moradora do Morro do Margoso há 30 anos, é composta por arranjos familiares e domésticos mais complexos do que a família Camargo. D. Chiquinha (61 anos), mãe de Camila é *juntada* com Sr. Divino (74 anos), que é viúvo e pai de Camila. Camila é a única filha da relação entre Divino e Chiquinha. No entanto, do casamento de Sr. Divino com D. Gertrudes nasceram duas filhas: Maria das Dores (35 anos) e Lucila (31 anos). Ambas moram em Mantena e trabalham como domésticas, são casadas e têm filhos. Quanto perguntei à Camila quantos irmãos tinha, a jovem, inicialmente, fez referência somente aos quatro irmãos, que segundo ela são "*Filhos de mãe que não é filho do meu pai*".

"Tenho pouco contato com elas (Maria das Dores e Lucila), porque elas têm as famílias delas e é aquilo. Às vezes, fim-de-semana... É claro, que eu tô aqui, de vez em quando, eu ligo pra um ou outro mais é pouco, são pessoas que já são vividas, já tem seus filhos, né, então..."

Dona Chiquinha é analfabeta e trabalhou como lavadeira durante 40 anos. Atualmente tem dificuldades em se locomover devido a uma artrose avançada e vive de sua aposentadoria que soma um salário mínimo. Ainda assim, desce e sobe (lentamente)

os 250 degraus do Morro para ir à cidade - nas missas, na feira de sábado e, eventualmente, no supermercado. Sr Divino trabalha como carroceiro e também no plantio e colheita de café. O pai de Camila é evangélico e frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus todos os dias da semana, com exceção da quinta-feira.

Dona Chiquinha possui quatro filhos, segundo ela, *um com cada homem*. Ateílson (42 anos) é o mais velho, fruto de seu primeiro relacionamento. De acordo com Camila:

“Apesar de o Adílson ser mais velho, é um filho distante, ele se formou e sumiu na vida. Saiu de Mantena, foi viver na capital, Vitória, mas minha mãe não tem notícia dele”.

Depois de Adílson, Marlon é o mais velho (31 anos) dos filhos de D. Chiquinha, seguido de Edmílson (27 anos) e Micael (26). Nenhum dos três conheceu os seus pais. Marlon é filho do *casamento legítimo* de Chiquinha. De todos os filhos, Marlon é o que possui maior escolaridade. Em breve termina o curso de Teologia e forma-se para ser pastor de uma Igreja de origem metodista, a Igreja Wesleyana. Marlon não possui filhos, é casado com Bianca, doméstica na casa de uma família do *centro* e vive no *morro*, duas ruas da casa de D. Chiquinha. Marlon, com pesar, relata que teve envolvimento com drogas e bebidas alcólicas, e que aos 14 anos *saiu de casa* e foi viver em Vitória, mas que *graças a Deus* conseguira *sair* com o apoio da família e regressou para casa da mãe aos 18 anos. Atualmente, ele exerce um importante papel na mediação dos conflitos da família e gerencia as remessas de dinheiro enviadas por Camila.

Edmílson, por sua vez, trabalha como pintor no Centro Paroquial de Mantena. Estudou até o 8º ano e nas horas livres é DJ de *funk*. Na primeira vez que estive em Mantena, ele estava recém-separado de sua última namorada e retornara à casa de D. Chiquinha. Edmílson viveu com Sabrina durante dois anos. De acordo com o jovem, a relação não deu certo porque Sabrina *tinha ciúme até de pedra*. A jovem possui quatro filhas que na altura viviam em um internato da cidade de Colatina-ES. Quando está de folga, Edmílson passa a maior parte do tempo na casa da vizinha, D. Maria. Tanto ele como Camila consideram os filhos de D. Regina como *da família* pelo fato de terem sido *criados juntos*.

A noção de família escolhida tornou-se relevante. Deduzi, primeiramente através das narrativas de Camila, ainda no Cacém e posteriormente nas estadias no Morro, a

importância da família de D. Regina, vizinha do barraco da família Santos, na trajetória de Camila e seus irmãos.

“Olha, os mais próximos são as vizinhas que cresceram comigo e foram, sei lá, fazendo parte da minha historinha. Eram boas pessoas que eu tenho muita saudade. A gente sempre morou no mesmo lugar...no mesmo bairro...e eu passava a maior parte do tempo lá...com a Vanessa que é a minha madrinha (crisma) e a Renata, que eu sou madrinha do filho dela, o Gugu...a gente fazia várias festinhas...” (Camila)

Dessa forma, durante as permanências no Morro do Margoso partilhei o cotidiano da família de D. Regina: participei de festas e reuniões na casa da família, visitei os locais de trabalho: uma pequena loja de artigos religiosos (católicos) e um carrinho de cachorro quente na praça central; entrevistei as *amigas vizinhas* de Camila e revi fotos de eventos cotidianos que Camila compartilhara com eles.

Micael é o filho mais novo de D. Chiquinha. Durante os últimos cinco anos (desde os 20 anos), o jovem estivera preso na Penitenciária de Mantena por tráfico de drogas. Na minha primeira estadia em Mantena, Micael ainda estava preso. Ele relata que havia sido preso por *buscar droga para um homem* e foi preso na fronteira (MG-ES). O jovem afirma que a droga não era para ele e que o *homem* cuja encomenda foi solicitada estava morto. No entanto, Micael relata que se envolveu afetivamente com uma mulher que cometia furtos e acabou por *assaltar uma loja e foi pego com uma peça em ouro*. Durante a minha segunda estadia em Mantena, Micael estava em liberdade condicional. Recém-liberado da prisão, presenciei o seu desânimo em não conseguir trabalho - o jovem estudou até o 5º ano e trabalhava como servente de pedreiro - e seus relatos sobre o *sonho* em ter uma casa e o *orgulho de sua mãe*.

Durante as minhas estadias no Morro do Margoso, eram comuns as narrativas e partilha de experiências entre as mulheres sobre filhos/as, netos/as viciados em *crack* e presos por cometerem delitos. Em um dos dias que caminhava com D. Chiquinha pelas ruas do morro, encontrámos D. Niquinha, vizinha de D. Chiquinha que perguntava sobre a saída Micael da prisão. D. Niquinha é mãe de Miriane, viciada em *crack*. Ela relata sobre seu neto de 18 anos (filho de Miriam e de Antônio que morou em Portugal por oito anos) que está preso e foi autorizado a passar seu aniversário no Morro. Dona Niquinha desabafa “*tô cansada de cadeia*”, e ao me ver fala “*não assusta não, mas essa juventude de hoje é assim*” Posteriormente, D. Chiquinha me relata que o neto de D. Niquinha “*matou um homem por causa de mulher... É por isso que está preso*”. Os

crimes passionais, de honra, são bastante frequentes na região e a experiência da prisão é considerada um importante rito associado à masculinidade e à adultez para os rapazes do Morro.

O *barraco* da família de Camila é bastante simples e se localiza no final de uma das principais ruas do morro. O local é bastante movimentado. As pessoas que usam *crack* se concentram neste espaço devido à sua localização, que permite uma saída rápida por meio de um atalho. A casa tem três cômodos principais e mais um *puxadinho*, um quarto construído posteriormente. O banheiro é externo, as telhas são de amianto, e no terreiro são criados patos e galinhas.



Foto 7 – Casa da família Santos

As permanências no morro foram marcadas por conflitos e tensões. Em várias situações, apesar da visita de Wanderson (principal traficante do morro), sentia medo⁵⁸ e sabia que não passava despercebida. Uma mulher, branca, jovem e com *roupas esquisitas* não poderia ser invisível naquele contexto. Um dos episódios marcantes aconteceu quando eu retornava do centro. Durante os 250 degraus fiz pequenas pausas para respirar e tirar fotos de algumas *casas modernas*, que contrastavam com a paisagem do morro. A viela era bastante escura e não percebi que, ao tirar a foto, um homem caminhava pela viela (com uma relativa distância). De repente, escuto: “ *oh tia,*

⁵⁸ O medo na experiência etnográfica é abordada por Bonetti (2006) que traz recursos para refletir sobre como as sensibilidades (Geertz, 2001) interferem nas relações de alteridade nos encontros etnográficos, re-equacionando as relações de poder e de gênero.

não tira foto de mim aqui no morro não...vai entregar para polícia...se minha casa cair, eu venho aqui e mato você". Tentei mostrar ao homem que ele não havia aparecido na foto, entregando-lhe a câmara. Porém, ele praticamente não me escutava: gritava e ameaçava ao mesmo tempo que descia as escadarias.

Cheguei na casa de D. Chiquinha aturdida e relatei o que havia acontecido. Micael pediu que eu descrevesse o homem e tentava me tranquilizar: *fica calma, não vai acontecer nada...é um zé ruela que deve ter vindo aqui buscar droga*.

2.2 As redes: De Mantena para o Cacém

A existência e importância de densas redes⁵⁹ de relações nos processos de mobilidade foram assinaladas por Massey et.al (1993) e Portes (1993; 2000) ao defenderem que os sujeitos, mesmo quando atuam isoladamente, não o fazem desconectados de uma rede de relações. Portanto, ainda que os sujeitos desta etnografia efetuem os deslocamentos entre fronteiras internacionais desacompanhados de outros membros da família nuclear, esses projetos estão relacionados a complexas relações de reciprocidade, *ajuda familiar*⁶⁰ e de amizade, bem como à mobilização de recursos financeiros e/ou simbólicos que permitem a execução do projecto de mobilidade.

⁵⁹ Na antropologia social, nomeadamente na Escola de Manchester, a utilização do conceito analítico de redes sociais surge como um recurso para "analisar e descrever processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias" (Barnes,1987, p.163). De acordo com Mitchel (1969), foi Barnes quem introduziu a ideia de redes sociais como recurso de análise por volta de 1954, ainda que, em 1940, Radcliffe-Brown tenha utilizado o termo "redes". Na década de 70, Elizabeth Bott (1971) foi uma das pioneiras a usar a noção de rede enquanto uma ferramenta de reflexão dos relacionamentos entre pessoas e entre as organizações no contexto em que se inserem. Por outro lado, rede também foi pensada enquanto metáfora para Elias (1994), ao tentar explicitar seu conceito relacional de sociedade. O *uso analítico* de rede ou ainda a *metodologia de análise de redes* têm sido utilizados conjuntamente no campo de estudos dos movimentos sociais, na análise das chamadas redes de movimento (Scherer-Warren,1996). Contudo, a perspectiva de Santos (1996), que coloca a importância das redes em três níveis de articulação - o global, o regional e o local - onde as redes têm um movimento dialético de oposições,confrontos e alianças - incluindo os sistemas de poder - que interferem ao mesmo tempo nas dinâmicas locais e globais, justica o uso do conceito de redes sociais na reflexão sobre as mobilidades entre Mantena e o Cacém. Para uma revisão do conceitos de redes sociais na teoria social, ver Acioli (2007).

⁶⁰Em Mantena, a noção de família ultrapassa frequentemente as relações de consanguinidade. Relações de vizinhança e compadrio muitas vezes são igualmente consideradas pelos sujeitos. Como observaram Duarte e Gomes (2008:161), ainda que considerem essa noção de família associada às classes populares, enfatizar a relação de identificação e proximidade com pessoas que não necessariamente envolvem laços consanguíneos são bastante comuns no Brasil, sendo notórios "os apelativos de parentesco aplicados a não-parentes numa ampla gama de situações que prevalecem relações densas (amizade, escola, religião). Laços de compadrio também expressam a possibilidade de ampliação da noção de parentesco, pois pelo batismo é possível o ingresso no rol de parentes espirituais." Dessa forma, para os autores "as nomeações de parentesco ocorrem "dentro de um conjunto potencialmente mais amplo de relações que são concebidas como relações biológicas entre os indivíduos (relações de sangue), as relações de casamento e as relações de consideração, conforme constatou Guedes (2006)." (2008:162).

Portanto, para Massey e Portes o entendimento sobre as redes sociais na migração – estruturação, capacidade de mobilização de recursos e relações de poder- devem ocupar um papel acentuado nas interpretações sobre os processos de mobilidade. Boyd (1989:641), da mesma forma, reconhece que as redes sociais baseadas em laços de parentesco e amizade são componentes centrais nas análises dos sistemas migratórios e chama a atenção para o fato de que, para além do estabelecimento de redes de informação, a organização de redes de assistência, obrigações e reciprocidades são desenvolvidas entre migrantes tanto na sociedade de destino, como também nos locais de origem.

É importante ressaltar o conceito de *redes sociais* emergem como uma abordagem teórica alternativa para análises economicistas das migrações, nomeadamente aos modelos - neoclássico econômico⁶¹ e a teoria dual de mercado de trabalho -, e tem sido utilizada por diversos autores (Boyd, 1989; Massey, 1990; Tilly, 1990; Soares, 2002; Assis, 2004; Siqueira, 2009) em diversos contextos de pesquisa. Para Charles Tilly (1990), as unidades efetivas de migração não são indivíduos nem famílias, mas conjuntos de pessoas ligadas por relações de parentesco, amizade, de conhecimento e de trabalho. De acordo com o autor, para além dos atributos e motivações individuais, a migração funciona como uma “estrutura comunitária que translada”. Nesta abordagem, a decisão de migrar passa por um conjunto de conexões estabelecidas através das redes sociais.

De acordo com Siqueira, as redes sociais migratórias consistem “num conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais desenvolvidas tanto no país de origem como no destino. Estas redes permitem ao emigrante contactar os mecanismos e agenciadores que facilitam o processo, receber financiamento dos parentes, familiares e agenciadores” (2009:45). As redes também facilitam a chegada ao lugar de destino através da colocação no mercado de trabalho, da partilha de moradia, do fornecimento das primeiras informações sobre a vida no local, apoio emocional e sociabilidade. A narrativa de Sheila e de Roberson (23 anos), vizinho de sua família em Cachoeirinha de Itaúna, confirma a importância das redes nos deslocamentos dos sujeitos.

⁶¹ Como sustenta Assis, (2000:6), “a perspectiva neoclássica enfatiza que a migração internacional de trabalhadores é causada pelas diferenças de taxas salariais entre países. Os mercados de trabalho – e não outros, como financeiro, por exemplo – são os mecanismos primários pelos quais os fluxos internacionais são induzidos, isto é, eles defendem a teoria do equilíbrio de renda e emprego de diferentes países. Para os neoclássicos, o migrante calcula o custo e o benefício da experiência migratória e é isso que influencia e determina a sua decisão, sendo que a migração é entendida aqui como simples somatória de indivíduos que se movem em função do diferencial de renda (Harris & Todaro, 1970) ”

“Quando eu decidi vir para só minha mãe me ajudou, mais ninguém! Meus irmãos eram contra, meu pai era contra. Daí fiquei com medo sim, fiquei com medo de entrar no avião. Nossa! Ah, eu fiquei com medo de eu chegar aqui não dar certo. Ainda mais porque eu liguei para meu irmão no Rio avisando e ele ficou com ignorância... Pensei: e ele nem vai me receber bem... Depois eu vou ficar assim, tipo, sozinha. *Mais ele me* esperou depois no aeroporto, até me tratou bem, tadinho! Só que perderam a minha mala lá, sabe... Aí ele me levou para tomar banho na casa de uma menina. Cheguei, imagina a água gelada e eu não sabia ligar aquele chuveiro, descontrolado! Aí fui tomar banho menina, o pé inchado, na casa dum amigo do Henrique, que era amigo do meu irmão. E ela (a menina) me deu uma calcinha dela lá, porque eu não tinha mesmo, né, uma bermuda e tal. Tomei banho na água gelada. Entrei “pu, pu, pu...”. Depois eu fiquei sabendo como fazia com aquele chuveiro. Fiquei mais à vontade. Aí fui morar com meu irmão numa casinha que você mesmo sabe (a favelinha). Em três dias que eu estava lá o Maicon me arrumou um emprego. Foi lá me ajudou e tal... Nós somos igual família, criado tudo junto...” (Sheila)

“...Quando cheguei a Lisboa, procurava aquelas pessoas com as plaquinhas com o nome dos outros... e eu pensava: vou ligar para quem? Só que eu tinha um telefone de cabeça... do Maicon, que era daqui (vizinho) ... comprei um cartão telefônico e pedi para um português me ensinar... fui tentando os números... 6, 7, 8 no final... e o Maicon atendeu. Nem acreditei! Disse-me que estava na Alameda e que dali a 30 minutos me buscava... demorou duas horas... eu já estava morrendo de fome, mas não estava com medo, estava com raiva. Aí ele chegou e me levou para casa dele (Cacém). Tinha muita gente na casa, era pequena, não tinha lugar para dormir. Maicon me mandou pegar um cobertor e deitar em qualquer canto. Dormi com uma menina que nem conhecia, sem tomar banho nem nada. No outro dia fui para Ericeira” (Roberson).

A rede Mantena-Cacém é formada por um conjunto de pessoas ligadas por relações de parentesco, amizade e de conhecimento. O pioneirismo do deslocamento para Portugal é atribuído, na maioria das narrativas, ao Tio de Maicon, Clérrison, residente da zona rural de Cachoeirinha de Itaúna que se deslocou no ano de 1998. A partir de então, os relatos sobre “ir” para Portugal são constantes. Maicon, Dédé, Alexandre, Junior e Welington foram os próximos, seguidos de Vadson e Beto. A migração de mulheres da região é referenciada apenas a partir do ano de 2004 com a ida de Ilza e Roselane, residentes da zona rural e do Morro do Margoso respectivamente.

Massey (1993), a partir da teoria das redes sociais aplicada às migrações internacionais⁶², defende que uma rede, iniciada, tende a se expandir ao longo do tempo até que suas conexões se tornem tão amplamente difundidas em uma região que as pessoas que desejem migrar consigam fazê-lo sem dificuldades. Por isso, o fato do grupo integrar uma consolidada rede social de parentesco, amizade e conhecimento, que inclui técnicas e estratégias acessíveis para o deslocamento entre fronteiras internacionais, permite explicar que os deslocamentos entre fronteiras internacionais tenham se tornado um importante recurso biográfico para os sujeitos de Mantena. No entanto, essas redes, longe de criar relações fixas, transplantadas para os contextos de destino, sofrem mudanças, são constantemente recriadas e envolvem diversas negociações, sobretudo no que se refere às expectativas morais e de reciprocidade no âmbito das relações familiares, de amizade e vizinhança.

Na cidade, os deslocamentos entre fronteiras internacionais se configuram como um dos “mundos possíveis”, que se tornam acessíveis a partir da criação de um imaginário em relação à mobilidade das pessoas, imagens e ideias. São importantes os contatos, as notícias e os rumores sobre outros que habitam o ambiente social desses “mundos longínquos” - numa “imaginação vivida, enquanto prática social”, no sentido proposto por Appadurai (2004:78). Imaginação que, muitas vezes, é mediada pelas novas tecnologias. A noção de redes sociais, difundida teoricamente na antropologia social e nos estudos migratórios, também afigura-se como um eficaz símbolo de retórica para abordar as “redes sociais virtuais”⁶³, importantes tecnologias que têm possibilitado observar e interpretar situações de comunicação e conexão e a produção de sociabilidades. Monica Boyd (1989:641), ao reconhecer que as redes sociais baseadas

⁶² Esta abordagem teórica argumenta que os atos de deslocamento alteram sistematicamente os contextos dentro dos quais futuras migrações serão realizadas, aumentando ou diminuindo a probabilidade de que os tomadores de decisão optem por migrar. Esta conceptualização da migração como um processo auto-sustentado de difusão teve implicações e inferências que são completamente diferentes de modelos que sustentavam uma abordagem neoclássica das migrações (Massey et al, 1993) que presumia que “a mobilidade é motivada pelo desejo individual de maximizar renda, baseando-se na comparação racional do custo-benefício entre permanecer no lugar de origem ou de migrar”, ou seja, “que a mera existência de disparidades econômicas entre distintas áreas é suficiente para gerar fluxos migratórios” (Castles, 2010:24)

⁶³ Para Sonia Aguiar (2007) a expressão “redes sociais na internet” vem sendo utilizada para designar plataformas que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação centrados em um padrão egocentrado de relacionamentos. Os usuários constroem um perfil público (ou semipúblico) a partir de dados estruturados em um formulário e o associam aos perfis de amigos, amigos de amigos e conhecidos com os quais possuem algum tipo de proximidade e de identidade. Para a autora, algumas ferramentas potencializam redes interpessoais preexistentes e outras proporcionam a ampliação das redes que incluem “estranhos”, ou seja, perfis sem vínculos obrigatórios *offline* ou anteriores.

em laços de parentesco e amizade são componentes centrais nas análises de “sistemas migratórios”, afirma que as redes:

[...] **conectam migrantes e não-migrantes no tempo e no espaço.** Uma vez iniciados, os fluxos migratórios, frequentemente, tornam-se auto-sustentados, refletindo o estabelecimento de redes de informação, assistência e obrigações que se desenvolvem entre migrantes, na sociedade de destino, e amigos e parentes, nas áreas de origem. **Essas redes ligam as populações dos países de origem e de destino** e asseguram que os movimentos não sejam, necessariamente, limitados no tempo ou sem direção (grifo meu).

A conexão entre migrantes e não-migrantes no tempo e no espaço através de redes, sugerida na citação de Monica Boyd (1989), se refere às redes sociais baseadas em laços de parentesco e amizade, mas pode incluir, pensando em suas funcionalidades, as redes sociais virtuais. A gestão dos perfis nas redes sociais virtuais, por exemplo, - inicialmente o *Orkut* e depois o *Facebook* -, demonstram a dimensão performativa da identidade pessoal, através do compartilhamento com as pessoas na origem de determinadas experiências, que são previamente selecionadas pelos sujeitos em mobilidade. De acordo com Eva Illouz (2006 apud Miskolci, 2012, p. 40), a construção e gestão de um perfil é um processo que converte “o eu privado em performance pública”. No caso dos jovens de Mantena, é a sociabilidade dos jovens que ganha centralidade nas suas narrativas, seja nos títulos dos álbuns de fotos compartilhados ou nas fotos *per si*. “*Festinhas*”, “*churrasco na casa do Marcelo*”, “*eu fui ao show do Calypso*”, “*solzinho, praia e gelada em Sesimbra*” são alguns exemplos de situações compartilhadas, nomeadas pelos jovens que permaneceram em Mantena como *aproveitar a vida*. O *aproveitar a vida* associa-se a uma agitada vida social e acesso a alguns bens de consumo.

Cabe destacar que aqui o virtual não é considerado oposto do real. Como apontam Shirley Sales e Marlucy Paraíso (2010: 27), o virtual é “uma faceta do real”, aquilo que não está presente na sua materialidade, mas que tem uma existência concreta. Por outro lado, é possível observar que através das redes sociais (também no seu duplo sentido semântico) se constroem simbolicamente lugares como “Brasil”, “América” e “Portugal” e, conjuntamente, os próprios sujeitos.

A América e os Portugal

Em Mantena há um fluxo simultâneo para os EUA e Portugal. Já na viagem de autocarro de Governador Valadares para Mantena, a *América* surge na conversa entre dois passageiros. Uma mulher fala sobre os EUA com bastante familiaridade e conta que tem família nos EUA e que todos moram na Flórida. D. Altamira, uma senhora que viajava ao meu lado, também relatava que muitas pessoas de Mantena viviam nos EUA e em Portugal (sua filha). *Mais até nos EUA*, afirmou. Nas várias permanências na cidade também fui encontrando sujeitos com diferentes experiências migratórias e narrativas sobre deslocamentos tanto para os EUA quanto para Portugal. Ainda que exista uma distinção temporal entre esses deslocamentos (para Portugal é mais recente), os fluxos coexistem e envolvem estratégias, trajetos, riscos e custos financeiros distintos.

Para além das redes sociais baseadas em laços de parentesco e amizade, em Mantena, existem agências de viagens especializadas em deslocamentos para os EUA e Portugal. A foto, abaixo com as bandeiras do Brasil, EUA e Portugal, anuncia os trajetos mais frequentes, como também a placa de anúncio da agência de viagem que diz: “*Luma Turismo: leva você para os EUA e Portugal. Viagem garantida!*”



Foto 8 – Interior de Agência de Viagens em Mantena

Foram inúmeras as vezes que os sujeitos em deslocamento faziam referência às mesmas agências de viagens da região. O conhecimento dos melhores trajetos, o financiamento da passagem e da travessia e a organização da documentação necessária para viagem: retirada do passaporte, seguro de saúde e a quantidade de dinheiro

necessária para passar pelas fronteiras políticas e territoriais, eram providenciados pelas agências. Para Oliveira (2006:139), a existência de táticas e estratégias de agências de viagens nos locais de origem dos sujeitos potencializa a exiguidade dos projetos de mobilidade nas regiões de origem. No entanto, o autor acrescenta que os efeitos das agências são também simbólicos, na medida em que tornam públicas as oportunidades de “sucesso” dos sujeitos que se deslocaram, participando ativamente na construção da representação de “destinos possíveis”.

Em sua etnografia sobre imigrantes brasileiros indocumentados na Camargo da Caparica em Portugal (oriundos, em sua maioria, do Vale do Rio Doce), Oliveira (2006) aponta os EUA e Portugal como as duas regiões consideradas passíveis de serem destinos de migração. Ressalta que a migração para a América, que se iniciou mais cedo e com maior intensidade, ocupa ainda um lugar privilegiado no imaginário dessas culturas de migração. No entanto, a maior facilidade relativa à entrada no espaço “europeu”, consequência da adesão de Portugal a União Europeia, a exigência de visto para entrada no México, os custos financeiros mais altos e o risco físico envolvido na travessia do México para os EUA (Machado, 2009; Oliveira, 2006) têm sido contabilizados pelos sujeitos como fatores relevantes para escolha de Portugal como destino.

Pensar nas hierarquias e imaginários que interferem na escolha do destino para deslocamento e a expectativa de “sucesso” do projeto de mobilidade se tornaram fundamentais. Em primeiro lugar, é importante reforçar que os imaginários relacionados aos locais de migração diferem nos locais de origem e destino. Yan (20 anos) vive no Cacém há quatro anos e relata que desde a infância tinha uma tia que residia nos EUA e enviava com regularidade *presentes* da América para seu primo. Yan acredita que os EUA seja o *primeiro mundo*, mas que Portugal não.

Portugal surge como segunda opção, e também por causa do Euro. O Euro sempre foi maior do que o dólar, né. Eu já tinha ouvido falar de Portugal, mas não do mesmo jeito que ouvia falar dos EUA. Ouvia pouca coisa. Porque antes da minha mãe vir, eu já tinha parentes aqui, na Camargo da Caparica. A minha tia-avó está aqui há 18 anos, vai e volta...e ela ia falando para gente como era aqui.

A distinção entre os EUA e Portugal foi encontrada na fala de muitas pessoas, tanto na origem quanto no destino. D. Rosa, mãe de Sheila, também esclarece esse imaginário: *é o seguinte, quem vai para os EUA volta e compra carro. Agora quem vai*

para os Portugal, compra moto. Nunca vi ninguém que volta dos Portugal e comprar carro...

Dessa forma, podemos notar que existem diferentes expectativas em relação ao “sucesso migratório” e o retorno dependendo do local de destino dos sujeitos. O envolvimento de um menor risco físico e de deportação no deslocamento para Portugal, minimizado pelas estratégias e táticas de agências de viagens, pelas redes anteriormente estabelecidas (amigos, parentes e vizinhos), e o menor custo financeiro do *pacote* são condicionantes importantes. A ideia de “língua comum e uma cultura similar” (Oliveira, 2006:138), em um primeiro momento, são conjuntamente elementos a serem ponderados na decisão de Portugal como destino.

No que se refere ao risco físico e de deportação, os EUA, principalmente a partir de 2004, quando se começa a exigir visto de cidadãos brasileiros para a entrada no México, se converte como um destino mais penoso e perigoso que Portugal. Leandro - vizinho da família de Sheila em Cachoeirinha de Itaúna e Wagner - marido de Valdirene, que *creceu junto* com Camila no Morro do Margoso -, partilharam algumas de suas experiências de mobilidade para os EUA comigo, nomeadamente sobre a organização da viagem, as instruções das agências e a travessia entre o México e os EUA⁶⁴.

O tio de Leandro faleceu na fronteira entre o México e os EUA em 2003. Leandro, no ano de 2004, tentou *atravessar a fronteira* três vezes com o sonho de ir para América e trazer *rios de dinheiro*. Foi deportado nas duas primeiras tentativas. Na primeira, ficou 43 dias preso antes de ser reenviado para o Brasil. Somente na terceira investida conseguiu entrar e permanecer no território americano por três anos. Em 2007, após ter problemas com um acidente de carro, foi deportado novamente. Leandro narra sobre os trajetos e experiências de travessias e deportações. De acordo com ele, o custo da viagem foi de 10.000 dólares, que foram distribuídos entre vários atravessadores nos 19 dias entre São Paulo e o Texas. Leandro chegou em Boston, seu destino final, com *a roupa do corpo e 10 dólares*.

Na primeira vez descobriram a gente numa casa ainda no México. Tinha muito movimento, a gente estava numas 16 pessoas. Os vizinhos da casa ligaram e a polícia pegou a gente. Fiquei 43 dias preso. Eles não batem na gente não, mas humilha muito. Acho que deixam a gente lá para gente desistir de entrar denovo. E eles tem que organizar a passagem de volta né...é muita gente...todo

⁶⁴Para uma descrição e análise sobre o aparato físico, burocrático e de segurança do governo americano na fronteira Mexico-Eua, com o objectivo de conter a imigração “ilegal”, ver Inda (2006).

dia chegava gente presa. Mas eu cheguei no domingo e na terça fui de novo. Tinha que aproveitar que tava verão né...é no verão que é bom para trabalhar. Mas na segunda vez me prenderam no México mesmo. Prenderam todo mundo que estava no vôo. E mandaram de volta para cá. Aí eu dei uma relaxada de uns 25 dias e fui tentar de novo. Aí que eu consegui atravessar...mas minha viagem ficou em 19 dias...o que demora muito é no México. Eu fiquei muitos dias no lá... Da primeira vez a gente chegou na cidade do México, passou uma noite lá e depois apareceu um cara lá de carro e levou a gente para casa de um outro cara, um gordão. Foram nove horas de viagem em um carro pequeno. Mas esse cara foi até gente boa, deu uma coisinha para gente comer...mas eles tratam a gente que nem um porco, eles não querem nem saber. Depois ele levou a gente até um camioneiro e dali a gente seguiu 23 horas. Ele trancou a gente, eu e mais quatro caras, e começou a andar. E ele disse que a gente não podia fazer barulho, nem respirar ali dentro. Ali eu já estava até entendendo o espanhol...mas eles falam gritando com a gente, intimidando mesmo...e a gente bobo né...ficamos 23 horas ali: sem comer, sem beber sem ir ao banheiro. Nós quatro encolhidos atrás da cabine...aí ele deixou a gente em uma cidadezinha, bem pacata mesmo. Eu não me lembro o nome. A gente foi para outro hotel...só soltando dinheiro na mão deles. Comida cara também...Aí no outro dia outro cara já foi buscar a gente e levou para uma outra casa, coisa de dois quilômetros do rio. Aí começou a juntar toda a gente que ia atravessar, do país e do continente: boliviano...iam encostando lá numa casa sem móveis, cheia de barata, sem comida, sem nada...uma vez por dia chegava um mexicano, que cheirava cocaína para car... ele vinha recolher dinheiro para comprar comida e água e chegava com dois frangos frito e água...devia cheirar o resto né...e a gente tinha que dividir entre nós, né. E ali a gente ficou mais ou menos uns quatro dias...naquela casa! Aí quando ele juntava uma carga boa (16 pessoas) ele disse: hoje nós vamos atravessar. Ele disse que precisava de 10 dólares de cada um para comprar a bóia, aí foi os meus últimos 10 dólares também...nós éramos em 16 e ele chegou com 12 bóias...e a bóia deve valer uns 2 dólares...aí a gente teve que encher as bóias e aí vai escutando...tinha duas mulheres, eu lembro direitinho, tudo mineira. As mulheres vão tudo acompanhada, inventa que é pai, marido, porque senão eles mexem com elas. Falam que vão atravessar e somem com elas...mas eu cheguei a ver umas meninas que também saíam com eles, meninas bonitas que eles pegavam e iam levar para conhecer a cidade, jantar, boate e tudo. Bom, mas a gente encheu as bóias, os coiotes iam nadando (sem bóia) e disseram que iam levar as duas meninas e voltavam para nos buscar. Tava uma escuridão só e eu pensei...vou esperar nada, vou nadando mesmo, a gente tava acostumado a nadar no rio... e eles não iam voltar. Aí a gente atravessou e tinha dois carros pequenos esperando: para 16 pessoas...nem a porta estava fechando, e o mexicano

xingando a gente. Aí chegamos em uma casa, no Laredo do Texas, já era América e ficamos nove ou onze dias. Tinha muita gente e eles não estavam dando conta de mandar todo mundo. Porque essa casa era casa de traficante. O cara ficava enrolando as coisa o dia inteiro, era um entra e sai de gente, arma, essas coisas. Mas lá pelo menos a gente comia. Mas apareceu polícia lá, tinha muito movimento de gente e prenderam todo mundo...os traficantes não, né...Aí me levaram para São Francisco...para uma cadeia só de imigrantes. Ficavam na cela uns 78...e geralmente de 25 a 35 eram brasileiros...a maioria de Minas, mas tinha gente de todo lado. Eu cumpri 43 dias... e me mandaram de volta. Mas quando eu entrei (na terceira vez), foi dentro de um armário bem pequeno...é que o cara (o atravessador era americano) tinha uma cachorra muito fedorenta e lá na fronteira, normalmente, também tem uns cachorros né. Aí a gente chegou no *check point* ele abria as cortinas, para mostrar tipo “não tem nada aqui”, os cachorros latiam mas o pessoal (os policiais) achavam que era por causa da cachorra, o cara passava lá toda semana e disse: pode ir...aí depois de uma hora e meia ele tirou a gente...também, estava quase morrendo já...De lá fomos para Dallas, e a partir de Dallas eles começaram a distribuir as pessoas...eu fui para Boston... porque tinha conhecidos lá...andamos 33 horas, 18 pessoas em um carro para 12...deixaram uns em Nova Iorque...umas cinco pessoas...aí chegamos em Boston...

Quando comparo as narrativas e experiências sobre o atravessar das fronteiras políticas, os fluxos direcionados para os EUA e Portugal se diferenciam sobremaneira. Os relatos sobre detenções, encarceramentos e deportação não aparecem no fluxo Mantena-Cacém, apenas alguns poucos casos de não admissão. Os sujeitos, na maioria dos casos, utilizam as mesmas agências de viagens, ainda que os custos, os trajetos e as estratégias sejam outros.

É importante salientar que as estratégias e táticas das agências são alteradas em função de novas políticas migratórias de restrição e das recorrências de não admissão⁶⁵. O trajeto via Madrid (Espanha) se configurava como o itinerário preferencial entre os

⁶⁵ A exigência de vistos para o México em 2004 e a constante não admissão de brasileiros no Aeroporto de Barajas, em Madrid, são alguns exemplos. Salienta-se que no dia 5 de março de 2008, sucedeu-se um incidente diplomático entre o Brasil e Espanha, quando dois estudantes brasileiros de pós-graduação que estavam a caminho de Portugal foram “barrados” no aeroporto de Madrid e repatriados dois dias depois. No dia 6 de março, sete espanhóis foram impedidos de entrar em território brasileiro, no que foi conceituado pela Polícia Federal como ação de reciprocidade, sob a alegação de que não cumpriam com as normas de entrada no país. De acordo com Badaró (2008), apenas em fevereiro de 2008, mais de 450 brasileiros foram impedidos de entrar na Espanha. Os dados oficiais apontam para o facto de que 50 pessoas não são admitidas no território espanhol, sendo 40% desse total, cidadãos brasileiros. A economia política global.

anos de 2004 a 2007. A maior parte dos sujeitos iniciaram o trajeto no Rio de Janeiro e São Paulo, com escala em Madrid e posterior desembarque em Lisboa.

Madrid é porque o pessoal da agência leva, por isso todo mundo vai por Madrid, porque o “cara” já conhecia tudo lá e ficava mais fácil para gente. Ninguém me perguntou nada (na imigração), eu entrei de boa...só me perguntaram o destino...eu respondi, Lisboa” (Mario, 25 anos, se deslocou em novembro de 2004).

Todavia, Nilson, dono da principal agência de viagens da cidade, fala (com muito receio) sobre as mudanças nos percursos de deslocamento consoante a dificuldade de entrada dos brasileiros em território europeu. De acordo com ele: *ninguém mais vai via Madrid. A conexão é feita na França ou Alemanha. “Por Madrid a imigração fechou... não tinha mais como ninguém passar... todos os brasileiros que mandam para lá, eles mandam de volta”*.

A viagem garantida

Logo quando cheguei em Mantena, pela primeira vez, avistei duas das principais agências de viagens que foram referenciadas pelos sujeitos em Portugal. É importante sublinhar que quando interpelava os sujeitos sobre a maneira que se organizaram para se moverem entre fronteiras internacionais, eles não faziam referência aos nomes das agências, mas sim aos nomes de seus proprietários. Nilson se tornou desde o Cacém o nome mais recorrente. Conversar com Nilson não foi tarefa fácil. Após inúmeras tentativas, ele “resolveu” me atender na sua sala, após ler atentamente a carta de recomendação da universidade. Me serviu um café e perguntou-me em que poderia ajudar. Expliquei-lhe sobre a pesquisa e perguntei se poderia gravar a nossa conversa. De forma surpreendente, respondeu que sim.

Nilson regressou dos EUA no final da década de 1990. Após viver durante cinco anos na América, havia *juntado um dinheiro e queria abrir um comércio* em Mantena. De acordo com ele, como a procura por viagens era cada vez maior, decidiu abrir um negócio na *área de turismo*. Nilson afirma que, inicialmente, as pessoas procuravam a agência para ir para os EUA e Inglaterra, mas que mais recentemente a procura por Portugal foi aumentando, pelo fato do euro *ser uma moeda mais forte* e pelo *acesso para pessoa imigrar: é mais fácil, é mais barato*.

A maioria das pessoas que procuram a agência são homens entre 20 a 25 anos. Para Nilson, as pessoas *de mais idade não vão porque a intenção é trabalhar para ter um futuro melhor*. Todavia, argumenta que nas últimas vezes que esteve na Europa - Nilson esteve em Portugal dez vezes - percebeu que a oferta de trabalho para as mulheres está melhor. O dono da agência classifica as pessoas que procuram a agência como membros de uma classe média⁶⁶ de Mantena: *as pessoas geralmente que tem um salário mínimo, um salário mínimo e meio, que querem comprar uma casa, um carro*.

Em 2010, Nilson afirmou que Portugal se configurava ainda como o principal destino procurado pelos *imigrantes*, ainda que a busca por viagens tenha diminuído pela dificuldade das pessoas em conseguir um trabalho. *O que está acontecendo é que algumas pessoas vão, mas não conseguem trabalho e voltam*. Porém, na sua perspectiva são poucos os imigrantes que retornam sem alcançar seus objetivos: *a maioria que eu tenho acompanhado volta e compra uma casa, um carro, ou os dois*.

Por outro lado, Jurandir, dono da Luma turismo, agência de viagens mais antiga que perdera a maioria dos clientes para Nilson, estava ávido para narrar sobre os insucessos dos migrantes de Mantena, os *calotes* que recebera e a perspicácia de Nilson quando *inventou* a ideia da *viagem garantida*. Ele narra sobre o intenso fluxo de pessoas para Portugal e algumas de suas dinâmicas:

“Eu nunca vendi nenhuma excursão... aqui, o que eu sempre vendi foi passagem para Portugal. Chegava a fazer quase 130 passageiros por semana. Mandava quase uns 700 passageiros por mês ganhando 2.000 reais em cada um, principalmente nos anos de 2004 e 2005 quando o euro valia mais. No início, a gente mandava para Espanha, porque era mais certo. Os espanhóis não mandavam ninguém para entrevista. Direto para Portugal, muitos deles vinham com uma carta convite, mas que não servia para nada. Mas ele [o concorrente] inventou uma coisa chamada *viagem garantida*, ele é muito sagaz. Um deve ter voltado e ele pensou: “esse cara voltou e eu perdi dinheiro, eu vou cobrar o dobro e vou mandar todo mundo, se o cara passar aí eu ganhei, eu vendi uma passagem e ganhei outra, agora se ele não passar com o próprio dinheiro dele eu vou pagar outra passagem para ele”... ganhou dinheiro que eu vou te dizer”.

Tanto nas agências de viagens em Mantena como na fala dos sujeitos, a noção de *viagem garantida* aparece de forma recorrente. É qualificada por pacotes que incluem a

⁶⁶ Os significados nas diferenciações e categorizações de classe – classe média; classe alta, classe popular, etc - serão discutidas ao longo da etnografia, sobretudo nos Capítulos 3 e 4.

passagem de ida e volta; um empréstimo de 1000 euros para comprovar meios de subsistência na fronteira, e a admissão garantida na Europa - não importando a quantidade de recusas na entrada -, por isso é que se definem estes *pacotes* como a *viagem garantida*. Já no que se refere à procura de empregos e contratos de trabalho, todos negam a intermediação entre possíveis contratantes e trabalhadores.

Para realizar o deslocamento, os sujeitos recorrem a recursos financeiros da família - usualmente a terra - que fornece a garantia do pagamento da dívida contraída. Sheila mencionou que a agência de viagens só financiaria sua passagem para Portugal se houvesse a terra como garantia de pagamento. Além da passagem, recebeu 800 euros para “entrar” que seriam devolvidos junto ao primeiro pagamento. “*Paguei tudo direitinho*”, afirma. “*Durante um ano mandava 1000 reais para mãe, ela tirava 200 para pagar as contas e entregava o restante (na agência)*”.

Roberson (23 anos), em seu relato sobre a “viagem” para Portugal em 2004, demonstra a forma como a existência de estratégias das agências de viagens têm minimizado os riscos de deportação nos deslocamentos.

“...Eu viajei numa equipe de sete pessoas mais ou menos e eu. Na época eu tinha 18 anos. Aí a gente viajou assim: fingia de casal, juntaram em casal. Você é casado com Fallu, você com ciclano... deram um parzinho de alianças para cada um... e é mais fácil mesmo. Eu fui sozinho e consegui passar, porque a mesma pessoa que estava me esperando, era a que esperava os outros 6...”

Os trajetos entre Mantena e o Cacém abrangiam diferentes escalas de mobilidades - entre Estados-nação - Brasil, Portugal, Espanha, França- estados no Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo), Lisboa, ou ainda entre municípios. Através de técnicas e táticas viabilizadas pelas agências de viagens locais com o intuito de contornar os diversos mecanismos de regulação e contenção de fluxos (Ong, 1999; Inda, 2006) e de recursos financeiros da família, que disponibilizavam a *terra* como garantia de pagamento, com uma clara noção de “investimento”, uma estratégia de reprodução social familiar baseada no deslocamento dos/das filhos/as, sujeitos como Maicon, Sheila, Camila, Juliana, Jonas, Wellington, Beto, Roberson, Dalton, Jessica, Yan, Dora, entre tantos outros, moveram-se para Portugal entre os anos 2000 a 2007, providos de diferentes imaginários, expectativas e obrigações morais e familiares.

2.3 Cenários e espaços transnacionais no destino: escalas e relacionalidade

O Cacém e a polissemia do termo periferia

Achei que tinha descido no lugar errado...só tinha preto...parecia que eu estava era na África (Yan).

A elaboração de imagens sobre Portugal e o Brasil; e a construção e ressignificação das diferenças dispunham como cenário e contexto para esses sujeitos, espaços considerados periféricos nos dois países. Aliás, optei por utilizar o termo periferia, justamente por ele remeter a um conjunto de estigmas sociais como a pobreza e a violência. O Cacém e o Morro do Margoso, se configuram dessa forma como ambientes situados no tempo e espaço de cidades e devem ser analisados de forma relacional. Dessa forma, refletir sobre os deslocamentos e mobilidades desses sujeitos, não se resumia a pensar em fluxos entre estados nação, mas sim, de localizações e contextos específicos na origem: uma *periferia* localizada em um pequeno município e uma zona rural e uma *periferia* ou *bairro problemático* da região metropolitana de Lisboa, ambos os cenários desconhecidos por mim no início da etnografia. A minha primeira visita ao Cacém deu-se em 2010, após viver seis anos na cidade de Lisboa.

Uma Lisboa desconhecida... Para mim, que há seis anos vivo em regiões centrais da cidade. Este foi o meu primeiro contato com uma região periférica da Grande Lisboa, a Linha de Sintra. São aproximadamente 30 minutos de trem: lotado, muitas pessoas em pé, com rostos cansados e desanimados de mais um fim de dia. A maioria das pessoas parece oriunda da África portuguesa. Aliás, essa é a principal referência sobre o Cacém em Lisboa: um bairro “perigoso”, com alto índice de delinquência juvenil vinculada aos jovens descendentes de africanos, nomeados como os de “2ª geração”. Já era noite, passava das 18 horas, inverno. Não conseguia ver quase nada, somente prédios que pareciam ser todos iguais... Esperava Sheila no café Luso, em frente à Estação de Comboios [trem] (Caderno de Campo, 04 de janeiro de 2010, Lisboa).

O Cacém é um bairro pertencente ao concelho de Sintra, parte da região metropolitana da Grande Lisboa. A reputação de periferia do “bairro” está associada à distância das áreas mais centrais e igualmente por uma articulação entre cor da pele, classe social e local de moradia. De acordo com os dados censitários de 2011, residiam

no Cacém aproximadamente 21.289 pessoas⁶⁷, uma população semelhante à da cidade de origem dos sujeitos, Mantena, que possui cerca de 27.000 habitantes⁶⁸.

O bairro faz parte de “um contexto residencial social e simbolicamente desvalorizado dotado de uma imagem pública negativa” (Pinto e Gonçalves, 2000:102), analisado em pesquisas sobre as políticas de habitação, segregação socioespacial e o surgimento dos bairros sociais em Portugal, (Camargo Pinto, 1994; Rodrigues, 1997). Cabe ressaltar que é num processo de urbanização periférica, sobretudo nas décadas de 1970 a 1999, que são produzidos alojamentos e uma segregação socio-espacial em grande escala, que segundo Villanova (2001) tinha como preocupação exclusiva responder quantitativamente ao fluxo de populações oriundas no interior de Portugal, populações de antigas colônias e realojados de “bairros de lata”.

Ao mesmo tempo, o Cacém tem sido definido pelo senso comum e pela mídia como um bairro “perigoso”, com alto índice de *delinquência juvenil* vinculada aos descendentes de imigrantes, nomeados como os de “2ª geração”⁶⁹. A juventude enquanto questão social, associada ao “problema da imigração” permanece como o discurso hegemônico sobre este espaço, que podem ser observados a partir i) de produções acadêmicas direcionadas à compreensão dos jovens de “2ª geração”⁷⁰, ou descendentes de imigrantes, ii) nos diversos conteúdos midiáticos de grande circulação, iii) na existência de projetos e ações governamentais de intervenção⁷¹.

A diversidade de sua população pode ser observada no cotidiano do bairro. Grande parte dos moradores do Cacém é oriunda de países africanos de língua

⁶⁷Instituto Nacional de Estatística, INE, Portugal, 2012. Disponível em, http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html acessado pela última vez em fevereiro de 2013.

⁶⁸Censo de 2010, IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/>, consultado pela última vez em fevereiro de 2013.

⁶⁹ Na obra de Foot White o termo 2ª geração não é uma das categorias utilizadas, ainda que seja estabelecido pelo autor uma divisão entre a 1ª geração de imigrantes e seus filhos.

⁷⁰ Como salienta Rosales, Jesus e Parra (2009), o termo 2ª geração é operacionalizado ao nível do senso comum e a utilização desse conceito têm sido alvo de intensos debates nas ciências sociais em Portugal, como os trabalhos de Machado (1994;2006)

⁷¹ O Programa Escolhas é o principal deles. O Escolhas é um projecto governamental de âmbito nacional, criado em 2001, cuja missão é “promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social”, “através de cinco áreas estratégicas de intervenção: inclusão escolar e educação não formal; formação profissional e empregabilidade; dinamização comunitária e cidadania; inclusão digital e empreendedorismo e capacitação”. O Programa é financiado pelo Instituto de Segurança Social, pela Direcção geral de educação e pelo Fundo Social Europeu e mantém protocolos com 110 projectos locais de inclusão social em “comunidades vulneráveis, muitos dos quais localizados em territórios onde se concentram descendentes de imigrantes e minorias étnicas”. No Concelho de Sintra, existem sete projetos locais, nas freguesias: Algueirão- Mem Martins (2), Rio de Mouro (2), Queluz-Belas (1), Mira Sintra (1) e Agualva-Cacém (1). Informações disponíveis em www.programescolhas.pt, acessado pela última vez em 13 de outubro de 2013.

portuguesa – Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde –, fluxos migratórios que se intensificaram após os processos de descolonização no final da década de 1970, e, mais recentemente, do Brasil. Todavia, ao contrário da imagem difundida sobre o bairro, um *bairro de pretos*, a presença de portugueses é bastante frequente, sobretudo dos *migrantes internos* e dos *retornados* que vivem no bairro há muitos anos, consequência das políticas de realojamento da década de 80, após a independência das antigas colônias portuguesas na África e do decorrente retorno a Portugal.

Como aponta Marcon (2012), os *retornados* são considerados portugueses que viviam nas colônias tal como os seus descendentes reconhecidos oficialmente e lá nascidos, que no período da Guerra Colonial ou após as independências se deslocaram para Portugal. “Contra eles pesou um estigma social, bem forte na época da sua chegada e muito mais ténue hoje em dia, baseado no fato de não serem naturais da antiga metrópole e trazerem consigo costumes das colônias (2012:48)”.

Na maior parte dos pequenos negócios locais os proprietários são portugueses: lojas, inúmeros cafés, tascas (pequenos restaurantes), talhos e comércios em geral. O dinamismo do Cacém pode ser notado pela grande circulação de pessoas nas ruas e pela oferta de serviços e infraestruturas como cabeleleiros, espaços de culto religioso, escolas, centros comerciais, etc.

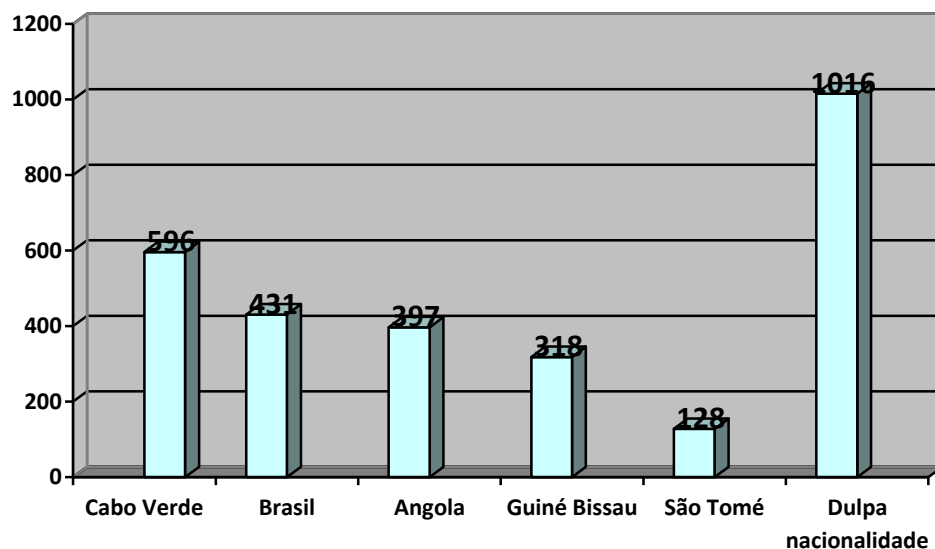
No último censo (2011), dos 377.835 residentes do concelho de Sintra, do qual o Cacém faz parte, 32.709 foram contabilizados como *estrangeiros*, ou seja, aproximadamente 8,65% da população total residente. Os dados estatísticos revelam que os portugueses são a maior parte da população residente (33.0250), que inclui indivíduos de ascendência africana que nasceram em Portugal. Outra categoria do censo refere-se a indivíduos que possuem dupla nacionalidade⁷² (12.558), sendo contabilizados, portanto, indivíduos que não nasceram em Portugal, mas posteriormente adquiriram a nacionalidade portuguesa.

No que se refere às principais nacionalidades *estrangeiras* do Concelho de Sintra, prevalecem com o maior número de residentes, os brasileiros (8.056), caboverdianos (6.921), angolanos (5.092), guineenses (4557), entre outras nacionalidades.

⁷² No censo de 2011, essa categoria é subdividida entre: dupla nacionalidade (14.843), dupla nacionalidade portuguesa e outra (12.558), dupla nacionalidade estrangeira, sendo uma da União Européia (448) e dupla nacionalidade estrangeira, nenhuma da União Européia (1837).

Por sua vez, no Cacém, foram contabilizados 21.289 residentes, dos quais 17.907 são classificados como “portugueses”, 8.544 como “estrangeiros”, 1016 com dupla nacionalidade, dentre os quais 893 possuem “a nacionalidade portuguesa e outra” (INE, 2011). Dentre as principais nacionalidades mencionadas no censo, destacam-se os nacionais de: Cabo Verde (596), Brasil (431), Angola (397), Guiné Bissau (318), São Tomé e Príncipe (128). No entanto, 1016 pessoas foram inseridas na categoria dupla nacionalidade.

Gráfico 1 - Residentes no Cacém - Principais Nacionalidades (2011)



Fonte: INE, 2011

A intenção é mostrar, a partir dos dados demográficos, a heterogeneidade de origem étnica e de nacionalidades neste espaço, geralmente associado a imagens monolíticas sobre um “tecido social das periferias urbanas” (Wacquant, 2012), que “ênfatiza a presença de imigrantes e delinquentes e, na sua intersecção, delinquentes e imigrantes”, o que tende a fazer de todo o bairro periférico um “gueto” simbólico” (2012:25).

No cenário brasileiro, para além de representar um fenómeno sociocultural e político relevante, de acordo com Frúgoli, as periferias provocaram um significativo interesse. Porém, apesar de pesquisas em áreas periféricas, como as realizadas por Macedo (1979), Magnani (1984) e Caldeira (1984), buscarem “compreender as redes de parentesco e vizinhança, os modos de vida, estratégias de sobrevivência, formas de

sociabilidade e representações políticas, com ênfase em dimensões cotidianas e em representações simbólicas, muito pouco contempladas nas perspectivas macroestruturais” (2005:141)⁷³, a discussão sobre esses territórios e sua população (como nas periferias “européias”) têm como temática principal a violência urbana. Como demonstrou Feltran (2010), existe uma generalização das periferias urbanas como “submundos homogêneos e apartados das esferas sociais legítimas, como a família, o trabalho, a religião, a moral e o Estado” (2010:01).

Assim, a moradia em contextos residenciais considerados como periféricos, com imagens negativas associadas à violência e à delinquência eram parte das experiências e vivências dos sujeitos que fazem parte da etnografia tanto na origem, quanto no destino. Contudo, ao longo da pesquisa, fui compreendendo que os significados sobre o que é uma periferia e as condições de vida nas periferias - de Mantena e no Cacém- se diferenciam de maneira evidente.

Em primeiro lugar, são as diferenças arquitetônicas demasiado visíveis e as condições de moradia entre essas duas “periferias” que me chamaram atenção. No *morro*, a predominância de casas auto-construídas em loteamentos precários e a escassez de equipamentos urbanos - coleta de lixo, transportes, pavimentação de ruas - têm como consequência o isolamento pela difícil acessibilidade, ainda que o *morro* se localize numa área considerada “central” da cidade de Mantena.

O Cacém, por sua vez, é considerado um bairro periférico pela distância das áreas consideradas centrais, mas oferta diferentes equipamentos urbanos e de lazer: são vários autocarros e uma linha de comboio que dá acesso à Lisboa (o percurso é de aproximadamente 25 minutos), como também farmácias, escolas, supermercados, centros comerciais, discotecas, praças restaurantes e cafés. As moradias, usualmente são prédios, construídas no final da década de 1970 (relativamente novos quando comparados com outras regiões de Lisboa), possuem elevadores, dois a três quartos, duas casas de banho e uma sala. As fotos abaixo, a casa e o quarto de Camila no Morro do Margoso e no prédio que vive atualmente no Cacém ilustram a diferença nas condições de moradia nos distintos espaços periféricos:

⁷³ Na perspectiva de tais estudos, as periferias no Brasil revelavam-se não apenas um lugar na cidade específico, marcado pela distância das áreas mais centrais, pela pobreza e pela carência de equipamentos de infraestrutura, mas também um local de prática de formas singulares de relações de sociabilidade, modos de consumo e lazer, bem como de representações da política (Durham, 2004[1986b], p. 379-80).



Foto 9 e 10 – Casa de Camila em Mantena; Prédio onde Camila reside no Cacém

Por outro lado, as clivagens de classe no Cacém são ocultadas na medida em que “portugueses”, “africanos” e “brasileiros” compartilham as mesmas formas de moradia e, na maioria das vezes, possuem o mesmo estatuto laboral e/ou financeiro. Todavia, a construção da diferença tem preponderância de outros marcadores sociais como nacionalidade, cor da pele e etnicidade. As diferenças étnicas e a nacionalidade são não somente valorizadas, como também hierarquizadas, o que tem possibilitado aos sujeitos romper as barreiras de cor/raça associada a uma classe baixa, tão marcante nos seus contextos de origem.

Decifrar a dinâmica do bairro foi possibilitado, inicialmente, pelas indicações e o acompanhamento das/dos sujeitos. As primeiras idas ao Cacém foram geralmente à noite, depois do horário de trabalho dos jovens. As ruas eram bastante escuras e os prédios - conjuntos habitacionais - eram de arquiteturas bastante similares, o que dificultava a minha orientação geográfica.

Isto demonstra a diferença no uso e nos trajetos na/da cidade e nas experiências de circulação na “Europa” minha e na destes jovens deve ser sublinhada. A circulação e os trajetos de Sheila, como a da maioria dos jovens, eram circunscritos aos espaços periféricos da Grande Lisboa. De maneira oposta, eu vivia na região central de Lisboa e desconhecia a linha de Sintra, como outros espaços considerados periféricos na cidade onde estes jovens circulavam.

Ericeira

Ao longo da etnografia fui percebendo que os fluxos originários de Mantena possuíam uma outra direção específica para além do Cacém que era constantemente referenciada pelos jovens. Ericeira é uma vila turística associada ao veraneio de famílias

de elite lisboeta e muito conhecida por portar praias propícias para a prática do *surf*. Além de um importante pouso de veraneio, a vila tem recentemente recebido especial atenção da mídia portuguesa em reportagens sobre detenções de *imigrantes ilegais* e pela concentração de brasileiros nos últimos anos⁷⁴. Dados da junta de freguesia local apontavam para uma *comunidade* de 500 a 600 brasileiros em 2011⁷⁵.

Ericeira emerge na etnografia como um outro destino prioritário de residência para as pessoas oriundas de Mantena, sobretudo da zona rural de Cachoeirinha de Itaúna. No entanto, as pessoas que vivem nesse espaço são, na sua maioria, *mais velhas* (do ponto de vista dos jovens) e desempenham um papel fundamental na rede de solidariedade entre o grupo. Do Cacém à Ericeira é necessário apanhar um comboio (trem) até Portela de Sintra (são aproximadamente 15 minutos) e depois um autocarro (ônibus) para Ericeira, cuja viagem dura aproximadamente uma hora. O preço do autocarro é 3 euros.

Em períodos de desemprego, por exemplo, muitos jovens procuram refúgio em Ericeira, onde estão instaladas as pessoas as mais velhas do grupo. As comemorações do Natal, durante os anos da pesquisa (2010-2013) foram realizadas na casa de Maurício, localizada no centro de Ericeira, de frente para o mar, em um prédio em que todos os moradores são brasileiros. No apartamento moram Ilka e Maurício, ambos de Cachoeirinha de Itaúna, além de Sofia e Gracie. Grande parte das pessoas que estavam nas festas de Natal era oriunda de Cachoeirinha: Ilka, Marquinho, Branquinho, Eldi e “Bacatão”. Outras pessoas que vivem em Ericeira e também são de Cachoeirinha não estavam lá: “Barriga” (Ronaldo), Chef, Landa, Dedé e seus irmãos, Celina, Lisete e Marli, embora a maioria viva no mesmo prédio que Maurício.

⁷⁴ A Costa da Caparica, também região costeira, têm sido apontada como outra região de concentração da imigração brasileira. Para saber mais sobre as discussões neste contexto ver (Techio, 2006 e Oliveira, 2006).

⁷⁵ Algumas matérias como “Detidos dezenas de brasileiros na Ericeira” , <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/portugal/detidos-dezenas-de-brasileiros-na-ericeira> e “Regresso de imigrantes brasileiros afecta economia de zonas como a Camargo Caparica e Ericeira. <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/regresso-de-imigrantes-brasileiros-afecta-economia-de-zonas-como-a-camargo-da-caparica-e-ericeira-1541357> são alguns exemplos.



Foto 11 - Prédio onde mora Maurício em Ericeira. Todos os apartamentos eram ocupados por brasileiros.

A familiaridade encontrada em Ericeira é expressa na narrativa de Sheila: *“Eu vivo indo lá em Ericeira...é como se eu estivesse em Cachoeirinha”*. No entanto, a escolha de residir no Cacém é justificada exatamente pelo excesso de familiaridade. Em Mantena, Marlon, um dos jovens já retornados de Portugal, afirma com eloquência *“todo mundo vai para Ericeira, quando a gente sai daqui, já sabe que vai para Ericeira, que é o nosso destino”*.

É importante salientar na minha análise o conceito de *relatedness* de Carsten (2004) com a finalidade de enfatizar as formas nativas de agir e conceituar as relações entre as pessoas. Tal pressuposto é baseado em uma noção de família como relação e não apenas como consanguinidade. Nos contextos etnográficos, *viver junto, ser criado* na mesma rua ou bairro e partilhar experiências é uma fonte de identificação pessoal importante para os indivíduos e é o que garante, à partida, o “cuidado” entre os sujeitos em Portugal, e explica, em particular, as relações estabelecidas com as pessoas que vivem em Ericeira, local inaugural dos deslocamentos entre Mantena e Cachoeirinha de Itaúna direcionados para Portugal.

Assim, as obrigações com a família, conhecidos e amigos dos locais de origem são sentidas também em Portugal, pelo fato da grande maioria das redes de amizade e interconhecimento incluírem pessoas dos locais de origem que circulam informações em

Mantena. Foram inúmeras as vezes em que a fofoca tornou-se presente nesse espaço transnacional, provocando tensões e negociações sobre a “reputação” dos migrantes.

A noção de fofoca que utilizo segue a proposta sugerida por Cláudia Fonseca (2004) que a compreende como uma prática social que envolve relatos de fatos reais ou imaginários sobre o comportamento de outrém. Em “Estabelecidos e Outsiders”, Norbert Elias e Hohn Scotson (2000), propõem duas tipologias de fofocas: a depreciativa e a elogiosa. Para os autores, a fofoca depreciativa geralmente faz referência às pessoas de fora do grupo ou local, enquanto as fofocas elogiosas, que se restringem às pessoas do próprio grupo, tendem à idealização. Em Mantena e no Cacém as fofocas não seguem esta tipologia. Em primeiro lugar, porque as fofocas são normalmente sobre fatos relacionados a determinadas pessoas e não grupos, e emergem normalmente de dentro do próprio círculo de parentes e amigos. Por outro lado, as fofocas estão sujeitas a serem alternadas, ou seja, podem ser tanto elogiosas como depreciativas. A fofoca pode ser uma expressão de solidariedade e demonstração de amizade entre o grupo. Quando algum dos jovens sai sem namorado/a ou quando há uma infidelidade no namoro, o “desvio” é quase que imediatamente delatado. Numa das noites que regressamos de uma discoteca Livia, uma das amigas de Sheila, imediatamente ligou o *Messenger* para relatar à Juliana – que estava no Brasil de férias que seu namorado, Maicon, estava na discoteca cercado de *piriquetes*.

D. Helena, vizinha de D. Rosa que possui dois filhos no Cacém, também havia dito que *às vezes os fatos que acontecem aqui na cidade (Mantena) são primeiramente conhecidos pelas pessoas que estão em Portugal. As vidas das pessoas lá, também são comentadas pelas pessoas daqui*. Apesar de não haver um controle social da família *in loco*, existe em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna um fluxo de informações que mantêm os moradores constantemente atualizados sobre a vida dos sujeitos em Portugal e viceversa. Esse controle social existente tanto nos contextos de origem quanto no Cacém se dá principalmente em relação à sexualidade feminina. Sheila argumenta: *na minha cidade, tudo é puta. Tudo é puta, puta, puta. Beija na boca, é puta. Só que aqui [em Portugal] eu também num convivia com muita gente de lá (Mantena e Cachoeirinha), então eles não podiam pensar que eu era puta*.

Por isso, nem todos permanecem em Ericeira. De acordo com os jovens, morar em Ericeira significa ter menos *liberdade* e mais pessoas *tomando conta da sua vida*. Dentro dessa perspectiva, o Cacém se configura como um *entre lugar*, entre o perto e longe de casa.

Epílogo

Neste capítulo, procurei contextualizar os principais contextos de origem e destino dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa e os cenários centrais de realização da etnografia. A partir da descrição etnográfica dos espaços residenciais e das configurações e relações familiares das famílias Camargo e Santos, apresentei a cidade de Mantena, o Morro do Margoso e Cachoeirinha de Itaúna. Defendendo uma noção polissémica de periferia e o espaço como relacional, apresento também o Cacém, lugar de destino da maior parte dos sujeitos, e Ericeira, local onde as pessoas “mais velhas” dos locais de origem residem.

Além disso, através da problematização do conceito de redes sociais, amplamente utilizado nas análises sobre as migrações internacionais, mostro, conjuntamente, os principais trajetos e fluxos que envolvem a cidade de Mantena, suas hierarquias simbólicas e as diversas estratégias de deslocamentos para diferentes destinos.

No próximo capítulo, a partir da noção do atravessar fronteiras, apresento as principais discussões teóricas que nortearam a tese: a junção entre os estudos urbanos, algumas abordagens sobre o transnacionalismo e o modelo teórico das interseccionalidade.

CAPÍTULO 3- ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DIMENSÕES ESPACIAIS E POLÍTICAS E A INTERAÇÃO DE DIFERENÇAS

A noção de fronteira será utilizada como recurso heurístico, mas também como uma categoria de análise que percorrerá todos os capítulos seguintes. Em primeiro lugar, porque a fronteira como dimensão política e territorial expressa diferentes deslocamentos dos sujeitos da etnografia entre: Brasil - Portugal; Mantena - Cachoeirinha de Itaúna; Minas Gerais -Espírito Santo. Porém, falar sobre fronteiras nesta etnografia ultrapassa a sua dimensão espacial e política. Ao acompanhar os trajetos e trajetórias dos sujeitos, constatei que a fronteira ocupava um lugar importante nas suas experiências. As fronteiras se configuravam como um espaço nebuloso que permite refletir sobre determinadas “oposições”, como por exemplo: feminino/masculino; negro/branco; liberdade /responsabilidade; família / indivíduo; jovem / adulto, urbano / rural, centro/periferia.

Portanto, se a noção de fronteira que utilizo é mobilizada por preservar o sentido de divisão, de demarcação e regulação de fluxos, permite conjuntamente pensar as relações entre o que separa (Feltran, 2011:15). A fronteira, então, será presumida como um espaço de ação (*agency*) por possibilitar deslocamentos situacionais a partir de novas interações. A definição de fronteira elaborada por Silveira sintetiza a minha posição:

“As fronteiras implicam um nível relacional, evidenciado pela interação de diferenças, sejam elas quais forem⁷⁶. Se a fronteira existe é porque há uma dimensão membranosa, permeável ou porosa, possibilitando o trânsito de elementos diversos, que traz consigo um caráter marcadamente seletivo, pois é da “natureza” da fronteira que por ela ocorra a passagem, o fluxo ou a interdição. Trata-se assim de diversas formas de fluxos: de pessoas, de idéias (uma esfera comunicacional, com a possibilidade de ruídos), de substâncias, estados de consciência, objetos e, aliado a tal dinamismo, tudo o que isso representa na configuração de mais complexidade ou mesmo de construção e dispersão de sentidos no mundo (2005:17) ”.

Assim, pensar o atravessar fronteiras significa também refletir sobre o próprio deslocamento nos dualismos, entendidos por Fausto-Sterling como “pares de conceitos, objetos ou sistemas de crenças opostos” (2000:09), que exige uma articulação entre múltiplos marcadores de diferença social.

Por conseguinte, apresentarei neste capítulo as principais abordagens teórico-metodológicas utilizadas na etnografia para pensar simultaneamente as fronteiras em suas dimensões espaciais, políticas e territoriais, como também seu aspecto relacional, de interação de diferenças e deslocamentos de dualismos. Em um primeiro momento, dialogo com as discussões e abordagens críticas no campo dos *migrations studies*, dos estudos sobre o transnacionalismo e, por fim, os estudos urbanos. Em seguida, apresento o modelo teórico das interseccionalidades, perspectiva analítica que conduzirá toda a etnografia, o que permitirá repensar a maneira como a categoria juventude tem sido utilizada no marco dos estudos sobre as mobilidades internacionais.

3.1 Fronteiras como dimensão espacial e política: de “comunidades nacionais” aos campos sociais transnacionais

A fronteira como uma construção política (Brah, 1996), espacial e jurídica emerge na etnografia a partir dos próprios trajetos de mobilidade dos sujeitos que envolvem a transposição de Estados-nação, diferentes imaginários e hierarquias entre países - EUA, Brasil e Portugal - hierarquias sobre diferentes nacionalidades, a existência de estratégias e táticas para a realização dos deslocamentos - como a *viagem garantida* e a existência de redes sociais de apoio (Boyd, 1989; Massey, 1990; Tilly, 1990), bem como os diversos mecanismos de regulação e contenção de fluxos (Ong, 1999; Inda, 2006).

Ao percorrer os debates sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais na sociologia e antropologia das últimas três décadas, constatei que, em termos gerais, o uso do termo mobilidades tem tido quatro abordagens principais⁷⁷ que não são, necessariamente, antinômicas: i) análises sobre os deslocamentos de migrantes entre países de origem e destino⁷⁸, como, por exemplo, os *migration studies*; ii) reflexões

⁷⁷ Refiro-me, nomeadamente, ao uso do termo mobilidades a partir da década de 60, sobretudo, quando vinculada aos deslocamentos, trânsitos e circulações de atores sociais. Porém, é importante sublinhar que em duas das interpretações mais sólidas do pensamento antropológico, os Argonautas do Pacífico Ocidental de Malinovski (1922) e os *Nuer* de Evans-Pritchard (1940), revelaram a mobilidade territorial de atores sociais e a existência de populações móveis. Além disso, a descrição etnográfica de Mead (1930:119) demonstra uma intensa circulação laboral de jovens na Nova Guiné e entre os Chambri, apontando para o fato de que 52% dos homens entre a faixa-etária de 15 a 45 anos se deslocaram trabalhar, permanecendo fora das vilas de origem durante um período de 5 a 7 anos. A ausência destes jovens de Papua Nova Guiné foi inferida no período do trabalho de campo da antropóloga, permanecendo somente no campo das observações. ver moçambicanos que trabalham na África do sul.

Todavia, a temática dos deslocamentos através das fronteiras locais e nacionais recebeu pouca atenção da antropologia, resultado de um enviesamento ao sedentarismo que marcava a disciplina. Quando os

sobre a circulação de significados culturais, objetos e identidades num tempo-espaço difuso, no qual a metáfora dos fluxos é recorrentemente invocada (Cliford, Appadurai, 1996; 2000; Gupta e Ferguson, 2000); iii) análises sobre as “estéticas diaspóricas”, a partir de teóricos críticos da cultura e dos estudos culturais (Bhabha, 1996; Hall, 2009); e mais recentemente iv) a utilização do termo mobilidade como um conceito alargado, em uma literatura que combina os estudos urbanos com o das migrações (Glick Schiller, 2012; Glick Schiller e Salazar, 2012; Cachado, 2009).

O campo dos “*migration studies*” foi construído de maneira multidisciplinar, ainda que com a preponderância da economia e sociologia, cujo objetivo principal era criar modelos teóricos e comparativos de fluxos e padrões migratórios. Dentre os modelos economicistas, a teoria neoclássica, os “novos economistas” e a teoria dual do mercado de trabalho⁷⁹ foram as abordagens preponderantes até o final da década de 1980. Em Portugal, a temática sobre a recente “imigração brasileira” começou a ser problematizada na academia no campo dos *migration studies*, particularmente através de estudos sociodemográficos e econômicos. Obedecendo a uma lógica economicista, a dimensão laboral e o *status* econômico dos “imigrantes” se tornou a principal forma de categorizar os diversos fluxos oriundos do Brasil, com dimensões temporais específicas, representadas através da existência de “duas vagas” migratórias (Casa do Brasil, 2004; Padilla, 2006; Malheiros, 2007; Peixoto, 2007; Pinho, 2007)

A “1ª vaga” foi definida como um fluxo limitado de meados da década de 80, que apresentava características de contracorrente migratória ao fluxo de portugueses no Brasil e era constituída por profissionais qualificados (dentistas, informáticos e de marketing), sendo justificado como consequência das sucessivas crises econômicas no

antropólogos começaram a rejeitar progressivamente a ideia de culturas como fronteiras distintas, territorializadas, relativamente imutáveis e unidades homogêneas, pensar e teorizar o movimento de populações tornou-se cada vez mais possível. O interesse nos deslocamentos e no movimento de populações cresceu na conjunção do desenvolvimento dos estudos camponeses e da sociologia urbana à medida que os antropólogos passaram a focalizar os camponeses nas cidades. (Mangin, 1970: P. Mayer, 1961; Plotnicov, 1967; Sanjek, 1990, apud. Bretell, 2000).

⁷⁹ Resumidamente, a teoria neoclássica destacava que as decisões dos imigrantes eram calculadas racional e individualmente, a partir das desigualdades geográficas de taxas salariais e demandas por trabalho entre os países (Harris and Todaro, 1970; Todaro, 1976). No entanto, os “novos economistas” das migrações internacionais apontaram as limitações da perspectiva neoclássica tal como o fato da unidade de análise serem os indivíduos autônomos e não unidades maiores de pessoas relacionadas - como as famílias, domicílios ou outras unidades de produção-; e que, o custo benefício da experiência migratória influencia e determina, exclusivamente, as decisões para os deslocamentos dos sujeitos (cf. Assis, 2000:7). Já a teoria dual do mercado de trabalho define que as migrações internacionais são causadas pela permanente demanda de trabalhadores migrantes que é inerente a uma estrutura econômica dos países desenvolvidos (Massey et.al, 1993:440). Para ver mais sobre o teoria do mercado de trabalho dual ver Piore (1979). Para uma revisão da literatura sobre os diferentes modelos teóricos nos *migration studies*, para além dos mencionados, consultar Massey et.al (1993). Na literatura brasileira, ver (Assis, 2000).

Brasil que dificultavam a mobilidade social interna e limitavam a oportunidades no mercado de trabalho (Rodrigues, 2010; Pinho, 1993, 2007; Torresan, 2004).

No entanto, a “1ª vaga” não foi alvo prioritário da maioria dos estudos, nem motivo de preocupação para o estado português. Foi a “2ª Vaga”, período em que a “imigração brasileira” sofreu um impulso numérico muito significativo e foi classificada como deslocamentos essencialmente laborais, composta de pessoas com níveis de instrução mais baixos e direcionadas para segmentos menos qualificados do mercado de trabalho, que suscitou maior interesse por parte dos estudos sobre os deslocamentos de brasileiros para Portugal (Casa do Brasil, 2004; Machado, 2003; Padilla, 2005, 2006; Malheiros, 2007; Peixoto, 2007). Não obstante, é também neste período que são firmados acordos bilaterais entre Brasil e Portugal, como o “Acordo Lula”⁸⁰ (2003), e a lei de imigração sofre a maior parte de suas reformulações.

Peixoto (2007), ao analisar a dimensão econômica e laboral destes deslocamentos e reforçar as “duas vagas migratórias”, aponta para o caráter dual da “imigração brasileira”, através da constatação de que os “brasileiros” estão presentes tanto nos segmentos qualificados do mercado de trabalho (trabalhos bem remunerados com perspectivas de carreira e supostamente maiores níveis de estabilidade), como também nas posições indiferenciadas do mercado de trabalho secundário (caracterizado pelos baixos salários, elevada instabilidade e fortes níveis de segmentação associados a fatores como o gênero, a idade e a etnicidade).

Por sua vez, Malheiros (2007:22) apresentou dados socioeconômicos que demonstraram que as qualificações dos “imigrantes brasileiros” não apresentam decréscimos muito notórios da 1.ª para a 2.ª vaga imigratória, “ainda que as formas de inserção profissional registassem alterações significativas, revelando tendência para uma maior inserção em segmentos do mercado de trabalho menos qualificados”. Portanto, os níveis de escolaridade e a situação laboral nas sociedades de destino, não servem, isoladamente, como argumento para definir a classe social, nem as experiências de sujeitos em mobilidade. Na verdade, quando discursamos sobre a “2ª vaga” como um deslocamento com um “perfil migratório mais laboral” (Malheiros, 2007:23) do que a

⁸⁰ O “Acordo Lula” foi um acordo Luso-Brasileiro sobre contratação recíproca de nacionais. O acordo foi válido pelo período de 5 anos (até 11 de Julho de 2008), proporcionando uma oportunidade de regularização aos cidadãos brasileiros cuja entrada em Portugal se tenha verificado até 11 de Julho de 2003.

“1^avaga”, omitimos que, para ambas, a dimensão laboral é importante, ainda que estejamos falando de classes sociais e posicionamentos de classe distintos.

Logo que iniciei a etnografia, percebi que as experiências de mobilidade dos sujeitos de Mantena que vivem no Cacém não poderiam ser compreendidas exclusivamente por meio das dimensões econômicas e laborais nas sociedades de destino. Fazia-se necessário trazer para dentro de uma mesma questão analítica as racionalidades econômicas da globalização - que encoraja a emigração de famílias - e as dinâmicas culturais que modelam relações humanas e políticas - e compreender a partir dos contextos de origem, as lógicas culturais que fazem esses deslocamentos pensáveis, praticáveis e desejáveis, as quais estão encaixadas em processos de acumulação de capital (Ong, 1999).

Nesse sentido, a teoria transnacional, ou as análises sobre a transnacionalidade que foram inauguradas no início da década de 1990, a partir do texto de Basch; Schiller e Blanc-Szanton (1992), tornaram-se um importante paradigma analítico sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais. Em primeiro lugar, porque a perspectiva transnacional surge também como um posicionamento teórico crítico ao campo dos *migration studies*, especialmente nos EUA, cuja imagem disseminada de um *melting pot* refletia-se nas discussões sobre assimilação, integração e multiculturalismo. O esforço teórico fundamental dentro desse campo de estudos⁸¹ foi permitir pensar os deslocamentos como processos, e, aos pesquisadores, explorar as inserções simultâneas dos sujeitos em deslocamento que transgridem as fronteiras nacionais, à medida que o transnacionalismo faz referência àqueles migrantes que "estabelecem e mantêm múltiplas relações sociais que ligam as sociedades de origem e de acolhimento", "construindo campos sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas" (Basch *et al.*, 1997, apud Mapril, 2008:19).

Todavia, ainda que os estudos sobre o transnacionalismo ou a transnacionalidade tenham se desenvolvido extraordinariamente, para Schiller (2007:457), continua a existir uma imprecisão sobre seu tema de estudo, sobretudo pela divisão existente entre

⁸¹ O transnacionalismo não é compreendido teoricamente como um fenômeno novo, uma vez que na história das migrações estão presentes exemplos anteriores. Porém, reconheceu-se também que este fenômeno recebeu um forte impulso com o advento das novas tecnologias na área dos transportes e das telecomunicações que vieram facilitar enormemente a comunicação através das fronteiras nacionais e o deslocamento entre grandes distâncias. Glick-Schiller, argumenta que o transnacionalismo na antropologia é parte de um esforço para reconfigurar o pensamento antropológico diante das transformações em curso e da maneira como o tempo e espaço são experienciados e representados (cf. Brettell, 2003).

“os estudos sobre migração” e os “estudos sobre fluxos culturais” sendo o último, no qual, a metáfora dos fluxos - de capital, pessoas e objectos - foram crescentemente notados e celebrados, sendo o objeto de análise principal. O texto paradigmático de Hannerz (1997), por exemplo, demonstra a preocupação teórica em perceber o lugar do transnacional na história das ideias antropológicas. Ao se debruçar sobre as principais palavras evocadas pelos antropólogos que aparecem associadas ao termo “globalização” - as noções de fluxos, limites e híbridos - são identificados como conceitos chave para uma “antropologia transnacional”. Outros autores pensaram sobre as mobilidades preocupados em refutar o isomorfismo entre espaço, lugar e cultura, por tanto tempo vigente nas ciências sociais e investigaram sobre a circulação de significados culturais, objetos e identidades num tempo-espaço difuso (Cliford, 2000; Appadurai, 2004; Gupta e Ferguson, 2000).

Na terceira abordagem, teóricos críticos da cultura, especialmente no âmbito dos estudos culturais, debruçaram-se sobre a análise de “estéticas diaspóricas”, consideradas como terrenos férteis do que Bhabba (1996) definiu como *interstícios* - a sobreposição e o deslocamento dos domínios da diferença. Hall (2009), por sua vez, propôs uma avaliação das diferenças através do conceito de identidades, enxergadas como situações ou, nas palavras do autor, como “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto” (2009:16), argumentando que as diásporas possibilitam pensar as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença e disjuntura. A compreensão conceitual da diáspora evocada aqui, ajusta-se à visão de Brah, para quem as diásporas são vistas em termos de genealogias (num senso foucaultiano) que historicizam trajetórias de diferentes mobilidades e são analisadas na sua relacionalidade através de campos de relações sociais, subjetividade e identidade (1996:176).

Por fim, a mobilidade como conceito alargado sustenta uma adequação da teoria sobre as mobilidades, onde os pesquisadores devem examinar o papel dos estados-nação e das identidades nacionais na formação das experiências dos sujeitos em deslocamento, sem, no entanto, confinar seu estudo e análise dentro de um parâmetro de estados-nação. De acordo com esta perspectiva, tanto as diferenças de poder globais, nacionais e regionais desempenham um papel crucial nos imaginários sobre a mobilidade, nas condições materiais para sua realização e, conseqüentemente, nas experiências e agência dos sujeitos (Schiller e Salazar, 2012:10).

Esta proposta teórica contrapõe-se a uma orientação teórica por meio de “lentes étnicas” (Glick Schiller, Çağlar and Guldbrandsen 2006) e ao “nacionalismo

metodológico” (Wimmer e Schiller, 2003). O termo lentes étnicas refere-se à propensão dos pesquisadores que investigam as migrações - as situações e as conexões transnacionais - em aprisionar suas unidades de estudo nas fronteiras étnicas. Este modo de estudo e análise, para os autores, deixa de reconhecer as diferenças regionais e culturais internas dentro de cada estado-nação, ignorando a diversidade dentro das populações nacionais e étnicas, segundo as regiões, classe, região, gênero, linguagem, religião e política (Schiller, 2012:29).

No mesmo sentido, o nacionalismo metodológico assume os países como unidades naturais de análise a partir da naturalização de um “regime global de Estados Nação” e tem se tornado central nos estudos sobre mobilidades, ao equacionar a sociedade com os interesses do Estado-Nação e transformar sujeitos e trajetórias em “comunidades”. Para os autores, a influência do nacionalismo metodológico nos estudos sobre mobilidades pode ser observada na incorporação do nacionalismo moderno de quatro diferentes tipos de pessoa ou povo: 1) O povo como entidade soberana; 2) As pessoas como cidadãos de um estado com direitos de igualdade perante a lei; 3) O povo como um grupo de solidariedade obrigatória, uma coesa família estendida, unida pela obrigação de apoio mútuo; e 4) o povo como uma comunidade étnica, unida através de um destino comum e uma “cultura” compartilhada. Esta ideia é delimitada por fronteiras que limitam as linhas entre ordem e desordem e entre os nacionais (de casa) e os “estrangeiros”.

Estas noções explicam porque os *imigrantes*⁸² se tornaram o objeto de atenção especial, tanto de políticas públicas como de investigação. Os *imigrantes* aparecem como antinomia para um funcionamento ordenado do estado e da sociedade, mesmo em sociedades onde a *imigração* no passado constituiu parte do mito da fundação da nação. Em primeiro lugar, os *imigrantes* destroem o isomorfismo entre pessoas, soberania e cidadãos. “Imigrantes” são percebidos como estrangeiros para a comunidade que compartilha lealdade em relação ao Estado e compartilham direitos garantidos por este mesmo Estado. Em segundo lugar, *imigrantes* destroem o isomorfismo entre pessoas e nações. Eles surgem como uma mancha sobre as cores “puras” figuradas pelo “nacional” (Wimmer e Schiller, 2003).

⁸² “Imigrante” nesta tese é utilizada como uma categoria étnica utilizada de forma recorrente na academia e nas políticas públicas do estado português e brasileiro, e não como categoria analítica. Para os sujeitos que fizeram parte desta etnografia, a categoria “imigrante” é esvaziada de sentido, prevalecendo a definição “brasileiros”.

Castles (2010) aponta como outra consequência do nacionalismo metodológico o fato da maior parte das pesquisas sobre mobilidades transnacionais terem como ponto de partida as perspectivas das sociedades de destino (geralmente os países do Norte) e negligenciarem, em suas análises, os contextos de origem. Para o autor, estas investigações tendem a estar ligadas a “experiências específicas de gestão das migrações e da diversidade que têm levado a uma “politização das questões migratórias e da questão da integração dos migrantes”, acentuando “o dilema de uma pesquisa conduzida pela política” (2010:21).

A gestão das mobilidades transnacionais é abordada por autores como Inda (2006), no que se refere ao contexto a partir de releituras do conceito de governabilidade de Foucault (1988 1991). Para Inda (2006), a construção dos migrantes como um problema não tem uma dimensão insignificante. Seu objetivo foi explorar como certas mentalidades produzidas nas publicações governamentais, em revistas e conferências científicas e na mídia construíram a imigração "ilegal" como um assunto de governo: pensável, calculável, e gerenciável. Ao analisar os regimes específicos de verdade, com os quais se governa a imigração nos EUA, analisou a maneira como o fenômeno da imigração "ilegal" foi construído como um problema a ser enfrentado e corrigido, vinculado à criminalidade, “roubos” de postos de trabalho e dependência econômica do Estado. Essa construção, de acordo com o autor, legitima programas e técnicas de controle das fronteiras e da imigração “ilegal” que são entendidos como temáticas associadas à “segurança nacional”⁸³.

As formas de moldar, regular ou controlar a conduta dos indivíduos e populações em deslocamentos, têm metas e finalidades específicas de acordo com as categorizações dos migrantes e os contextos sociopolíticos. Em Portugal, como em toda a Europa, parece evidente por um lado, o fechamento e controle acentuado das fronteiras, através de tecnologias de controle dos fluxos como a criação do Frontex em 2005⁸⁴ -, um organismo da União Europeia que visa controlar as fronteiras externas e o reenvio de

⁸³ No caso dos EUA, Inda oferece como exemplos operações como a Gatekeeper e Hold the Line, os quais têm por objectivo garantir o controle da fronteira EUA-México contra a entrada de “imigrantes ilegais”. O foco no controle de fronteiras para o autor tem sido a principal forma através da qual as autoridades políticas têm procurado gerir imigrantes indocumentados. Para saber mais sobre a fronteira EUA/México, suas técnicas e tecnologias de contenção sugiro os trabalhos de Andreas (2012), Assis (2008), Inda (2006), Nevins (2002), Cornelius (2001),

⁸⁴ Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia, cuja sede é em Varsóvia, Polónia. Disponível em <http://www.frontex.europa.eu/>, consultado pela última vez em 20 de novembro de 2013.

imigrantes ilegais para os seus países de origem e a criminalização da imigração “ilegal” através da aprovação da Directiva do Retorno (2008)⁸⁵.

Em contrapartida, o governo português criou a Autorização de Residência para Atividade de Investimento (ARI), ou o “visto dourado”, que entrou em vigor em Outubro de 2012. O acesso a essa tipo de residência determina como “Atividade de investimento qualquer atividade exercida pessoalmente ou através de uma sociedade que conduza, em regra, à concretização de, pelo menos, uma das seguintes situações em território nacional e por um período mínimo de cinco anos: transferência de capitais no montante igual ou superior a 1 milhão de euros; criação de, pelo menos, 30 postos de trabalho; aquisição de bens imóveis de valor igual ou superior a 500 mil euros” (Artigo 3º da Lei nº 29/2012 de 9 de agosto)⁸⁶

Portanto, forçosamente, a centralidade concedida às “migrações internacionais”, e sobretudo a de “não cidadãos”, tem sido objeto prioritário de pesquisa nos *migration studies*, ao contrário dos deslocamentos internos: de uma cidade para outra, de áreas não industrializadas para grandes metrópoles, sendo objetos de análise incorporados em estudos sobre os processos de urbanização em campos académicos separados, nomeadamente nos estudos de população e na antropologia e sociologia urbana, como demonstrarei adiante.

De qualquer forma, o par sociedade de origem e sociedade de destino, estruturados a partir dos estados-nação, nesse caso Brasil e Portugal, não oferece respostas analíticas para pensar os deslocamentos e fluxos entre Mantena e o Cacém. Ao contrário, a combinação entre um nacionalismo metodológico e uma visão limitada sobre sociedade e cultura (Schiller e Wimmer, 2002, 2003), tem sido considerada por mim como uma barreira eficaz para pensar os processos transnacionais e a ideia de simultaneidade. Proponho, em alternativa, refletir sobre as mobilidades no sentido lato – sociais, físicas, espaciais - incorporando várias escalas, o que implica refletir, em simultâneo, mobilidade e fixidez, que sempre se definem entre si. As várias escalas, às quais me refiro, ultrapassam as relações entre fronteiras geográficas e incluem as relações sociais e económicas em contextos particulares.

⁸⁵ A Directiva 2008/115/CE foi aprovada em 18 de junho de 2008 e estabelece procedimentos comuns para lidar com imigrantes que não têm permissão legal para entrar, permanecer ou residir na União Europeia. A diretiva está em vigor desde 24 de dezembro de 2010, data limite estipulada por essa norma para que fosse incorporada à legislação nacional dos Estados-Membros. A diretiva inclui a detenção de imigrantes indocumentados num período de até dezoito meses, inclusive de menores desacompanhados.

⁸⁶ Disponível em www.sef.pt/portal/v10/PT.aspx/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=6262#0, consultado pela última vez em 20 de novembro de 2013.

Campos sociais, cidades, escalas e relacionalidade

Subsequente à apresentação sucinta das quatro principais abordagens socioantropológicas sobre as mobilidades e os deslocamentos entre fronteiras internacionais nas últimas três décadas, explicitarei as principais perspectivas teóricas sobre as mobilidades e a transnacionalidade que nortearam esta etnografia, na medida em que foram requeridas ao longo do próprio processo de pesquisa.

Reconheço a importância das desigualdades entre os países na economia política global que foram muitas vezes negligenciadas em abordagens das mobilidades, como por exemplo a da metáfora dos fluxos. No entanto, as disparidades de poder entre os países e as representações sobre diferentes categorias de sujeitos em deslocamento⁸⁷ - migrantes, estudantes, turistas, empresários, refugiados⁸⁸ -, bem como a existência de hierarquias dentro da própria categoria migrante, que atuam de forma eficaz no condicionamento e acesso à mobilidade a partir da criação de legislações e regulações específicas e, conseqüentemente, nas experiências e representações dos sujeitos devem ser levadas em consideração. A categorização e classificação dos sujeitos nos processos de mobilidade demonstram a legitimação de determinadas mobilidades, em detrimento de outras. A ambiguidade entre a celebração da mobilidade e sua “demonização”, dependendo das categorias de pessoas que se deslocam, é conceitualizada por Schiller e Salazar (2012: 7) como “*regimes of mobility across the globe*”.

(...) there are regimes of mobility that confront both the theorist and the traveller. The term ‘regime’ calls attention to the role both of individual states and of changing international regulatory and surveillance administrations that affect individual mobility. At the same time, the term reflects a notion of governmentality and hegemony in which there are constant struggles to understand, query, embody, celebrate and transform categories of similarity, difference, belonging and strangeness (Burchel 1991; Foucault 2000; Hall 1997)

É importante ressaltar que uma abordagem crítica do modelo analítico da metáfora dos fluxos foi desenvolvida anteriormente por Ong (1999). Porém, a autora vai mais

⁸⁷ O que Appadurai designou como etnopaisagens: “paisagens de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos ou indivíduos em movimento constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afetar a política das nações (e entre nações)” (2004:51).

⁸⁸ Para uma análise antropológica sobre a situação dos refugiados em Portugal ver Santinho (2009, 2010).

longe ao criticar, conjuntamente, as abordagens dos teóricos críticos da cultura. Para Ong, ambas abordagens se tornam problemáticas porque definem o global como político, e o econômico e o local como cultural (1999:4), o que impede a apreensão da natureza horizontal e relacional dos processos econômicos, sociais e culturais contemporâneos que correm através dos espaços e que expressa os “encaixes” em diferentes configurações de regimes de poder. Em oposição, a proposição de Ong, que compartilho, sobrepõe as práticas humanas e lógicas culturais no centro da discussão sobre a globalização, trazendo para dentro de uma mesma questão analítica as racionalidades econômicas e as dinâmicas culturais que modelam reações humanas e políticas. Desta forma, as forças econômicas e políticas não são enxergadas como externas dos significados cotidianos e das ações, mas são consideradas “formas de política cultural integrada em contextos específicos de poder” (Ong, 1999:5).

Isto posto, o entendimento sobre o transnacional/transnacionalidade acompanhará a formulação de Aiwa Ong (1999), justamente por empregar o termo transnacionalismo com o intuito de fazer referência às especificidades culturais dos processos globais, reconstituindo a multiplicidade de usos e concepções de “cultura”. Para a autora, *Trans* evoca simultaneamente movimento através dos espaços ou limites e a mudança da natureza de alguma coisa. Sugere também novas relações entre Estados-Nação e capital e alude para aspectos transversais, *transacionais* e *transgressivos* de comportamentos e imaginação contemporâneos que são incitados, permitidos e regulados pelas mudanças nas lógicas dos estados e do capitalismo.

Dessa forma, a orientação teórica que sustenta esta etnografia seguirá as proposições de Ong (1999) e Schiller e Salazar (2012) sobre a adequação de uma teoria sobre as mobilidades, onde os pesquisadores devem examinar o papel dos Estados-Nação e a influência das identidades nacionais na formação da experiência dos sujeitos em deslocamento, sem confinar seu estudo e análise dentro de um parâmetro de Estado-Nação (2012:10).

Ademais, ao pensar sobre o atravessar fronteiras espaciais entre Brasil e Portugal, beneficiei-me conjuntamente da perspectiva transnacional proposta por Glick Schiller et al., (1992), Marcus (1995) e Mahler (1998), que mostraram que alguns migrantes permaneciam fortemente influenciados por laços contínuos com o país de origem ou por redes sociais que se estendiam para além das fronteiras nacionais, levando à argumentação de pesquisadores sobre os laços *crossborders* - seus alargamentos, impactos e influências - *como* uma variável importante na compreensão

das migrações contemporâneas, que deveria ser avaliada empiricamente (Levitt e Schiller, 2004). A escolha dessa linha de discussão teórica justifica-se também pela possibilidade de refletir analiticamente sobre fluxos e processos por meio dos quais os sujeitos operam estruturalmente em campos sociais que transgridem as fronteiras nacionais (Basch et al. 1995; Glick Schiller et al. 1992; Mazzucato 2004).

Por outro lado, foi nessas abordagens que surgiu a noção de campos sociais transnacionais (Levitt e Schiller, 2004), tornando possível compreender as diversas mobilidades que envolvem a cidade de Mantena e o Cacém, uma vez que a etnografia revelava que, nos processos de deslocamentos entre fronteiras internacionais, não havia uma ruptura entre sociedades de origem e destino, o que apontava para uma perspectiva transnacional (Basch et al. 1995; Glick Schiller et al. 1992; Mazzucato 2004) ou de fluxos contínuos entre as sociedades de origem e destino (Schrooten, 2010). Assim, através da noção de campos sociais transnacionais, foi possível incluir na etnografia sujeitos que nunca estiveram eles mesmos atravessando fronteiras geográficas, mas que estão ligados através de relações sociais com pessoas distantes e até mesmo em diversas localidades.

De fato, isoladamente, as teorias e explicações sobre as migrações internacionais marcadas por um nacionalismo metodológico e por concepções isomórficas entre cultura, território e sociedade não eram satisfatórias para compreender as trajetórias e trajetos dos sujeitos em Mantena e no Cacém. Dito de outra forma, utilizar como recurso fundamental teórico e analítico a literatura específica produzida nos estudos sobre migrações internacionais (*migration studies*) com o intuito de comparar perfis e padrões de deslocamentos contemporâneos de uma “imigração brasileira na Europa”, nomeadamente para Portugal, não era o meu propósito. Diversas investigações já haviam sido realizadas com esse intuito (Lisboa, 2010; Guedes e Marques, 2008; Santos e Cravidão; Machado, 2003, 2008, 2009); Malheiros, 2007; Padilla, 2005, 2007).

Porém, ao percorrer os trajetos e trajetórias de sujeitos oriundos de uma cidade de pequeno porte e uma zona rural⁸⁹, com pouca ou nenhuma experiência metropolitana,

⁸⁹ Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-, as distinções entre meio urbano e meio rural apresentam três características principais: 1) o hábitat disperso; 2) a dependência em relação a sede municipal ou outra cidade próxima e 3) a precariedade de acesso a bens e serviços socialmente necessários, inclusive o acesso a ocupações não agrícolas. (Brumer, 2007:35). No entanto, Sarraceno (apud Carneiro, 2008:15) argumenta “a favor de uma abordagem baseada na noção de economias locais ou regionais para descrever e interpretar os processos reais de diferenciação espacial por considerar ruralidade uma categoria analítica que pressupõe uma homogeneidade dos territórios que os distingue dos urbanos e por considerar também que os critérios de definição tanto dos limites como dos indicadores de ruralidade não são claramente definidos”. Sobre as diversas correntes teóricas de definição do rural e da

de “classes baixas”⁹⁰ e com pouca escolaridade, compreendi que a unidade de análise não poderia ser uma comunidade nacional ou étnica, na medida em que durante a etnografia fui percebendo que nos deslocamentos entre fronteiras internacionais estavam intersectados vários tipos de mobilidade para além da geográfica: social, econômica, física, imaginativa e residencial.

Ao mesmo tempo, o fato dos sujeitos viverem no Cacém, em uma região considerada periférica da Grande Lisboa, e terem suas experiências cotidianas circunscritas em espaços concebidos como periféricos (a linha de Sintra), reconduziu a etnografia para uma reflexão sobre as relações entre os usos da cidade e as experiências das pessoas em mobilidade, o que significou privilegiar as localidades e as circulações em diferentes escalas na origem e no destino, para além de pensar as desigualdades em termos de Estados Nação na economia política global.

Compreendi que tanto as diferenças de poder globais como nacionais e regionais desempenhavam um papel crucial nos imaginários sobre os deslocamentos, nas condições materiais para sua realização e, conseqüentemente, nas experiências e na agência dos sujeitos. Por conseguinte, para perceber e analisar as diferenças de poder (globais, nacionais e locais) e as construções de marcadores de diferença entre Mantena e o Cacém foi fundamental conhecer ambos os campos sociais transnacionais (Schiller, 2007:457), na origem e no destino, como mostrei no capítulo anterior.

Dessa maneira, refletir sobre as desigualdades de poder nacionais, regionais e locais e a forma como a diferença é construída nos contextos de origem e destino, posicionando os sujeitos, poderia elucidar a pergunta que norteava a etnografia. Como a “Europa” poderia ser o Cacém? Compreender que os lugares são a construção, ao mesmo tempo concreta e simbólica, do espaço tornou-se um “caminho” para a análise

ruralidade ver Carneiro (1998; 2008). Ao longo do capítulo também serão abordados as diferentes classificações dos espaços e cenários vivenciados pelos sujeitos.

⁹⁰ Consciente dos riscos do culturalismo ao falar sobre classes, compartilho com Velho (1994:41) sobre a imprecisão do termo “classe média” que estendo à categoria “classes baixas”, divisões que são associadas somente a critérios socioeconômicos – renda e ocupação – e que encontra grandes discontinuidades em termos de *ethos* e visões de mundo entre os sujeitos. É significativo esclarecer que o objetivo não é discutir o conceito de classe como um problema sociológico, todavia, ao longo de toda a etnografia, a importância da assimetria e das relações de classe na experiência dos sujeitos em mobilidade, articuladas com outros marcadores sociais de diferença foi primordial. A escassez de reflexões que centralizam as questões das classes sociais na literatura antropológica foi apontada por Fonseca (2006) no Brasil e Lima (1997), em Portugal. As antropólogas que produziram etnografias referenciais sobre “grupos populares” em Porto Alegre e sobre uma “elite” em Lisboa, respectivamente, demonstram que as análises antropológicas permitem revelar as dimensões culturais e ideológicas das relações de classe que são fundamentais para compreender qualquer contexto social que pretendemos analisar (Lima, 1997:76).

das experiências dos sujeitos entre Mantena e o Cacém. Consequentemente, investigar o aprendizado de se tornar brasileiro/a em Portugal implicou compreender a forma como as relações sociais cotidianas eram organizadas no Cacém e nos contextos de origem: o Bairro dos Operários (Morro do Margoso) em Mantena e a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna, espaços considerados “periféricos” tanto no Brasil como em Portugal, onde a construção das diferenças e as experiências de mobilidade eram figuradas e/ou ressignificadas.

Uma aproximação entre estudos urbanos e mobilidades transnacionais

Influenciada pela argumentação de Glick-Schiller no artigo “*Transnationality, Migrants and Cities: a Comparative Approach*” (2012), onde a autora aponta como problema central na discussão atual sobre os campos sociais transnacionais a divisão entre campos disciplinares de pesquisa com métodos e teorias específicas, nomeadamente o campo das migrações internacionais, dos estudos urbanos e das migrações internas, optei por fazer uma aproximação teórica entre os estudos urbanos, as abordagens sobre o transnacionalismo e as mobilidades (urbanas, internas e/ou internacionais).

Essa escolha justifica-se pela constatação durante a etnografia que as mobilidades geográficas e sociais dos sujeitos aconteciam em diferentes escalas: nas próprias circulações entre as zonas rurais, dentro das cidades (Moura e Vasconcelos, 2012), nos deslocamentos campo-cidade, inter-regionais, bem como internacionais. Dessa maneira, ao reconstruir as trajetórias e os trajetos dos sujeitos de Mantena, que atualmente vivem no Cacém, constatei a co-existência de diversos fluxos com escalas, temporalidades e conteúdos simbólicos específicos: Cachoeirinha de Itaúna - Barra de São Francisco, Mantena e outras zonas rurais; Mantena- Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, Porto Velho; EUA, Portugal; Boston, Cacém.

Nesse sentido, a proposta de Schiller (2012) em reflexionar sobre transnacionalidade e cidades, proporcionaria um maior entendimento para pesquisadores que, como eu, necessitavam situar as cidades e seus diversos habitantes em múltiplas e interpenetradas escalas de relacionalidade. Ao ponderar que as cidades não são espaços homogenizados, a autora propõe que as diferenças entre bairros e localizações nas cidades sejam destacadas, uma vez que estas refletem e reproduzem processos desiguais de *place-making*, dentro dos quais as cidades são constantemente reconstruídas e reimaginadas.

Aliás, Schiller defende que os migrantes e as pessoas com experiências passadas de migração são parte e uma parcela considerável de processos de reconstituição de capital e de localidades, nos quais os espaços urbanos são diferencialmente avaliados dentro de campos sociais transnacionais.

A construção de imaginários urbanos, no que se refere a áreas específicas de moradia de migrantes, é um exemplo (Schiller, 2012:29). Na Grande Lisboa, algumas regiões ou bairros são desvalorizados e/ou valorizados, consoante o tipo de migração e a projeção dos lugares, sobretudo na mídia e nas políticas de estado. Se alguns espaços são produzidos positivamente como exóticos e etnicamente diversos, como o bairro do Martim Moniz, outros são associados como perigosos, periféricos e criminais, como por exemplo o Cacém, a Amadora e a Linha de Sintra⁹¹.

O Cacém se insere em um processo histórico e social de segregação e de formas de organização social urbana na Europa do Sul, nomeadamente na região metropolitana de Lisboa, que indica uma separação espacial de diferentes grupos, geralmente étnicos e sociais. Por outro lado, a disposição da cidade de Mantena e, sobretudo, os locais de origem dos sujeitos - uma zona rural e um morro de ocupação irregular e fortes padrões de autoconstrução, cujos vários residentes possuem um histórico de migração interna frequentemente do campo para a cidade - implicam outras formas de segregação e vivência da cidade, que são a base comparativa dos sujeitos quando narram suas experiências no Cacém.

Contudo, ainda que se evidencie múltiplas e interpenetradas escalas de relacionalidade, os deslocamentos internos de sujeitos de uma cidade para outra, de áreas não industrializadas para grandes metrópoles, de pequenos municípios para cidades maiores não têm sido considerados objetos de análise dos *migration studies*, sendo incorporados, em estudos sobre os processos de urbanização, em campos

⁹¹ É importante salientar que a construção de imaginários urbanos de determinadas áreas e regiões não se encerra na dicotomia migrantes/nativos. Em Portugal, os trabalhos de Costa (2008) sobre o bairro de Alfama e Cordeiro (1995), sobre a Bica, Lima (1993) sobre a Madragoa e a pesquisa de Raposo (2008) sobre os condomínios fechados em Lisboa são alguns exemplos. No Brasil, as separações e segregações espaciais foram abordadas por Agier (2011), que demonstrou no caso da cidade de Salvador, Bahia, um “apartheid social”: a existência de uma diferenciação entre a cidade alta - uma população visivelmente branca, residente em grandes aglomerações de condomínios, com uma oferta grande de equipamentos urbanos de lazer e serviços - e a cidade baixa: bairros antigos, cujos moradores são pobres e de pele mais escura e vivem sobretudo em habitat de autoconstrução. A título de exemplo, existem inúmeros trabalhos e reflexões socioantropológicas sobre as cidades e suas diferentes formas de segregação socio espacial (Caldeira, 2000; Telles, 2006), periferias (Almeida e D’Andrea, 2008; Feltran, 2010, 2009) favelas (Zaluar, 2004; 1994; 1985) e condomínios fechados em São Paulo (Caldeira, 2000) e Goiânia (Moura, 2003).

acadêmicos desassociados, nomeadamente nos estudos de população, na antropologia⁹² e sociologia urbana. Porém, ao cruzarmos as abordagens sobre as migrações internas e internacionais e os estudos urbanos, encontramos inúmeras regularidades, como, por exemplo, a noção do deslocamento associada ao *melhorar de vida*, o modo que os sujeitos dão significado, num primeiro momento, ao projeto de se deslocarem entre fronteiras nacionais (Durham, 1973), e também internacionais (Togni, 2012).

Na pesquisa de Durham (1973), referência dos estudos migratórios no Brasil, a autora já observa a importância deste conceito nativo nas migrações internas campo-cidade no Brasil. Os “migrantes”, ao explicarem o “por quê” da migração, diziam que era para “melhorar de vida”. A emigração, nesse sentido, decorre de uma situação desfavorável que é vista como permanente pelos sujeitos (1973:112).

Comprar ou remodelar uma casa, abrir o próprio negócio, ajudar os familiares e comprar um carro e/ou uma moto foram percebidos como os principais objetivos e motivações em diferentes narrativas sobre diversos contextos de mobilidade. Nos deslocamentos internos entre campo-cidade (Durham, 1973), de gerações de famílias caribenhas (Olwing, 2003), de Filipinas para Hong Kong (Costable, 1999) e de brasileiros para os EUA (Assis, 1999;2004) e Portugal (Pereira, 2009).

Na literatura produzida no Brasil observa-se o mesmo. A existência de um consolidado campo de estudos sobre população as migrações internas, sobretudo o fluxo da região Nordeste do Brasil para metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo (Durham, 1973; Gomes, 2006; Gonçalves, 2001; Menezes, 2002), pesquisas sobre o crescimento urbano, as migrações e sua correlação com o surgimento das periferias urbanas (Brito, 2005; Taube, 1986), e os deslocamentos intra-urbanos prevaleceram como as temáticas mais pertinentes. A partir de 1994, passam a coexistir análises sobre

⁹² No que se refere à “antropologia urbana”, Cordeiro destaca que as duas escolas são fundamentais, justamente pela sua relevância em termos empíricos e teóricos, exemplificados pela autora através da enumeração de orientações de estudo “ (...) o *corpus* de investigações sociológicas e etnográficas realizadas na cidade de Chicago sob a orientação de Robert Park entre 1918 e 1933 (Anderson, 1923; Park e Burgess, 1925; Trasher, 1927; Wirth, 1928, etc); os primeiros estudos de comunidade feitos nos EUA, que tal como no caso dos trabalhos da Escola de Chicago, são reivindicativos pela antropologia e a sociologia (Warner, 1941-1963, Lynd e Lynd, 1929, 1937; Whyte, 1943 e Gans, 1962); também as investigações sobre o desenvolvimento urbano na América Latina e muito particularmente no México e na sua capital, com análises pormenorizadas do seu processo de urbanização, migrações campo-cidade, pobreza urbana (Redfield, 1941; Lewis, 1961-1965); e , ainda, a incursão feita pela antropologia social britânica nas cidades da África Central, no âmbito do Rhodes-Livingstone Institut (sediado no Zâmbia), ligado a universidade de Manchester, onde os processos de mudança social associados à urbanização e à etnicidade urbana, foram analisados com metodologias inovadoras, como sejam o ‘estudo de caso prolongado’, as ‘análises de situação’ e de ‘rede’ (William, 1941-2; Gluckman, 1940; Mitchell, 1969).” (2003:5)”

migrações internas e internacionais, ainda que tais discussões sejam produzidas em campos teóricos e metodológicos separados.

Especificadamente no caso dos deslocamentos internacionais, a maioria dos trabalhos se concentrou nos fluxos direcionados para os EUA (Goza, 1994; 2004; Sales, 2004; Siqueira, 2004; Assis et.al, 2006; Soares, 2007; Japão (Kawamura, 1996; Oliveira, 1998; Sasaki, 1998; Rossini, 2000, 2002, 2006; e Itália (Bógus, 1996), e, mais recentemente, pesquisas sobre a imigração brasileira em Portugal (Machado, 2003, 2008; Almeida e Reis, 2007; Guedes e Marques, 2008; Santos e Cravidão, 2010; Lisboa, 2010).

O desafio em pensar como os sujeitos experienciam as cidades, os trânsitos e as circulações numa perspectiva antropológica que aproximava discussões dos estudos urbanos e de mobilidades nacionais/ regionais e transnacionais, levou-me a retroceder às principais escolas fundadoras do pensamento urbano, respectivamente a “Escola de Chicago⁹³” e “Escola de Manchester⁹⁴”, onde encontrei em diferentes pesquisas produzidas explicações sobre a dimensão espacial das práticas sociais. No entanto, não pretendo desenhar uma historiografia comparativa, nem os principais conceitos teóricos-metodológicos dessas escolas, mas, sim, realçar que algumas das problemáticas desta etnografia emergiram como temática, ainda que com distintas formas de abordagens⁹⁵, precisamente quando a cidade tornou-se um *locus* privilegiado de análise.

⁹³ Considero a Escola de Chicago nos termos de Becker (1996), que a considera mais como uma “escola de atividade”, na qual se trabalhava em conjunto, sem que necessariamente se compartilhasse a mesma teoria, tal como ocorre numa “escola de pensamento” (apud Frúgoli, 2005:151). Como salienta Frúgoli (2007), pioneira na prática etnográfica em priorizar a análise da mudança social em contextos urbanos, pode ser entendida por diferentes enfoques.

⁹⁴ Na Escola de Manchester- um grupo de antropólogos aglutinados em torno da figura de Max Gluckman (1911-75) - que jovens e trabalhadores migrantes assalariados da cidade emergem enquanto personagens de diferentes etnografias, nas quais as noções de situação e do interacionismo adquirem relevância.

⁹⁵ As diferenças entre as perspectivas da Escola de Chicago e a Escola de Manchester, foram pontuadas por Frúgoli (2007). Para o autor: “Originalmente inspirada em Simmel, tal campo [Escola de Chicago] se influenciou da influência durkheimiana, dialogando com correntes do culturalismo norte americano (presente, por exemplo, na configuração de uma “cultura urbana”) e tendo como principal contraponto da dimensão urbana, o domínio rural. [Por outro lado, a Escola de Manchester], diz respeito a um enfoque marcado por uma outra ordem de alteridade: cidades africanas com forte crescimento populacional. Tais estudos estavam inspirados no estrutural-funcionalismo britânico de então. (...) Algo que aproximaria tal abordagem seria a perspectiva interacional, nesse último caso, centrada em categorias cognitivas de classificação e categorização que operam a partir de símbolos culturais, marcadas por um dinamismo no qual as definições do *nós* e do *eles* se recompõem continuamente, em situações de mudança social produzidas por fenômenos como os de colonização, urbanização e migrações (2007:38). Por outro lado, a Escola de Manchester, procurou entender as polaridades rural-urbano como um fenômeno intermitente, ao contrário da Escola de Chicago que possuía como tendência enxergar as mobilidades de “europeus” para metrópoles norteamericanas de um ponto de vista mais assimilacionista.

Compartilho com Agier (2011:61) de que é na junção de conceitos intermediários que ajudaram a pensar a cidade numa perspectiva antropológica, nas diferentes pesquisas realizadas em várias cidades, independente dos objetos empíricos de cada investigação, que podemos encontrar pistas para descrever e analisar as experiências dos sujeitos nas cidades. Para o autor, três noções abrem “diferentes janelas de reflexão sobre as cidades” - região⁹⁶, situação⁹⁷ e rede - que “retornam aos trabalhos das escolas de Chicago e de Manchester”.

Dessa forma, o fato das experiências dos sujeitos em deslocamento estarem circunscritas em escalas e territórios específicos, implicou incorporar a dimensão espacial das relações sociais na prática etnográfica e, ao mesmo tempo, articular temáticas como das migrações, da interetnicidade, da “juventude”, da segregação socioespacial e da polaridade rural/urbano, que foram se destacando ao longo da etnografia.

No que concerne a escola de Chicago, é importante ressaltar que foi no âmbito do contexto estadunidense do início do século XX, considerado um caso típico de *melting pot*, onde diversas etnias, culturas e conflitos emergiam nos EUA, consequência do rápido crescimento urbano e dos deslocamentos originados de zonas rurais da América do Norte como também de países considerados pobres na Europa (Itália, Irlanda e Polónia), que análises sobre a composição social da cidade, da interação entre diversos grupos e suas formas de vida no território, emergem. A escola de *ecologia humana*, cuja base teórica centrava-se nos conceitos de “contágio social” e “região moral” (Park, 1925). Para Agier (2011), o conceito de “região moral” de Park, permite, por um lado, apreender a interação entre diversos grupos e suas formas de vida no território, bem como entender as lógicas das classificações socioespaciais vigentes.

⁹⁶ O conceito de região, por exemplo, segundo Agier (2011) é útil no registro das identidades relativas, porque “as fronteiras da cidade não são nem mais verdadeiras nem menos contruídas que as da etnicidade”, aqui entendida na perspectiva construtivista de Barth (1969). O argumento do autor, o qual compartilho, é que mesmo num “bairro étnico”, há diferenças de gostos, estilos de vida e comportamentos. É no Cacém, representado como um bairro étnico - pelo fato da maioria dos moradores serem negros e/ou oriundos de países da África de língua portuguesa- que a construção e ressignificação das diferenças e as hierarquias de poder irão estabelecer-se, bem como a “cartografia imaginária dos cidadãos que vivem em certas partes da cidade, que continuam a ter, sobre outros espaços, experiências, ideias e imagens” (Agier: 2011:67)

⁹⁷ Outro trabalho que contribuiu para a compreensão, sobretudo dos complexos repertórios criados pelos sujeitos que accionavam articulações entre diferentes marcadores sociais como elementos constitutivos da identidade pessoal e de grupo foi o estudo de Mitchell (1956) sobre a dança Kalela que, a partir do conceito de situação, procurou desvendar o sentido da etnicidade em condições urbanas específicas, dependendo do contexto de interação e da situação.

De outra forma, pesquisas específicas sobre “culturas juvenis” que foram inicialmente produzidas na sociologia urbana da Escola de Chicago, ainda que estivessem focadas quase exclusivamente na ideia de resistência e “desvio”, abordaram indiretamente temáticas relacionadas com os deslocamentos entre fronteiras internacionais, as sociabilidades juvenis e a construção e manipulação de categorias sociais e culturais. A obra pioneira de Foot White ([1943] 2003:19)⁹⁸, por exemplo, sobre Corneville, uma *área pobre e degradada* que se relacionava com o *problema da imigração*, suscita a conformidade com o imaginário do lugar de destino dos sujeitos em deslocamento com quem realizei a etnografia. O Cacém tem sido definido pelo senso comum e pela mídia como um bairro “perigoso”, com alto índice de delinquência juvenil vinculada aos descendentes de africanos, nomeados como os de “2ª geração”⁹⁹.

Outras pesquisas sobre os processos de migração rural-urbana (Mangin,1970; Redfield, 1941; Lewis, 1961-1965) e o trabalho de Thomas e Znanieck (1919), *The Polish Peasant in Europe and America: monograph of na immigrant group*, uma das primeiras pesquisas de campo publicadas sobre migrações que continha histórias de vida de pessoas que viviam na Polônia (origem) e das que haviam imigrado para os EUA, configuram-se como importantes contribuições, na medida em que em suas análises consideram tanto os contextos de origem como de destino dos sujeitos em deslocamento.

Espaço como categoria relacional: a roça, o morro, o suburbio e as periferias

O meu primeiro encontro com Sheila, por exemplo, foi a minha primeira experiência em uma região representada como periférica de Lisboa, cidade onde já vivia há cinco anos. Isto demonstra a diferença no uso e nos trajetos na/da cidade e nas experiências de circulação na “Europa” minha e dos sujeitos que fizeram parte da etnografia. A circulação e os trajetos de Sheila, como a da maioria das pessoas, eram circunscritos aos espaços “periféricos” da Grande Lisboa. De maneira oposta, eu vivia na região central de Lisboa e desconhecia a linha de Sintra, como outros espaços considerados periféricos na cidade onde eles circulavam. A construção da noção de

⁹⁸ De acordo com Becker (1996), Foot White fazia questão em disassociar sua pesquisa da Escola de Chicago, enquanto escola de pensamento homogênea. Na realidade, para o autor, os trabalhos de Whyte estavam mais próximos de Warner e Hughes (estudos de comunidade), do que Wirth (que se interessava pela história do urbanismo) e Blumer, considerados profissionais excessivamente teóricos.

⁹⁹ A problematização teórica sobre o conceito de periferias, bairros sociais e suas relações com as migrações será realizada ao longo deste capítulo.

periferia está vinculada a distância das áreas consideradas centrais, e um *bairro problemático* que tem uma associação direta com a cor (negra), a origem étnica (africanos) e o estatuto de *imigrante*, somado às práticas de violência e criminalidade, como observou Vale de Almeida (2007).

Ao utilizar o termo periferias, no plural, pretendo demonstrar de que maneiras, em cada contexto, os significados associados à essa noção são produzidos e reproduzidos de forma relacional. Dessa forma, se a princípio a reconheço como Feltran os problemas de utilizar o termo periferias por “remeter, por vezes, a divisão estanque entre centro e periferia¹⁰⁰, e a depender do contexto, uma série de estigmas sociais” (2011:15), opto, como o autor a falar sobre periferias no plural, para me referir a “ambientes situados no tempo e no espaço, em que as pessoas se relacionam entre si e com outras esferas do mundo social, de modo plural e heterogêneo”¹⁰¹.

Da mesma forma, refletir sobre as periferias possibilitou-me argumentar sobre a existência de uma pluralidade de experiências e deslocamentos entre marcas de diferença e de relações de poder em contextos, ambos classificados como periféricos. Tanto nos locais de origem quanto nos de destino, foram surgindo ao longo da etnografia diferentes categorias nativas, para classificar determinados espaços e lugares. *Roça, morro, favelinha, periferia, suburbio e cidade grande*, são alguns exemplos, que, no entanto, são relacionais e possuem diferentes significados de acordo com o contexto e as pessoas que os utilizam¹⁰². Dessa forma, ao costurar espaços e trajetos (Agier, 2011) nos deslocamentos entre fronteiras internacionais dos sujeitos, pretendo demonstrar que os contextos relacionais específicos na origem e no destino influenciam as experiências e a capacidade de ação dos sujeitos em mobilidade.

A reflexão sobre a escala da cidade e a incorporação desigual dos “imigrantes” tornou-se uma questão para pesquisadores como Feldman-Bianco (2009) e Schiller e Çaglar (2008), Schiller (2012)¹⁰³ e em Portugal por Cachado (2009). O argumento de

¹⁰⁰ Guimarães, em seu artigo sobre juventudes nas periferias urbanas, utiliza o termo periferia para “designar áreas da periferia geográfica da cidade (no seu caso o Rio de Janeiro), mas também aquelas áreas que em função da geografia das cidade e das formas de ocupação do espaço, poderiam ser denominadas como “periferias social”, como referência às populações pobres que habitam favelas construídas em morros encravados em bairros centrais” (1997:199).

¹⁰¹ Idem. Feltran,(2011:15).

¹⁰² A partir da problematização da realização do trabalho de campo nos diferentes contextos socioespaciais descreverei os espaços e suas classificações de forma pormenorizada no capítulo II.

¹⁰³ A coletânea *Location Migration: rescaling cities and migrants*, publicada em 2011 por Schiller e Çaglar contém contribuições de diversos pesquisadores sobre as relações entre as cidades e os migrantes, estes vistos como sujeitos com variadas experiências de classe, gênero, história, política e religião e que vivem em diferentes contextos socioespaciais.

Glick Schiller (2012) e Cachado (2009) sugere que analisar comparativamente as relações entre migrações e cidades, bem como interligar modelos teóricos metodológicos de ambos os campos de estudos - migrações e estudos urbanos, pode contribuir para um renovado entendimento sobre ambos os campos de pesquisa, como também sobre a temática da transnacionalidade (2012:24).

Diante do reduzido conhecimento sobre como as relações entre os migrantes e as cidades são modelados, ao mesmo tempo que modelam e formam cidades constituídas dentro de processos transnacionais políticos, econômicos, sociais e culturais, sobretudo no que concerne os deslocamentos de brasileiros para a Grande Lisboa, optei por analisar a mobilidade territorial na cidade alargada, para além dos países de origem e acolhimento, porque proporciona compreender como determinados espaços na/da cidade interferem nas experiências e percursos de vida dos sujeitos em deslocamento (Cachado, 2009).

Por outro lado, a argumentação de Okely (1996), que realça a origem relacional do espaço, considerando os seus distintos significados, que são definidos, mantidos e alterados pelo efeito das relações desiguais de poder, possibilitou-me apreender como a vivência do espaço urbano e a ocupação de lugares sociais distintos relacionam-se com a forma como diferentes sujeitos, em processos de mobilidade entre fronteiras internacionais, experimentam e significam a mobilidade.

Para a autora, as distâncias sociais não necessitam, necessariamente, de distâncias geográficas, sendo que ocupantes de um mesmo espaço “cartesiano”, podem viver e ocupar lugares distintos. Se, à partida, tanto eu quanto os sujeitos de Mantena éramos oriundos de um mesmo país, o Brasil, todavia, a primeira vez que encontrei-me no bairro, a questão inicial foi como a “Europa” poderia ser o Cacém? A “Europa” imaginada por mim, sinónimo de igualdade, maior proteção social, mais altos níveis de educação, ética e cidadania, vinculado a um posicionamento subjetivo de classe, particularizado por visões de mundo, valores, recursos e projetos, que na minha percepção estava longe de se concretizar no Cacém, um bairro representado como periférico e “perigoso” e associado às classes “mais baixas”.

As permanências prolongadas nos espaços de origem dos sujeitos possibilitaram-me compreender que, para analisar a mobilidade dos sujeitos que vivem no Cacém, deveria levar em conta as alterações nas relações de poder marcadas no contexto de origem por uma moradia periférica – no *morro* e *roça* -, um estatuto económico baixo marcado pela clivagem entre cor da pele e classe e um acesso reduzido ao consumo e à

vida social. Ainda que a “Europa” que os sujeitos conhecem seja encontrada em regiões relativamente periféricas e sua sociabilidade seja muitas vezes restrita a esses espaços, defenderei ao longo da tese que estes experimentam diferentes mobilidades, como o maior acesso aos bens de consumo e melhorias nas condições de moradia. Para além dessas mobilidades, as mudanças nas relações de poder têm sido potencializadas pela interação com outros sujeitos no Cacém, sobretudo com os *africanos*, que ocupam na hierarquia geopolítica global um lugar simbólico inferior em Portugal, quando comparado ao Brasil - visto como superior ao da “África”, especialmente a partir do ano de 2010 com a “ideia” do crescimento econômico brasileiro. Por outro lado, em Portugal, a localização social (Pessar e Mahler, 2001) dos “africanos” é menor quando comparada aos “brasileiros”: os *pretos* (leia-se, “africanos”) ocupam os cargos mais baixos em um mercado de trabalho altamente etnicizados e possuem também a menor escolaridade entre os “imigrantes”.

Ao comparamos as relações de poder nos locais de origem, os deslocamentos entre fronteiras internacionais tem possibilitado, conjuntamente, reconfigurar as relações de poder dentro dos contextos familiares, sobretudo, a partir do envio de remessas e a consequência participação ativa dos sujeitos na renda familiar¹⁰⁴.

3.2 Fronteiras como interação de diferenças e o modelo teórico das interseccionalidades: repensando as categorias jovens migrantes

Como afirmei no início do capítulo, a noção de fronteira que mobilizo implica refletir, conjuntamente, sobre seu caráter relacional, evidenciado pelas mudanças de contexto que possibilitam a interação de diversas diferenças. Na produção antropológica das últimas duas décadas os deslocamentos dos domínios da diferença e as reconfigurações e ressignificações das identidades sociais nos processos de mobilidades transnacionais têm sido trabalhadas por diversos autores em diferentes contextos nacionais.

Porém, têm prevalecido na maioria das análises o que Schiller e Çaglar (2006) nomearam como a utilização de “lentes étnicas”, ou seja, um destaque dos marcadores sociais etnicidade e nacionalidade. Essa tem sido também a maneira predominante de refletir teórico e metodologicamente sobre os deslocamentos de brasileiros para a Europa, fundamentalmente Portugal, onde pesquisadores reconhecem de antemão algum

¹⁰⁴ Essa questão será abordada no decorrer do Capítulo 4.

compartilhamento “cultural” ou de “origem” e respaldam suas análises a partir dos conceitos de “comunidade” e “identidade”. O livro organizado por Machado (2006) sobre a imigração brasileira em Portugal intitulado ‘Um mar de identidades’, pesquisas como as de Xavier (2007) e Machado (2007) e a coletânea organizada por Malheiros (2007), na coleção “comunidades” do Observatório da Imigração¹⁰⁵, são alguns exemplos. Nessas reflexões são assumidas a heterogeneidade das identidades dos migrantes, proporcionadas por diferentes experiências de classe, gênero e locais de origem, que são levadas em consideração nas análises sobre a reconfiguração de suas identidades através das experiências de mobilidade.

Porém, Olwing (2003) aponta para o fato das pesquisas sobre os aspectos “culturais” do transnacionalismo se preocuparem em demasiado com as questões identitárias, limitando suas análises a fenômenos culturais nomeados por Appadurai como “culturas marcadas”, o que tem implicado deixar de lado outros campos de “culturas não marcadas”. Para Appadurai (2004:13-14), a “cultura não marcada” se refere às “excessivas diferenças que caracterizam o mundo, diferenças em vários níveis, com várias influências e com maior ou menor grau de consequências sociais”, ao passo que a “cultura marcada” só inclui “um subconjunto de diferenças que têm sido mobilizadas para articular as fronteiras da diferença” ou as “que constituem os diacríticos da identidade de grupo”. De acordo com Olwing (2003), o foco nas “culturas marcadas dos migrantes”, ou seja, em subconjuntos altamente seletos de diferenças, tem deixado praticamente em aberto uma série de outras diferenças.

Prestar atenção na forma como as categorias operam nas relações sociais não significa teorizar apenas a etnicidade a partir da ideia de “grupos étnicos” definidos como modelos de organização social, mas avaliar os momentos em que são acionados pelos sujeitos narrativas de diferenças culturais presumidas como essenciais, a partir da fixação de símbolos, comportamentos e representações que fundam a crença de uma origem comum (cf. Poutignat e Streiff-Fenart, 1997).

A ponderação de Olwing (2003) tornou-se compatível com a realidade encontrada por mim no decorrer da etnografia entre Mantena e o Cacém. Fui percebendo que os marcadores de diferenciação social, analisados separadamente, não davam conta da

¹⁰⁵O Observatório da Imigração é uma unidade informal criada no âmbito do ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, cujo um dos objetivos é desenvolver dossiês, estudos e investigações, em colaboração com instituições científicas e académicas sobre as migrações internacionais em Portugal. Retirado de www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=1, acessado em 12 de Novembro de 2013.

complexidade de articulações e demarcações da diferença feita pelos sujeitos. Assim, o conceito de identidade, da forma como tem sido utilizado nos estudos sobre mobilidades transnacionais, não daria conta da complexidade de situações, interações e contextos onde distintas diferenças se intersectavam.

Somente uma abordagem teórica e metodológica capaz de desenredar, para além do que é enxergado como “étnico” pela maioria dos pesquisadores, possibilitaria a compreensão de categorias nativas como “brasileiros”, “tugas” e “africanos”, que eram comumente utilizadas no Cacém, mas que, pormenorizadas, comunicavam sobre complexas classificações sociais, tecidas a partir de outras marcas como posição social, origem regional, idade, religião e sexualidade, escolaridade, entre outras.

Assim, ainda que autores, como Hall (2009), sugerissem uma avaliação das diferenças através do conceito de identidades, consideradas como situações ou como um lugar que se assume, dependendo do contexto e da posição social, optei por trabalhar com a noção de diferença. Tenho a clareza de que a identidade é marcada pela diferença e que pensar em diferença é pensar também em identidades. Porém, preferi empregar o termo diferença por este possibilitar analisar as distinções entre “o que se afirma ser e ao mesmo tempo o que não se é” (Woodward, 2009:9). De outro modo, ainda que a identidade seja marcada pelas diferenças, nos estudos sobre as migrações internacionais as diferenças étnicas e de origem nacional têm sido vistas como sinônimo de identidade, retirando outras marcas de diferenciação.

Como sublinhou Appadurai (2004), a principal virtude da noção de diferença é ter a capacidade heurística de destacar semelhanças e distinções entre quaisquer tipos de categorias - classes, gêneros, papéis, grupos e nações- que reforça a ideia de diferença situada, em relação à uma pessoa e a um local. A consideração de Appadurai sobre o termo diferença como uma “categoria útil” para refletir sobre diferentes categorias e a ênfase no seu caráter relacional e situado é bastante útil para pensar as mobilidades transnacionais dos sujeitos dessa etnografia. No entanto, vou mais além. Adotarei a diferença como categoria analítica, na medida em que possibilita apreender uma variedade de significados em diferentes discursos.

Apoiar-me na conceitualização da diferença a partir da experiência¹⁰⁶, ou seja, “um processo de significação que é a condição mesma para a constituição daquilo que

¹⁰⁶ A perspectiva teórica de Avtar Brah (2006) sobre a diferença, apesar de apresentar quatro formas de conceitualização: 1) como experiência; 2) como relação social; 3) como subjetividade e 4) como identidade, adverte que, na prática, esses conceitos não habitam espaços mutuamente exclusivos e se interrelacionam.

chamamos realidade” (Brah, 2006:360) e nos distintos significados atribuídos pelos sujeitos aos eventos cotidianos, se configurou como a forma mais apropriada para a reflexão na etnografia. Isto porque, como salientou Brah, “questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. Para Brah (1996), as identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais e a subjetividade, o lugar do processo de dar sentido às nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. Assim, as identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o próprio sujeito” (2006:371).

Por outro lado, as inquietações de Brah (1996; 2006) não diziam respeito somente à “diferença” em si, mas, conjuntamente, a quem define a diferença, como diferentes categorias de sujeitos são representados dentro dos discursos da “diferença” e como a “diferença” diferencia, hierarquicamente, questões que se ajustam às minhas próprias inquietações no terreno.

“A questão não é privilegiar o nível macro ou micro de análise, mas como articular discursos e práticas que se inscrevem nas relações sociais, posições de sujeito e subjetividades. O problema interessante então é como os níveis micro e macro são inerentes às inscrições acima. Como a diferença designa o “outro”? Quem define a diferença? Quais são as normas presumidas a partir das quais um grupo é marcado como diferente? Qual é a natureza das atribuições que são levadas em conta para caracterizar um grupo como diferente? Como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas? Como são os vários grupos representados em diferentes discursos da diferença? A diferença diferencia lateral ou hierarquicamente? Questões como essas levantam uma problemática mais geral sobre a diferença como categoria analítica” (Brah,2006:359).

Logo, diferença e experiência tornaram-se conceitos-chave nesta etnografia, estimulados pelos debates feministas sobre o gênero em espaços e processos transnacionais. É importante ressaltar que pensar o gênero nas mobilidades transnacionais tem se constituído uma importante temática do debate feminista e nas publicações sobre as migrações internacionais nas últimas décadas (Morokvasic, 1984; Gramusck e Pessar, 1991; Pessar e Mahler, 2001,2003; Anthias, 2000, 2002; Andall, 2003). Inicialmente, a presença de mulheres na literatura sobre migrações internacionais produziu-se no âmbito de investigações onde o conceito de gênero irrompe como

categoria analítica, consequência da crescente participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais e do desenvolvimento da teoria feminista (Anthias e Lazaridis, 2000; Campani, 1995, 1997; Kofman, 1999; Morokvasic, 1984; Phizacklea, 1983; Pessar & Mahler, 2001, 2003).

Em um primeiro momento, reconhece-se a importância econômica e social das mulheres nas migrações e a inserção no mercado de trabalho em ocupações tradicionalmente femininas (Boyd, 1996; Ryan 2003 e Zlotnik, 2000; Lutz, 2000 e Sassen, 2003). A preocupação primordial era tornar visíveis as experiências de mulheres nos processos migratórios e reconhecer a própria feminização das migrações¹⁰⁷ e o seu papel econômico e político ativo nos deslocamentos, até então encobertos por pesquisas que privilegiavam os deslocamentos masculinos.

A maneira como as relações de gênero são negociadas em diferentes contextos transnacionais e a maneira como o gênero organiza esses mesmos contextos - através das relações, processos e ideologias operativas (Pessar e Mahler, 2001) se configurou como outra temática importante no debate feminista. Estas discussões conduziram ao conceito de “políticas de localização”, que sobrepõe a ênfase nos campos sociais de diferenças de poder. Mahler e Pessar (2001) por meio da construção analítica da “localização social” e das “geografias marcadas por gênero”, referindo-se às diferenças de poder nos campos sociais em que os sujeitos em mobilidade estão inseridos.

Por “localização social” as autoras se referem às posições pessoais dentro de hierarquias de poder, criadas através de relações históricas¹⁰⁸, políticas, econômicas, geográficas e outros fatores de diferenciação. O argumento é de que os sujeitos nascem em uma localização social que oferece vantagens e desvantagens e que as pessoas, independentemente de seus esforços, estão situadas dentro de hierarquias de poder que

¹⁰⁷ Desde 2003, os deslocamentos de brasileiros para Portugal têm sido marcados por uma crescente feminização. Atualmente, os brasileiros representam 25,3% dos “imigrantes regularizados” e constituem-se como a maior “comunidade imigrante” em Portugal, sendo que as mulheres representam 58,2% do total desses “imigrantes” (SEF, 2012). A feminização das migrações brasileiras são também observadas em outros países do Sul da Europa como a Espanha, cujos dados estatísticos de 2006, apontavam para o facto de que as mulheres brasileiras representavam 60% do total de migrantes brasileiros (Piscitelli, 2008: 270).

¹⁰⁸ As relações históricas entre Portugal e Brasil são contraditórias e ambivalentes. De acordo com Feldman-Bianco, essas relações são o resultado “*da inversão do pacto colonial*” (Novaes e Mota, 1996), da longa história de imigração portuguesa no Brasil e constante reafirmação das relações de descendência, cultura e língua compartilhada”. Acrescenta-se também a entrada de Portugal na Comunidade Européia e o aumento da imigração brasileira, bem como, recentemente o crescimento econômico brasileiro e a crise européia. O lugar ocupado pelo Brasil no imaginário português e vive versa deve ser levado em consideração. Para uma discussão sobre “os laços afetivos de irmandade” no capitalismo global, sugiro Feldman-Bianco (2008). Para uma discussão sobre os estereótipos e preconceitos mútuos entre Brasil e Portugal, ver o texto de Rowland (1998), Machado (1998). Sobre a construção do imaginário sobre as “mulheres brasileiras”, ver Pontes (2004).

não foram por elas construídas. Outra grande contribuição teórica das autoras refere a discussão sobre a existência de uma agência “genderizada” que é operacionalizada numa variedade de escalas geográficas e analíticas, definida por Mahler e Pessar (2001; 2003) como modelo de “geografias de poder permeadas por gênero”. Ao resgatar o termo espacial de geografias, argumentam que o gênero opera simultaneamente sobre múltiplos espaços e escalas sociais, como, por exemplo, o corpo, a família e o Estado, através dos terrenos transnacionais. Para as autoras, é ao mesmo tempo no contexto de escalas específicas, como na relação entre elas, que as ideologias e relações de gênero são reafirmadas, reconfiguradas, ou ambas as coisas (2001:445).

Em Portugal, particularizam-se pesquisas onde o gênero é incorporado como categoria de análise, normalmente como sinônimo de mulher, em que são destacadas as especificidades das trajetórias de “mulheres migrantes” de acordo com a origem nacional (Miranda, 2009); e/ou investigações que exploram as relações familiares, inregeracionais (Trovão et al., 2010) entre homens e mulheres, transformadas ou ressignificadas a partir da experiência do deslocamento entre fronteiras internacionais bem como as reconfigurações identitárias de mulheres migrantes em contextos de mobilidade específicos.

O interesse sobre as “mulheres brasileiras migrantes” nas ciências sociais em Portugal é uma temática recente e assistimos a uma multiplicação de trabalhos produzidos na última década. A introdução do gênero como categoria analítica nessas pesquisas relaciona-se com a crescente feminização¹⁰⁹ dos deslocamentos de brasileiros a partir de 2003¹¹⁰, bem como com a visibilidade concedida, sobretudo nos mídia, a partir da divulgação de dados estatísticos oficiais sobre a “imigração brasileira”.

Sexualidade feminina associada à nacionalidade brasileira tem atravessado as tensões e discussões da última década no contexto português, sobretudo a partir da transnacionalização da indústria do sexo e dos vínculos amorosos. As “mulheres brasileiras” possuem uma presença crescente e visível no mercado do sexo, e no mercado matrimonial. Os casamentos entre brasileiras e portugueses têm aumentado progressivamente desde 1998 (Togni, 2008; 2009).

¹⁰⁹ A feminização das migrações brasileiras são também observadas nos países do Sul da Europa como a Espanha, cujos dados estatísticos de 2006, apontavam para o facto de que as mulheres brasileiras representavam 60% do total de migrantes brasileiros (Piscitelli, 2008: 270).

¹¹⁰ Os brasileiros representam 24% dos “imigrantes regularizados” e constituem-se como a maior “comunidade imigrante” em Portugal, sendo que as mulheres representam 54% do total desses “imigrantes” (SEF, 2012; OIM, 2009)

Desde o midiático caso do “Movimento das Mães de Bragança”¹¹¹, em 2003, até a atual discussão sobre os “casamentos de conveniência”¹¹² e o “tráfico de seres humanos”¹¹³, podemos notar que o gênero, entretecido com outras categorias de diferenciação, sobretudo, nacionalidade, etnicidade e sexualidade, tem sido construído e manipulado - pela mídia (Beleli, 2012; Cunha, 2006; Pontes, 2004), pelo Estado (Alvim e Togni, 2010) e, conjuntamente, pelos próprios sujeitos que experienciam estes deslocamentos.

Em seus trabalhos etnográficos, realizados principalmente na Itália e Espanha sobre a transnacionalização da indústria do sexo e dos vínculos amorosos, Piscitelli tem revelado a maneira como a feminilidade brasileira é associada a noções interpostas de sexualidade, gênero, “raça”, etnicidade e nacionalidade (2004, 2007, 2008, 2009, 2012, 2013). Segundo a autora, o fato do Brasil ter se incluído nos últimos anos nos circuitos mundiais de turismo sexual e das brasileiras terem adquirido visibilidade na indústria do sexo em países do Sul da Europa, tem acentuado essas relações entre essas categorias no cenário global. Para a autora, “a ideia é de que elas são portadoras de uma disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão para a prostituição, combinadas

¹¹¹ Um movimento de protesto feminino das mulheres portuguesas da aldeia de Bragança, situada na região Norte de Portugal, contra as mulheres brasileiras trabalhadoras do sexo e “contra os efeitos nefastos da prostituição na estabilidade da família tradicional”. Esse conflito tornou-se um marcador fundamental no imaginário e estereótipo em relação à “mulher brasileira”, gerando desconfiança e uma associação quase direta dessas mulheres à prostituição que é atualizada de maneira constante nos *mass media* (Ferin, 2006).

¹¹² Os “casamentos de conveniência” é incorporado na moldura penal portuguesa através do artigo 186º da nova lei de imigração (2007). A lei determina que “quem contrair um casamento com o único objetivo de proporcionar a obtenção de uma autorização de residência ou de defraudar a legislação vigente em matéria de aquisição da nacionalidade, ou quem de forma reiterada ou organizada, fomentar ou criar condições para aquela prática, é punido com prisão, sendo a tentativa também punível”. E desta forma, o Estado e os legisladores sublinham o reforço ao combate à imigração ilegal. Para uma discussão sobre os casamentos entre brasileiras e portugueses recomendo a minha dissertação de mestrado Togni, Paula C., e Raposo, Paulo, *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: gênero e imigração* (Estudos OI), Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009. Estudo disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_38.pdf (Consultado pela última vez a 21.03.2013).

¹¹³ O conceito actual de tráfico de pessoas diz respeito ao “recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recepção de pessoas, através da ameaça, do uso de força e de outras formas de coerção, rapto, fraude, engano, abuso de poder, da posição de vulnerabilidade, de dar ou receber pagamentos ou de benefícios para conseguir o consentimento de uma pessoa que tem o controlo sobre outra pessoa, com a finalidade da exploração. Exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou de outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares a escravatura, servidão ou a remoção de órgãos”, segundo o *Protocolo relativo à prevenção, repressão e punição do tráfico de pessoas, em especial de Mulheres e Crianças*, mais conhecido como o Protocolo de Palermo (2000), integrado no Código Penal Português em 2007. Até então, o conceito dizia respeito apenas ao tráfico de mulheres para exploração sexual. Para um debate crítico sobre os problemas enfrentados na produção de conhecimento sobre tráfico de pessoas recomendo o texto de Piscitelli (2008). Sobre o debate atual sobre tráfico em Portugal ver os trabalhos de Alvim (2009) e Alvim e Bordonaro (2008) e Alvim (2013).

com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, com uma alegre disposição para a domesticidade e a maternidade” (2008: 269).

No entanto, o signo *mulher brasileira* parece ter sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações de relações de poder que assumem significados específicos através de discursos sobre estilos de feminilidade. Em Portugal, uma excessiva sexualização, naturalizada através da noção de uma “cultura” sexual brasileira (Parker, 1991), acaba por simbolizar, conjuntamente, “trajetórias, condições materiais, experiências culturais e históricas particulares” (Brah, 1996).

No entanto, o que era uma representação tornou-se uma categoria de análise. Investigar sobre *as mulheres brasileiras em Portugal* acabou por obscurecer o fato da não existência de um sistema de gênero homogêneo, nem no Brasil nem em Portugal, como também a não articulação do gênero com outras categorias de diferenciação como geração, classe, cor da pele/ “raça” e origem regional. As reconfigurações identitárias mediadas pela essencialização e exotização da identidade nacional brasileira e da sexualização dessas mulheres têm sido, desde então, o objeto de análise prioritário na produção acadêmica em Portugal. Diferentes pesquisas refletiram sobre experiências de deslocamento no feminino, e as consequências no cotidiano dessas mulheres em um contexto marcado pelo estigma¹¹⁴, através da sobreposição dos marcadores sociais, gênero, nacionalidade e sexualidade (Téchio, 2006; Padilla, 2007; Azevedo, 2008 e Fernandes, 2008; Gomes, 2013) e do imaginário social vinculado à prostituição, ao “tráfico de pessoas” e aos “casamentos de conveniência”¹¹⁵

Como regularidade, a maioria das investigações etnográficas tem demonstrado que a imigração brasileira feminina em Portugal é heterogênea no que diz respeito às origens de classe e regionais, escolaridade e “raça”, bem como em relação às motivações e estratégias migratórias. Várias geografias e tipologias desses deslocamentos foram observadas, mostrando motivações nem sempre exclusivamente econômicas, mas conjugadas com outras expectativas, como os vínculos conjugais ou

¹¹⁴ O uso da palavra estigma aqui segue intencionalmente a linha de pensamento teórica de Goffman ([1975], 1988), que postula que um estigma, mais que um atributo, é uma forma de linguagem quando uma característica que deprecia alguém pode confirmar a normalidade de outro, o que justifica hierarquias, inclusões e exclusões sociais. É, portanto, necessariamente relacional, só fazendo sentido em determinados contextos.

¹¹⁵ Em 2004, Pontes trata da essencialização e exotização da identidade nacional brasileira e da sexualização dessas mulheres no seu artigo intitulado “Mulheres Brasileiras na Mídia Portuguesa” e Téchio (2006) apresenta uma pesquisa relativa a uma casa de alterne em Lisboa, circunscrevendo sua análise com brasileiras trabalhadoras do sexo. Etnografias como as de Azevedo (2008), Fernandes (2008) e Selister (2013) são exemplos de pesquisas sobre a vivência cotidiana dessas mulheres mediada pela “essencialização e exotização da identidade nacional brasileira e da sua sexualização”.

afetivos (Togni, 2008), estudo, separações e divórcios (Padilla, 2007) e aventura e/ou desejo de alterar os projetos pessoais (Azevedo, 2008; Togni, 2008; Padilla, 2007). Dessa forma, não se constituem como um todo homogêneo “na sociedade de acolhimento” nem na “sociedade de origem”. Portanto, a categoria “mulher brasileira”, apesar de ser uma construção simbólica e uma categoria êmica que opera no cotidiano de sujeitos que se movem para Portugal¹¹⁶, não pode ser considerada uma categoria analítica. Analiticamente, é esvaziada de significado, justamente por ocultar outras diferenças para além do sexo e nacionalidade – como a classe, origem regional, religião, idade – e pressupor a existência de um único sistema de gênero no Brasil e em Portugal. Em 1995, Maclintock já argumentava que “gênero não é sinônimo de mulheres”. Ao citar Cora Kaplan (1989), considera que:

“a atenção ao gênero como categoria privilegiada de análise tende a representar a diferença sexual como natural e fixa – uma feminilidade constante e transhistórica numa luta libidinal com uma masculinidade universal igualmente dada” (Maclintock, 2010:24).

Nesta etnografia, não adotei o gênero como uma categoria analítica. Adotei a proposta teórica de Strathern (1988; 2006), Piscitelli (2008, 2010, 2013) e Vale de Almeida (2000) ao pensá-lo como um tipo de diferenciação que assume conteúdos específicos em contextos particulares e se intersectam com outras marcas de diferença.

Concordo com as abordagens que consideram o gênero relacional, justamente por colocar categorias em relação, como por exemplo noções sobre masculinidades e feminilidades. De acordo com Piscitelli, as abordagens de Strathern e Vale de Almeida “consideram que essas noções (masculinidades e feminilidades), deslocando-se de homens e mulheres, marcam as pessoas de maneiras complexas, entrecruzando, às vezes, atributos femininos e masculinos, como também marcam espaços e objetos” (2013:31).

Empenhei-me em “dar voz” às experiências de mobilidade tanto dos rapazes como das meninas e abordar diferentes concepções de feminilidades e masculinidades. Considero que os mesmos contextos que possibilitam ressignificações e negociações da diferença para as meninas atuam, de forma determinante, também para os rapazes, ainda que de formas dissemelhantes. Além disso, são poucas as pesquisas e análises sobre o

¹¹⁶ A construção e representação, em Portugal, de noções de feminilidades associadas ao Brasil, será abordada no Capítulo 5, como também a realização de uma discussão mais aprofundada sobre as articulações entre as categorias sexualidade, nacionalidade e gênero na etnografia.

gênero e outros marcadores de diferença na literatura sobre as migrações internacionais que se centram nas experiências homens e/ou nas masculinidades (Piscitelli, Assis e Olivar, 2011).

Ao acompanhar os trajetos e trajetórias dos sujeitos entre Mantena e o Cacém, fui percebendo que, para além dos contextos nacionais, consenso entre pesquisadores sobre as migrações internacionais¹¹⁷, as desigualdades locais e regionais operavam na construção e representação das diferenças. Logo, a prática de atribuir sentido, tanto simbólica quanto narrativamente, às experiências de mobilidade parece se matizar de acordo com os lugares onde os sujeitos estão inseridos nas sociedades de destino, bem como dos seus contextos de origem, para além dos contextos nacionais.

Portanto, tornar-se *brasileiro/a* em Portugal para os sujeitos de Mantena afigura-se como uma aprendizagem singular e coletiva que só pode ser compreendida através da articulação das várias formas de diferenciação que são duplamente localizadas e marcadas por contextos desiguais de poder no interior do que se têm definido como “sociedade de destino” (Portugal) e a “sociedade de origem” (Brasil).

Concluindo, defendo que a mobilidade entre fronteiras internacionais, para contextos particulares e com conteúdos específicos que situam mulheres e homens, tem possibilitado transformar concepções sobre gênero, família (Parreñas, 2001; Bryceson e Vuorela, 2002; Hondagneu-Sotelo e Avila, 2003), moralidade e relações de poder, o que não significa, necessariamente, a existência de uma ruptura com os modelos e padrões anteriores aos deslocamentos, mas, sim, uma co-existência.

Feminismo transnacional e o modelo teórico-metodológico das interseccionalidades

Tendo como propósito refletir sobre o gênero como um tipo de diferenciação que assume conteúdos específicos em contextos particulares, articulados com outras marcas de diferença - apoiei-me na teoria crítica feminista e no feminismo transnacional, nomeadamente as abordagens teóricas que surgiram no final da década de oitenta e que articulam uma multiplicidade de diferenciações para a compreensão do gênero, conceitualizado por algumas autoras como interseccionalidades (Mcklintock, 1995; Crenshaw, 2002) ou categorias de articulação (Brah, 1996).

Todavia, é importante situar estes conceitos no marco da história do pensamento feminista. A emergência das categorias de diferenciação surge no final da década de

¹¹⁷ Ver o *ebook* : Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa (2012), disponível em <http://hdl.handle.net/10071/3874>.

1980, através de textos críticos sobre o gênero que se tornaram referências clássicas nas discussões contemporâneas. O trabalho de Strathern, 1988; Scott, 1988, Butler, 1990 e Haraway, 1991, são as principais referências e se situam em várias tradições disciplinares. Vale ressaltar igualmente a relevância das aproximações teóricas desconstrutivistas e do papel fundamental das críticas feministas sobre uma produção de teorias que, *a priori*, possuíam como paradigma uma “ideia ocidental de gênero”. Segundo estas abordagens desconstrutivistas (Overing, 1986, Strathern, 1988), tornou-se possível contestar “a universalidade da hierarquia e da subordinação feminina com base na leitura de sistemas nativos de moralidade, do poder e do político” (Piscitelli, 2008:264). Destacam-se ainda as próprias reivindicações internas no movimento feminista em relação à diferença, sobretudo as mulheres negras, do “terceiro mundo” e lésbicas, que possibilitaram incorporar na análise do gênero (considerado apenas como diferença sexual) outras categorias de diferenciação como classe, “raça” e sexualidade (Butler, 1990; 2002). Posteriormente, feministas pós-coloniais, ou do “Terceiro Mundo”, apontaram para a necessidade de articular o gênero, não apenas com estas categorias mas também com a nacionalidade e religião, argumentando sobre o posicionamento desigual em escala global e a posição estrutural das nacionalidades (Shoat, 1992; MacKlinton, 1992; Mohanty, 1991).

Ao inserir a relacionalidade das experiências e diferenças no centro do debate feminista, o campo dos estudos sobre “interseccionalidades” surge para atender a uma variedade de questões referentes às construções dinâmicas de diferenças e semelhanças que emergiam em pesquisas em contextos específicos, como, por exemplo: analisar os múltiplos caminhos pelos quais “raça” e gênero interagem com a classe social no mercado de trabalho (Cho, Crewshaw e McCall, 2013); pesquisar sobre noções de pertencimento a partir das interseções entre idade, classe, sexualidade e gênero (McDermott, 2013), ou refletir sobre as articulações entre marcas de diferença nos deslocamentos entre fronteiras internacionais (Piscitelli, 2008; 2011; 2013), sobretudo em um cenário de feminização da imigração brasileira para o Sul da Europa e suas dinâmicas com o mercado do sexo e casamentos.

Porém, se as desigualdades de poder e das posições estruturais dos países articuladas com as noções de feminilidade foram compartilhadas pela maioria das perspectivas sobre o gênero nos deslocamentos transnacionais, Piscitelli chama-nos a atenção para as diferentes maneiras pelas quais se conceitualiza o poder e consequentemente a agência:

“a maneira de entender o poder varia em leituras que têm uma percepção centralizada ou pulverizada de poder, em perspectivas que utilizam referenciais teóricos marxistas, weberianos ou focaultianos. Essas perspectivas mostram desacordos sobre as relações entre estrutura e agência, entre a determinação (absoluta ou relativa) de fatores estruturais e os graus de possibilidade de ação dos agentes sociais (2013:31)”

Na construção do modelo analítico das geografias de poder permeadas por gênero (Mahler e Pessar, 2001), onde “localização social”, escalas geográficas e hierarquias de poder são consideradas dimensões articuladas para pensar o gênero em contextos transnacionais, a agência não é negada aos sujeitos. No entanto, as autoras explicam que os graus e tipos de agência dos sujeitos são exercidos de acordo com a sua localização social, condicionada não somente por fatores extra pessoais, como também pela localização social e iniciativa dos sujeitos (2001:447), afetando diretamente o acesso a recursos de mobilidade em todos os espaços transnacionais.

No debate sobre as interseccionalidades existem diversas abordagens que variam na forma como são pensados a diferença e o poder, como também as margens de agência (*agency*), isto é, as possibilidades e as capacidades de agir concedidas aos sujeitos, mediadas social e culturalmente. De acordo com Piscitelli (2008), estas divergências podem ser notadas ao contrapormos a visão sistêmica de Crenshaw (2002)¹¹⁸ e a abordagem construcionista de Brah (1996)¹¹⁹ e McKlintock (1995)¹²⁰.

¹¹⁸ A autora é advogada e atua também na formulação de políticas com o objetivo de “evitar a violação dos direitos humanos das mulheres”, em escala global, recorrendo a casos extremos, como os estupros coletivos, por motivos étnicos, em Ruanda e na Bósnia). A partir de uma releitura do patriarcado, Crenshaw procura capturar as conseqüências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo. A noção de ‘interação’ entre formas de subordinação, é o que possibilitaria superar a superposição de opressões (cf. Piscitelli: 2008:267)

¹¹⁹ Avtar Brah nasceu na Índia e cresceu em Uganda, de onde fugiu com a família antes que Idi Amin expulsasse os asiáticos do país. Estudou nos Estados Unidos e morou depois na Inglaterra, onde se envolveu nos movimentos feministas, anti-racistas e nas tentativas socialistas de imaginar um mundo democrático. A autora, propõe uma análise macro, ao considerar simultaneamente subjetividade e identidade para compreender as dinâmicas de poder na diferenciação social, vistas como relações contextuais e dependentes/contingentes (*contingents*), em termos históricos. Ela considera que analisar as interconexões entre racismo, gênero, classe, sexualidade etc, requer levar em conta a posição de diversos racismos, um em relação aos outros.

¹²⁰ Anne Maclintock nasceu no Zimbábue, foi morar na África do Sul e se envolveu no movimento anti-apartheid. Tem produzido pesquisas sobre raça, imperialismo, gênero e sexualidade, como por exemplo o livro “Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial” ([1995]2010) . A autora afirma que “raça”, gênero e classe não são âmbitos diferentes de experiência que existem isoladamente uns dos outros, nem podem ser simplesmente montados em conjunto como se fosse um lego. Essas categorias existem em e por meio das relações entre elas.

Na visão sistêmica, a agência não é refutada aos sujeitos, mas estes são considerados “necessitados” de agência por serem atingidos por “sistemas de subordinação”. O empoderamento dos grupos subordinados é o objetivo da discussão e da formulação de políticas públicas onde a interseccionalidade aparece voltada para “revelar o poder unilateral das representações sociais e as conseqüências materiais e simbólicas para os grupos marginalizados” (Prins, 2006 in Piscitelli, 2008:268).

De outra forma, a abordagem construcionista destaca os aspectos dinâmicos e relacionais da identidade social. Esta formulação oferece ainda possibilidades para pensar o sujeito enquanto ator, na medida em que considera os marcadores de diferença, não como limitadores mas, sim, instrumentos que podem oferecer recursos que possibilitam ação.

Optei por atribuir maior relevância à abordagem construcionista, pelas noções de poder e agência que nela estão expressas. No que se refere ao entendimento sobre o poder, compartilho com Foucault (1996) a sua capilaridade, justamente por ser uma relação que não é, portanto, fixa. Deve ser analisado como algo que circula onde os indivíduos que estão em posição de exercer o poder, também podem sofrer os efeitos da sua ação.

O texto de Sabah Mahmood (2006) foi também uma importante inspiração para o meu trabalho. Procurei compreender de que maneira as “normas” constroem os sujeitos - imaginários sociais, marcadores de diferença, contextos discursivos e legislações - e, ao mesmo tempo, descolar a agência da noção de resistência:

Sugiro que pensemos na agência não como um sinônimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas. Este entendimento relativamente de agência não como sinônimo de resistência inspira-se na teoria pós-estruturalista da formação do sujeito, mas também se afasta dela, no sentido em que exploro modalidades de agência cujo significado e efeito não se encontram nas lógicas de subversão e ressignificação das normas hegemônicas” (Mahmood, 2006:121).

Para a autora a liberdade tem sido naturalizada como um ideal social pelo qual, do seu ponto de vista, grande parte das discussões feministas sobre a agência são um produto do “caráter dual do feminismo como um projeto simultaneamente analítico e politicamente prescritivo”(Mahmood, 2006:128). Ao oferecer diretivas para mudar a situação das mulheres, a própria ideia de liberdade torna-se normativa. A partir da etnografia sobre a participação de mulheres no movimento islamista e das análises

acerca das concepções e discussões no debate feminista sobre a “liberdade das mulheres”, Mahmood (2006) argumenta que também existe agência em movimentos como este. Como exemplo, mostra que as mulheres egípcias ao participarem dos movimentos da mesquita têm acesso a materiais acadêmicos e raciocínios teológicos que até então estavam ao alcance apenas dos homens.

Defende, ainda, que os significados e os sentidos de agência não podem ser definidos de antemão pelos pesquisadores, mas que devem emergir da análise de conceitos específicos que propiciam modos de ser concretos. A partir dessa abordagem a agência pode ser encontrada “não só em atos de resistência às normas como também nas múltiplas formas em que essas normas são incorporadas” (Mahmood, 2006:131).

A perspectiva teórica de Mahmood (2006) tornou-se conciliável com esta etnografia. A maneira como rapazes e meninas utilizavam de forma tácita alguns dos estereótipos e imaginários sobre brasileiros(as) em Portugal, que cruzam padrões de feminilidade e masculinidade, sexualidade e outras marcas de diferença, não poderiam ser lidos a partir dos termos binários de resistência e subordinação. Da mesma forma, Maclintock defende que, ao analisar as categorias articuladas, devemos explorar políticas de agência diversificadas que envolvem “coerção, negociação, cumplicidade, recusa, mimesis, compromisso e revolta” (2010:37).

No que se referem às experiências de mulheres brasileiras nos deslocamentos entre fronteiras internacionais direcionados para a Europa, é Piscitelli (2008; 2010 2013) quem inaugura o uso do modelo teórico metodológico das interseccionalidades em suas análises, ao extrapolar categorias de diferenciação como gênero e nacionalidade e, ao mesmo tempo, utilizar noções sobre poder e agência que ultrapassam a idéia de subordinação ou resistência.

Para a autora, as migrantes “são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade, independentemente de serem consideradas no Brasil, brancas ou morenas (2008:269)”. A acentuação dessas relações entre as categorias no cenário global é, para Piscitelli, consequência da inclusão do Brasil nos circuitos mundiais de turismo sexual nos últimos anos e da visibilidade concedida às brasileiras no mercado do sexo em países como Portugal, Espanha e Itália. No entanto, ainda que consciente de que brasileiras de diversas origens são afetadas por essas idéias, a autora mostra, após longos trabalhos etnográficos, que:

A relação dessas migrantes com a articulação entre diferenças que as sexualiza e racializa não é estável. Há movimentos de resistência e rejeição. Entretanto, situacionalmente, também assumem posições de cumplicidade utilizando aspectos das imagens sobre elas para negociar seus posicionamentos nos contextos migratórios (como por exemplo, no mercado matrimonial) nos quais estão em situação de desigualdade (Piscitelli, 2008: 271).

Em Portugal, um bom exemplo deste processo é o debate sobre o trabalho sexual e a recente imigração brasileira. Em diferentes pesquisas, a preocupação central tem sido disassociar a imagem e as trajetórias de mulheres brasileiras que residem em Portugal com o mercado do sexo (Rodrigues, 2012; Fernandes, 2008; Selister, 2013). Rodrigues (2010:90), apesar de admitir a presença de muitas mulheres brasileiras na “indústria do sexo”, apresenta trajetórias migratórias de mulheres que possuem outros “modos de incorporação”. Revela em suas análises que “um dos constrangimentos a que praticamente todas fizeram referência (as entrevistadas) foi a imagem negativa e estereotipada da mulher brasileira”, normalmente associada à prostituição, mas também a maior liberdade sexual. Ou seja, a construção da subjetividade dessas mulheres perpassa por determinadas noções de feminilidade e sexualidade.

Por consequência, dois tipos de narrativas de vitimização têm sido construídos: uma que concebe às trabalhadoras do sexo, à exploração e ao tráfico de seres humanos (Alvim e Togni, 2010)¹²¹, e a construção de *outras brasileiras*, aquelas que não são *prostitutas* e sofrem por serem *confundidas* com as trabalhadoras sexuais. Esse último processo de vitimização é bastante frequente nos discursos de pessoas que geralmente se autodefinem ou são definidas como classe média no Brasil, vinculando a 2ª vaga migratória (considerada mais econômica e de “pobres”) e determinadas moralidades, que acarretam distinções que falam sobre classe, escolaridade e posição social e movimentos anti discriminação¹²².

¹²¹ Esta publicação, baseado na informação recolhida numa etnografia institucional sobre a prostituição e o tráfico¹²¹ (Alvim, 2012) e de um estudo recente sobre a matrimonialidade entre portugueses e brasileiras em Portugal (Togni, 2009), mostra as formas como o signo «mulher brasileira» tem sido retratado em Portugal, através dos discursos sobre a “prostituição”, o “tráfico de pessoas” e os “casamentos de conveniência”, que, divulgadas pelos *mass media* que, e, ao circularem na sociedade civil, acabam por legitimar a formulação de políticas restritivas sob o véu dos direitos humanos.

¹²² Como a elaboração do Manifesto contra o preconceito às mulheres brasileiras em Portugal, em função do mais recente caso de estigmatização das brasileiras na comunicação social portuguesa, o programa Café Central da emissora RTP”. Nele, a personagem Gina era uma “prostituta”. Após grande repercussão e declarações da Embaixada brasileira, da Secretaria especial de Políticas para as mulheres, da assinatura de 21 associações e de aproximadamente 140 assinaturas, a personagem foi retirada do ar. Disponível em

Outro exemplo pode ser os casamentos transnacionais em Portugal (cf. Togni, 2008; 2009). O imaginário social construído em relação à “mulher brasileira”, assente na sensualização e sexualização, que tem como consequência discriminações e preconceito, tem sido utilizado como recurso identitário que posiciona as mulheres brasileiras no mercado matrimonial de maneira diferenciada. Nesse sentido, o conceito de identidade para o mercado utilizado por Machado (2004), pode ser sugerido também para o mercado matrimonial, uma vez que o agenciamento dos estereótipos sobre as “mulheres brasileiras” é utilizado pelas próprias mulheres de forma positiva.

Assim, se o social é permeado por uma multiplicidade de diferenças que são articuladas com o gênero, parece ser no exame pormenorizado da produção de diferenças e semelhanças, em sua natureza interativa e mutuamente constitutiva, que marcas como “raça”, classe, sexualidade, nacionalidade, idade e religião, produzem categorias e tipos de sujeitos e os posicionam em determinadas hierarquias de acordo com os contextos em que estão inseridos, bem como pelas interações possibilitadas por esses mesmos contextos.

È isso que irei fazer na análise dessa etnografia, a partir dos trajetos e trajetórias da própria pesquisa e dos sujeitos entre Mantena e o Cacém.

Jovens brasileiros migrantes?

No início da pesquisa, identifiquei que uma das particularidades dos deslocamentos dos 26 sujeitos que faziam parte da etnografia era a de pertencerem a um mesmo grupo de idade - 18 a 25 anos. O fato dos sujeitos fixarem-se em um determinado grupo etário, classificado em grande parte da literatura sociológica e antropológica como “juventude” levou-me a ponderar se a idade seria a categoria determinante em seus projetos e/ou a experiências migratórias, se configurando como a principal marcador social de diferença para a análise de suas trajetórias, juntamente com a nacionalidade, consequência do fato de terem se deslocado entre fronteiras internacionais, o que centralizaria a discussão da etnografia nas experiências de “jovens brasileiros migrantes” em Portugal.

<http://manifestomulheresbrasileiras.blogspot.com.br/>, acessado em 20 de março de 2013. O Manifesto foi criado por acadêmicas e artistas brasileiras que viviam na altura em Portugal.

Nesse sentido, a noção de “juventude” seria a principal categoria explicativa desta etnografia, uma vez que o ponto de partida empírico acabou por privilegiar um determinado “grupo-etário”, que poderia ser entendido à luz da literatura socioantropológica¹²³ em que a juventude aparece como uma “construção cultural” relativa a um determinado tempo e espaço. Já não há, portanto, um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe parecem associados (Machado Pais, 1993). No entanto, de acordo com Feixa (1994:11), o objeto de uma “antropologia da juventude” apontaria para duas principais direções: o estudo de uma construção social da juventude - as formas nas quais cada sociedade modela as maneiras de ser jovem - e o estudo da construção juvenil da cultura - as formas que os jovens participam nos processos de criação e circulação culturais.

Impulsionada em compreender as diferentes problematizações e debates sobre a própria noção de juventude, deparei-me com com uma numerosa bibliografia no Brasil (Abramo,1997; Peralva, 1997; Novaes, 2002; Dayrell, 2003; Sposito, 2003;) e em Portugal (Pais, 1990; 1993; Pais, Bendit e Ferrreira, 2011; Machado,1994; 2002; Rosales, Cantinho e Parra, 2009; Ferreira, 2003 e Marques, 2008).

Fui percebendo que as imagens associadas à juventude têm influenciado a forma como se investiga essa temática (Dayrell, 2001; 2003; Feixa, 1994): a condição de transitoriedade, que evoca uma passagem para a vida adulta; a noção de moratória em que a juventude seria um tempo de liberdade, experimentação e irresponsabilidade, e a juventude vista como um momento de crise “uma fase difícil, dominada por conflitos com a auto-estima e/ou com a personalidade” (Dayrell, 2003:41).

Como demonstrou Abramo (1997), a atenção dirigida aos jovens nos últimos anos e a tematização da juventude têm se concentrado no debate sobre os “problemas” sociais vinculados à juventude, onde os temas da prostituição, das drogas, das doenças

¹²³ As formas nas quais a vida é periodicizada, as categorias de idade presentes em diversas sociedades e o carácter dos grupos etários nelas constituídos, têm sido analisados em diversas etnografias que consideram que a “periodização da vida implica um investimento simbólico específico em um processo biológico universal” (Debert, 2006:51). Já na antropologia da primeira metade do século XX, a monografia pioneira de Mead *Coming age in Samo a* (1928) e a etnografia de Malinowski (1929), *The sexual life of savages in north-western Melanesia*, desempenharam, sem dúvida, um importante papel na definição da adolescência como um tópico crucial de investigação antropológica e conseqüentemente, as questões associadas a este estágio de vida - rituais de iniciação, práticas sexuais-afetivas e relações intergeracionais. Mead (1928), apesar das fortes críticas de Freeman (1983), que questionou as limitações de seu trabalho de campo e seus próprios pressupostos ideológicos que condicionaram suas análises, inaugura a reflexão sobre as relações entre a adolescência, sexualidade e cultura. Tendo como objetivo básico criticar o etnocentrismo das teorias psicológicas da época (sobretudo as teorias de Hall, 1904), a autora questionou se de fato poderíamos considerar a juventude como uma condição natural, e, portanto, universal e analisar as características essenciais de “ser jovem” através da perspectiva de uma juventude ocidental (Feixa, 1994:17).

sexualmente transmissíveis, da gravidez “precoce”, da violência e criminalidade são dominantes e fundamentados pelas noções de “risco” e “desvio”.

Em ambos os contextos - brasileiro e português -, os debates têm se apoiado no senso comum, sobretudo na mídia, nas representações construídas na academia que são retrabalhadas pelos atores políticos e pelas instituições governamentais e não-governamentais¹²⁴, invisibilizando assim estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, percepções, formas de sociabilidade e atuação (cf. Dayrell, 2003).

A própria categoria de jovens e o “lugar geracional” do termo juventude nos dois contextos é polissêmico. O modo de definir grupos etários no Brasil, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e em Portugal, pelo INE (Instituto Nacional de Estatística), pode ser disto um exemplo. A “pirâmide etária” no Brasil é subdividida entre 15 a 29 anos (onde estão inseridos os jovens)¹²⁵, ao passo que, em Portugal, os jovens são definidos como a população entre 0 e 14 anos, sendo o grupo etário posterior definido como “população em idade activa” (15 a 64 anos). Romani situa a intervenção estatística, educativa e política numa tendência em confundir os limites acerca da entrada e saída da juventude (quando começa e quando termina), desenvolvendo um largo e interminável discurso sobre a adolescência e o prolongamento do tempo da juventude, que passaria a ser subdividida em “jovens adolescentes” e “jovens adultos” (2010:15). Ou seja, tal como na definição de homens e mulheres, feminilidades e masculinidades, a definição de juventude deve ser plural e dependente dos contextos sociais específicos que as produzem.

¹²⁴ No Brasil, os “jovens” são cada vez mais alvos prioritários de políticas públicas. Um exemplo é a recente criação da Secretaria Nacional de Juventude em 2011, cujo objetivo é “é incentivar e desenvolver estudos sobre esse público, além de colaborar com os outros órgãos do governo do Estado que criam e colocam em prática políticas públicas voltadas para a juventude na tentativa de diminuir a “vulnerabilidade juvenil”, estimular o protagonismo dos jovens e garantir que eles participem mais da vida em sociedade”. Do mesmo modo, a elaboração do indicador de vulnerabilidade juvenil (IVJ) e a metodologia utilizada para mesurá-lo, mostra as concepções implicadas sobre o “risco” e a “vulnerabilidade” que são vinculadas aos jovens, que têm se configurado como as principais temáticas não só de políticas públicas, mas conjuntamente, de pesquisas. Em termos de grupos de idade, o IVJ refere-se à faixa etária de 12 a 29 anos, segundo a definição do Ministério da Justiça, o que inclui do ponto de vista estatístico “crianças”, “adolescentes” e “jovens (15 a 29 anos)”. Na definição do índice são avaliados: violência entre os Jovens (Homicídios e Acidentes de Trânsito); frequência à Escola e Situação de Emprego; Pobreza no Município e Desigualdade no Município. Os municípios são subdivididos em IVJ alto (63 a 100), médio (49 a 63) e baixo (0-43). Ressalta-se que indicadores entre (55 a 63) e (43 a 49) aparecem nos mapas, mas não são nomeados. Em Mantena (2010) os indicadores são subdivididos em Fecundidade e Homicídios (35,53), Analfabetismo e Renda (37,04) e Evasão escolar e Trabalho (30,86), o que apontaria para um “índice e vulnerabilidade juvenil baixo”. Disponível em <http://www.juventude.gov.br/>, acessado em 12 de fevereiro de 2014.

¹²⁵ Porém, em grande parte dos estudos a definição etária dos jovens é entre 15 a 24 anos.

Por outro lado, ao fazer uma revisão bibliográfica sobre a temática da juventude no Brasil e em Portugal, deparei-me com diferentes abordagens usadas nas pesquisas. A construção juvenil da cultura, ou de “culturas juvenis”¹²⁶, “que se referem a maneira pelas quais as experiências sociais dos jovens são expressadas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida institucional (Feixa,1994:84), são as mais frequentes. A partir da noção de “estilo”, definido como a manifestação simbólica das culturas juvenis que é expressada em um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais e imateriais, foram combinadas nas análises sobre a “juventude” outras categorias sociais de diferenciação, como a classe social.

Esta perspectiva teve forte influência nos estudos sobre juventudes e identidades sociais no Brasil (Abramo, 1994; Vianna, 1998; Diógenes, 1998; Herschmann, 2000, Dayrell, 2001; 2002). Diversas pesquisas enfocaram grupos de estilos juvenis¹²⁷ formados a partir de imagens e objetos de consumo determinados, especialmente, o *rap* e o *funk*, habitualmente vinculados às “camadas populares”. Em Portugal, as estéticas e estilos de “jovens filhos de imigrantes africanos” que moram nas periferias urbanas (Raposo, 2009 e Rosales, Cantinho e Parra 2009) também se configuraram como temáticas recorrentes, ainda que estejam associados a categorias de diferenciação como etnicidade e nacionalidade e, em grau inferior, a classe. Todavia, como salientou Machado (2002:39), faz-se necessário dar uma particular atenção à classe nos estudos sobre as relações étnicas e raciais nos contextos migratórios, desconstruindo certo etnocentrismo, para não ocultarmos o fato de que qualquer grupo étnico e/ou nacional tem sempre algum grau de diferenciação do ponto de vista dos lugares de classe dos seus membros.

Para além de estéticas juvenis associadas às periferias “multiculturais”, no que se refere às temáticas que interrelacionam a juventude com as migrações internacionais,

¹²⁶ É importante marcar que utilizo o conceito de “culturas juvenis” ao invés de subculturas (Hebdige, 1979), para esquivar-me dos usos desviacionistas predominantes em alguns trabalhos que utilizam esse conceito.

¹²⁷ É importante salientar que já nos anos setenta e início de oitenta, na Escola de Birmingham, surgem, pesquisas sobre a “juventude” e o sistema de estratificação social inglês. Estudos sistemáticos produziram o conceito de subcultura em uma perspectiva teórica marxista com a finalidade de analisar as culturas juvenis da época, vistas como formas de resistência às classes dominantes, em uma “guerra de classes simbólica” (Wulff, 1998:3). Assim, a classe é incorporada como um fundamental marcador de distinção social, tornando ainda mais complexa a análise sobre as subculturas juvenis. Como conceito alternativo às subculturas, Hebdige (1979), Maffesoli (1990) e Straw, (1991) propuseram a noção de “tribalização” das identidades sociais e de “cena”, respectivamente, dando enfoque ao poder criativo dos jovens para constituir e instituírem estilos de vida a partir de imagens e objetos de consumo determinados.

estudos sobre jovens que vivem em “contextos de exclusão social” ou com trajetórias consideradas “de risco” estão presentes nas abordagens sobre juventudes e identidades sociais em ambos contextos – Portugal e Brasil.

Na Europa são os “jovens descendentes de imigrantes”, ou os membros da “2ª geração”, os protagonistas de pesquisas associadas aos “problemas sociais”, ao “risco” e ao “desvio” e às periferias urbanas de grandes cidades europeias (Beaud; Pialoux, 2003). Em Portugal, por exemplo, as trajetórias de jovens *filhos de imigrantes africanos* que moram nas periferias urbanas (Machado, 2004; Machado e Silva, 2009 e Cantinho e Parra, 2009); e de jovens oriundos de bairros de “lata” ou “degradados” (Cardoso e Perista, 1994) são as problemáticas mais recorrentes.

No contexto brasileiro, ao invés de marcadores étnicos e nacionais, o recorte de classe é destacado na tematização da juventude. Estudos específicos sobre as “periferias urbanas” e as trajetórias de jovens também são objetos de reflexão (Zaluar, 1997; Dayrell, 2002; Feltran, 2009). Nestas pesquisas, mais frequentes nos contextos das grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, os espaços de vivência dos “jovens”, as desigualdades das posições sociais ocupadas, do acesso à escolaridade, e as trajetórias familiares são colocadas em evidência, confrontadas, demonstrando uma pluralidade de trajetórias e transições entre juventudes e vidas adultas que possuem inúmeras descontinuidades (Ferreira, 2003). Entretanto, parecem permanecer coladas às discussões sobre contextos de “risco” ou de “classes populares” temáticas como a “violência”, a participação no crime e tráfico de drogas, a pobreza e a segregação sócio espacial, o “risco” e “desvio” (Zaluar, 1997).

Juventude como categoria relacional e estilos de vida

Após percorrer a literatura socioantropológica sobre a juventude, optei por utilizá-la como um processo socialmente definido e pensar a experiência etária como algo relacional e performático (Debert e Goldstein 2000). Definir a juventude somente em termos etários, como propõe a corrente geracional (Pais, 1993:27), poderia ocultar as diferentes pertencas de classe, situações econômicas, diferentes parcelas de poder, interesses e oportunidades ocupacionais que se tornam fundamentais na análise desta tese. Desta forma, considero que a experiência migratória na “juventude” não é um fenômeno meramente geracional na medida em que se articula com inúmeros outros marcadores de diferenciação social como classe social, nacionalidade, “raça” e

sexualidade que, entretecidos com as categorias de idade, operam significativamente nas relações e experiências sociais.

A partir das discussões de autores como Dayrell (2003), Durham (2004) e Bordonaro (2007), encontrei algumas pistas para pensar as experiências de mobilidade – física e biográfica - dos sujeitos de Mantena. Dayrell defende que a juventude constitui um momento determinado, mas que não pode não ser reduzida a uma “passagem” e que as maneiras de vivenciar e representar esse momento são diversas. Pondera também a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição dos sujeitos, que, no entanto, tem especificidades marcadas na vida de cada um deles:

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (Dayrell, 2003:24) .

Deborah Durham (2004), ao trabalhar com grupos de jovens e discursos sobre a juventude em Botswana, propõe que, no lugar de produzir uma definição de juventude, deveríamos pensá-la “menos como um grupo etário específico, mas como um *“social shifter”*, um deslocar de uma posição para outra em um contexto que não é fixo, mas sim relacional. Por este caminho, a ideia é perceber de que forma “as pessoas trazem o conceito de jovem em diversas situações, situando-o na paisagem social de poder, na elaboração de direitos, expectativas e relacionamentos” (Bordonaro, 2007:23).

Estas abordagens teóricas tornaram-se compatíveis com os argumentos dos próprios sujeitos ao longo da etnografia. *Ser jovem* não se revelava como uma categoria fundamental de auto-identificação. Aliás, a definição de “jovem” foi outorgada por mim logo no primeiro contato com Sheila, pois o fato dela ter 23 anos e ter se deslocado para Portugal aos 18 anos foi determinante na decisão de reconstruir seu itinerário social e de mobilidade. Em vários momentos ouvi dos próprios sujeitos que era possível *ser jovem e adulto ao mesmo tempo*, aonde o *ser jovem* significava mais um determinado estilo de vida e comportamentos específicos relacionados a determinadas práticas, definidos por

eles como *jovens*, do que a determinadas categorias de idade; ao passo que *ser adulto* ligava-se a responsabilidade com o trabalho, a autonomia financeira e ao fato de estarem distantes de suas famílias.

A própria noção de transição para a vida adulta - normalmente vinculada às capacidades produtivas (inserção social, início da vida laboral) e reprodutivas (matrimônios, maternidade/paternidade e a constituição de família) - critérios usuais de definição e reconhecimento social da adultez (Feixa, 1994:27), e a idade como linha divisória entre a dependência e emancipação parecem não servir para analisar os itinerários dos sujeitos desta etnografia, que revelam, em si, inúmeras descontinuidades. Determinar critérios para delimitar a “infância” e a “vida adulta” dos “jovens” de origem rural e de cidades de pequeno porte, membros de “classes baixas”, tornou o primeiro desafio¹²⁸.

Em algumas circunstâncias, na forma de classificar as pessoas os sujeitos utilizavam categorias que evocavam noções vinculadas à idade, mas que as ultrapassavam. *Novinha* e *velho* são algumas delas. Geralmente essas noções serviam para fazer referência às pessoas cuja possibilidade de ter relações afetivo-sexuais fazia-se presente. Dora, por exemplo, ao contar-me sobre um rapaz que queria *ficar* com ela, exclama: *Ah não, é muito velho... Tem 30 anos*. Na altura, era essa a minha idade biológica. Perguntei se eu também era *velha* e ela respondeu-me: *Você não! Mas ele é*. Luma (15 anos), moradora do Morro do Margoso, ao relatar sobre *meninas que faziam programa com velhos em troca de presentes e roupas bonitas*, responde quando pergunto o que é um *velho*: *para lá de 20 anos já é velho*.

Por sua vez, o termo *novinha* faz referência a um tipo específico de *menina*, associado a um grupo etário - 12 a 17 anos - classificados como *menores de idade*, e, conjuntamente a determinadas formas de viver a sexualidade, a práticas corporais, estilos e expectativas nos relacionamentos. Os conteúdos simbólicos do termo *novinha* - *meninas safadas*, que transam em diferentes posições e que pedem para *gozar na cara*; interessadas em rapazes que têm carros, dinheiro para pagar bebidas, dar presentes e uma boa “reputação” nos bairros e comunidades - são reportados em várias músicas do *funk* carioca e, mais tarde, pelo sertanejo universitário e grupos de pagode que fazem referência a esse termo. Músicas estas que conheci durante a minha permanência no

¹²⁸ A emergência dos novos estilos de vida e das maneiras diferenciadas de entrar na fase adulta foi abordada por diversos autores (Pais, 1993; Casal; Masjoan; Planas, 1988; Casal, 1996, Lins de Barros, 2004; 2006; 2009).

Cacém e em Mantena. *Novinha* (Mc Martinho); *Que isso novinha?* (Mc Sead); *Prisioneira - Mãos para o alto novinha* (Bonde do Tigrão); *Aquecendo com a novinha* (Mc Luan); *A Ex e a Novinha* (Latino); *Vai novinha* (Thiaguinho) são alguns exemplos. Algumas meninas também são Mc's e se nomeam como "Mc Novinha" e "Mc Menorzinha".

A construção da categoria *jovem*, em contraste com a categoria *velho*, foi também encontrada em outros contextos etnográficos. Bordonaro (2006), por exemplo, ao trabalhar com rapazes entre 12 e 20 anos, moradores de rua em Mindelo, Cabo Verde, observou diferentes situações vivenciadas pelos rapazes em que a idade biológica, isoladamente, se tornava irrelevante para suas auto-definições.

A categoria social do "jovem" era em algum grau construída pelo contraste com a categoria "mais velho", e na Praça, os dois campos semânticos eram como a emanção directa da divisão ideológica entre "modernidade" e "tradição". Juventude na Praça estava associada com a modernidade urbana, com o projecto de "desenvolvimento", com o compartilhamento de determinado estilo de vida (2007:23).

Também nesta etnografia, não era idade biológica, mas a noção de um estilo de vida "jovem", representado por determinadas performances, corporalidades e valores que se vinculavam a outras marcas de diferença – nacionalidade, gênero e sexualidade - que eram acionadas no contexto dos deslocamentos entre fronteiras internacionais entre Mantena e o Cacém. A noção de estilo tornou-se relevante à medida que "considera as formas de subjetividades e identidades como um esforço de articular interesses e expectativas de auto-imagem pessoal e coletiva a determinados objetos, corpos e práticas" (Simões, França e Macedo, 2010:48).

Portanto, a categoria juventude, quando desassociada de outras diferenças para além da nacionalidade, não era sustentável para as análises nos campos sociais transnacionais. Em Portugal, determinadas concepções de "juventude" entretecidas com a nacionalidade brasileira têm sido relacionadas com a participação no mercado do sexo (meninas) ou ao crime (rapazes). Da mesma forma, ser um jovem "negro" *de 2ª geração* é diferente de ser um jovem *português* "branco".

Em Mantena, da mesma forma, ser um "jovem" morador do centro ou do Morro do Margoso, condiciona suas experiências, expectativas e classificações. Cada uma dessas categorias tem suas especificades – na maneira como os sujeitos são vistos, bem como se autodefinem - ao articularem diferentes marcas: concepções sobre "raça",

classe, sexualidade, escolaridade e etnicidade, entre outras, dependendo dos contextos e situações de interação.

Como salientou Feixa (1994), os conteúdos que se atribuem à juventude e os valores associados a este grupo etário são transformados consoante as posições de classe, situações econômicas, diferentes parcelas de poder, interesses e oportunidades e interferem na própria existência legítima de uma “juventude” em uma dada sociedade.

Dessa forma, fazia-se necessário pensar a diferença de idade e a noção de um estilo jovem com outras diferenciações e a dimensão espacial da experiência dos sujeitos, em contextos metropolitanos, menos urbanos ou rurais, como também possíveis mobilidades internas e/ou externas deveriam ser levadas em consideração, sobretudo porque se relacionam de forma direta às expectativas, percursos migratórios e o imaginário de “viver na Europa” enquanto prática social (Appadurai, 2004).

A noção de ser jovem também estava associada à ideia de uma “cidadania do consumo” e de acesso ao lazer. No Brasil, apesar da ampliação do mercado de bens materiais e simbólicos, a desigualdade provoca várias restrições no acesso a esses bens. A limitação de meios para participação efetiva no mercado de consumo - consequência da escassez de trabalho, baixos salários, pouca escolaridade -; a escassez de formas de lazer e a enorme separação espacial dos centros onde as atividades acontecem são vistos como limitações para vivenciar um estilo de vida considerado jovem.

Conjuntamente, os “jovens” que participavam da etnografia não se ajustavam em nenhuma das classificações presentes nas abordagens sobre “jovens” nos processos de mobilidade transnacionais, que os têm subdividido em três grupos: i) “jovens” que nasceram no país de origem e se deslocaram em pequenos para outro país; ii) jovens que nasceram e cresceram no país de origem e depois se deslocaram iii) jovens que nasceram no país de destino do deslocamento dos pais, filhos de “migrantes”, classificados comumente como “2ª geração”.

Os sujeitos com quem trabalhei vivenciaram uma experiência de mobilidade através de fronteiras internacionais entre os 18 e 20 anos na ausência de familiares adultos. Viajaram sozinhos e/ou com irmãos, primos e amigos, em deslocamentos que não se configuravam com o padrão de reagrupamento familiar, um processo que diz respeito a migração de alguns membros da família no sentido de se juntarem aos familiares (normalmente os pais), já instalados num novo país ou região (Fonseca,

2005:14), temática principal das pesquisas sobre “jovens migrantes” em diferentes contextos¹²⁹.

No que se refere a migração, Geisen (2010) aponta para o fato de que ainda que a migração se tenha tornado um importante recurso biográfico na “transição para a vida adulta”, os jovens migrantes têm sido completamente ignorados nos estudos sobre as migrações, ou são apenas notados em seus papéis desempenhados no reagrupamento familiar dos pais. No contexto português, são igualmente os “jovens migrantes” ou “descendentes de imigrantes” percebidos ora como potenciais trabalhadores com déficits educacionais (Hoerder et al., 2005; ver também OCDE, 2006), ou também como um problema social”, associados às “dificuldades de integração”, sobretudo os que habitam bairros nomeados como periféricos e são caracterizados como 2ª geração, alvos prioritários tanto de pesquisas acadêmicas¹³⁰ como de políticas públicas.

Deste modo, ainda que inicialmente tenha considerado trabalhar com a juventude enquanto principal categoria social analítica, o reconhecimento de que existiam outras marcas de diferença, que foram se anunciando como importantes nas narrativas e experiências dos sujeitos, conduziu-me a adotar uma posição teórica que articulasse todas essas diferentes categorias de diferenciação. Pensar articuladamente estas diferentes dimensões e origens de diferenciação permite construir uma análise mais sofisticada, que melhor descreverá a complexidade das experiências de vida dos meus interlocutores nos seus trajetos de mobilidade.

O Brasil é o Brasil e a África não é nada: sobre pretos brasileiros e pretos africanos

Se a idade foi considerada à partida por mim a chave analítica para a interpretação das experiências de deslocamentos entre fronteiras internacionais, durante a etnografia foram as diferentes concepções e classificações sobre “raça”, etnicidade entretecidas com outras marcas que se evidenciaram como as principais categorias mobilizadas na construção das diferenças.

¹²⁹ Para uma discussão sobre “jovens brasileiros” nos EUA, recomendo os trabalhos de Menezes (2003), Sales (2001) e Sales e Loureiro (2004). Em Portugal, sugiro os trabalhos de Gracioli (2012) e Dória (2012). Para um debate sobre os jovens “luso-africanos” ou de “2ª geração” em Portugal ler Gusmão (2004); Machado (1994; 2002) e Rosales, Cantinho e Parra (2009).

¹³⁰ De fato, ao percorrer a literatura socioantropológica produzida em Portugal e no Brasil que entrecruza “juventude” e migrações encontrei contextos e discussões bastante distintas, mas que, combinadas, conduziram-me a importantes ponderações na etnografia.

Como afirmei anteriormente, o Cacém é um bairro “periférico” da Grande Lisboa e é associado e representado no senso comum como “um bairro *problemático, com uma associação direta* com a cor (negra), a origem étnica (africanos) e o estatuto de *imigrante*, somado às práticas de violência e criminalidade” (Vale de Almeida, 2007). A maioria dos moradores é oriunda das antigas colônias na África portuguesa, mas também de muitos portugueses de classe média baixa, na sua maioria, *retornados* dessas mesmas antigas colônias portuguesas na África e Ásia.

É nesse contexto que as diferenças no Cacém são construídas pelos sujeitos, mediadas pelos sistemas de classificação étnico-raciais locais, mas não só. A cena etnográfica abaixo ilustra que, ainda que nas classificações de diferença se evoque as polaridades *branco/preto*, ao mesmo tempo, são adicionadas outras marcas, como a nacionalidade e a etnicidade. Dessa forma, as articulações são relacionais, situacionais e mediadas pelos contextos sociais de interação entre os sujeitos.

Numa das idas ao *Inferninho*, discoteca localizada próxima ao Cacém, Sheila, Lívia e eu estávamos na estação de trem quando dois rapazes angolanos vieram conversar conosco. As meninas logo se afastaram e Sheila disse: *Detesto pretos*. Fiquei surpresa com sua afirmação, uma vez que, dentro do seu grupo social de brasileiros que moram no Cacém, ela é constantemente classificada como *preta*. Sheila me olha e diz que era confundida pelos portugueses como *angolana* e que não gostava. Sheila afirma: *eu sei que eu sou preta, mas sou preta brasileira e não africana... porque o Brasil é o Brasil e a África não é nada*¹³¹. No entanto, quando estávamos em outra discoteca brasileira chamada *Bye Bye Brasil*, Sheila queria ir para outro lugar, o *Atlético*. Contrário à idéia, Elias, um dos rapazes brasileiros, justifica o fato de não querer ir: *não gosto de ir lá, porque é cheio de pretos e têm sempre confusão*. Sheila se mostra irritada e diz: *Você é racista... diz não gostar de pretos, mas bem que dorme na casa de uma [se referindo a si mesma]*. Elias tenta explicar que não estava falando da *cor* deles, e sim que eram *africanos*. Esta cena mostra que os sujeitos parecem assumir suas posições de autoidentificação, articulando diferentemente os pesos de etnicidade, “raça” e nacionalidade tornam-se assim marcadores sociais fundamentais, consoante o contexto e a relacionalidade experienciada. Como apontou Woodward (2009:14), “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e relações sociais”, definindo como quem é excluído e quem é incluído.

¹³¹ É interessante comparar a fala de Sheila com a forma como em alguns contextos no Brasil, fundamentalmente na Bahia, o discurso sobre a negritude valoriza imenso a ancestralidade africana.

Porém, essa marcação simbólica merece algumas ponderações. Em primeiro lugar, nenhum dos sujeitos desta etnografia esteve no continente africano. Yan, como a maior parte das pessoas com quem trabalhei, não sabia da existência de países como Angola, Cabo Verde e Guiné Bissau. Muito menos que a língua oficial desses países era o português. A *África* emerge como categoria explicativa para diferenciar e hierarquizar pessoas de pele *preta*: ser *preto brasileiro* ou *preto africano*. Sobretudo em um contexto onde o imaginário e as representações do *ser brasileiro* não está associado com a cor de pele *preta*. *Mulatos/as* ou *morenos/as* são os termos mais recorrentes para representar brasileiros em Portugal. Sheila, entre outros, dizia, com um tom de indignação, que eram constantemente *confundidos com pretos*.

Mas porque em Portugal os *pretos brasileiros* não querem ser “confundidos” com *pretos africanos*? Em primeiro lugar porque numa hierarquia geopolítica global, o lugar ocupado pelo Brasil em Portugal é superior ao da “África”, especialmente a partir do ano de 2010. Incontáveis notícias evidenciavam o “crescimento econômico brasileiro” e a concomitante “crise europeia”¹³² que colocaram o Brasil em evidência e o valorizam. Da mesma forma, a localização social (Pessar e Mahler, 2001) dos “africanos” em Portugal é inferior à dos “brasileiros”. Os *pretos*, leia-se africanos, ocupam os cargos mais baixos em um mercado de trabalho altamente etnicizado – inclusive na construção civil e na área de limpeza, principais áreas de atuação dos sujeitos da etnografia – e possuem menor escolaridade entre os “imigrantes”.

No entanto, para explicar os processos de identificação social que se constituíam no Cacém, foi necessário compreender como a “raça” é construída enquanto categoria social de diferença e/ou categoria nativa no Brasil e em Portugal, e, do mesmo modo, no Cacém e em Mantena, ou seja, de que maneira se dá o sistema de classificação étnico racial nesses contextos, uma vez que categorias como *preto(a)*, *africano*, *brasileiro(a)*,

¹³² É importante salientar que o lugar ocupado por Portugal e o Brasil na geopolítica global e as relações históricas entre os países possuem diferentes temporalidades. Podemos apontar desde as relações coloniais aos fluxos de mobilidade direcionados para o Brasil no século XX; a adesão de Portugal à Comunidade Européia e o conseqüente aumento do número de brasileiros residentes em Portugal, e o recente aumento do número de portugueses no Brasil. A criação da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa em 1996 com o objetivo de ser um “foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros” e cujos princípios são “igualdade soberana dos Estados membros; não-ingerência nos assuntos internos de cada estado; respeito pela sua identidade nacional” (<http://www.cplp.org/id-46.aspx>), pode ser considerada conjuntamente uma importante ação de “aproximação” política e econômica de países como Angola, Cabo Verde, Brasil, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, através da narrativa de uma “língua comum”, “laços históricos que os unem a Portugal” e uma “proximidade cultural”. Outra expressão geralmente utilizada é PALOP, que inclui apenas os países africanos de língua oficial portuguesa.

branquelo(a), *moreno*, *neguinha* apareceram ao longo da etnografia. Dessa forma, percorri, ainda que de forma sumária, algumas das principais discussões sobre os conceitos e usos analíticos do termo “raça” e cor da pele no Brasil e em Portugal, com a intenção de compreender as relações raciais e os sistemas de classificação etnoraciais que emergiam nos deslocamentos entre Mantena e o Cacém.

Em Portugal, foi a partir de discussões sobre as experiências e posicionamentos identitários dos chamados “lusó-africanos” (Contador, 1998), imigrantes de 2ª geração e /ou “lusó-descendentes”, e das discussões sobre processos identitários e simbólicos de uma “África em Portugal”, que encontrei pistas para compreender as experiências e a construção da diferença elaboradas pelos sujeitos de Mantena que vivem atualmente no Cacém. A construção da diferença desses sujeitos evocava de maneira constante, e geralmente em contraposição, os *pretos africanos*¹³³.

No Brasil, utilizar categorias como “raça” ou cor da pele evoca tradições teóricas antagonistas. Optei por seguir a abordagem de Fry (2005) que considera que, no Brasil, os princípios que orientam as classificações etnoraciais são complexas e situacionais. Fry alerta-nos para os perigos da linguagem na grande maioria dos textos escritos sobre “raça” e “relações raciais”, em manter uma distinção entre o que são conceitos e categorias analíticas e descritivas na etnografia (feita pelo etnógrafo) dos conceitos e categorias utilizados pelos sujeitos que fazem parte da pesquisa (2005:184).

“Apesar de todos concordarem que o conceito (“raça”) pertence ao reino das categorias nativas e é definido social e historicamente de maneira diferente de um lugar para outro, e que, não tem, portanto, nenhuma validade “científica” como conceito universal, este pseudoconceito acaba sempre se infiltrando nos textos como conceito descritivo, e, às vezes, analítico também.”

Ao longo da etnografia fui percebendo que “raça” e cor da pele¹³⁴ apareciam de forma relacional e situacional na articulação das diferenças em Mantena e no Cacém. Em um primeiro momento, categorias nativas eram utilizadas para descrever e hierarquizar as pessoas e explicar determinadas situações e comportamentos. Porém, os conteúdos simbólicos associados a estas mesmas classificações combinavam em muitos momentos “raça”, etnicidade e nacionalidade. Classificações que priorizavam a

¹³³ O Capítulo 6 é dedicado ao exame pormenorizado destas questões.

descendência (a “origem”) ou a aparência (“marca”)¹³⁵ conviviam consoante o contexto e os sujeitos envolvidos na situação de interação.

Fry propõe três maneiras de classificação etnoracial – o “estilo binário” e o “estilo múltiplo”-. O primeiro centraliza-se na polaridade “brancos” e “negros”, enquanto o segundo utiliza uma série de categorias mais ampla. O terceiro tipo de classificação para o autor é:

“uma espécie de redução do tipo múltiplo ou ampliação do tipo bipolar, que consiste em três categorias – “negros”, “brancos” e “mulatos”. Este também é o tipo oficial do censo brasileiro, utilizam as categorias - pretas, brancas ou pardas (quando não “amarelas” ou “outras”). Nota-se uma mudança das categorias “negro” e “mulato” para “preto” e “pardo” (2005:194).

Na etnografia, encontrei estilos múltiplos de classificação, consoante o contexto, a situação e os sujeitos em interação. Porém, utilizar unicamente as tipologias de classificação etnoraciais de Fry mostrou-se ineficiente. Isto porque, para além das classificações e hierarquizações raciais, outras categorias de diferenciação social estão presentes na trama de produção de diferenças. Se em Mantena, e na interação entre diferentes “brasileiros” no Cacém, o grupo de estatuto configurou-se como um marcador fundamental – origem familiar, lugar de residência no Brasil e em Portugal, ocupação profissional, escolaridade e renda -, no Cacém complexas elaborações entre diferenças etnoraciais com a nacionalidade, “descendência” e “origem” revelaram-se importantes.

Se categorias como - *preto, branquinho, branquela* – associavam-se a nacionalidades específicas, como a diferenciação entre *pretos brasileiros* e *pretos africanos*, o comentário: *nem parece brasileira*, recorrente no meu trabalho de campo no Cacém, como também na minha experiência de mobilidade em Portugal, era justificada pela minha cor da pele (*branquinha*) e o meu *estilo de vestir e cortar o cabelo*. Da mesma forma, em Mantena, a minha cor branca e o meu estilo de vestir significavam ser *portuguesa*.

Se em ambos os cenários – Mantena e o Cacém - o ser *branquinha* e ter um *estilo estranho* significavam *parecer portuguesa*, considero que outras marcas de

¹³⁵ Nogueira (1985) ao contrastar os sistemas de classificações raciais norte americana e brasileira defende que os brasileiros classificam a partir da “aparência” da pessoa, o que nomea como “marca”, enquanto o norte americano privilegia a “descendência”, a “origem” (apud, Fry, 2005:194).

diferença desempenhavam um papel importante: o fato de viver em uma região central de Lisboa, e em bairros considerados de classe média em Belo Horizonte; ter uma alta escolaridade e ser *escritora* me posicionavam em um outro grupo de estatuto (Lima, 2003).¹³⁶

O que pretendo evidenciar é que as novas interações possibilitadas pelos deslocamentos entre fronteiras internacionais provocam novas classificações etnoraciais, mas que são entretecidas com outras marcas de diferenciação.

Enlaces

Ao percorrer os debates sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais na socioantropologia das últimas três décadas optei por pensar a mobilidade a partir da literatura que combina os estudos urbanos com o das migrações internas e internacionais (Glick Schiller, 2012; Glick Schiller e Salazar, 2012; Cachado, 2009), com a intenção de contrapor o nacionalismo metodológico (Wimmer e Schiller, 2002; 2003) e o favorecimento de lentes analíticas étnicas (Glick Schiller, Çağlar and Guldbrandsen 2006) na análise das migrações internacionais.

Ao eleger esta perspectiva teórica, reconheço a importância das desigualdades entre os países na economia política global e compreendo as disparidades de poder entre os países e as representações sobre diferentes categorias de sujeitos¹³⁷ em deslocamento, bem como a existência de hierarquias dentro da própria categoria migrante. A partir das formulações de Ong (1999), e Schiller e Salazar (2012), argumentei sobre a adequação de uma teoria sobre as mobilidades, onde os pesquisadores devem examinar o papel dos estados-nação e a influência das identidades nacionais na formação da experiência dos sujeitos em deslocamento, sem confinar seu estudo e análise dentro de um parâmetro de Estado-Nação (2012:10).

Dessa forma, compreendi que fazia-se necessário conhecer o campo social transnacional (Schiller, 2007:457) na origem e no destino para analisar as construções de marcadores de diferença e as experiências dos sujeitos entre Mantena - uma cidade de pequeno porte e uma *zona rural* - e o Cacém - uma região periférica da Grande

¹³⁷ O que Appadurai designou como etnopaisagens: “paisagens de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos ou indivíduos em movimento constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afetar a política das nações (e entre nações)” (2004:51).

Lisboa -, uma vez que tanto as diferenças de poder globais como nacionais e regionais desempenham um papel crucial nos imaginários sobre os deslocamentos, nas condições materiais para sua realização e, conseqüentemente, nas experiências e na agência dos sujeitos.

Responder teoricamente à questão: como a “Europa” poderia ser o Cacém? Tornou-se possível somente a partir de uma aproximação entre os estudos urbanos e as abordagens sobre as mobilidades transnacionais, na medida em que o espaço é considerado como uma construção ao mesmo tempo concreta e simbólica, e também como categoria relacional. Assim, categorias como *roça*, *morro*, *subúrbio* e *periferia*, emergidas na etnografia tornaram-se mais inteligíveis.

Do mesmo modo, investigar o aprendizado de se tornar brasileiro/a em Portugal exigiu compreender a forma como as relações sociais cotidianas eram organizadas no Cacém e nos contextos de origem, onde a construção das diferenças (Brah, 1996; 2006) e as experiências de mobilidade eram figuradas e/ou resignificadas.

Como evidenciei ao longo do capítulo, a idade ou a noção de um estilo de vida jovem é apenas um dos marcadores de diferença reivindicados no contexto dos deslocamentos entre Mantena e o Cacém, mas para os compreendermos devemos também levar em consideração “raça”, etnicidade, classe, sexualidade e religião, entre outras marcas, e também experiências anteriores dos sujeitos, em contextos metropolitanos, menos urbanos ou rurais, ou possíveis mobilidades internas e/ou externas. Para o fazer, escolhi o modelo teórico das interseccionalidades como a abordagem central para pensar a diferença e as classificações de pessoas e experiências nos contextos de mobilidades transnacionais.

Uma das principais contribuições teóricas dessa perspectiva é o fato de pensar a diferença como experiência e a formação dos sujeitos enquanto processos localizados em diferentes contextos, reformulando a noção de agência e questionando as desigualdades de poder globais, nacionais e regionais. Por esse motivo, autoras como Ong (1999), Mcklintock (1995; 2010), Brah (1996, 2006), Mahler e Pessar (2001; 2003) e Piscitelli (2008; 2009; 2010; 2012) foram fundamentais para a minha formulação subsidiaram o meu entendimento.

A contribuição da perspectiva teórico-metodológica que emerge no debate feminista é mais extensa. Ao considerar o gênero enquanto “construção simbólica que é constituído e representado de maneira diferente segundo a localização” que assumem significados específicos através de discursos sobre diferentes feminilidades e

masculinidades, que simbolizam para além de trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais e históricas particulares (Brah,1996: 34)”, como também, as especificidades dos contextos de mobilidade nos quais as marcas de diferença são ressignificadas.

PARTE II - DESLOCANDO SUJEITOS, TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES

Preâmbulo

Nos capítulos anteriores, a partir dos conceitos de experiência e agência, afirmo que a alteração de contextos sócioespaciais incide na ressignificação das diferenças e que os deslocamentos entre fronteiras internacionais são processos que possibilitam aos sujeitos envolvidos - pessoas em deslocamento, familiares e os próprios cenários de origem e destino – transformar e deslocar relações de poder, ideias e relações. Ou seja, a mobilidade, para além de física, é conjuntamente biográfica e social.

Nos próximos capítulos, a partir dos trajetos entre o Cacém e Mantena e de episódios das trajetórias de quatro sujeitos - Sheila, Camila, Maicon e Jonas -, analisarei diferentes formas de mobilidade - física, social, residencial e imaginária - que se configuram como mecanismos de reconfiguração de relações e ideias sobre família, gênero, moralidade, sexualidade e geração (Pessar e Mahler, 2001:445), e que são acionadas em diferentes situações e interações.

Como fio para construção do enredo, utilizo fragmentos de trajetórias e trajetos de alguns dos sujeitos que fizeram parte dessa etnografia, para tecer, nos capítulos seguintes, propostas analíticas de temáticas bastantes distintas associadas aos deslocamentos entre fronteiras internacionais. No capítulo IV, através dos trajetos e da trajetória de Sheila, abordarei as seguintes temáticas: i) as dimensões relacionais e temporais dos projetos migratórios; ii) as migrações (internas e internacionais) como recursos de reprodução social das famílias; iii) a relacionalidade dos espaços e lugares; iv) os diferentes projetos e estratégias de mobilidade para rapazes e meninas; v) as reconfigurações familiares e das relações a partir da mobilidade dos sujeitos (econômica, residencial e simbólica) e, por fim, vi) as categorias de idade e a relevância da oposição jovem/adulto e da noção de “transição para a vida adulta” .

CAPÍTULO 4 - PROJETO, TEMPO E FAMÍLIA NAS MOBILIDADES TRANSNACIONAIS

No café Luso, em frente à Estação de Comboios do Cacém, esperava Sheila para nosso primeiro encontro. Ao vê-la chegar (reconheci-a pelas fotos do *Orkut*) levantei-me para cumprimentá-la com um abraço, mas recebi apenas dois beijos no rosto, forma habitual na qual se cumprimentam as pessoas em Portugal. Sentamos e perguntei se queria beber algo. Ela perguntou-me se eu tomava bebidas alcoólicas e eu disse que sim. Pedimos duas cervejas. Sheila parecia bastante incomodada, não conseguia me olhar nos olhos. Na tentativa de explicar o motivo que me fez procurá-la, comecei por descrever o meu trabalho de mestrado (leveei o livro publicado). Sheila disse que antes *não entendia nada* do que eu dizia no *Orkut* e que resolveu encontrar-me pela minha *insistência*. Mais tarde, revelou que estava com *medo* de me encontrar porque pensava que eu fosse alguma *menina* que ela tivesse *ficado* com o seu namorado e viera *tirar satisfação*.

Contei-lhe que era de Poços de Caldas, mas que aos 7 anos fui morar em Belo Horizonte com minha mãe, que estava há 6 anos em Portugal e tinha (na altura) 29 anos. O fato de Sheila revelar que era de Mantena, também Minas Gerais, permitiu que a conversa fluísse mais espontaneamente (como também as cervejas). Ela começou por me explicar que seus pais moram num distrito de Barra de São Francisco, estado do Espírito Santo, chamado Cachoeirinha de Itaúna. Sheila não sabe onde os pais nasceram, revelando pouca profundidade em termos dos locais de origem da família. As memórias e narrativas dela e dos pais fazem referência a uma localidade rural denominada Pouso Alto, próximo à Cachoeirinha de Itaúna. De acordo com ela, uma *roça*, onde vivem de agricultura familiar. Todavia, Sheila conta que havia nascido em Mantena, portanto, era *mineira*. Disse também que não queria morar na *roça* e que tinha muitos *amigos* em Mantena. Sair da *roça* sempre foi um desejo de Sheila. Antes de transpor fronteiras internacionais teve outras experiências de mobilidade no Brasil. Aos 17 anos morou em Mantena com a sua avó materna que falecera. Com a morte de sua avó, foi morar na região metropolitana de Belo Horizonte (capital do estado de Minas Gerais) com uma de suas primas durante três meses, em uma cidade chamada Santa Luzia¹³⁸. Sheila afirma que arranjou um trabalho como doméstica, mas que logo *saiu*. Disse que não gostava de trabalhar. Após 3 meses sua tia também faleceu e, segundo

¹³⁸ Santa Luzia é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte e possui uma população de 205.666 habitantes (IBGE, 2012).

ela, não se sentiu *à vontade* para continuar vivendo *lá*, apesar de *gostar muito* de Belo Horizonte. Retornou para Cachoeirinha de Itaúna, mas reiterou diversas vezes que não queria morar *lá*, não queria morar na *roça*, *onde não tem nada para se fazer*.

Deslocar-se para uma pequena cidade ou para uma capital tem sido apontado por diversos autores como uma alternativa factível para os sujeitos que vivem em áreas consideradas rurais, o que inclui os pequenos municípios (Malagodi e Marques, 2007; Wanderley, 2007). Tanto em Mantena quanto em Cachoeirinha de Itaúna existem fluxos de deslocamentos internos e internacionais, tanto com temporalidades distintas como coexistentes. Assim, a mobilidade, longe de ser algo excepcional, faz parte das experiências nas trajetórias de diferentes sujeitos, aqueles em movimento, ou enredados pelas mobilidades de familiares, amigos e vizinhos.

No entanto, a ideia predominante da mobilidade como uma exceção, presente nas ciências sociais, direcionou a maioria das pesquisas a compreender suas "causas", em campos teórico-metodológicos e empíricos desassociados como os estudos sobre migrações internas e internacionais. Recentemente, a normalização da fixidez e da imobilidade foram desafiadas por Schiller e Salazar (2013). A crítica dos autores inclui o nacionalismo metodológico (Wimmer e Schiller, 2003) que, ao contrastar conceitos de movimentos internos e internacionais, nativos e estrangeiros, tem impossibilitado quadros de análise sobre as mobilidades que exprimem inter-relações entre mobilidade e imobilidade, localização e conexões transnacionais, experiências e imaginários de migração, enraizamento e cosmopolitismo.

Considero que a tese de Guedes sobre as diversas mobilidades no norte do estado de Goiás, intitulada *O Trecho, as Mães e os Papéis Movimentos e Durações no Norte de Goiás*¹³⁹, um bom exemplo no Brasil de uma abordagem que procura compreender as mobilidades em suas múltiplas dimensões, com base na perspectiva nativa. A partir de uma série de experiências vivenciadas pelas pessoas, "o *correr o mundo* na juventude, o envolvimento com o garimpo, o trabalho em mineradoras ou na construção de usinas hidrelétricas, a participação num movimento social de *atingidos* por estes últimos empreendimentos, o estar *parado* e o não poder *andar*", o autor associa a mobilidade a "alternâncias entre atividades diversas e a deslocamentos espaciais, mas também a um vocabulário e a ideias que, de modo privilegiado, permitem que estas pessoas atribuam sentido e pensem o *mundo*, a *vida* e a *realidade*"(2013:6).

Em Mantena, observei diversos fluxos ao longo do tempo, que, em algumas situações, são também coexistentes. Rômulo (49 anos), médico da cidade, conta sobre as temporalidades e direções dos fluxos da e na cidade:

“Teve uma época aqui que o pessoal ia para o Paraná, (na minha infância), iam de pau de arara; já na minha adolescência era Rondônia, muita gente vendeu a terra aqui e com o dinheiro que ganhava com a venda compravam 3 ou 4 vezes mais em Rondônia¹⁴⁰. Como também teve uma época que tem um Bairro em Belo Horizonte chamado Cabana do Pai Thomas¹⁴¹, uma favela, que foi uma história de ocupação e não sei o que e que tem uma Avenida chamada Mantena, de tanta gente de Mantena que morava lá ...”

Contudo, uma das questões instigantes na etnografia era compreender de que modo a migração entre fronteiras internacionais se configurou em um determinado momento como uma alternativa possível para os sujeitos em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna. E porque a migração para grandes cidades brasileiras passou a não ser tão desejada? Pesquisas recentes, desenvolvidas com “jovens rurais” em outros contextos - ver por exemplo Pereira (2012) no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais -, apontaram para a coexistência de fluxos de deslocamentos para as monoculturas de café e cana-de-açúcar no sudeste do Brasil e para o exterior, fundamentalmente EUA e Portugal.

Estas mobilidades – internas e ou internacionais – têm sido compreendidas pela maioria dos pesquisadores como estratégias intergeracionais de reprodução da família e/ou projetos individuais dos jovens em busca de “autonomia”, tal como demonstrou Menezes (2013) a partir dos deslocamentos de jovens do sertão do estado da Paraíba para São Paulo com a finalidade de trabalhar em usinas de cana-de-açúcar, ou os trabalhos de Silva (2006) e Wanderley (2006), que, da mesma forma, analisaram deslocamentos entre estados no interior do Brasil.

No caso específico de Mantena e Cachoeirinha de Itaúna observei a existência de redes sociais e de interconhecimento nos EUA e Portugal e a presença de agências de viagens na cidade que disponibilizam estes trajetos que podem ser enxergados como fatores importantes na escolha do destino da migração. No entanto, no que se refere às mobilidades internas, narrativas sobre o *perigo*, a *violência urbana* e um mercado de

¹⁴⁰ A existência de uma linha diária de autocarro (ônibus) que liga a cidade de Mantena à capital de Rondônia (Porto Velho) confirma a intensidade deste fluxo como também as narrativas de Nilson e Gilmar, donos das principais agências de viagens da cidade sobre a procura de passagens para Rondônia.

¹⁴¹ Na dissertação de Cunha (2003:103) sobre a Cabana do Pai Tomás encontra-se referências de uma migração “mais forte” de Mantena.

trabalho mais acirrado para quem têm pouca escolaridade são recorrentes e consideradas como as principais dificuldades para os sujeitos se estabelecerem nas grandes cidades brasileiras com melhores condições de vida. Ateílson, que vive em Portugal há quatro anos e antes de se deslocar entre fronteiras internacionais viveu em Belo Horizonte, compara suas experiências:

Eu trabalho aqui na montagem de andaimes, onde se ganha bem. Viver aqui é bem melhor, porque a gente tem a oportunidade de ter as coisas, tipo eu tenho meu carro...e também é tranquilo. Quando eu morava em Belo Horizonte, trabalhava como garçom a noite, lá no Chico do Peixe. Não tinha transportes à noite e acabei indo morar na Favela do Papagaio durante 3 anos...Era cheio de tiroteios e eu vivia com medo dos traficantes.

Calixto, pai de Sheila, também faz referência ao *perigo* das grandes cidades quando descreve seu receio sobre a mobilidade da filha: *eu tinha medo porque achava que lá (Portugal) era um lugar perigoso como São Paulo, Belo Horizonte, sabe... porque aqui é perigoso sair, cheio de malandro para induzir as pessoas... mas dizem que lá não tem isso não...então na verdade eu prefiro ela lá (em Portugal), do que em São Paulo, Belo Horizonte ou Rio*". No entanto, cabe ressaltar que o *perigo* e a *violência* como argumento para residir na Europa aparece em quase todas as pesquisas sobre migração de brasileiros, como uma retórica que pode ser utilizada para explicar outras questões e motivações.

Ao longo da etnografia, observei que são vários os fatores que determinam a preferência do destino migratório internacional que ultrapassam o argumento sobre a *violência* das grandes cidades brasileiras: a avaliação de um menor risco do deslocamento, a existência de redes de apoio (irmãos, vizinhos e amigos); a possibilidade de aumento da renda familiar através da diferença de câmbio (euro, dólar) e, por fim, o imaginário criado sobre esses lugares *onde tem trabalho e se ganha dinheiro para comprar uma casa, um carro e não só para sobreviver*, que conjuntamente, retroalimentam as redes. Assim, para Sheila, como para outras meninas, ir para Portugal se configurou um destino mais atingível, uma vez que seus irmãos e o vizinho Maicon já residiam no Cacém, o que facilitou também a negociação dentro de seu núcleo doméstico, ainda que esta não tenha sido ausente de tensões e conflitos¹⁴².

¹⁴² Aliás, as diferentes negociações envolvidas nos deslocamentos das meninas e dos rapazes demonstram o destaque que a sexualidade e o sexo adquirem nas mobilidades através de fronteiras internacionais, fundamentalmente para Europa, e, sobretudo, em Portugal, que temáticas esmiuçadas no Capítulo 5.

4.1 Melhorar de vida e aproveitar a vida

Se em um primeiro momento a migração se configura como uma estratégia de reprodução social familiar executada a partir do deslocamento de um membro do grupo doméstico - frequentemente sujeitos entre 18 e 20 anos -, o desenho do projecto migratório não se mantém incólume. A forma como se vive e se dá sentido às mobilidades se modifica com o tempo da migração (Olwing, 2007). Na etnografia, tanto em Mantena como no Cacém, as categorias êmicas *aproveitar a vida* e *melhorar de vida* se destacaram nas narrativas dos sujeitos em mobilidade¹⁴³. Estes dois conceitos nativos são utilizados contextualmente, demonstrando a própria dinâmica do projeto migratório dos sujeitos, que ao longo do tempo da migração vão reconstruindo novas expectativas e motivações. Se inicialmente as narrativas sobre *melhorar de vida* são utilizadas para justificar o deslocamento entre fronteiras internacionais, ao longo do tempo da migração a noção de *aproveitar a vida* passa a coexistir nas exposições dos sujeitos em deslocamento ao longo da sua trajetória de mobilidade.

Melhorar de vida é o modo que os sujeitos dão significado, num primeiro momento, ao projeto de se deslocarem entre fronteiras nacionais (Durham, 1973) e internacionais (Togni, 2012). Todos os sujeitos desta etnografia falavam sobre *melhorar de vida* como o objetivo do deslocamento, que, quando alcançado, provocaria o retorno das pessoas para os seus contextos de origem. No entanto, os significados de *melhorar de vida* são vários, ainda que alguns sejam mais regulares nas narrativas dos sujeitos: comprar ou remodelar uma casa, abrir o próprio negócio, ajudar os familiares e comprar um carro e/ou uma moto¹⁴⁴. A noção de que se mover para outro lugar significa utilizar as oportunidades sociais e econômicas que não estão disponíveis localmente, aparecem nos discursos associados à melhoria de vida.

O conceito de desigualdade durável, proposto por Tilly (1998), ilumina as condições diferenciais de ascensão social para estes sujeitos na sociedade brasileira e em Portugal. A partir de uma complexa elaboração teórica, o autor utiliza os termos

¹⁴³ Reitero que, ao evocar a ideia de *sujeitos em mobilidade* estou a incluir os membros do grupo doméstico que permaneceram na origem, amigos e vizinhos, à medida que considero a mobilidade não somente como o deslocamento físico de determinados sujeitos, mas, conjuntamente, os deslocamentos de idéias, relações e imaginações.

¹⁴⁴ Comprar ou remodelar uma casa, abrir o próprio negócio, ajudar os familiares e comprar um carro e/ou uma moto foram percebidos como os principais objectivos e motivações em diferentes narrativas sobre diversos contextos de mobilidade. Nos deslocamentos de gerações de famílias caribenhas (Olwing, 2003), de Filipinas para Hong Kong (Constable, 1999) e de brasileiros para os EUA (Assis, 1999;2004) e Portugal (Pereira, 2009).

categorias e *fronteiras* como noções fundamentais para o entendimento sobre o que é uma *desigualdade durável*. Recorro a este conceito pela pertinência de sua abordagem, ao pensarmos sobre mobilidade social a partir dos deslocamentos entre fronteiras internacionais. A própria utilização de Tilly da *fronteira*, que juntamente com as *categorias* “moldam desigualdades e identidades” e a consideração de que o grau de uma desigualdade durável varia sobremaneira conforme o tempo e o lugar, aproxima-se de perspectivas teóricas como o das interseccionalidades (Brah, 1996; Piscitelli, 2010) e das geografias de poder marcadas por gênero (Pessar e Mahler, 2003). Por desigualdade durável Tilly se refere “a diferença nas vantagens organizadas por gênero, raça, idade, nacionalidade, etnia, religião, grau de escolaridade e outros sistemas classificatórios semelhantes” (2006:51). Sua hipótese central é que as desigualdades duráveis devem ser compreendidas em relação à origem e reprodução de diferenças entre pares de categorias como negro/branco; homem/mulher; cidadão/estrangeiro, mais do que através de distinções simples no plano dos desempenhos individuais. A sobreposição de algumas categorias a outras, segundo Tilly, geram, indiretamente, acumulação diferencial de capacidades e, conseqüentemente, recompensas desiguais. Ao invocar a sobreposição de categorias, relaciono o conceito do autor à proposta teórica das interseccionalidades desenvolvida no debate feminista.

Ainda que Tilly não faça uma reflexão aprofundada sobre como são pensados o poder e as margens de agência dos sujeitos, questão crucial no debate sobre as interseccionalidades a partir de análises sobre as possibilidades e as capacidades de agir concedidos aos sujeitos, o autor destaca os aspectos dinâmicos e relacionais da identidade social. Para o autor:

“...fronteira, relações através e no interior da fronteira e interpretações compartilhadas constituem identidades coletivas. Mudanças em um desses elementos, quaisquer que sejam as causam, afetam todos os outros. Além disso, as identidades coletivas moldam a experiência individual. Desta forma, abordagem relacional da identidade, enfatizando como as fronteiras categóricas se apresentam no seu interior deve considerar que as identidades estão inseridas nas relações com os outros: você-eu e nós-eles; todo indivíduo, grupo ou posição social têm tantas identidades quanto relações com outros indivíduos, grupos ou posições sociais; os mesmos indivíduos, grupos e posições sociais mudam de uma identidade para outra conforme mudam suas relações.” (Tilly, 2006:49).

Dessa forma, para pensar as relações entre indivíduos, mobilidade social e desigualdades, o autor utiliza a noção de fronteira, aquela que limita, mas que também comunica e pode ser atravessada, como sugeriu Feltran (2011). Falar de fronteira é falar também sobre a combinação de hierarquias entre posições sociais. Os sujeitos dessa etnografia em vários momentos combinam categorias geradoras de desigualdades duráveis como o fato de serem negros, pobres, não-cidadãos (estrangeiros) e com pouca escolaridade. Ainda que acredite que essas mesmas desigualdades duráveis são passíveis de mudanças e que a posição/distinção social opera de forma diferente na origem e no destino, não poderia negligenciar em minhas análises sobre as mobilidades destes sujeitos, suas posições estruturais de partida.

Por outro lado, a sobreposição de categorias e a noção de identidade relacional abordadas por Tilly se aproximam da proposta de Pessar e Mahler (2001), na medida em que procura apreender múltiplas diferenças e desigualdades e suas interações em contextos específicos. Deste modo, através das posições, interações e relações em Mantena e no Cacém, procurarei mostrar de que forma algumas desigualdades duráveis tem sido transpostas pelos sujeitos da etnografia a partir de suas experiências de mobilidade entre fronteiras internacionais que tem significado para eles como *melhorar de vida e aproveitar a vida*.

“Ganhar um destino”: escola, trabalho e migrações

Na etnografia realizada entre o Cacém e Mantena, verifiquei que há um aumento do grau de educação formal nas famílias dos sujeitos: a maioria dos pais são analfabetos e os filhos possuem alguma escolaridade. Todavia, mesmo nessa 2ª geração, o trabalho tem sido priorizado em detrimento do estudo, sobretudo para os rapazes que deixam a escola a partir do 4º ou 5º ano, enquanto a maioria das meninas concluem o ensino médio (12ºano).

As condições diferenciais de acesso ao estudo merecem ponderação. Se no Brasil o maior atraso escolar dos rapazes tem sido associado ao trabalho na “infância” e nas zonas rurais ao trabalho agrícola, Carvalho (2003) considera que nestas análises o trabalho doméstico das meninas não tem sido contabilizado, como se o peso do trabalho para estes sujeitos se relacionasse efetivamente com a dificuldade em estudar, uma vez que em muitas famílias de camadas populares o trabalho não é percebido como

contrário à escolarização ou mesmo à “infância” (Auster, 1992; Coelho, 1999 op.cit Carvalho, 2003: 189). A autora sugere a necessidade de refletir sobre como as famílias com quem trabalhamos têm percebido a importância da escola e do trabalho para seus filhos e filhas. Segui, dessa forma, a abordagem de Carvalho procurando compreender a partir da etnografia os diferentes significados do estudo, da educação formal e das migrações para rapazes e meninas.

Durante o trabalho de campo em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna, constatei que o grau de escolaridade dos sujeitos no meio rural era menor do que na cidade. Pesquisas sobre a realidade da educação no rural brasileiro confirmam esta avaliação. Silva (2008:106) aponta para o fato de que, nesse contexto, ainda subsistem os mais baixos índices de escolaridade e relaciona esta situação com a precariedade da educação presente no meio rural, em relação “aos elementos humanos disponíveis para o trabalho pedagógico, a infra-estrutura e os espaços físicos inadequados, a má distribuição geográfica das escolas, a falta de condições de trabalho e de formação específica para uma atuação no meio rural”. Em Cachoeirinha de Itaúna, para além da escola formal que possui ensino até o 9º ano, uma das poucas alternativas disponíveis são as escolas de formação técnica agrícola¹⁴⁵, onde várias meninas da região estão inseridas. O modelo das Escolas Famílias Agrícolas surge no Brasil em 1969, no estado do Espírito Santo, e tem como estratégia principal a Pedagogia da Alternância. Tal princípio implica um processo de formação “que combina e articula períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar. Alterna-se, assim, a formação agrícola na propriedade com a formação teórica geral na escola que, além das disciplinas básicas, engloba uma preparação para a vida associativa e comunitária (Silva, 2007:108).

A preponderância de meninas nas escolas agrícolas é uma realidade bastante evidente em Cachoeirinha de Itaúna. Não encontrei no trabalho de campo nenhum rapaz que tenha passado por esta experiência de formação, ainda que, antes de se moverem entre fronteiras internacionais, a maioria dos rapazes trabalhasse na agricultura. Além

¹⁴⁵ As escolas frequentadas pelas meninas de Cachoeirinha de Itaúna estão inseridas também no programa da PJR - Pastoral da juventude rural, uma organização destinada a *lutar pelos direitos da juventude rural*, ligada à Igreja Católica, nomeadamente à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. O objetivo principal desta pastoral é “Evangelizar e conscientizar a juventude camponesa, especialmente as jovens e os jovens empobrecidos, e formar militantes cristãos, discípulos missionários e discípulas missionárias de Jesus Cristo, para contribuir na transformação da sociedade assumindo a construção do Projeto Popular de campo, articulado ao de sociedade, e lutar pela vida do Planeta Terra (Gaia)” Disponível em <http://pastoraldajuventuderural-pjr.blogspot.pt/p/objetivos-da-pastoral-da-juventude.html>, acessado em 05 de agosto de 2013.

disso, o estudo parece não ser percebido como uma alternativa de reprodução social para os rapazes de acordo com os códigos de masculinidades locais. D. Rosa, conta que gostaria que Sheila fosse para a escola agrícola como as filhas de sua vizinha Nenê, Thaís e Telma, mas não fez referências sobre a possibilidade ou incentivo para que seus filhos Wellington e Beto frequentassem a escola. Para os rapazes, as escolas parecem não estar associadas à ideia de ter um futuro melhor. D. Rosa comenta: *ela não quis, não gostava de estudar*. Sheila confirma a narrativa da mãe e é bastante enfática, confirmando a narrativa de D. Rosa: *eu não gosto de estudar, então tenho que trabalhar...não estudei...então preciso ganhar um destino*". Se estudar se configura como uma possibilidade quase exclusiva para as meninas, a migração internacional é uma estratégia de reprodução social aprovada e que faz parte de uma lógica dominante para os rapazes.

Essa segmentação parece estar relacionada com os padrões locais de feminilidade e masculinidade que associam o *jeito para o estudo* ao feminino ou como oportunidade de *sair da roça*. D. Rosa e Sheila afirmam que esta *não gostava de estudar*. Uma alternativa ao estudo é um *bom casamento*, que geralmente significa casar com um homem provedor. Grande parte das amigas e vizinhas de Camila e Sheila, no momento da realização da etnografia, estavam casadas, tinham interrompido os estudos, tinham filhos e não trabalhavam *fora*. Em Cachoeirinha, as amigas de Sheila se casaram com rapazes de outras localidades. Esta realidade foi-me apontada por D. Rosa, mãe de Sheila: "...a Sheila é a única que está aproveitando a vida. As meninas amigas dela estão tudo casada, com filho, pararam de estudar e não trabalham..." Todavia, ainda que D. Rosa enalteça a trajetória distinta de Sheila, comparada com outras meninas da região, realça que Sheila teve boas oportunidades para se casar, caso quisesse:

"Ela não se casou porque não quis...teve um moço de Belo Horizonte que tinha uma loja e queria casar com ela para ela ir trabalhar lá com ele, ia ter uma vida boa, era bem de vida....Porque a Sheila gosta de coisa boa, não ia casar com qualquer um...mas ela não quis"

Outro fator relevante é a concepção da existência de maiores adversidades para as mulheres ao migrar, justificada muitas vezes pela *dificuldade em ficar longe da família*, pela sensibilidade "inerente" às mulheres, o acumular do trabalho doméstico fora e dentro de casa, como também o risco físico envolvido no deslocamento

(principalmente para os EUA, que pressupõe atravessar a fronteira entre o México). A narrativa de Marco, ilustra essa concepção:

“É mais fácil para o homem imigrar (pausa...) o homem tem menos sentimento, não se deixa levar pela emoção ...consegue lidar com as dificuldades da vida...lá é mais difícil ser mulher...trabalho, fazer janta, arrumar a casa, roupa”.

Por outro lado, a ideia de que a migração é uma alternativa para os rapazes parece associar-se à possibilidade de uma *melhoria de vida* mais rápida, comparado por exemplo com a continuação dos estudos, tornando-os um melhor provedor para a família e um *bom partido* no mercado afetivo-sexual local. O comentário de D. Rosa sobre Wagner, após uma das visitas¹⁴⁶ recebidas por mim em sua casa, elucida essa afirmação. A mãe de Sheila considera Wagner um *bom partido*: “*acabou de voltar dos Estados Unidos, comprou uma casa e um carro*”. De fato, observei que a maioria dos rapazes que retornaram dos EUA e Portugal (o que inclui inclusive os retornos temporários), se reinseriram no mercado afetivo-sexual local de forma diferente. Beto, quando regressou para retirar a carteira de motorista, começou a namorar Daiane, filha do dono da única mercearia de Cachoeirinha de Itaúna e um dos poucos casais interraciais do vilarejo. Roberson, Leandro e Marco, rapidamente após o regresso de Portugal, se casaram com meninas consideradas *mais bonitas* na zona rural.

No Morro do Margoso, por sua vez, ainda que namorar ou casar com um *menino do morro* não seja considerado uma escolha acertada¹⁴⁷, a exceção parecem ser os rapazes que tiveram a experiência da imigração e obtiveram “sucesso”. Edmar, por exemplo, regressara a pouco tempo de Portugal. A família, que ainda reside na Costa da Caparica, comprou quatro imóveis no Morro do Margoso. Apesar de não sair do morro, Edmar era um dos rapazes mais assediados e considerado *bonito* pelas meninas.

Todavia, ainda que esses padrões sejam predominantes – a migração internacional para os rapazes, o casamento ou a continuação dos estudos como estratégia de mobilidade para as meninas - são passíveis de ser alterados: Sheila e Camila, por exemplo, migraram; no Morro do Margoso deparei-me com Valda e Bruno, solteiros e sem filhos, a frequentar o ensino superior.

¹⁴⁶ As *visitas* das quais faço referência são as que foram descritas no Capítulo 1.

¹⁴⁷ As hierarquias e classificações de sujeitos no mercado afetivo-sexual serão discutidas no Capítulo 5.

A educação formal como forma de *ser alguém na vida*

Valda é vizinha e madrinha de batismo de Camila. Foram *criadas juntas*. Dentre todas as amigas de Camila é a única que não é casada e não têm filhos. No ano de 2010, quando a conheci, estava cursando uma graduação em Serviço Social cujo acesso foi possibilitado pelo programa PROUNI¹⁴⁸, na única faculdade de Mantena (FAMA). A linguagem e o discurso de Valda e Bruno se diferenciaram sobremaneira dos outros sujeitos da etnografia. Quando perguntei a Valda porque Camila havia decidido se mover para Portugal, ela respondeu:

Ela quis ir por **oportunidade social**. Como eu te falei mais cedo, aqui em Mantena a gente tem pouca oportunidade. As pessoas não tem oportunidade de melhorar a vida financeira. E o mundo é assim. Você é avaliado pelo que você tem! E não é tanto a necessidade de conseguir...ela pensa na mãe, nos irmãos, nos amigos...então eu acho que ela quis, não assim **de uma maneira mais rápida**, mas deixar de sofrer tanto tempo para conseguir o seu sonho: ela quer ter uma casa, de dar um futuro melhor para mãe dela, e lá, ela está construindo isso...a gente que tem pouco, que sempre viveu com pouco, a gente não quer muito, quer o suficiente...Mantena não tem oportunidade, não tem o que fazer, pode ser que daqui a um tempo tenha, mas agora ainda não... se você quiser um futuro melhor tem que ser fora daqui (grifo meu).

No entanto, será que Valda acredita que cursar numa universidade fará com que ela tenha um futuro melhor? Uma *oportunidade social*? No Brasil, a possibilidade de mobilidade social ascendente tem sido associada ao maior nível de escolaridade, ao aumento do capital cultural e pelo aumento na renda familiar e no poder de consumo¹⁴⁹. O rendimento familiar e o grau de educação também são aspectos relevantes na classificação socioeconômica brasileira¹⁵⁰, porém enfatiza-se constantemente o poder de

¹⁴⁸ O PROUNI - Programa Universidade para Todos é um programa do governo federal brasileiro criado em 2005, cuja finalidade é a concessão de bolsas de estudo em instituições privadas de ensino superior. O programa é dirigido a estudantes egressos do sistema de educação pública e para famílias que a renda percapita máxima seja máxima de três salários mínimos (aproximadamente 600 euros). De acordo com dados do Ministério da Educação (2013), o programa já beneficiou cerca de 1, 2 milhões de estudantes. Dados disponíveis em www.prouniportal.mec.gov.br, acessado em 03 de agosto de 2013.

¹⁴⁹ Em Portugal, apesar da diversidade de formas de conceptualização e de orientações analíticas seguidas que permitem classificar e operacionalizar as classes sociais (Costa, 1999), as produções teóricas e empíricas têm priorizado em suas análises, alguns indicadores chave como o nível de escolaridade, as condições perante o trabalho ou as categorias socioprofissionais. Para saber mais sobre os critérios de classificação sociológica das classes sociais em Portugal ver Costa, António Firmino da *et al.* (2000); Estanque (2000) e Estanque, e Mendes, (1997) e Machado, Fernando Luís (2002).

¹⁵⁰ O CCEB, Critério de Classificação Econômica Brasil, é um instrumento de segmentação econômica utilizado nas principais publicações e pesquisas sobre estratificação social no Brasil. Este critério

consumo. A própria definição de critérios de mensuração de classe associados ao poder de compra, refletem a importância do consumo na sociedade brasileira. Nota-se por exemplo que, na maioria das narrativas que fazem menção ao *melhorar de vida*, comprar uma casa, ou um carro e uma moto sobressaem como narrativas hegemônicas. Ou seja, é o acesso a bens de consumo, que também são de mobilidade, que marca essa *melhoria de vida*.

De acordo com critério da classificação socioeconômica brasileira, que se tornou um dos recursos fundamentais nas análises sociológicas sobre classes sociais no Brasil (Souza e Grillo, 2009; Santos, 2004, 2005), as famílias dos sujeitos que fazem parte desta etnografia se inserem na mais baixa classe econômica (E). Todavia, seguirei os modelos propostos por Santos (2004;2005) e Souza e Grillo (2009) que criticam os modelos que privilegiam a renda e o consumo, oferecendo avaliações alternativas. Santos (2005), por exemplo, usa a noção de desigualdade durável de Tilly (1998) na tentativa de interpelar a noção de mobilidade social associada exclusivamente a um aumento na renda e a novos acessos a serviços e bens de consumo¹⁵¹. Através da interpretação neomarxista de Erik Olin Wright, o autor considera que a classe social:

“...Representa uma forma especial de divisão social gerada pela distribuição desigual de poderes e direitos sobre os recursos produtivos relevantes de uma sociedade. O que a pessoa tem (ativos produtivos) determina o que ela obtém (bem-estar material) e o que deve fazer para conseguir o que obtém (oportunidades, dilemas e opções). (Wright, no prelo, *op.cit* Santos, 2005:22) ”.

Todavia, a vigorosa colaboração de sua perspectiva prende-se ao fato de incorporar nas suas análises sobre desigualdade social no Brasil, as interseções entre

pressupõe o “levantamento de características domiciliares (presença e quantidade de alguns itens domiciliares de conforto e grau escolaridade do chefe de família) para diferenciar a população. O critério atribui pontos em função de cada característica domiciliar (número de banheiros, televisão a cores, rádio, geladeira, freezer, máquina de lavar e automóveis) e realiza a soma destes pontos. É feita então uma correspondência entre faixas de pontuação do critério e estratos de classificação econômica definidos por A1, A2, B1, B2, C1, C2, D, E” . No modelo de 2013, o critério realça que não tem a “pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais” e enfatiza sua “função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas” (ABEP, 2012; 2013).

¹⁵¹ O aumento da renda e do poder de consumo tem sido o principal argumento no Brasil sobre a ascensão de uma classe econômica específica, a classe C, definida por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R\$ 1,064 e R\$ 4.561,00. A importância do aumento do padrão de consumo e das melhorias na renda familiar e individual, consequência dos deslocamentos entre fronteiras internacionais será abordada ao longo deste capítulo.

classe e outros marcadores de diferenciação social como gênero e raça¹⁵². Por outro lado, Souza e Grillo (2009) entendem a pertença de classe dentro de um modelo semelhante ao de Bourdieu (2010 [1979]), sistematizado a partir da disponibilidade de recursos econômicos, mas também em um conjunto mais complexo de recursos (*capitais*) e disposições incorporadas (*habitus*) que se reforçam e se mantêm reciprocamente.

Na trajetória de Valda e sua família, a posição social ocupada parece estar ligada não só a sua maior escolaridade¹⁵³, mas igualmente à participação no movimento carismático da igreja católica da cidade, Canção Nova, que permitiu a Valda trabalhar como secretária na paróquia local. O envolvimento na comunidade religiosa Canção Nova, notadamente vinculado a uma classe média de Mantena, ao contrário das religiões neopentecostais, tem permitido a interação com outros segmentos da sociedade mantense. Mas Valda é bastante enfática quando se refere à importância do estudo: *...eu sempre falo para as pessoas estuda, estuda gente... para ter oportunidade de ser alguém na vida.*

Da mesma forma, a trajetória de Bruno torna visível a ampliação das redes de interação social na cidade, que, em certa medida, também está vinculado ao fato de ter acesso ao ensino superior. Conheci Bruno durante a minha estadia no centro de pesquisa NEDER (Núcleo de desenvolvimento regional da UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce), em Governador Valadares. Bruno tem 22 anos, é natural de Mantena e cursava o quarto ano do curso de Psicologia. Na época, participava como bolsista de uma pesquisa sobre “migrações de retorno e crise financeira” na cidade de Governador Valadares. Tal fato torna-se relevante para situar o lugar da fala e as percepções de Bruno: como estudante de psicologia, pesquisador, morador de Mantena, uma cidade cuja a migração faz parte da realidade social e, por fim, pelo fato de *todos os seus amigos terem ido para Portugal*. Nossa primeira conversa foi numa sala da universidade. Logo na primeira parte do encontro, Bruno disse-me:

Eu fiz passaporte, mas depois resolvi estudar! Meus amigos todos foram. Eles foram sozinhos, não tem ninguém que foi com os pais. Dois amigos estão em Ericeira. Ericeira tem um estigma de ser um bairro de

¹⁵² Para Santos (2005), raça é uma variável explicativa fundamental na reprodução da desigualdade social no Brasil. O conceito de raça utilizado pelo autor é o de Telles (2002:421), “uma construção social, mutável através do tempo e entre os contextos sociais, e sustentada por uma ideologia racial. Discutirei as classificações raciais no Brasil e em Portugal no capítulo V e VI.

¹⁵³ No Brasil, vários autores têm pensado os processos de mobilidade social por meio do maior acesso ao ensino superior no Brasil (Barros, 2010; Peixoto, 2010 e Moura e Vasconcelos, 2012).

imigrantes. e a Costa da Caparica, eles vão passear lá. **Mas sabe, eu acho que eu estou melhor aqui. Eu não tenho um amigo que diz: *eu to bem aqui*.** Eles só tiraram o Brasil. Eu, por exemplo, não posso reclamar da minha situação, mas, por exemplo, eu não tenho carro. Eles têm carro, são independentes, **se sentem como um sujeito de classe média vamos dizer assim, de classe média alta.** Pensam assim: “Eu tenho o meu carro, eu vou aonde eu quiser. Se sente realizado, mesmo lastimando que não está no Brasil” (grifo meu).

A maneira como Bruno define a sua posição de classe e concebe as estruturas de classe em Mantena se caracterizou, conjuntamente, como uma dimensão importante, que se interrelaciona com o aumento de sua escolarização. Quando perguntei a Bruno quais os lugares sociais que seus amigos que se deslocaram ocupavam na divisão de classes em Mantena, ele respondeu:

“São pessoas que tem menos que o preço da passagem, você falou que eles são novos, quando eles foram eles não tinham nem um salário, nem uma renda fixa...eles tinham um fiador, quando não era o pai, um amigo que tava lá na rede, então nem um salário ganhava. A classe aqui em Mantena se define pelos pais, e pelo carro...todo mundo conhece todo mundo. Eu me considero de classe média alta, meu pai é gerente de uma loja de pneus e minha mãe é do lar¹⁵⁴. E a universidade também me diferenciou”.

Bruno se identifica como *moreno* e acredita que em Mantena *a classe tem um predomínio maior do que a cor em si*. O estudante faz referências a *pessoas de cor e negras* que tiveram *ascensão social* e que possuem um *capital social que outra pessoa não teria*. Como exemplo, surge o gerente dos Correios da cidade: *ele é um cara intelectual. Eu não nego que o preconceito tá na cor, mas eu acredito que prevaleça o econômico*. De forma contrária, Valda se identifica como *preta* e chama a atenção para a desigualdade racial na cidade: *Por acaso você viu algum preto aqui em Mantena que trabalhe numa loja, no atendimento ao público? Preto aqui é para trabalhar em limpeza, casa de família e na construção civil!*

O que Valda pretende mostrar é que o fato de estar na universidade *per se* não configura uma *ascensão social*, sobretudo em uma sociedade permeada por outras desigualdades como as de “raça”. A trajetória social familiar de Valda (*a classe se define pelos pais*, como realçou Bruno) e o local de residência (no Morro do Margoso) determinam conjuntamente as experiências de mobilidade social desses sujeitos.

¹⁵⁴ Dona de casa.

No entanto se, no caso de Valda, a participação na comunidade religiosa Canção Nova¹⁵⁵ deve ser ponderada como um recurso importante de mobilidade, para Bruno, estar na universidade em Governador Valadares, uma cidade maior e referência no Vale do Rio Doce, propiciou a sua participação em outras redes de sociabilidade - com professores universitários de Mantena que lá lecionam e com os filhos da *classe alta* de Mantena; filhos de vereadores, médicos, dentistas e comerciantes. Bruno, inclusive, me mostra a sua aparição em um dos principais *websites* da cidade que fazia a cobertura de um evento. E dizia: *esse é filho do vereador tal...esta é a namorada dele...esse é filho do dono do supermercado...tá vendo?*

Nos *websites* sobre a cidade¹⁵⁶ existem sessões destinadas às pessoas e famílias que *fazem parte da sociedade* mantense, intitulados como “Vitrine” e “Eventos”. Nesses espaços são publicitados as viagens, os aniversários, reuniões de família, noivados ou festas. Alguns títulos de notícias¹⁵⁷ como: *Nério Maria Bohrer comemora com parentes e amigos mais um conquista de seu filho Leonardo* ; “Noivado de Amanda e Everton”; *Parte da família Jório, num momento de descontração flagrado pela revista Vitrine, situações especiais que merecem ser compartilhadas, afinal, família não tem preço e o jogador de bola com gols de brasileiros (Ramirez e Marcelo) (na Espanha), foi visto ao vivo¹⁵⁸ pelos mantenses Gabina e George (pai e filho) na noite desta quarta-feira*, bem como notícias sobre o regresso temporário das pessoas em deslocamento, usualmente nomeadas como *mantenses ausentes*¹⁵⁹.

Se por um lado, os indicadores como qualificação profissional, propriedade de bens ou local de residência têm servido como critérios formais partilhados por indivíduos que definem a classe social a que pertencem, a própria noção de classe não dá conta da dimensão relacional da prática social (Lima, 2003:27). Por isso, assumirei o conceito de “grupo de estatuto” proposto por Lima (2003), que expressa melhor o

¹⁵⁵ A Comunidade Canção Nova faz parte do movimento católico carismático.

¹⁵⁶ Os principais sites são o www.portalmantena.com.br e www.mantenaterra.com.br/. Este sites são as principais fontes de notícia da cidade de origem para os sujeitos que estão no Cacém, como também para os moradores locais que têm acesso à Internet.

¹⁵⁷ Retirados dos sites mencionados anteriormente, que tenho acompanhado nos últimos três anos. O último acesso foi em 12 de agosto de 2013 onde se encontravam os títulos mencionados acima. É importante ressaltar que o Bairro dos Operários (Morro do Margoso) foi mencionado ao longo desse tempo apenas nas páginas policiais.

¹⁵⁸ Em direto.

¹⁵⁹ Existem grupos na internet, sobretudo nas redes sociais virtuais intitulados *mantenses ausentes*. Como por exemplo, os perfis do facebook: <https://www.facebook.com/mantenses.ausentes>; <https://www.facebook.com/pages/Mantenense-Ausente/593841207301442>.

conceito de posições nas hierarquias sociais do que a noção de classe social. A autora argumenta que, para além dos indicadores econômicos, é necessário incluir os gostos, o acesso aos consumos e lazer e a maneira como os sujeitos se veem a si próprios. Esse conceito torna-se importante para pensar que a acumulação de capital ou o aumento da escolaridade, por si só, não implica necessariamente o mesmo acesso e o reconhecimento de uma determinada posição social. Na etnografia, ficou evidente que o aumento dos rendimentos dos sujeitos, *per si*, ou o aumento do grau de escolaridade não se configuram como uma mudança na hierarquia social. Ainda que Sheila tenha um salário equivalente ao de um estudante de doutoramento em Portugal ou a de um psicólogo em Mantena, simbolicamente não terá os mesmos acessos seja em Portugal ou no Brasil.

Bruno e Valda foram para a universidade. Sheila, Camila e outros sujeitos foram para Portugal. Mas como refletir sobre as posições e desigualdades nos contextos transnacionais? A migração internacional de Mantena para o Cacém pode se configurar como uma mobilidade social? Como mensurar a mobilidade social através de posições sociais que estão situadas em um espaço transnacional?

O primeiro passo foi compreender de que forma se dá a diferenciação social em Mantena e perceber o lugar que a imigração entre fronteiras internacionais, e, fundamentalmente, Portugal ocupam nesse processo.

A mobilidade transnacional vista pela “*classe alta*” de Mantena

Em junho de 2011, conheci a cidade de Mantena através de outros “olhos”. Jaime, administrador do Hospital da cidade era o meu principal contato da “classe alta” Mantense. Seus amigos e conhecidos fazem parte do que Rômulo, médico e oriundo de uma família tradicional de Mantena, define como *classe alta*, ou seja, um grupo de pessoas que somam mais de 10 salários mínimos de renda. Jaime me convidou para ir a um churrasco na casa de um amigo, diretor do departamento de águas e esgoto da cidade. Disse-lhe que antes gostaria de ir ao Morro do Margoso (Bairro dos Operários) almoçar com D. Chiquinha, mãe de Camila. Jaime nunca foi ao Morro do Margoso como a maioria das pessoas que conheci nesta estadia em Mantena. Sua reação foi de espanto. Perguntou-me inúmeras vezes se *tinha certeza* e se *subiria sozinha*.

No churrasco estavam reunidos filhos de vereadores, médicos, dentistas e o filho do dono da maior indústria de Mantena, a Rabitt, empresa em que Camila trabalhou até se deslocar para Portugal. Havia muita cerveja, carne e a música, curiosamente, era semelhante à do Cacém: sertanejo universitário, *funk* e axé. Um dos jovens com quem conversei, Alan, filho do dono da casa, vive nos EUA há oito anos. Ele relata que, na época em que decidiu se mudar, estava em dúvida em cursar uma graduação mas que o investimento para *comprar uma vaga* no Espírito Santo era muito alto. Esta parece ser uma prática normalizada entre o grupo, onde tecem comentários sobre suas experiências em *negociar* vagas universitárias.

Jaime me apresentava a todos como a menina que *pesquisava o Margoso*. E repetia: *ela viveu lá*. A reação das pessoas era de curiosidade e estranheza. *Você viveu lá?, Você é louca?* Eram os comentários mais recorrentes. A ideia de um lugar *perigoso* onde *as pessoas não gostam de trabalhar* foi conjuntamente associada ao Morro. Um dos jovens, filho de um conhecido vereador da cidade me diz num tom irônico: *Volte mais vezes, para cuidar dos pobrezinhos da nossa cidade*.

Sigo em direção ao Nicolini, um bairro de classe média de Mantena, para entrevistar Rômulo. A casa possui dois andares, piscina e uma ampla cozinha, local em que o médico e sua esposa (assistente social da penitenciária da cidade) me recebem. O lugar social dos migrantes em Mantena pode ser problematizado através da fala de Rômulo - conhecido como o *Doutor* pelos jovens de Mantena que estão em Portugal. De acordo com ele, os *migrantes* contemporâneos são oriundos das classes baixas “*aquela que vive da economia informal e que vive com um salário mínimo*”. A classe média é definida pelo médico como “*as pessoas que recebem entre 5 a 8 salários mínimos, se encontra empregada e não imigra*”, e a classe média alta, “*quem recebe mais de 10 salários mínimos*”.

O médico divide os fluxos migratórios na cidade de Mantena em dois momentos históricos. Esta separação evoca concepções sobre a ideia de *sucesso* e *empreendedorismo* por um lado; e *não ter compromisso com o trabalho* e a *busca do eldorado* por outro. Esta é uma visão que distingue, em termos de classe, as duas vagas de migração na cidade. Como exemplo dos primeiros fluxos, Rômulo cita a trajetória de um de seus primos, engenheiro, *bem sucedido* nos EUA, que faz parte de uma primeira vaga rápida e seletiva de fluxos migratórios direcionados para os EUA.

“Foi a partir de 1998 a 2000 que o pessoal começou a sair e a investir, inclusive até inflacionava muito as coisas aqui... foi coisa de 2, 3 anos... logo depois acabou... porque a gente até conhece pessoas que vieram e tiveram sucesso nos EUA. Que hoje são empreendedores, tem empreiteiras lá, firmas...eu tenho um primo meu que formou em Engenharia em Valadares, foi para lá...e é dono de uma construtora lá... agora (fala sobre a imigração dos últimos anos), tem muita gente que tá lá, e tá passando fome" eu não sei se é o caso de Portugal, mas nos EUA eu conheço um tanto de gente que tá sem dinheiro para voltar”.

Ainda que Rômulo afirme que em Mantena não exista uma *cultura migratória* semelhante à de Governador Valadares, “*essa fissura assim de ir para fora*”, narra sobre outros fluxos migratórios que são associados a uma classe social baixa e à *procura do El Dorado*.

“Então, eles estavam saindo a procura do sonho do El Dorado...e aí assim como no futebol de 10 que vão...vamos colocar mais, de 100 que vão, 1 tem sucesso...consegue fazer os investimentos, agora o resto...”

Ao longo da entrevista vou relatando a Rômulo o perfil dos “jovens” de Mantena que atualmente vivem ou viveram em Portugal. Um dos aspectos reforçados na minha narrativa é o maior acesso dos jovens ao lazer e a sociabilidade - como a ida em *shows* brasileiros - e o aumento do poder de consumo, consequência da mobilidade econômica proporcionada com os deslocamentos entre fronteiras internacionais.

O médico argumenta por meio da conversão dos salários estimados (euro-real) e do potencial custo de vida mais elevado na “Europa” que os jovens, em Mantena, poderiam frequentar os mesmos espaços de lazer e sociabilidade.

“Agora porque eles não poderiam ir a um *show* do Jorge e Mateus, por exemplo? Poderia! Quer ver! Um ingresso para o Jorge e Mateus na área VIP é no máximo 50 reais, não é? 80 reais...vamos botar 80 reais...aqui tirar 80 reais de um salário mínimo, um salário mínimo (622 reais em 2012); é um pouquinho mais ele (os jovens migrantes) também conseguiria. Deixa eu te explicar o meu pensamento em termos disso daí: por exemplo, se você ganha aqui no Brasil 800 reais, entendeu, seria o equivalente a você...porque lá o custo de vida também é mais caro...do que você estar ganhando 800 euros, que seria o equivalente a 2400 reais...porque aqui você consegue comer um marmiteix aqui, por cinco reais...lá seria mais caro”.

Souza e Grillo (2009:43), no livro *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*, critica os pressupostos das análises economicistas da realidade (que segundo o autor não é privilégio dos economistas) que legitimam os privilégios através da meritocracia, ou seja, “a ilusão, ainda que seja uma ilusão bem fundamentada na propaganda e na indústria cultural, de que os privilégios modernos são “justos”. Sua justiça residiria no fato de que “é do interesse de todos” que existam “recompensas” para indivíduos de alto desempenho em funções importantes para a reprodução da sociedade”.

A falta de *compromisso* com o trabalho é apontada pelo médico como o principal problema. “*Eles acabam gastando muito mais do que ganham com esse negócio de fazer churrasco, de tomar cachaça, não sei o que...*”. Do ponto de vista de Rômulo *eles* passam a ter compromisso com o trabalho somente no momento da mobilidade.

“Quando eles saem daqui eles passam a ter um compromisso com o trabalho. Aqui, eu tem uma esquina perto da minha clínica que tem 4 bares na esquina e o pessoal fica bebendo o dia inteiro, jogando sinuca, batendo papo...então vê bem, eu acho que eles não conseguem aqui ter essa visão para estar juntando um dinheiro e lá eles vão com aquele negócio na cabeça...eu tenho que trabalhar...*se trabalhar aqui também consegue*. Agora eles vão ter a mesma vida aqui em Mantena, do que a que eles estão tendo lá, só que com um pouquinho mais de folga” (grifo meu).

Em seu artigo *The Transnationalization of Social Inequality: Conceptualizing Social Positions on a World Scale*, Weiss (2005) chama atenção para o fato de que uma “sociologia da desigualdade” concentrar-se nas desigualdades dentro de Estados-nação. Ainda que o corpo de estudos comparativos internacionais esteja crescendo, para a autora, tais estudos usam médias dos Estados-nação e abstem-se de uma comparação do impacto direto nos indivíduos que se deslocam através das fronteiras internacionais. Como demonstrei anteriormente, os próprios critérios e indicadores para a determinação da classe social e da desigualdade se diferenciam sobremaneira entre os Estados-nação, como, por exemplo, entre Brasil e Portugal.

Por outro lado, Weiss considera que as relações espaciais são fundamentais para uma comparação entre as posições sociais, mas que seguem uma lógica diferente do que é a formação de classe. Ao trabalhar com imigrantes altamente qualificados na Alemanha, sugere que estes “não se configuram como uma classe social, no sentido marxista, mas que podem ser vistos como um classe teórica, um grupo de pessoas com afinidades objetivas em um espaço social (Bourdieu, 1990) que se estende além dos

limites do Estado-nação” (2005:718), o que permite avaliar as melhorias ou não da posição social dos sujeitos com as alterações espaciais. Para tanto, mensurar a posição social dos sujeitos dessa etnografia exigiu um esforço relacional, na medida em que se teve que levar em consideração as posições sociais ocupadas anteriormente nas sociedades de origem, as estratégias e concepções sobre a mobilidade social construída pelos próprios sujeitos, que muitas vezes é pensada de acordo com os valores da origem, e, por fim, das posições ocupadas nos locais de destino, ao longo do tempo da migração. Nesse sentido, através de alguns episódios da trajetória de Sheila ao longo de seu deslocamento para Portugal, evidenciarei diferentes escalas de mobilidades físicas, sociais e simbólicas.

Da *favelinha* para o apartamento 502

Voltemos a trajetória de Sheila. Sheila desembarcou no Aeroporto de Portela, em Lisboa, e foi diretamente para o Cacém. Nos primeiros meses da sua estadia em Portugal, Sheila morou numa região nomeada pelos sujeitos como *favelinha*: casas bem pequenas e conjugadas, distantes da estação de comboios (trem) e conhecida também como a *vivenda dos brasileiros*. Conheci a *favelinha* acompanhada de Sheila quando visitávamos Dalton, um de seus amigos. Caminhávamos eu e Sheila até à *favelinha* que se localiza do outro lado do Cacém. Tivemos que subir cerca de 80 degraus de uma escada enorme, atravessar uma rodovia e, logo à esquerda, havia ruas estreitas e escuras onde se encontravam casas ou vilas minúsculas. Sheila não sabia exatamente qual casa era e, enquanto eu ligava para o Dalton para perguntar, dois rapazes mexiam *com a gente: olha aí as brazucas perdidas*. Já era noite e confesso ficar um pouco assustada.

Antes de chegar na casa de Dalton, Sheila fez questão de mostrar o lugar onde vivera recém-chegada em Portugal. Coincidentemente à porta, estava o senhorio¹⁶⁰, um português que, naquele momento, entrava com outros homens que pareciam ter acabado de chegar do trabalho nas obras. O senhorio e os outros homens perguntam para Sheila sobre Beto e Wellington. Sheila dá notícias sobre os irmãos e pronuncia: *Ela (eu) é escritora, só queria mostrar o lugar para ela...* Na *favelinha* residem muitas pessoas e, de acordo com o proprietário, *não havia vagas no momento*.

¹⁶⁰ Arrendatário.

Entretanto, Sheila afirmou que a situação na *favelinha* se tornara bastante difícil: *Aquilo* (forma como Sheila faz referência à Favelinha atualmente) *ficou sem água, aquilo ficou sem luz*¹⁶¹, *aí entrei em desespero. Aí fui morar morar com Juliana, Maicon (vizinho da família Camargo em Cachoeirinha de Itaúna) e Camila, recém chegada de Mantena. Sheila morou durante seis meses com Maicon, Juliana e Camila. Segundo ela, começou a ter atritos com Juliana que era demasiado ciumenta: não podia levar amiga nossa lá, que ela começava a entrar em desespero. Começava a xingar as nossas amigas.*

Na primeira semana em Portugal, Sheila, através de contatos mediados por Maicon, conseguiu um emprego como empregada de limpeza numa empresa terceirizada. Sheila conta que ela, Wellington, Beto e Maicon foram *criados todos juntos, é igual família*¹⁶². As narrativas em torno do percurso laboral de Sheila são bastantes divergentes quando comparadas com D. Rosa (mãe) que faz questão de enfatizar que a filha desde *pequena* sempre foi *trabalhadeira*. Todavia, em Cachoeirinha de Itaúna, Beto, Sr. Calixto e Breno (amigo)¹⁶³ mencionaram que Sheila *não gostava de trabalhar*. Em seus relatos também prevalece este discurso. Sheila conta:

No Brasil, eu nunca tinha trabalhado de verdade. Fazia uns biquinhos¹⁶⁴ aqui, outros ali...eu vivia com o dinheiro dos meus pais. Eles me davam tudo, do bom e do melhor, eu só queria roupas de marca. Também não gostava de estudar. Por isso todo mundo achava que não ia dar certo aqui. O povo dizia: o que é que você vai fazer lá em Portugal? Vai chegar lá e vai voltar no mesmo dia, você não trabalha! Olha, cheguei aqui e paguei a língua. Estou trabalhando, filha. Até hoje desde que eu vim estou

¹⁶¹ É importante ressaltar que a existência de luz elétrica em Cachoeirinha de Itaúna, data do ano de 2007, com o programa Luz para Todos do governo federal brasileiro. Disponível em <http://luzparatodos.mme.gov.br>, acessado em 12 de agosto de 2013. Dessa forma, quando Sheila chegou em Portugal, na casa de sua família não havia eletricidade. Ainda hoje não há duche quente (elétrica) na casa da família Costa, apesar da família ter hoje geladeira (frigorífico) e uma televisão.

¹⁶² Duarte e Gomes (2008) destacam a importância das relações de afinidade (amizade, escola, vizinhança e religião) na definição da parentela. Para os autores, os laços de compadrio também mostram a possibilidade de ampliação da noção de parentesco entre pessoas que não possuem relações de consanguinidade.

¹⁶³ Breno é um dos *melhores amigos* de Sheila em Cachoeirinha de Itaúna. Seu irmão viveu em Portugal durante 10 anos, é naturalizado português e regressou para o distrito. Breno afirma nunca ter tido vontade de *sair* do Brasil e considera que o que mudou na vida de Sheila foi o dinheiro: *o que mudou na vida dela lá é o dinheiro. Porque aqui ela tinha coisas e vivia bem se os pais dela dessem dinheiro, pagasse as contas, dessem roupa nova para ela. Aqui a Sheila quase não trabalhava. E lá não, ela tem que trabalhar para sobreviver. Ela aprendeu a viver através do trabalho. Ela aprendeu a ser independente.*

¹⁶⁴ Trabalhos temporários.

nos mesmos dois trabalhos. Enquanto muitas pessoas já vieram e já tiveram uns vinte trabalhos. Não param em lugar nenhum...

Sheila relata que quando chegou em Portugal não sabia *fazer nada* e que teve *sorte* porque uma *portuguesa* a ensinou fazer limpezas. Trabalhou durante dois anos nessa empresa. É importante salientar que ter um trabalho naquele momento significava ter a possibilidade de *dar certo* e permanecer em Portugal, já que, como afirmara Sheila, precisava *se virar* - pagar renda (aluguel), alimentação e a dívida contraída pela família para o seu deslocamento. Portanto, trabalhar *de verdade* significa também ser responsável pela sua própria sobrevivência econômica. Quando Sheila expressava sobre seus medos e receios na viagem para Portugal fazia referências ao *entrar no avião* e, sobretudo, de chegar aqui *não dá certo: ter que voltar, perder o dinheiro, essas coisas assim*.

No entanto, a relação com o trabalho é transformada e ressignificada ao longo do tempo do deslocamento. Depois de pagar a dívida contraída pela família para realização da viagem e entrada em Portugal - Sheila enviava mensalmente uma quantia de 900 reais (aproximadamente 300 euros) para a mãe durante todo o primeiro ano de sua estadia -, as narrativas de *sacrifício*, de um cotidiano de esforço e a disponibilidade a condições extremas de trabalho dão lugar a outras representações sobre condições de trabalho e bem-estar. Sheila agora não precisava aceitar *qualquer coisa*.

Acabei dando um basta naquilo porque aquele pessoal começou a me chatear a cabeça demais... E eu mandei eles tomar lá, e eu mandei mesmo. Vem gritar comigo, e eu era, como **eu sou humilde**, eu sou humilde. Depende, agora eu aprendi a ser grossa com as pessoas. Às vezes, as pessoas vinham, me falavam, me xingavam¹⁶⁵ e eu ficava quieta. Esses portugueses filhos do ca.... Aí um veio e gritou comigo, nossa! Ô menina eu fiquei com tanta raiva nesse dia, tanta raiva, tanta raiva, tanta raiva, que passei o dia inteiro sem beber água (sem comer). Ele chamava a minha atenção como se eu fosse a filha dele. Meu sistema nervoso alterou todo, porque eu fiquei muito, muito, muito nervosa. Aí eu falei assim: se eu não chegar perto dele e desabafar...(grifo meu).

Desde 2009, Sheila trabalha três vezes por semana como *mulher-a-dias* (faxineira) na casa de duas famílias portuguesas da região de Cascais. De acordo com ela, tem sorte de *ter uma cara de simples* e por isso seus patrões lhe dão *dinheiro, comida e presentes*. Por outro lado, quando compara o trabalho atual com a sua

¹⁶⁵ Chamar nomes.

experiência anterior, considera que as relações laborais atuais envolvem mais *respeito*: *às vezes eu não faço as coisas direito sabe (risos), mas elas não gritam, porque se elas gritarem comigo, mando a p..q..p.. Nunca nenhuma falou um A comigo, elas me adoram, graças a Deus. No trabalho da empresa de limpeza eu vivia estressada.*

Ainda que suas experiências laborais pontuais em Mantena também fossem no trabalho doméstico - cuidadora de crianças e faxineira -, Sheila as considera como um tipo de trabalho que não gosta de fazer. Para ela, *ninguém* gosta de trabalhar nas limpezas. No seu entendimento, o trabalho na limpeza não confere nenhum tipo de *status*, ainda que permita a Sheila, em Portugal, não trabalhar nos finais de semana e garantir um salário superior a de outras ocupações, como de atendente em cafés e restaurantes e vendedora em lojas. Sheila esclarece:

Sheila: Você acha que se os outros me perguntam... se eu conheço alguma pessoa, um gatinho e tal eu falo o que? Se me perguntarem se eu trabalho na limpeza, eu não falo que eu trabalho, não. Eu falo que trabalho na pizzeria, num café, qualquer coisa assim.

Eu: E por que você não tenta trabalhar num café?

Sheila: Ah num gosto, num gosto. Não gosto de trabalhar fim-de-semana não. O negócio é ter sábado e domingo livre. Ah, mais é uma coisa chata esse negócio de ficar limpando. Praticamente quase não trabalho e ganho bem. Ganho mais de 700 euros, é um trabalho que dá dinheiro.

Ao compararmos a trajetória profissional de Sheila - em Mantena e no Cacém - percebemos que a noção de mobilidade social associada exclusivamente à mudança da ocupação profissional não se confirma, como na maioria das trajetórias dos sujeitos dessa etnografia, o que não quer dizer que não exista mobilidade. Em termos financeiros e no que se refere ao poder de compra, as mudanças são evidentes: a remuneração de Sheila em Mantena não passava de 250 reais em 2004 (o equivalente a 84 euros). No mesmo ano, em Portugal, recebia 700 euros, o equivalente a aproximadamente 2.100 reais. Na altura, Sheila enviava 300 euros mensais (900 reais), comprou um computador, um telemóvel de última geração e nos finais de semana sempre tinha uma *roupinha nova para balada*¹⁶⁶.

É importante destacar que a gestão dos recursos financeiros é bastante heterogênea nos distintos tempos da migração. A quantidade e periodicidade de envio

¹⁶⁶ Saída a noite.

de remessas de dinheiro e presentes se alteram sobremaneira durante a trajetória dos sujeitos de Mantena que estão em deslocamento. Durante o primeiro ano (podendo se estender a um ano e meio ou dois), a obrigação em pagar a dívida contraída para a realização da viagem, que coloca em risco à terra da família, é priorizada na gestão dos recursos pelos sujeitos como também o envio de presentes. É importante salientar que nessa fase as redes e círculos de amizade dos sujeitos e o conhecimento sobre os locais são menores, o que limita a circulação para bares, discotecas e *shows* que são, atualmente, locais frequentes de sociabilidade e de utilização do dinheiro.

Quando o objetivo primário, pagar as dívidas da viagem e ajudar a família, é cumprido, outras prioridades vão surgindo ao longo da trajetória dos sujeitos em Portugal: comprar um carro, móveis para casa, ir a *shows* e concertos, etc. No entanto, ainda que depois do pagamento da dívida, a quantia e periodicidade das remessas e presentes seja definida pelos sujeitos em deslocamento, “as obrigações materiais e simbólicas construídas antes da partida participam de forma determinante nas suas experiências de migração, em uma contínua referencialidade entre os locais de origem e destino” (Oliveira, 2006:11).

Verifiquei que a maioria dos sujeitos em deslocamento delegam para membros da família na origem guardar o dinheiro enviado: geralmente irmãs, irmãos e mães. No entanto, há sujeitos que deixaram de enviar remessas em um determinado momento do deslocamento, como também existem aqueles que nunca as enviaram.

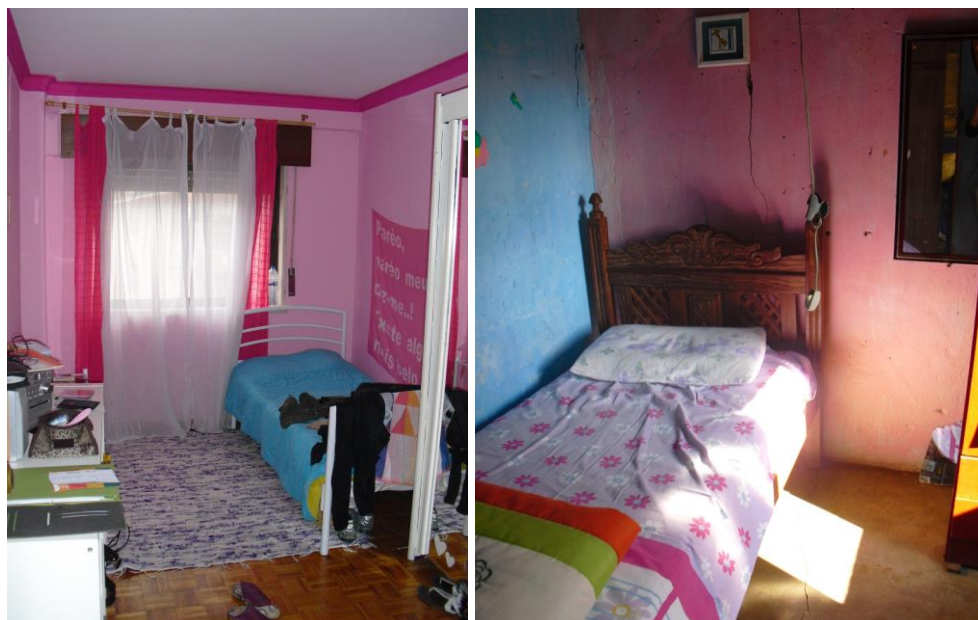
Entretanto, foi também a partir da estabilidade no trabalho e do incremento nas suas redes de amizade e interconhecimento no Cacém, depois de seis meses em Portugal, que Sheila pôde se mudar para uma região mais central do bairro: o apartamento 502. Essa mobilidade residencial tem diversas camadas de significados: em primeiro lugar, no que se refere às imagens associadas à lugares centrais e periféricos. Se a *favelinha* se configura como um espaço mais central e menos periférico que Cachoeirinha de Itaúna por se localizar na cidade e não na *roça* e na “Europa”, *sair da favelinha* e morar em um prédio da região central do Cacém - ainda que seja imaginado como um espaço periférico se comparado com as regiões centrais de Lisboa- se configura como uma importante mobilidade.

Ao mesmo tempo porque mudar-se para o apartamento 502 significava *morar sozinha* pela primeira vez, não ter *os pais e os irmãos para controlar* e ter mais *liberdade*, ainda que mais *responsabilidade*, na medida em que Sheila *não tinha com quem contar*. No início do trabalho de campo Sheila morava com Samanta (20 anos) e

alugavam um dos quartos para um *português que morava em Espanha e vinha de 15 em 15 dias*. Entretanto, desde a minha primeira ida ao apartamento, duas semanas após o nosso primeiro encontro, até à entrada de Dora (amiga de Sheila), não me deparei com o *português*. Aliás, na primeira ida à uma festa na casa de Sheila ela declarou: *Você viu? Não há portuguesas aqui... eles ficam lá fora*.

Quando iniciei a etnografia em janeiro de 2010, moravam no apartamento Sheila, Sofia e sua irmã. Ao longo dos anos a configuração da casa foi transformada: residiram no apartamento Dora, Maicon, Juliana, Ivan, Igor, Camila, Jonas, Wellington, Jessica- que ficou grávida de um jovem angolano e durante a etnografia teve Ricardo, que atualmente tem 3 anos -; Regiane e sua filha Isabela e, posteriormente, o namorado Marcelo e Lane. No entanto, dentro da intensa rotatividade de pessoas, cada um dos jovens tinha o seu próprio quarto. Foram escassas as situações em que um dos jovens dividiu o quarto com outra pessoa. Para além da rotatividade de moradores, a casa era freqüentada por muitos jovens, sobretudo nos finais de semana.

Do mesmo modo, ao compararmos as fotos dos quartos das jovens no Morro do Margoso e Cachoeirinha de Itaúna e no Cacém, percebemos que a noção de mobilidade pode estar vinculada a um maior conforto, aquisição de bens (som, TV, notebook) e decoração dos quartos.



Fotos 12 e 13 – Quarto de Camila - no Cacém e no Morro do Margoso



Fotos 14 e 15 – Quarto de Sheila (Cacém e Mantena)

Nos três quartos, havia cama Box e armários embutidos. Um dos banheiros era grande, tinha uma banheira branca e um espelho enorme. O outro era um lavabo. Na bancada ficavam perfumes, cremes, *xampus* e alguma maquiagem. A casa tinha duas televisões: uma na sala, grande e de plasma, e outra no quarto de Sheila. As televisões permaneciam a maior parte do tempo desligadas, salvo algumas exceções, como nos dias de semana, quando as jovens assistiam novelas brasileiras da emissora Record e o programa “O melhor do Brasil”, nomeadamente o quadro “vai dar namoro” veiculado aos sábados à tarde. O uso dos computadores, *notebooks*, era muito mais intenso.



Foto 16- Sala da casa de Sheila e Camila

Na cozinha, planejada, havia uma churrasqueira elétrica, uma geladeira nova, fogão e uma máquina de lavar roupas, além de uma mesa para as refeições. A cozinha era o espaço principal de sociabilidade da casa.



Foto 17 – Cozinha, casa de Sheila e Camila

O Aproveitar a vida

Se o *melhorar de vida* enquanto projecto familiar - melhorar a casa, comprar carro, moto e/ou abrir o próprio negócio - é uma noção eficaz para justificar os deslocamentos entre fronteiras internacionais, Constable (1999) chama atenção para os aspectos mais subtis dos deslocamentos que vão para além de uma preocupação exclusivamente econômica relacionada com a origem. Apesar da maioria das pessoas enfatizarem a motivação econômica para trabalhar em outro lugar (país), essa é uma das várias e complexas razões porque elas se deslocam, permanecem e continuam regressando das visitas temporárias (Constable, 1999). Para a autora, existem questões mais privadas, personalizadas ou de natureza idiossincrática, que são ofuscadas por argumentos econômicos coletivos mais facilmente articulados e aceitáveis. As motivações econômicas são, sem dúvida, um importante factor na decisão de se deslocar, mas são também “uma resposta fácil, uma resposta mais aceitável e até certo ponto uma resposta automática e incompleta que tende a encobrir o que a riqueza etnográfica pode revelar” (Constable, 1999:212).

De que forma, durante a experiência do deslocamento, as imagens sobre os locais de origem vão se modificando? Em que medida o Cacém se torna a referência de *casa* para esses sujeitos? Como os sujeitos imaginam o lugar de origem em relação às

suas famílias e suas expectativas? Para além de trabalhadores, outras relações fazem parte da vida desses sujeitos. Esta complexidade e multiplicidade de camadas de significado leva-nos a ir mais fundo na compreensão dessas motivações.

A partir das histórias de vida relatadas por membros das redes familiares caribenhas, Olwing (2004) constatou que a forma como se vive a mobilidade muda com o tempo, não sendo apenas um fim de explorar as oportunidades económicas que não estão disponíveis no seio das comunidades locais, mas também o de aspirar determinadas condições de vida, cultural e socialmente desejáveis.

Nesse sentido, o *aproveitar a vida* aparece como categoria nativa, para fazer referência às escolhas individuais dos sujeitos e à intensa vida social e de consumo no Cacém, contrapondo a uma escassa oferta de locais de sociabilidade¹⁶⁷ e privação económica, vivenciadas nas localidades de origem. Dessa forma, para além das moradias, os locais de sociabilidade dos sujeitos se converteram em importantes cenários de observação da etnografia, o que revelou significativas diferenças nos perfis, acessos, circulação e frequência entre espaços de sociabilidade em Mantena e no Cacém.

A vida social em Mantena é bastante limitada. Existe uma praça central onde pessoas de diversas idades se encontram à noite, principalmente nos fins-de-semana. Formam pequenos grupos, conversam, bebem e *paqueram*. Não existem discotecas e os eventos promovidos na cidade são escassos. A discoteca mais próxima é na cidade de Barra de São Francisco que se localiza à 14km de Mantena. Portanto, para frequentarem esses espaços, para além dispor de recursos financeiros, os sujeitos precisam de carros ou motos para se deslocarem. Talvez seja por isso que esses bens de mobilidade adquirem grande centralidade discursiva quando os sujeitos os associam diretamente ao *melhorar de vida*. Ao indagar Lucimara (18 anos), prima de Sheila, sobre quais eram os lugares frequentados nos fins-de-semana em Mantena, ela respondeu:

É bem difícil ter festa em Mantena, tem vez que a gente vai na Igreja, tem vez que a gente vai na rua, na praça...aí vem um menino querendo te conhecer, a gente não perde tempo, aí vamos para atrás [da Igreja], depois volta [risos] ...é mais pra cima um pouquinho, no morrinho do pecado.

¹⁶⁷ Nos períodos em que estive em Mantena, um dos poucos eventos realizados foi produzido pela Igreja Católica, nomeadamente a Comunidade Canção Nova – Movimento católico carismático marcado pela presença constante de músicas católicas. Shows e “barraquinhas” concentravam um grande número de jovens na Praça Central.

No entanto, o acesso e a circulação dos sujeitos que moram no Morro do Margoso aos locais de sociabilidade não se efetua da mesma forma. Em primeiro lugar, porque o bairro é estigmatizado pelo tráfico de drogas, por ser uma zona de ocupação ilegal e pela violência, sendo constante a presença da polícia. Muitos dos relatos policiais do município fazem referência ao local. “Mulher é roubada na escadaria do Bairro dos Operários em Mantena” (Portal Mantena, acessado em abril de 2011) e “Tentativa de homicídio no bairro Operário em Mantena” (Portal Mantena, acessado em janeiro de 2011) são algumas notícias recentes que vinculam o local à criminalidade. Shirley, prima de Sheila, diz que o morro tinha *melhorado muito, porque foram presos os principais traficantes*, apesar de seu primo ter sido assassinado há poucos meses em frente de casa.

A maioria dos sujeitos raramente sai do morro aos finais de semana: ficam nas ruas, ouvindo *funk*, ou nas casas, onde realizam algumas festas e churrascos. Os bares também estão sempre movimentados. Entretanto, o hábito de *sai fora do morro*, mais recorrente entre as meninas, têm sido motivo de conflitos e tensões com os rapazes. Em primeiro lugar porque os rapazes do morro são caracterizados como *pé rapados, moleques* e que *mexem com droga*. Grande parte dos jovens já havia tido experiências de encarceramento, como o irmão de Camila, Milton e o amigo Maicon. Os meninos que *fazem tretas* – tráfico de drogas e furtos – são considerados menos desejáveis pelas meninas do Morro do Margoso. Em contraposição, os *meninos ricos* (leia-se, do centro da cidade) são considerados os mais *bonitos, cheirosos e arrumados* e tornam-se, na fala de algumas meninas, uma das poucas possibilidades de *sair do morro*. Luma (15 anos) torna mais inteligível essa visão:

...porque a vida vai ser mais fácil se casar com homem rico... se ela quiser comprar isso, vai ter dinheiro... Agora se casar com homem pobre, vai ter que trabalhar... a maioria não pensa em trabalhar, quer ficar na vida boa.

Valda (21 anos) vai além e reforça: *porque a gente adolescente sempre sonha com uma vida de princesa, quer uma roupa cara, um sapato caro, eu quero um namorado bonitinho e quero estar na sociedade*”. Dessa forma, namorar ou casar com um *menino do morro* não se configura como uma escolha acertada. Da mesma forma, além de não *dar confiança para os caras do bairro*, é necessário diferenciar-se das meninas do morro que, segundo algumas, são *meninas baixas*, que usam *roupas curtas, falam palavrões e perdem a virgindade cedo*. Consideradas metidas, muitos dos

moradores do morro reagem dizendo que elas (as meninas que não se consideram do morro) iam *dar*¹⁶⁸ na praça central da cidade ou eram sapatões¹⁶⁹.

O estigma do morro e a diferença de classe nos relacionamentos afetivos sexuais também é relatado por Regina: *a Camila teve um namorado de melhor situação financeira que ela, mas ela tinha vergonha de levar ele em casa. Ela mora num morro, num bairro periférico.*

No entanto, essas narrativas são compartilhadas por meninas que frequentam as igrejas evangélicas/católicas e, portanto, adotam uma outra forma de vestir e se comportar, ou ainda por meninas que possuem um maior grau de escolaridade e trabalham no centro da cidade. Mantena possui 52 Igrejas, a maioria evangélicas, que se converteram em espaços importantes de sociabilidade¹⁷⁰.

Já na zona rural, Cachoeirinha de Itaúna, os sujeitos estão praticamente isolados. Desde o nosso primeiro encontro, Sheila relatava *que não queria morar na roça, onde não tinha nada para fazer.* A casa da sua família fica a 3 km de Cachoeirinha de Itaúna, onde os bares e a quadra de futebol são os únicos espaços de sociabilidade. O número de homens parece ser superior ao de mulheres. Uma das principais reclamações dos rapazes é *a falta de mulher.* Tal fato é explicado por eles pelo maior número de meninas que deixam a zona rural, principalmente através do casamento com homens de outras localidades e de migrações internas para trabalho doméstico em regiões próximas.

Em Portugal, a vida social dos jovens é circunscrita em espaços considerados periféricos pelos portugueses e outros brasileiros imigrantes. Os principais locais de sociabilidade são os *cafés*, bares pequenos, discotecas brasileiras e festas nas residências. É visível a hierarquização étnica e de classe dos espaços frequentados por brasileiros. Na própria fala dos sujeitos, as discotecas brasileiras localizadas em Lisboa, como o *Cenoura do Rio*, *Cuba Libre* e o *Café da Ponte*, são classificadas como lugares distantes e *bons*, *que tem gente de classe.* Ao longo do tempo, com o aumento das redes de amizade e interconhecimento, a circulação de alguns sujeitos como Sheila, Camila, Juliana e Maicon se ampliou com a ida aos shows de bandas brasileiras e a algumas discotecas mais centrais. No entanto, para a maioria dos sujeitos, as linhas de Sintra e de Cascais se configuram como os principais espaços de circulação.

¹⁶⁸ Ter relações sexuais.

¹⁶⁹ Homossexual.

¹⁷⁰ Ver sobre a importância da religiosidade nas trajetórias dos sujeitos no Capítulo 6.

Logo quando regresssei da primeira estadia em Mantena, após seis meses, eu e Sheila estávamos sentadas no sofá, o computador, como de costume, estava sempre ligado, no MSN e no *Orkut*. Sheila mostrava-me algumas fotos de eventos em que ela participara nas semanas anteriores: um encontro de som de carros em Mem Martins e o show do Martinho da Vila em Cascais. E pronunciava: *agora eu já estou aprendendo a sair...que é bem melhor sair para lugares bons, que tem gente de classe..., né? Fui no Rasputine na linha de Cascais e até no Café da Ponte, nas Docas.*

A sociabilidade dos jovens ganha centralidade na grande parte de suas narrativas, seja nos títulos dos álbuns de fotos compartilhados nas redes sociais (*Orkut* e mais recentemente *Facebook*) ou nas fotos *per si*. *Festinhas, churrasco na casa do Marcelo, eu fui ao show do Calypso, solzinho, praia e gelada*¹⁷¹ em Sesimbra são alguns exemplos de situações compartilhadas, nomeadas pelos sujeitos que permaneceram em Mantena como *aproveitar a vida*. Identifiquei que a Internet e, sobretudo, as redes sociais – *Orkut* e no final da etnografia o *Facebook* – operavam na forma como os jovens selecionavam informações para compartilhar no local de origem que remetem sobre suas experiências migratórias e servem para negociar seus *status* e o “sucesso” migratório. Tal constatação só foi possível pela minha permanência em seus locais de origem. Familiares, amigos e conhecidos dos jovens migrantes faziam referência ao *Orkut* como principal mecanismo de obter “notícias” dos que estão fora. Shirley, prima de Camila, relata: “*Eu sempre entro no Orkut dela, vejo as fotos. Ela mudou o rosto, o jeito, está até mais bonita*”. O uso de *sites* de redes sociais pelos migrantes já tem sido analisado por pesquisadores que procuram estudar as redes transnacionais formadas pelos mesmos.

Mieke Schrooten (2010) explorou o exemplo do *Orkut*, considerando sua enorme popularidade no Brasil tanto no caso dos migrantes, quanto das pessoas que continuaram residindo nos locais de origem. Segundo a autora, o *Orkut* se configura como um importante recurso para imigrantes de diferentes classes sociais e possui um papel significativo nos acessos às informações sobre os locais de destino, especialmente como um “lugar” onde o *status* é constantemente negociado.

O que os sujeitos tornam público é o aumento do padrão de consumo: roupas, sapatos, bebidas alcólicas como Whisky e Red Bull¹⁷²; bens como carros e

¹⁷¹ Cerveja.

¹⁷² Várias músicas escutadas pelos rapazes e meninas fazem referência ao whisky e ao red bull, vinculado às pessoas que *têm condição, e estilo patrão*. Ver McDaleste; Mr. Catra (funk carioca) e Forró (Forró do

computadores e o acesso ao lazer e sociabilidades, como *shows* de bandas brasileiras, idas a praia e à discotecas. O consumo, entendido como uma forma de ação simbólica (ver Gell, 2010), serve como ferramenta de análise importante para entender como se dá a negociação do *status* dos jovens migrantes. O acesso a determinados bens de consumo – carros, motos, computadores, celulares de última geração e determinados estilos de roupas – são quantificados tanto no destino quanto na origem como *melhorar de vida*. Numa das imagens abaixo (à esquerda), “montada” para ser compartilhada no perfil de um dos rapazes no *Orkut*, é possível perceber que determinados bens – dinheiro (euro), bebidas alcoólicas e computadores – são linguagens simbólicas que demonstram o “sucesso” e o *aproveitar a vida* dos sujeitos que vivem no Cacém.

Aliás, os consumos (Miller, 1987; 1997) e os estilos (ver Hebdige, 1979) têm sido imaginados e desejados de acordo com as escalas de valor no Brasil: músicas, roupas, corte de cabelo, danças, idas a discotecas e *shows*, etc. Por isso, a possibilidade de ir a *shows* de bandas brasileiras que se apresentam em Portugal, frequentar bares e discotecas e ter acesso a bens de consumo já representa um ganho simbólico importante.

Exemplos de fotos compartilhadas no *Orkut*



Fotos 18 e 19 – Carro e equipamento de som; computador, notas de 50 euros, bebidas e celulares

A narrativa de Yan mostra a eficácia das redes sociais na construção do imaginário de um possível “sucesso” migratório, normalmente associado à melhoria das condições econômicas.

Eles [amigos e familiares] pensam que eu estou nadando em dinheiro... uma vez eu falei com um amigo meu que achou que eu estava aqui na boa vida, vê as fotos, têm notícias, aí fica achando que a gente está com muito dinheiro.

Miúdo “Whisky, Red Bull, cerveja eita, mulher que tá lotado bebendo aqui na minha mesa”. Ou ainda a música “Red Label ou Ice”, da banda Aviões do Forró.

Todavia, no decorrer da etnografia fui notando que *o aproveitar a vida* envolvia outras camadas de significado. A maioria das meninas e rapazes em Mantena e na zona rural já possui filhos e está casada. D. Rosa chamou-me a atenção para esse facto quando disse que, depois da partida de Sheila, todas as suas amigas que vivem em Cachoeirinha tiveram filhos, estão casadas e não trabalham¹⁷³: *Sheila é a única que está aproveitando a vida*, conclui ela. *O aproveitar a vida* está relacionado também com a vida de solteiro. Casar e ter filhos, em um primeiro momento, os torna adultos.

A *liberdade* aparece conjuntamente como aspectos conquistados com a mobilidade¹⁷⁴, e significa na maioria das vezes estar longe do controle social da família que ressaltam o fato de não “terem os pais para controlar”. Essa percepção pode ser observada no comentário de Sheila:

Liberdade é você sair pra onde você quiser... num ter hora pra voltar. Você que manda em você. Sai com seus amigos, trazer quem você quiser pra sua casa. Às vezes, é bom e às vezes também não. Viver sua vida livre, sem ninguém pra se meter. Você faz, você que tá pagando as suas conta. É isso. Aqui que eu tô aprendendo a sair, pq cê viu a roça que é... era um custo também para minha mãe deixá eu sair....tinha que pedir para meu pai.... era um saco... aqui não.

Porém, ainda que a etnografia mostre como os projetos são até certo ponto individualizadores, evidencia-se que são também parte de estratégias familiares, que obedecem a uma noção de pessoa marcada por obrigações morais e com a família. Sheila sempre afirmara que era possível *ser jovem e adulto ao mesmo tempo* e que *liberdade* não era o contrário de *responsabilidade*. Ou seja, é possível ter *liberdade de fazer o que quiser* e, ao mesmo tempo, ser uma *boa filha*, o que significa na maioria das vezes *ajudar* a família na origem.

Dessa forma, constatei que as reconfigurações e ressignificações dos projetos migratórios não são fixas, mas transformadas ao longo da trajetória e dos trajetos dos sujeitos em mobilidade. A permanência e/ou o regresso dos sujeitos e as obrigações morais com as família são renegociadas em diferentes situações, momentos e de

¹⁷³ As mudanças e permanências nas concepções de gênero e na vivência da sexualidade serão abordadas nos Capítulos 4 e 5 detalhadamente.

¹⁷⁴ No livro Projeto e Metamorfose, ao analisar a trajetória de Catarina, uma jovem “imigrante” açoriana que vivia com os pais nos EUA, Velho invoca as diferenças geracionais no que concernem as expectativas relacionadas ao projeto “migratório”. Ainda que os jovens, como Catarina, compartilhassem com os pais o desejo de “fazer América”, ideia vinculada a uma noção específica de bem estar e ascensão social, enfatizavam suas experiências de “liberdade”, de descobrir e experimentar sensações novas e conhecer pessoas diferentes (1986:46).

diferentes formas para rapazes e meninas, de acordo com os códigos de feminilidade e masculinidade locais.

Esta ponderação foi possibilitada pelo fato de eu acompanhar as trajetórias biográficas e sociais dos sujeitos ao longo dos últimos quatro anos. Fui compreendendo que as obrigações morais implícitas e explícitas dos sujeitos em relação às suas famílias, como a própria concepção de família, eram conceitos relacionais, podendo ser transformados de acordo com os contextos, situações e temporalidades das migrações.

As categorias *melhorar de vida* e *aproveitar a vida* utilizada de forma recorrente pela maioria dos sujeitos – sujeitos em deslocamento, familiares, amigos e vizinhos - possuem diferentes camadas de significado. No núcleo doméstico, por exemplo, não são todos os momentos em que é possível *aproveitar a vida*: o pagamento da dívida da viagem, a maternidade¹⁷⁵ e a paternidade¹⁷⁶ são alguns exemplos de condicionamentos importantes.

Se, em um primeiro momento, a mobilidade de Sheila não era desejada pelos pais e irmãos, o envio de dinheiro e presentes reconfigurou suas opiniões. Beto, por exemplo, tinha como projeto inicial regressar a Mantena temporariamente para conseguir a carteira de condução de automóveis, fundamental para o trabalho de encarregado na construção civil em Portugal. Beto trabalhava como ajudante de pedreiro e ambicionava o cargo de encarregado. Durante seu regresso, conheceu Daiana, uma menina de 16 anos, branca, filha de Sr. Gilmar, dono da única mercearia de Cachoeirinha de Itaúna e *gostou* dela. Decidiram se casar e foram morar numa pequena casa localizada ao lado da casa de D. Rosa e Sr. Calixto. Na primeira vez em que estive em Cachoeirinha, Daiana estava grávida de 7 meses e passava a maior parte do tempo em casa assistindo televisão. As brigas entre o casal eram constantes e mediadas na maioria das vezes por D. Rosa. A situação de Beto era, na época, a grande preocupação da família: em várias ocasiões D. Rosa justificava os problemas de alcoolismo de Beto, anteriormente relatados por Sheila para mim no Cacém, como consequência de seu *aborrecimento*, de *não querer estar aqui no Brasil, de não ter emprego*. No entanto, D. Rosa é categórica: *Deus é quem sabe, se for para voltar, tem que ser mais para frente, porque agora não dá né, foi arrumar menino, quem mandou!*

¹⁷⁵ No início da pesquisa, das 13 meninas que participaram da etnografia no Cacém, todas eram solteiras e não tinham filhos na origem. Durante a etnografia, duas delas (Dora e Jéssica) engravidaram e tiveram seus filhos em Portugal, permanecendo atualmente no Cacém.

¹⁷⁶ Dos 13 meninos participantes da pesquisa no Cacém, três tiveram a experiência da paternidade anteriormente ao deslocamento entre fronteiras internacionais (Zico, Wagner e Igor) e dois (Maicon e Yan) foram pais em Portugal. Maicon faleceu e Yan regressou ao Brasil.

Em outras palavras, o *arrumar menino*, naquele contexto e momento, impedia a livre decisão de Beto de regressar para Portugal, que implicaria, por exemplo *dar satisfação* para a família de Daiana, uma família tradicional daquela zona rural. Por outro lado, para além da obrigação e da questão moral, Beto não possuía recursos próprios para realizar o deslocamento entre fronteiras internacionais de forma autônoma: era preciso o consentimento e à ajuda financeira da família. A experiência da paternidade na zona rural e em Mantena no caso de Beto, parece exigir uma mudança de comportamento, nomeada pela maioria dos sujeitos como *virar homem*. No entanto, apesar da paternidade ser a justificativa do não regressar a Portugal, Beto continua sem trabalhar, tendo problemas com álcool e constantes discussões com Daiana que também não trabalha. O filho fica aos cuidados de D. Rosa.

A Crise, situações limite e justificativas para o projeto migratório

Nos dois últimos anos (2012, 2013), a crise econômica vivenciada por Portugal e sua exteriorização nos contextos de origem, por intermédio das mídias e de narrativas de imigrantes que retornaram, tornou-se uma demonstração analítica interessante para pensar a temporalidade, as dinâmicas dos projetos migratórios e as justificativas para a migração.

Alguns estudos têm-se dedicado a compreender as relações entre a crise econômica em Portugal e o retorno de imigrantes brasileiros (Coêlho, 2008, e Nunan e Peixoto, 2012:234), refletindo sobre “a mudança de posicionamento dos fluxos migratórios entre Brasil e Portugal na seqüência da crise e, em particular, discutir a existência de um possível fluxo de retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal ao país de origem”.

Ao comparar os indicadores socioeconômicos do Brasil e de Portugal,¹⁷⁷ que revelam um grande crescimento econômico e recessão, respectivamente, Nunan e Peixoto (2012) ponderam as conseqüências desta conjuntura no emprego e no desemprego e, conseqüentemente, nos projetos migratórios. São vastas também as notícias que fazem referências ao retorno da comunidade brasileira, relacionando- o com a crise econômica em Portugal e o crescimento econômico brasileiro. Nos anos de 2011 e 2012, são mais freqüentes títulos de notícias tanto na mídia brasileiro quanto

¹⁷⁷ Os indicadores são geralmente o PIB – Produto Interno Bruto, o PIB per capita e a taxa de desemprego.

portuguesa que enfatizam o retorno: *Crise em Portugal manda brasileiros de volta para casa*¹⁷⁸. Na rede Globo, o Programa Profissão Repórter *Crise econômica faz brasileiros que moram no exterior voltarem pra casa*, foi gravado em Portugal e exibido no ano de 2012¹⁷⁹.

No entanto, a partir de 2013 surgem dados sobre brasileiros que optaram por permanecer em Portugal, como também sobre *o retorno dos retornados. Imigrantes Brasileiros regressaram ao País, mas alguns já retornam a Portugal...e 115 mil continuam lá*¹⁸⁰; *Crise espanta imigrante de Portugal, mas há brasileiros que optam por ficar no país*¹⁸¹ são alguns exemplos.

Na etnografia, de fato, a possibilidade de retorno, a partir de 2012, tornou-se uma temática recorrente nas interações no Cacém. Quando regressava do trabalho de campo em Mantena, a primeira pergunta era sempre a mesma: *Como está o Brasil? Está muito caro?* Respondia sobre o preço de determinadas coisas, escutava que a situação em Portugal estava *difícil*, bem como que, outros sujeitos que retornaram, afirmavam que *o Brasil tinha melhorado que tinha emprego, mas que não dava para ter as mesmas coisas, e a mesma vida que aqui*. No último ano, presenciei vários retornos, sobretudo de rapazes como Wellington e Yan, mas também inúmeras permanências, rearranjos no cotidiano dos sujeitos e na gestão do dinheiro, retornos temporários, todas as situações sempre polemizadas no interior do grupo.

Em outubro de 2012, Landa decidiu regressar. Fui à sua festa de despedida no Cacém. As suas duas malas não fechavam. Ofereci ajuda. Ao tentar reorganizar as coisas, tive a oportunidade de ver o que ela levava para o Brasil, após viver quatro anos no Cacém. Em uma das malas, havia somente sapatos, de salto e em todas as cores, como também três pares de tênis *Nike*. Maquiagem, cílios postiços, produtos de beleza, roupas para malhar. Um litro de Whisky Red Label e Red Bull. Perguntei por que levaria a bebida, se ela não bebia álcool. Lana respondeu: *é para comemorar com as minhas amigas a chegada... Lá (Brasil) é muito caro, aí já vou chegar de boa*. Depois de ajudá-la a reorganizar as malas juntamo-nos com os outros na cozinha da casa de Sheila.

¹⁷⁸ Publicado em 11/05/2011. Disponível em, <http://economia.ig.com.br/crise-em-portugal-manda-brasileiros-de-volta-para-casa/n1596944263933.html>, acessado em 10 de dezembro de 2013.

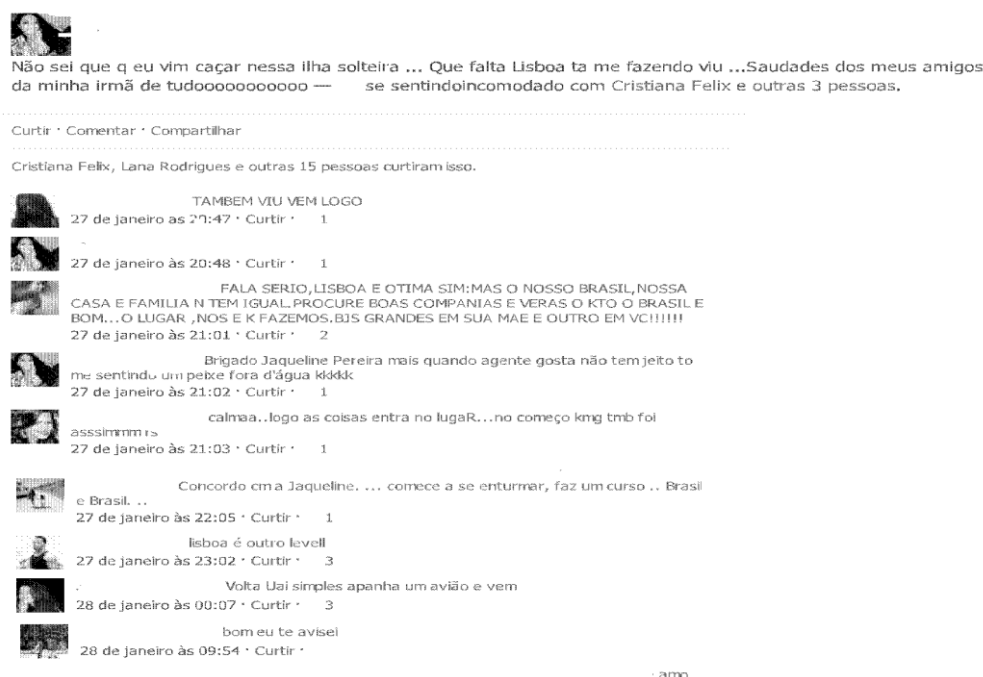
¹⁷⁹ Disponível em <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2012/04/crise-economica-faz-brasileiros-que-moram-no-externo-voltarem-para-casa.html>, acessado em 10 de dezembro de 2013.

¹⁸⁰ Publicado em 11 de junho de 2013. Disponível em <http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/imigrantes-brasileiros-regressaram-ao-pais-mas-alguns-ja-retornam-a-portugal/>, acessado em 10 de dezembro de 2013.

¹⁸¹ Agência Brasil, publicado em 22/12/2012. Acessado em 10 de dezembro de 2013. Disponível em <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-12-22/crise-espanta-imigrante-de-portugal-mas-ha-brasileiros-que-optam-por-ficar-no-pais>.

O assunto, em tom jocoso, era a chegada dela na cidade de origem da mãe: Mantena. *Quero ver você andar com esses saltos naquela estrada de terra... Na roça. Os cílios vão ficar tudo empoeirado... (risos). Acho melhor levar uma bóia, porque essa época fica tudo alagado heim (risos)?*

As redes sociais virtuais, nomeadamente o *Facebook*, se converteram no principal mecanismo de noticiar as experiências de retorno e as dificuldades de adaptação, bem como para ter informações sobre Portugal, o Cacém e a crise. A conversa abaixo ilustra esse processo¹⁸²:



¹⁸² A conversa foi retirada do facebook, acessado em 02 de fevereiro de 2014. O *nickname* dos sujeitos foi apagado com o objetivo de preservar o anonimato, ainda que na realização de etnografias na rede, esta questão seja bastante discutida. Para uma reflexão sobre anonimato, ética de pesquisa e etnografias no ponto com, sugiro o dossiê especial da Revista Chronos da UFRN, v. 12, n. 2 (2011) que se debruçou sobre esta temática. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/issue/current>.

A conversa, retirada do perfil do *Facebook* de Landa, torna pública a dificuldade de adaptação, o sentir-se *fora d'água* e a falta das redes de sociabilidade do Cacém, ainda que ela esteja próxima da *família*, no Brasil. Mas mostra também que a decisão de retornar é um assunto discutido dentro do grupo. O *eu te avisei*, escrito por uma das meninas, é reflexo disto.

“Situações limite” e reformulações dos projetos de mobilidade

Percebi que o cuidado¹⁸³ assumia formas diferentes, bem como as expectativas morais associadas aos migrantes. Em um primeiro momento, verifiquei como o cuidado opera em situações limite tal como circunstâncias de desemprego, falta de moradia e morte. É importante salientar que a falta de trabalho atingiu, sobretudo, os rapazes que estavam inseridos na construção civil, como apontado na pesquisa de Nunan e Peixoto (2012:233). Os autores verificaram que o desemprego “aumentou brutalmente entre os

¹⁸³ Estas reflexões foram possibilitadas a partir da minha participação no projeto "O cuidado como fator de sustentabilidade em situações de crise", financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia, PTDC/CS-ANT/117259/2010, cuja investigadora responsável é Antonia Pedroso de Lima. A tarefa em que participei, "*Migrant Kin, Transnational Care: Brazilians and Bangladeshis in Lisbon Metropolitan Area*", objetivou analisar as relações entre migrações e cuidado. "A relação entre migração e cuidado tem recebido um interesse crescente nos últimos anos. Por um lado, aos migrantes é "pedido" com frequência que assumam papéis cuidadores nas sociedades recetoras, de modo a preencher o espaço aberto pelas famílias e pelo estado, na chamada "crise do cuidado". Por outro lado, também o cuidado e a migração constituem uma questão importante para os próprios migrantes econômicos, especialmente quando se trata do acolhimento de crianças e de cuidar dos seus próprios familiares idosos (Hochschild 2004, Lisboa 2007). As redes sociais informais (tecidas por família, amigos, vizinhos) na sociedade de acolhimento ou o contexto de partida assumem aqui um papel essencial. Contudo, as redes que envolvem o cuidado parecem ter algumas especificidades marcadas por gênero, geração e conceitos hegemônicos de masculinidade e feminilidade, as quais refletem provavelmente as várias facetas dos seus papéis como cuidadores. Para explorar estes temas, a tarefa irá focar quatro contextos de migração: três na Área Metropolitana de Lisboa - brasileiros, bangladeshianos e guineenses - e outra no norte de Portugal (Porto) - cabo-verdianos. O principal objetivo desta tarefa é desenvolver um estudo etnográfico das estratégias e dos discursos informais do cuidado de migrantes transnacionais, em Portugal, Brasil, Bangladesh, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Em particular, irá focar as conceções do cuidado nas relações de consanguinidade, pertença e amizade. A tarefa irá apontar para as próximas questões: Quais são as obrigações morais, expectativas explícitas ou implícitas, por detrás das relações de cuidado? De que forma são criadas? Em que circunstâncias se fortalecem ou enfraquecem as relações de cuidado? Que papel desempenham as famílias nos países de origem na educação e cuidado das crianças migrantes? Existem semelhanças entre os casos de raparigas e rapazes? Até que ponto estão os próprios migrantes envolvidos no cuidado transnacional através dos seus pais e amigos? Que tipos de práticas do cuidado se desenvolvem na sociedade de acolhimento, como resultado das novas relações sociais? Agradeço a todos os pesquisadores e coordenadores do projeto, pelos proveitosos debates e discussões ao longo destes anos, especialmente a: Antonia Lima, Miguel Vale de Almeida, José Mapril, Elisabeth Chalinnor e Cristina Santinho.

imigrantes, por estes normalmente se inserirem nas atividades mais afetadas pela recessão (construção, alojamento e restauração)”.

Diante desta situação, houve um rearranjo nas moradias – irmãos, primos, vizinhos e amigos - foram morar com as meninas, que assumiram as despesas de moradia e alimentação. O desemprego de longa duração teve como consequência o retorno de alguns rapazes (Wellington, Yan) e o encarceramento de outros (Dalton, Natan e Wesley). Dalton, por exemplo, após assaltar um posto de gasolina, cumpriu uma pena de um ano. Recém saído da prisão, caracteriza sua experiência de encarceramento em Portugal de maneira positiva: *Eu não sou bandido... Fui roubar o posto, tirei 250 euros... e tive que dividir em três...quando a polícia veio atrás de mim eu já sabia...mas olha...foi até bom...tava sem trabalho... lá tem comida boa, ginásio, tv...mas agora já tá*¹⁸⁴.

Em março de 2012, Junior 25 anos, filho de D. Helena, que se deslocou na mesma época que Maicon, Wellington e Jonas e não regressara ao Brasil, morreu consequência de uma explosão de gás em sua residência no Cacém. Todos ficaram muito comovidos. Era a primeira vez que alguém do grupo falecia, produzindo recorrentes narrativas sobre o regresso e *o medo de morrer aqui* (Portugal), sem *rever a família*. Junior deixara um filho de dois anos. D. Helena não via o filho há oito. Com a morte de Junior, foi necessário articular as redes de solidariedade e cuidado entre Mantena-Cacém para enviar o corpo do rapaz, o que tinha um custo aproximado de 5.000 euros. Por meio de amigos, vizinhos, pessoas oriundas de Mantena e de colegas da construção civil (*pretos, portugueses, etc.*), e através da poupança de Junior, somaram-se a quantia necessária para o envio do corpo. Sheila dizia: *pelo menos a mãe dele pode se despedir dele!*

Por outro lado, a crise econômica provocou a diminuição ou cessação do envio de remessas para as famílias na origem. É importante recordar que as narrativas recorrentes sobre a *ajuda* dada à família nuclear como objetivo primordial da

¹⁸⁴A afirmação não *sou bandido* parece estar associada a não ser um bom bandido, um bandido profissional. Todavia, na página de Dalton no *Facebook*, há uma foto postada com Wesley, onde os dois fazem “cara de mau” e está escrito 157, referência ao artigo do código penal brasileiro específico para assalto à mão armada. O grupo Racionais Mc’s tem uma música intitulada “Eu sou 157”, cujo refrão é “Hoje eu sou ladrão, artigo 157, As cachorra me amam, Os playboy se derretem, Hoje eu sou ladrão, artigo. A polícia bola um plano, Sou herói, dos pivete (no contexto, meninos mais novos)”. No fim da música, após a morte de um dos rapazes, Mano Brown finaliza com essa mensagem: “Ae loko, muita fé naquele que tá lá em cima, Que ele olha pra todos, e todos tem o mesmo valor, Vem facil, vai facil, essa é a lei da natureza, Não pode se desesperar, E ae mulekadinha, to de olho em vocês hein, Não vai pra grupo não, a cena é triste, Vamo estuda, respeita o pai e a mãe, E viver, viver, essa é a cena, Muito Amor”.

mobilidade entre fronteiras internacionais estão presentes tanto nos discursos dos sujeitos em deslocamento como também no dos familiares e amigos que permanecem nos locais de origem. Isso demonstra que este movimento é parte de uma estratégia de reprodução social e que a migração se insere como uma das possibilidades de organização na reprodução dos bens materiais que tornam as vidas destas famílias possíveis. O que acontece quando as remessas são suspensas ou diminuem sobremaneira? Se o envio de dinheiro e presentes garante a aceitação da permanência em Portugal, fundamentalmente das meninas, a sua ausência coloca em questão a permanência e a manutenção do projeto migratório. Começam a ser recorrentes os questionamentos de familiares e amigos: “*está fazendo o que ainda aí?*” (em Portugal), “*está na hora de voltar?*”.

É nesse momento que emerge o que Constable (1999) denomina como os aspectos mais subtis dos deslocamentos, para além de uma preocupação econômica relacionada à origem. Apesar da maioria das pessoas enfatizarem a motivação econômica para trabalhar em outro lugar (país), essa é uma das várias e complexas razões porque elas se deslocam, permanecem e continuam regressando das visitas temporárias. Para a autora, existem questões mais privadas, personalizadas ou de natureza idiossincrática, que são ofuscadas por argumentos econômicos colectivos mais facilmente articulados e aceitáveis. Camila, por exemplo, no último ano, tem sido confrontada pela família para retornar a Mantena. A justificativa, para além da diminuição do envio de remessas, é a necessidade de *cuidar* de sua mãe. Durante a sua ausência, o irmão mais velho assumira tal responsabilidade. Era ele, também quem geria o dinheiro enviado por Camila. No entanto, terminou o curso para ser pastor de uma Igreja evangélica neopentecostal e foi alocado em uma cidade próxima. Camila questiona: “*porque sou eu quem tem que voltar e cuidar da mãe? Eu também tenho a minha vida... posso pagar alguém para olhar ela, mas voltar, não volto não!*”

Esta situação demonstra para além de que os projetos migratórios são estratégias familiares e individuais, a existência de diferentes expectativas, obrigações e códigos locais associados ao gênero. Camila *precisa* regressar para cuidar da mãe, que tem mais três filhos. Todavia, Marlon e Edmilson *já constituíram família* e têm seus projetos individuais (mudaram de cidade, de emprego). Micael permanece preso por não se apresentar no período que esteve em condicional: “*ele não tem jeito?*”, me explicam todos. Resta a Camila, solteira e que não possui filhos, a tarefa de *cuidar* da mãe. Todavia, Camila não retorna. *Eu tenho a minha vida! Eu prefiro pagar alguém para*

cuidar dela, são frases proferidas por ela, demonstrando que para além de um projeto familiar de reprodução social, Camila tem o seu próprio projeto individual, que emerge enquanto tensão, ou problema para a família, no momento em que o dinheiro se torna escasso.

Seu projeto, choca, sobretudo, com as expectativas de gênero e de família que normalmente atribuem às filhas, e não aos filhos, o cuidado com os pais. Ainda por cima, Camila é solteira, e, portanto, parece não ter uma justificativa possível para fugir ao seu “destino” de filha.

A etnografia sugere, portanto, que projetos familiares e projetos individuais não são necessariamente pólos contraditórios. Por exemplo, as categorias êmicas *aproveitar a vida* e *melhorar de vida*, que adquirem centralidade ao longo da etnografia e são utilizadas contextualmente, tanto pelos jovens em deslocamento como pelos seus familiares e outros jovens que não tiveram a experiência de mobilidade entre fronteiras internacionais.

Da mesma forma, as noções sobre *família* e *indivíduo*, presentes nos modelos de interpretação sobre as famílias no Brasil, que geralmente associam às classes populares aspectos *holistas* e *relacionais*, considerados pouco individualistas (Duarte, 1986), ou com uma “prevalência da relacionalidade sobre a individualização” (Duarte e Gomes, 2008:172) e um arquétipo da noção de família como “valor moral entre os pobres e trabalhadores”, que se centram em regras de reciprocidade e obrigações (Sarti, 1996) e, de outro modo, as discussões sobre as relações familiares e de parentesco das classes médias que têm enfatizado o valor do individualismo e das relações como resultado da vontade ou interesse do indivíduo, (Velho, 1981, 1986 e 1987) não resulta como modelo de análise para os sujeitos em deslocamento dessa etnografia.

Melhorar de vida e *aproveitar a vida* também não serve como uma dicotomia passível de reflexão. As experiências desses sujeitos ao longo da migração baralham essas dicotomias e demonstram inúmeras ambiguidades que apontam, não para uma ruptura de modelos de família e de moralidade, mas pela combinação dos mesmos, em que as ideologias e relações de gênero são reafirmadas, reconfiguradas, ou ambas as coisas.

Nesse sentido, concordo com Machado (2001) sobre a co-existência de códigos relacionais que inclui noções de honra, reciprocidade e hierarquia mas não exclui valores individualistas. Ao invés de vincular modelos familiares a determinadas classes sociais, a autora reflete sobre posições e situações de classe em diferentes

temporalidades. No caso dos deslocamentos entre fronteiras internacionais, as combinações de noções de família e moralidade também são diferenciadas e pode ser evidenciado, se levarmos em conta a temporalidade dos projetos migratórios. No caso dos sujeitos que participaram dessa etnografia, a mobilidade se configura uma estratégia local de mobilidade social que inclui a reprodução social das famílias e, ao mesmo tempo, projetos individuais.

Neste capítulo, tendo como fio condutor fragmentos da trajetória de Sheila, procurei mostrar as dimensões temporais dos projetos migratórios ao abordar temporalidades e motivações diferentes: anteriores aos deslocamentos entre fronteiras internacionais; na chegada em Portugal; após o pagamento da dívida contraída para a realização da viagem; após a entrada no mercado de trabalho local e constituição de redes de amizade e interconhecimento.

Mais do que projetos migratórios, evidencio como, em Mantena, a migração se insere como uma das alternativas de mobilidade social e estratégia de reprodução social das famílias, dentro dos padrões locais de feminilidades e masculinidades, ao lado da continuação dos estudos, dos casamentos e da participação de movimentos religiosos.

Ao refletir sobre posições e desigualdades nos contextos sociais transnacionais, defendo que as experiências de deslocamento entre fronteiras internacionais dos sujeitos dessa etnografia têm possibilitado mobilidades sociais relacionais como: a melhoria das condições de moradia, de trabalho (horas trabalhadas e remuneração), acesso ao lazer e consumo, significadas por eles como *melhorar de vida e aproveitar a vida*.

CAPÍTULO 5: ENTRE A AJUDA E A COISA ERRADA. SEXUALIDADE, GÊNERO E MORALIDADES

No ano de 2007, Sheila tinha 19 anos e decidiu que também queria vir para Portugal. Todavia, se seus irmãos Wellington e Beto receberam estímulos dos pais para se deslocarem entre fronteiras internacionais e não houve questionamentos na família, para Sheila, ambicionar ir para Portugal foi uma decisão questionada e demandou intensas negociações de D. Rosa com Sr. Calixto, como também com os irmãos, que já residiam no Cacém. Esses questionamentos não faziam referência à idade de Sheila. Nas palavras de D. Rosa e Sr. Calixto tal preocupação justificava-se pelo fato de Sheila *ser menina*. A ideia de que as concepções de gênero produzem expectativas e resultados diferenciados para mulheres e homens nos deslocamentos transnacionais têm sido indicadas por Boyd e Grieco (2003); Ong (1999) e Pessar e Mahler (2001).

Boyd e Grieco (2003) indicaram que as ações e decisões de uma família/núcleo doméstico não produzem resultados unificados para todos os seus membros e que as concepções sobre gênero produzem resultados diferenciados para mulheres/homens. Ou seja, para as autoras, a probabilidade de mobilidade de homens e mulheres deve considerar tanto os seus contextos individuais – idade, origens (urbanas ou rurais), estado civil, estatuto reprodutivo, formação, competências profissionais e posição de classe –, como os contextos sociais que incluem os valores culturais que determinam se essas mulheres/homens podem ou não migrar, como também a forma de fazê-lo: sozinhos (as) ou através do reagrupamento familiar e, conjuntamente, a disponibilidade de recursos financeiros.

Pereira (2012), que realizou uma das poucas pesquisas sobre os deslocamentos entre fronteiras internacionais de “jovens rurais”¹⁸⁵ para Portugal, encontrou como padrão recorrente nas trajetórias dos sujeitos de sua pesquisa diferenças nos trajetos de mobilidade dos rapazes e meninas, ainda que se verifique deslocamentos internos que antecedem a transposição de fronteiras internacionais. Para os rapazes, é precedida pelo trabalho nas monoculturas da região Centro-Sul, e, no caso das meninas, pelo deslocamento para outros municípios próximos ao Vale do Jequitinhonha, geralmente

¹⁸⁵ A grande maioria dos fluxos migratórios internacionais do Brasil analisados na extensa bibliografia existente tem se concentrado nas áreas urbanas, com exceção das pesquisas realizadas sobre os fluxos dos “brasiguaios” - brasileiros que se estabeleceram como proprietários ou posseiros de terra no Paraguai (Patarra e Baeninger, 1996).

com o objetivo de conciliar o trabalho (quase sempre como domésticas) com a continuação dos estudos.

Sheila e os irmãos são de origem rural, tinham a mesma idade (19 anos) na época do deslocamento entre fronteiras internacionais, eram solteiros e não tinham filhos. Além disso, Sheila tinha, no destino, os irmãos para *cuidar dela*. Todavia, Sheila era *menina*. E em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna ser *menino* ou *menina* influencia a decisão de se deslocar entre fronteiras internacionais e produz diferentes negociações, expectativas e formas de organização do projeto migratório, bem como diferentes conteúdos simbólicos. A trajetória de mobilidade de Sheila elucidada a forma como as concepções de gênero originam desfechos diferentes. A noção de “geografias de poder marcadas por gênero” (Mahler e Pessar, 2001) possibilita perceber como essa diferenciação, longe de ser uma variável, é central na organização das migrações e opera simultaneamente em múltiplas escalas, contribuindo para posicionar as migrantes em diversas hierarquias de poder que operam dentro e através de diferentes territórios.

No Cacém, Sheila havia relatado que seu pai e seus irmãos não queriam que ela fosse para Portugal. Em Cachoeirinha, logo nos primeiros dias da minha estadia na casa da família Camargo, D. Rosa, Sr. Calixto e Beto confirmaram a conflituosa negociação para a ida de Sheila para Portugal. Beto contou-me que ele e a irmã *brigavam muito* desde *pequenos*, quando moravam ainda com os pais e alega que foi ele quem *ajudou* Sheila a ir para Portugal: *quando ela chegou lá (em Portugal) eu gastei mais de 130 euros com ela; comprei celular, cama e ajudei a arrumar emprego*.

Imediatamente, D. Rosa interrompe a conversa e narra a sua versão sobre a decisão de Sheila ir para Portugal. Conta que Sr. Calixto não queria que Sheila fosse porque ela era *menina*, e pensava que *as pessoas iam achar que a Sheila estava fazendo coisa errada*. Ele, por sua vez, fica calado. Pergunto se não queria mesmo e ele responde: *ela é muito sem juízo*. D. Rosa defende a filha e diz que ela sempre foi *saideira*¹⁸⁶, que não conseguia segurá-la, mas que sempre lhe explicou *o que era certo e errado*. Beto, por sua vez, concorda com o pai e diz que ela é *sem juízo*, e alude a um episódio em Portugal em que Sheila e Camila saíram *com uns caras, de carro e voltaram tudo chorando... perigoso até estuprar elas*. D. Rosa, finaliza a conversa e diz que *rezou muito* antes da ida de Sheila e que *pediu a Deus que se fosse para Sheila ir*

¹⁸⁶ Que sai muitas vezes a noite.

para Portugal e sofrer, que era para não dar certo a passagem dela, e completa: é plano de Deus, ela foi e arranhou um emprego.

Entretanto, mesmo com a reprovação de Sr Calixto e dos filhos que já viviam em Portugal, o que pode traduzir a fragilidade da autoridade masculina dentro desta organização familiar, D. Rosa financiou a passagem de Sheila e para isso utilizou o pedaço de terra da família como garantia. Beto e Wellington só souberam da viagem da irmã quando Sheila já estava no Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, prestes a embarcar para Madrid. D. Rosa conta que o fato de Wellington e Beto estarem em Portugal a deixava mais tranquila, mesmo com a desaprovação dos filhos: *eles iam dar uma força né, iam ajudar*. D. Rosa confirma que também tinha receio da ida de Sheila pelo fato de que muitas pessoas em Cachoeirinha comentavam sobre *meninas brasileiras* que iam para Portugal trabalhar no mercado do sexo:

A única coisa que eu ficava pensando é que muitas pessoas ficavam falando que muitas meninas brasileiras iam daqui para lá para bagunçar...se prostituir. O povo falava que ela (Sheila) ia para lá bagunçar, prostituir, mas graças a Deus ela está trabalhando com a mesma patroa até hoje. Mas eu sempre confiei nela.

Bagunçar e fazer *a coisa errada* se constituem como recursos discursivos recorrentes e são exemplos de como o gênero, concebido como um sistema de produção de diferença - práticas e características determinadas como masculinas ou femininas - atravessam o social (Piscitelli,2006). Para narrar as histórias dos rapazes, esses termos são utilizados normalmente para fazer referência ao uso excessivo de bebidas alcoólicas e outros psicoativos e à prática de delitos - roubo, tráfico de drogas e assassinatos. No caso das meninas, a significação da *coisa errada* e do *bagunçar* está diretamente vinculada à sexualidade das mesmas. É usada de forma recorrente para narrar episódios de mulheres da região que se deslocaram e trabalharam como *prostitutas*, ou ainda para denotar uma “suspeita” do trabalho na prostituição¹⁸⁷.

É importante salientar que o deslocamento entre fronteiras internacionais de mulheres em Mantena é um fenômeno mais recente. Quando Sheila decidiu viver em Portugal, em 2007, apenas Ilka, Landa, Gicilene, Rosineide e Roselane haviam realizado este mesmo trajeto. Atualmente, Ilka e Lane ainda residem no Cacém,

¹⁸⁷ Na pesquisa de Pereira (2012), no Vale do Jequitinhonha, a participação no mercado do sexo aparece nas narrativas sobre as experiências de deslocamento de meninas para Portugal, fundamentalmente Lisboa e Braga. Nesse caso, o autor cita brevemente casos de aliciamento e “prostituição forçada” e de meninas que trabalham como domésticas e fazem programas para completar a renda e auxiliar no pagamento da dívida contraída para a realização do deslocamento.

enquanto Gicilene, Rosineide e Roselane retornaram para o Brasil, mais especificamente, para Cachoeirinha de Itaúna.

Inicialmente, a maioria dos familiares e amigos era contra o deslocamento das *meninas*, pois associava-os ao *bagunçar*, fazer *a vida* e fazer *a coisa errada*. O termo *prostituição* é conjuntamente apropriado por algumas pessoas que fazem referência às reportagens veiculadas na mídia brasileira, que associam de forma direta a migração feminina direcionada para a Europa à prostituição e ao tráfico de mulheres. A expressão *puta* aparece na maioria das vezes quando se narram episódios de mulheres da região que foram *fazer a vida*, utilizando alternadamente, o significante *fazer coisa errada*. Esses termos emergiram, sobretudo, para comunicar sobre o receio da migração das *meninas*, narrar o caso de Gilcilane (paradigmático e principal exemplo local) e para fazer referência à Juliana, namorada de Maicon, oriunda da mesma região. A narrativa de Regina, amiga de Camila: *se uma mulher vai para fora, vai fazer a vida, ainda mais se for para Espanha* e a referência feita por Edmilson (irmão de Camila) a uma peça midiática sobre mulheres brasileiras que residem na Europa são alguns exemplos sobre os imaginários relacionados aos deslocamentos de mulheres em Mantena para a Europa¹⁸⁸.

Para mulher é mais difícil. Ontem eu vi no jornal do SBT que 40% das brasileiras que estão lá (na Europa) é para se prostituir...eles falaram também que é muito tráfico...Quando vai mulher para lá, todo mundo comenta...eu tinha medo do povo comentar da minha irmã...

É interessante notar que essa “suspeita” não recai sobre as mulheres que se movem para os Estados Unidos, trajeto também recorrente. Possivelmente porque na mídia brasileira os significados culturais sobre a prática da prostituição enfatizam sobremaneira os fluxos direcionados para a Europa. São escassos os programas televisivos, notícias e reportagens que narram experiências e situações de trabalho sexual (normalmente aproximadas ao tráfico) que aludam aos EUA. Espanha e Portugal é que aparecem como “cenários” tanto de peças mediáticas quanto de narrativas e rumores sobre mulheres que *fazem a vida* na Europa¹⁸⁹. A trajetória de Gilcilene em

¹⁸⁸ Ressalta-se que o trabalho de campo foi realizado antes da novela Salve Jorge (2012-2013), cuja trama se desenvolve a partir do tráfico de mulheres brasileiras para a Europa.

¹⁸⁹ O programa Profissão Repórter intitulado “Brasileiras deixam o país para se prostituírem”, veiculado em 30 de outubro de 2012 é um exemplo. Na reportagem três fluxos são interpelados: para o Suriname, Espanha (Barcelona) e Portugal. Disponível em <http://globotv.globo.com/rede-globo/profissao-reporter/t/programas/v/brasileiras-deixam-o-pais-para-se-prostituirem-parte-1/2216549/>, acessado em 26 de janeiro de 2013.

Portugal, por exemplo, se tornou o arquétipo sobre o deslocamento das mulheres na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna.

Acompanhada por D. Rosa, fui à casa de Gilcilene. Ao abrir a porta, D. Rosa me apresentou como *a amiga de Sheila de Portugal* que queria conhecê-la em razão da escrita de um livro no qual Sheila era personagem. Ainda com rosto de sono, Gilcilene nos convidou para entrar. Sentei-me num pequeno sofá e contei-lhe sobre minha pesquisa. A princípio disse-me que não daria *entrevistas*, pois tinha *vergonha*. Mas aos poucos começou a relatar a sua ida para Portugal e como havia sido sua estadia. Gilcilene inicia sua narrativa a partir do episódio de um divórcio *complicado* em que relata situações de violência doméstica e uma gravidez aos 15 anos. Segundo ela, decidiu ir para Ericeira em 2004, após o divórcio e *porquê tinha um primo lá*. Ela conta que *sofreu muito*, e que seu primeiro trabalho foi numa fábrica de congelados. Relata que seus dedos ficavam *duros de frio*, e que não aguentou. Sempre morou em Ericeira e diz que *as pessoas conhecidas não ajudavam muito*. Em seguida, conta que *arranjou um namorado português*, um policial que, segundo ela, era *um homem muito bom para ela, não a deixava trabalhar, nem nada...*

Gilcilene foi morar com o namorado Rui durante seis meses. Entretanto, resolveu ir para o Brasil para ver seus filhos (Gilcilene tem três filhos), e *arrumar os papéis para casar...depois de alguns dias Rui viria*. Entretanto, Gilcilene não voltou mais para Portugal e atualmente mora em Cachoeirinha, sozinha, numa casa de dois cômodos, onde num dos cômodos montou um pequeno salão de beleza. De acordo com sua narrativa, *alguém fez uma fofoca para o Rui (em Ericeira), dizendo que ela tinha ido a um show e ficado¹⁹⁰ com outro homem. Ele acreditou e ligou para ela dizendo que não viria mais... terminou tudo*.

Neste mesmo dia, quando regressei à casa da família Camargo, D. Rosa contou a Beto que Gilcilene se recusou a me dar a entrevista. Argumentei que, apesar de não me conceder a entrevista, ela havia relatado sobre sua ida e permanência em Portugal. Beto sorri e num tom irônico diz: *aposto que ela não te contou no que trabalhava*. Todos riram (D. Rosa, Beto e Calixto). Beto completa: *ela aprontava*. Perguntei de forma direta se Gilcilene era prostituta e eles responderam afirmativamente: *era puta.... era*

¹⁹⁰ Ficar é definido pelos sujeitos como “beijar na boca e dar uns amassos, mas não vai aos finalmente”, ou seja, não há relações sexuais, leia-se penetração. Para uma análise antropológica do sentido/significado no Brasil, ver Shuch (1998).

*muito bonita, saiu até no jornal Correio da Manhã*¹⁹¹. Demorei a entender que o *sair no jornal* fazia referência aos classificados de convivência e perguntei como eles ficaram sabendo. Sr. Calixto responde: *o primo dela que estava lá*. Foi então que percebi que todos também sabiam que Juliana, *a mulher de Maicon* também era *puta*. D. Rosa diz que Sheila havia contado sobre a *mulher de Maicon* e diz se *preocupar* agora que *as duas estão morando juntas*. *Como é que pode, ter uma mulher assim, beijar ela e tudo...porque puta você sabe o que é que faz!*

Apesar desse receio, a partir do momento que as *meninas* começam a ter um papel econômico importante na renda da família, independente da atividade laboral exercida, seu deslocamento passa a ser visto de maneira positiva pelos pais e irmãos¹⁹². A narrativa de Sr. Calixto sobre o deslocamento de sua filha Sheila aponta para essa transformação, anunciada previamente por D. Rosa. No terreiro de sua casa, conversávamos eu e ele sobre a ida de Sheila para Portugal:

Não gostei dela ir, porque fiquei com medo de ela não dar certo lá! Lugar estranho, não dar bem certo no trabalho. Tinha medo assim, porque ela gostava muito de sair né, e acontecer alguma **coisa errada** qualquer... porque aqui tinhas as meninas que ficavam andando atrás dela, aí o povo ficava falando né...essa menina não vai dar certo lá não! Depois ela foi até bem, estava trabalhando, **começou a mandar dinheiro...aí eu achei até bem, gostei!** (grifo meu).

Atualmente, Sheila tem um papel econômico muito importante na família. É D. Rosa que gere as remessas de dinheiro enviadas pela filha. No entanto, os benefícios econômicos dessas remessas são utilizados por toda a família nuclear. Sheila manda *presentes* - um relógio de pulso para Sr. Carlos, roupas e lembranças para o quarto do bebê de Beto, etc - além de contribuir na despesa mensal da família. É importante salientar que, assim como Sheila, as mulheres solteiras que se deslocam para Portugal têm tido um papel importante no envio de remessas, mais até do que alguns homens da família que também se moveram.

D. Rosa questiona Sr Calixto: *você num queria que ela fosse, mas olha quem mais ajuda nós agora? Agora parou de reclamar né!* Beto, por sua vez, afirma que atualmente, Sheila o *ajuda* muito financeiramente e que ele *não pode reclamar*. Mas

¹⁹¹ Jornal diário cujo caderno de classificados é utilizado de forma recorrente pelos brasileiros para a procura de empregos e outros serviços.

¹⁹² A *ajuda/ tributos* concedidos às famílias por travestis, por meio de recursos obtidos no mercado do sexo europeus, foram indicados por diversos autores como possibilidades de reintegração nas famílias e de deslocamento nas hierarquias familiares (Goulart, 2011 op.cit Piscitelli, Assis e Oliviar, 2011:15).

reforça: *eu também fui muito bom para ela em Portugal*, e que o Wellington (o irmão mais velho), que mora em Ericeira e foi o primeiro a se deslocar, *não queria ela lá não*.

D. Rosa pôe fim à conversa proferindo:

A única pessoa que ajudou Sheila a ir embora para Portugal fui eu, e ela sabe disso. Ela é que tem ajudado o Beto, deu de presente o quarto do bebê. Eles não queriam que ela fosse, acho que porque ela é menina!

Narrativas recorrentes sobre a *ajuda* dada à família nuclear como objetivo primordial da mobilidade entre fronteiras internacionais estão presentes, tanto nos discursos dos sujeitos em deslocamento, como também no dos familiares e amigos que permanecem nos locais de origem. Isso demonstra que este movimento é parte de uma estratégia de reprodução social e que a migração se insere como uma das possibilidades de organização na reprodução dos bens materiais que tornam as vidas destas famílias possíveis. Narotzky (2004) justifica a utilização do conceito de reprodução social ao trazer um enfoque global dos processos materiais e de subsistência que, segundo a autora, permite superar determinados dualismos presentes em análises que, ao procurar compreender o “alcance da palavra econômico na antropologia,” se atrapalham com “os dualismos entre enfoques macro/micro, entre perspectivas materiais e culturais e entre economia e sociedade”. A reprodução social, definida por Narotzky, compreende:

...o movimento mediante o qual uma realidade social concreta estabelece as condições para sua continuidade e contém transformações dentro dos limites de uma lógica dominante (2004:20).

Dessa forma, sigo a perspectiva adotada por Piscitelli (2011) e Parreñas (2002) de que não é possível separar as articulações entre afetos e dinheiro para compreender as reconfigurações e resinificações dos laços familiares e com os locais de origem pelos sujeitos em mobilidade. Como foi observado em outros contextos de análise etnográfica (Challinor, 2011; Parreñas, 2002 e Pedone e Araujo, 2008, Teixeira, 2011, Piscitelli, 2012), o envio de remessas e presentes é visto como uma materialização dos laços afetivos e um importante instrumento de atualização dos vínculos familiares, o que Lobo (2006:21) definiu como a construção de uma “intimidade à distância”.

No caso da trajetória de Sheila, mais do que a materialização dos laços afetivos, o envio de remessas regulares altera a sua posição ocupada dentro da família e também a forma como a mobilidade é enxergada. Ainda que ela fosse considerada pelo pai como *saideira* e *sem juízo*, e o seu deslocamento entre fronteiras internacionais não

fosse por ele desejado, o envio regular de dinheiro para a família legítima a sua estadia em Portugal, independentemente da continuação da suspeita de que Sheila está fazendo a *coisa errada* e possibilita uma “neutralidade moral” tanto de Sheila, como de outras das meninas.

Na próxima seção mostrarei como a sexualidade, articulada com outras marcas de diferença, tem sido central também no Cacém, nas experiências de mobilidade dos sujeitos – meninas e rapazes - que fizeram parte dessa etnografia.

5.1 Sexualidades e modos de construção da diferença a partir dos deslocamentos entre fronteiras internacionais

No artigo “Entre as tramas da sexualidade brasileira”, Heilborn (2006) considerou que a expressão da sexualidade se dá em contextos muito precisos, que orientam as experiências e as expressões do desejo, das emoções, das condutas e das práticas corporais. Seria o contexto migratório um desses contextos precisos? Será que há uma alteração da expressão da sexualidade? Como sugeriu a mesma autora, a sexualidade não é fixa; e os seus significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar não somente ao longo da história, de uma sociedade para outra e entre os diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade, mas também ao longo da vida dos indivíduos. Em consequência, na última década, diversas pesquisas sobre sexualidade no Brasil (Duarte, 1987; Brandão, 2003; Salem, 2004; Heilborn, 2004) têm incluído os diferenciais de gênero e de segmentos sociais como variáveis fundamentais em suas análises. No entanto, Leal (2003) aponta para outros elementos estruturantes e organizadores da sexualidade, como, por exemplo, os contextos espaciais onde os sujeitos estão inseridos.

No trabalho de campo, a importância concedida à sexualidade na vivência cotidiana do grupo; a autonomização sexual e afetiva dos sujeitos, sobretudo das meninas que moram sozinhas e sem familiares adultos, e o fato de que os deslocamentos entre fronteiras internacionais, aparentemente, têm possibilitado a reelaboração de categorias e estratégias pelos sujeitos que dinamizam classificações do que é ajuda amor e interesse, tornando os sujeitos mais ou menos desejáveis no mercado afetivo-sexual, foram se constituindo como questões centrais.

A partir de algumas situações das trajetórias afetivo-sexuais de Sheila, Camila e Juliana, que são bastante heterogêneas entre si, problematizarei sobre a maneira como a

sexualidade, as relações afetivo-sexuais e a diferença como são negociadas e hierarquizadas em Mantena e, no Cacém.

Como vimos, Sheila foi para Portugal no ano de 2007, quando tinha 19 anos, sem o consentimento de seu pai e seus irmãos. Antes do deslocamento entre fronteiras internacionais, *vivia de alguns biquinhos* - como babá e faxineira – em Mantena, viveu e trabalhou em Santa Luzia durante alguns meses, mas afirma que, antes de mover-se para Portugal, vivia por conta de seus pais, que lhe davam *tudo do bom e do melhor*. Ela afirma que aprendeu a ser *independente* em Portugal, como também foi aí que aprendeu a ter mais *liberdade*. A vida social e afetivo-sexual de Sheila é, por ela, considerada melhor. Repetia sempre que estava *aprendendo a sair* e que era bem melhor sair para *lugares bons, que tem gente de classe*. Viver em Portugal permitiu a Sheila *ficar mais bonita*: colocar extensões no cabelo, cílios postiços, comprar roupas novas todas as semanas, sempre de acordo com a moda do Brasil¹⁹³, como também frequentar as principais discotecas e shows brasileiros na Grande Lisboa. Durante a etnografia, Sheila teve vários *ficantes, rapazes que você dá uns beijinhos e pronto* - não há relação sexual; *peguetes*, que envolve ter relações sexuais mas sem compromisso, mas não um namorado: aquele que *é sério...ele pede você para namorar*.

Sheila sempre dizia: *não gosto de namorar não...quero ficar livre, leve e solta...sem ninguém para mandar em mim*. Essa narrativa, era proferida, sobretudo quando Sheila comparava a sua *liberdade* com a de outras meninas e rapazes que começavam a namorar: *o povo começa a namorar e fica chato...é ciúme para lá, não quer mais sair...essas coisas*.

Já havia notado que o fato de *estar namorando* parece implicar um afastamento (do grupo social, da saída para as discotecas). Senti que Sheila ficou incomodada em relação a Dora e, posteriormente, com a de Marcelo que, de acordo com Sheila, *agora começou a namorar uma menina, uma baranguinha, feia, que tá com ele só porque ficou sabendo que ele tem carro e desde então não sai mais!* Ela dizia que a *menina* havia encaminhado uma sms para ela pedindo para ela não incomodar o Marcelo. Estava indignada. *Por isso não quero namorar, não dô para isso*. Contudo, de acordo com as outras meninas, Sheila não namora porque só gosta de *homem que não presta e daqueles que todo mundo quer ficar*. A própria Sheila fazia referência que sempre

¹⁹³ Na Amadora existe uma loja especializada em vender *roupas brasileiras*. Do mesmo modo, no Facebook, meninas brasileiras revendem roupas trazidas do Brasil. Ver, por exemplo, https://www.facebook.com/estravazza.modas?fref=pb&hc_location=friends_tab

gostava de homens que *não prestavam*, caracterizando-os como *aqueles que se arrumam uma mulher mais bonita que você, te trocam*.

Considera que se apaixonou duas vezes: uma por uma rapaz de Cachoeirinha, onde teve a sua primeira relação sexual e por Rian, um rapaz brasileiro, morador do Cacém. Ficavam várias vezes, mas Rian nunca assumira relação. Sempre em encrencas (brigas, prisão), comercializava maconha no Cacém e, segundo a própria Sheila, era meio *vagabundo*.

Juliana, por sua vez, era *crente*, oriunda de uma família evangélica *daquelas que usam saião e tudo*. Mudou-se para Portugal em 2004, deixando um filho de quatro anos com os pais. Logo que chegou a Portugal trabalhou como interna na casa de uma família portuguesa. Sheila e Camila conheceram-na no Cacém, quando Maicon começou a namorá-la. Sheila afirma: *desde que eu conheci a Juliana, ela já fazia programa!* As meninas – Juliana, Camila e Sheila moraram juntas, mas acabaram por se separar, já que, Sheila considerava *pegar mau aquele entra e sai de homem. O povo ia falar!* Da mesma forma, consideravam (Camila e Sheila) que Juliana era demasiado ciumenta, o que as impedia de levar *as amigas em casa. E também eles vivem brigando... Ninguém merece isso*, exclamava Camila.

Juliana, diz preferir *fazer programas a dar de graça*, aludindo às meninas que ficavam com vários rapazes e *não cobravam*. Relata que começou a fazer programa no momento em que estava desempregada há dois meses e o seu dinheiro estava *acabando*. Uma *amiga* levou-a na casa de uma *mulher* que recebia os homens e disponibilizava o quarto. Em contrapartida, ficava com uma parte do dinheiro.

Eu achava que era incapaz de fazer aquilo. O cara entrou, gozou rápido e eu ganhei 40 euros, só meu. Achei que era mais difícil. Fiquei um tempo trabalhando lá, mas depois resolvi atender em casa. Ficava com o dinheiro só para mim. “Aí coloquei um anúncio no Correio da Manhã.”

Juliana se referia a Maicon como seu *marido*. Em constantes idas e vindas, se relacionaram durante muitos anos, até o regresso dos dois em 2012, quando Juliana estava grávida de cinco meses. *A crise econômica* em Portugal e, como consequência, o fato do *negócio* (o mercado do sexo) *virar bagunça* (as mulheres diminuíram no preço), fez com que Juliana considerasse que não *valia pena* permanecer no mercado. Dizia que o mercado dava também preferência aos travestis: *99% querem travestis... Eles ganham*

muito mais. Juliana confessa ter dificuldades em aceitar o homossexualismo: não entra na minha cabeça, não gosto!

Camila era amiga de Sheila ainda em Mantena. De acordo com sua narrativa *veio por sugestão dela*. Em Mantena, trabalhava na indústria de roupas Rabitt, o que lhe permitia *ajudar em casa e pagar as suas contas*. Durante os quatro anos de realização da etnografia, compartilhou a casa com Sheila durante vários momentos. Logo quando chegou, viveu com Juliana e Maicon. Ao contrário de Sheila, Camila sempre namorou. O seu primeiro namorado cresceu com ela em Mantena, no Morro do Margoso, chamava-se William. Um rapaz que trabalhava vendendo bilhetes para uso do banheiro da rodoviária de Mantena e ainda freqüentava a casa da família Santos. Camila, afirmava que ele era um *rapaz bom* e que *gostava muito* dela. *Chamei-o para vir comigo, mas ele não teve coragem!* Após três anos, quando regressou temporariamente de férias para Mantena, afirmara que ela e William só poderiam ser *bons amigos*. *Não dá... A pessoa ao invés de andar para frente parece que anda para trás.*

Sérgio, *o português*, foi seu namorado seguinte. Para além de considerar a relação *fria*, reclamava que pelo fato dela *ser brasileira, o rapaz* julgava que ela estaria com ele por *interesse*, ou seja, pela possibilidade de ter algum benefício econômico na relação. Posteriormente veio Zico, 26 anos. Oriundo do estado do Tocantins, tem um filho no Brasil e trabalhava na elaboração de portões de ferro, permanecendo no primeiro trabalho desde que chegou a Portugal há três anos. A história de Zico e Camila foi bastante atribulada. Logo quando começaram a namorar, Camila marcou sua viagem de férias para o Brasil. Na minha primeira estadia no Morro do Margoso ela ligara e apresentara Zico a sua família pelo telefone, como seu namorado. Durante sua estadia, planejada para um mês, trocavam juras de amor pelo *Orkut*. Camila resolveu adiantar o retorno para Portugal: *eu estava muito apaixonada!* Entretanto, Zico ficou com outra menina na frente de todos: uma menina *branquinha*, com os cabelos pintados de louro, que ele namorou posteriormente por alguns meses. Ao regressar e saber da *traição*, Camila foi até a casa de Zico. Chegando lá agrediu-o fisicamente. Ele não replicou a agressão e acabou indo para o Hospital Amadora Sintra. Os chutes emitidos por Camila tiveram como consequência a perda de *uma bola* para Zico, que ficou internado durante uma semana em recuperação. Dentro do grupo social, para além das piadas jocosas sobre o acontecimento, as opiniões sobre o assunto eram bastante divididas: Jonas, por exemplo, ponderou: *queria ver se fosse ela que tivesse apanhado....ele (Zico) já estava na cadeia...agora foi ela que bateu e fica tudo bem...se eu fosse ele, denunciava.*

Camila, arrependida, pagou a internação de Zico e os remédios necessários para sua recuperação. Depois de dois anos, retomaram a *amizade*, e, desde então, Zico *está crente*. Camila namora Valdemar, um rapaz de Governador Valadares, mas afirma constantemente que *nunca mais vai gostar ou confiar em ninguém*.

Ainda que apresentada de forma suscinta, as trajetórias e experiências afetivo-sexuais de Sheila, Camila e Juliana mostram de que forma o contexto discursivo sobre as mulheres ou homens brasileiros em Portugal marcam as construções de diferenças e posicionam sujeitos. A entrada no mercado do sexo para Juliana, os estereótipos e articulações sobre a brasilidade que falam de desigualdades e dificuldades em relacionar com portugueses, como também a possibilidade de maior liberdade sexual para Sheila, que vivia na *roça*, são alguns exemplos. Ao longo do capítulo, argumentarei de forma mais detalhada estas ponderações, evidenciando i) as negociações e trocas afetivas e sexuais e as ii) as principais categorias criadas para definir “pretos”, “brasileiros” e “tugas” nos mercados afetivos sexuais, prestando especial atenção nos momentos em que são articulados as marcas de diferença tanto nos contextos de origem, como no destino.

Parto do princípio, como demonstrado anteriormente, de que a associação da migração feminina para Portugal à prática da prostituição ou a *coisa errada*, ainda nos locais de origem, têm sido determinante na construção das narrativas de meninas e rapazes sobre suas mobilidades e as mobilidades dos outros: seja pelo receio do estigma ou como possibilidade de inserção no mercado de trabalho e/ou afetivo-sexual em Portugal.

Apesar de não haver, em Portugal, um controle social da família *in loco*, existe em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna o que chamei de “fofoca transnacional”, circulações de informações que mantêm os moradores constantemente atualizados sobre a vida dos sujeitos em Portugal, como o caso de Gilcilene. Sheila faz referência ao controle da sexualidade das meninas em Cachoeirinha de Itaúna, argumentando que:

“Na minha cidade, tudo é puta. Tudo é puta, puta, puta. Beija na boca, é puta. Só que aqui [em Portugal] eu também num convivia com muita gente de lá, então eles num podia pensar que era puta”.

O fato de Sheila ser *saideira* na *roça* era constantemente referenciado pela sua família, o que justificaria o receio de que ela fizesse *coisa errada* em Portugal. No Morro do Margoso, a categoria *meninas baixas*, surgiam para fazer referência às

meninas que usam *roupas curtas, falam palavrões e perdem a virgindade cedo*, que, para além das meninas que fazem *programa, são alvo principal de comentários e fofocas* nos locais de origem, que remetiam para comportamentos e corporalidades consideradas moralmente aceitas ou não.

O que parece indubitável sobre a mobilidade de meninas entre Mantena e Cacém é a maneira como, nesse campo social transnacional, a sexualidade ocupa centralidade no processo de construção da diferença e na classificação moral das mulheres, e também como é uma das principais categorias que circula entre essas fronteiras.

Se, na origem, o fato de Sheila ser *saideira e sem juízo*, parece estar associada uma noção de “virtude” feminina, intimamente ligada à forma como se vive a sexualidade, que a colocava como “desviante” quanto aos comportamentos sexuais aceites em Mantena, em Portugal, um cenário marcado por uma excessiva sexualização da “mulher brasileira” e pela noção naturalizada de uma “cultura” sexual brasileira (Parker, 1991) é no campo da sexualidade e do agenciamento das noções de brasilidade (Piscitelli, 2011), que a construção da diferença será efetuada.

Dito de outra maneira, em Portugal, é também no campo da sexualidade que são formuladas as principais diferenças que posicionam os sujeitos em determinados lugares na hierarquia social, ainda que de maneira diferente. A forte vinculação nos imaginários entre “mulher brasileira” e prostituição, e a visibilidade concedida na mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante”, parece influenciar de forma direta as construções sexuais e afetivas dos sujeitos dessa etnografia que elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente nacionalidade, “raça” e etnicidade.

Vale a pena lembrar que, a partir de 2003, o fluxo de imigração brasileira em Portugal começa a ser marcado por uma crescente feminização, semelhante a outros cenários de imigração brasileira na Europa. Segundo Piscitelli (2008), a transnacionalização da indústria do sexo e dos vínculos amorosos – sobretudo através do turismo sexual e das migrações – tem revelado os modos como a feminilidade brasileira é associada a noções interpostas de sexualidade, gênero, cor da pele/raça e nacionalidade: uma mulher exótica, com um *locus* erótico e com um estatuto jurídico de marginalidade. A autora conclui que essas articulações entre marcadores de diferença são ativadas independentemente do fato dessas mulheres estarem ou não vinculadas à indústria do sexo (Piscitelli, 2008:269).

As reconfigurações identitárias, mediadas pela essencialização e exotização da identidade nacional brasileira e da sexualização dessas mulheres, não é um objeto de análise novo na produção acadêmica em Portugal (Padilla, 2007; Azevedo, 2008 e Fernandes, 2008). Todavia, essas análises têm separado as relações entre dinheiro e interesse, exclusivamente ao mercado do sexo, afeto e amor, unicamente às famílias e relações conjugais. No entanto, as fronteiras entre essas categorias mostram-se tênues e reclamam reflexões que se centrem na complexidade e ambiguidade das relações entre sexo, dinheiro, amor, interesse e afeto, que parecem permear todas as relações afetivo-sexuais.

Na sua tese de mestrado “Namoradinhas do Brasil ‘na noite lisboeta: homens portugueses e mulheres brasileiras no contexto das casas de alterne¹⁹⁴”, Dolabella (2009), inicia uma discussão que pretende romper com os limites teóricos estabelecidos nessas pesquisas. Através da figura do “namorado/cliente” e suas relações com as meninas alternes, a autora considera que essas relações são interessantes para se pensar em “como os intercâmbios (ajuda/afeto) presentes no contexto migratório podem ser vistos em termos de poder” (2009:24).

Do mesmo modo, ao longo da etnografia, fui percebendo que sexo, práticas econômicas e afeto se articulavam nas experiências dos sujeitos de Mantena que se deslocaram para Portugal. Durante os dois anos e meio que compartilhei a sociabilidade desses sujeitos, observei que a construção do “ser brasileiro em Portugal” era negociada, sobretudo, através da sexualidade – entretecida com outras marcas de diferença. O próprio contexto discursivo sobre o que é um brasileiro/a parecia modelar e produzir identificações que priorizam a sexualidade enquanto marcador social.

Dito de outra forma, do cenário de estereótipos vinculados à mulher brasileira, que cria espaços facilitados de acesso ao mercado do sexo – seja pela demanda do próprio mercado por brasileiras, ou através de contatos de amigas que fazem programas e narram suas experiências, surgiam categorias classificatórias que tornavam os sujeitos mais ou menos desejáveis e promoviam reelaborações sobre práticas afetivo-sexuais. Ou seja, as construções sexuais e afetivas desses sujeitos em Portugal têm sido feitas, sobretudo, em articulação com o mercado do sexo local.

¹⁹⁴ Casas de alterne ou clubes de alterne “são casas noturnas de entretenimento e lazer, direcionadas ao público masculino, onde não se pressupõe a prostituição. O trabalho das mulheres é entreter e fazer companhia aos clientes e, sobretudo, induzi-los ao consumo. Elas ganham comissão sobre cada bebida paga a elas pelos clientes” (Dolabella, 2009:6).

No entanto, são escassas as pesquisas que, na tentativa de analisar o papel da sexualidade na formação discursiva e nas experiências dos sujeitos, levam em consideração os cenários de origem, as experiências e os aprendizados iniciais. A ideia de que o aprendizado da sexualidade no Brasil é marcado pela existência de um forte sistema de categorias de gênero – macho e fêmea, masculinidade e feminilidade, atividade e passividade – também devem ser incluídas no quadro de leitura dos comportamentos e repertórios dos sujeitos em Portugal. Da mesma forma, prestar atenção na forma como a sexualidade é negociada e vivenciada nos contextos de origem permite ponderar o que é, de fato, inédito nas análises sobre a sexualidade nos processos transnacionais.

A seguir, descreverei as principais categorizações emergidas na etnografia que possibilitam explorar como sexo, amor e interesse se articulam nas circulações de brasileiros, fundamentalmente para Portugal. Para tanto, adoto a perspectiva analítica de Piscitelli, ao analisar esses deslocamentos “a partir de mundos sociais, materiais e simbólicos das pessoas que circulam no sentido Sul-Norte”, considerando “como esses mundos afetam as dinâmicas dessas circulações e as noções que as permeiam” (2011:538). Da mesma forma, compartilho com a autora que, ao centrar as análises em pessoas oriundas de camadas populares, não pretendo reiterar que nesses grupos sociais os atributos associados a uma suposta “cultura sexual brasileira” (Parker, 1991) se concretize que maneira singular, ou afirmar a existência de um *ethos* privado e moral das classes populares.

Esta é uma ponderação importante, uma vez que em grande parte da literatura que aborda os comportamentos sexuais ou o uso tático da sexualidade – relações por interesse econômico, ajuda financeira, programas -, são associadas às “classes populares” (Leal, 2003; Sarti, 1996;). Compartilho com Dos Anjos (2005), que, de forma distinta, a partir de sua etnografia realizada com “jovens marginalizados” ou de “classes populares” em Cabo Verde, retira a associação direta da *pixingaria*¹⁹⁵ exclusivamente às classes sociais baixas. A *pixingaria* inclui também: “desde o comportamento de meninas de classe média, que ficam com vários namorados em troca de jantares e frequência a boates caras, até as mães precoces de classe popular que se prostituem para alimentar filhos, são chamadas de *pixinguinhas* as meninas que,

¹⁹⁵ *Pixingaria* é, em Cabo Verde, a expressão local para designar um tipo de comportamento sexual juvenil que não é necessariamente percebido como prostituição, embora se pressuponha que na maior parte das vezes envolva a troca de algo material por sexo (Dos Anjos, 2005:265).

estigmatizadas para o mercado matrimonial, se supõe estarem expostas a um mercado sexual extraconjugal e, portanto, imoral.

Ao longo da realização da etnografia, constatei que nos espaços sociais transnacionais, entre Mantena e o Cacém, as noções que vinculavam o deslocamento de brasileiros para Portugal a uma vivência mais “livre” da sexualidade e à possibilidade de inserção no mercado do sexo local eram recorrentes. Mais do que isso, nas próprias relações afetivo-sexuais dos sujeitos em Portugal algumas categorias e classificações dos sujeitos sobrepunham o mercado do sexo e afetivo-sexual. Fui percebendo que as trocas, afetivas e sexuais, independentemente de estarem vinculadas ou não ao mercado do sexo, implicavam relações de reciprocidade, ajuda e interesse, o que não significava ausência de afeto ou “amor”.

Por outro lado, as três categorias de sujeitos mais estigmatizados e, portanto, menos valorados no mercado matrimonial e sexual no Cacém, coincidiam com as gradações vigentes no mercado do sexo local que classificavam “clientes”. No que se refere aos rapazes, são os *portugueses*, *pretos africanos* e os *chulas de viado*¹⁹⁶ os menos valorados no mercado afetivo sexual. Já em relação às meninas, ainda que *ser brasileira* as coloque numa posição mais estratégica no mercado afetivo-sexual, as meninas de pele clara e traços mais finos são preferidas.

5.2 Negociando trocas afetivas e sexuais¹⁹⁷

Sheila relata que um português mais *velho é doído por ela. Ele faz tudo que eu quiser, paga tudo, me leva onde eu quiser... mas eu tenho que dar para ele... nem... não tô para isso. Sexo, práticas econômicas e afeto parecem se articular nas experiências dos sujeitos dessa etnografia que se deslocaram para Portugal. Ainda que em suas linguagens persista a separação entre trabalho e prazer para a classificação do que é um “programa”: “contratos que estabelecem remuneração por serviços sexuais específicos de maneira explícita” (Piscitelli, Gregori e Carrara, 2008:27), em termos analíticos, as noções sobre *programas* e *ajuda* têm sido percebidas e categorizadas de forma*

¹⁹⁶ Essas categorias serão explicadas ao longo do capítulo.

¹⁹⁷ Este capítulo é parte de um artigo publicado em 2011 na coleção encontros do PAGU- Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp- Universidade de Campinas, resultado do seminário Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Agradeço à Adriana Piscitelli, Gláucia de Oliveria Assis e José Miguel Olivar pela organização do livro e a todos colaboradores pelas proveitosas discussões e trocas.

diferente. Nas relações onde a troca financeira não se torna clara, outras categorias surgem para classificá-las como: o *chular viados*, sair com *velhos portugueses cheios da guita*, freqüentar casas de alterne ou sentar-se à mesa de um *gajo que tem whisky na mesa*, sempre como práticas dissociadas da prostituição. As casas de alterne são um bom exemplo. Como demonstrou Dolabela (2009), no caso das meninas que trabalham nas casas de alterne, o objetivo é “entreter e fazer companhia aos clientes e, sobretudo, induzi-los ao consumo. “Ganham comissão sobre cada bebida paga a elas pelos clientes”. Todas as meninas entrevistadas pela autora não consideram essa prática como programa. Piscitelli (2005) argumenta que:

“As definições correntes de prostituição e a noção de indústria do sexo não contribuem para compreender as diversas modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos que, embora mercantilizadas, não necessariamente assumem a forma de contratos explícitos de troca de sexo por dinheiro”.

De acordo com a perspectiva da autora, o sexo é utilizado de maneira tática. O termo *fazer programa* surge na etnografia como uma categoria êmica para fazer referência a uma jovem, Juliana (25 anos), que vive em Portugal há quatro anos e namora Maicon. Juliana é uma das poucas jovens que se define como “garota de programa”, sendo bastante reconhecida pelas outras meninas por isso: “*ela assume o que faz*”. Muitas meninas, apesar de assumirem que ocasionalmente já fizeram programas, “tentaram” ou tiveram “oportunidade”, não se declaram como garotas de programa.

No Morro do Margoso, o termo programa também aparece, sendo utilizado para fazer referência a relacionamentos com homens mais velhos. A ausência de homogamia etária parece ser um dos critérios para definição dos relacionamentos como “programa” nesse contexto. As meninas consideradas *garotas de programa* são definidas como aquelas que *ficam com homens mais velhos, com carros chic. Se pagar bem, fica até com velhinho* (Luma, 15 anos). No entanto, Luma, ao falar abertamente sobre o desejo em “casar com um homem rico”, visto como possibilidade de sair do morro, não considera essas relações como programa, ainda que reconheça seu interesse financeiro na relação.

...porque a vida vai ser mais fácil se casar com homem rico... se ela quiser comprar isso, vai ter dinheiro... Agora se casar com homem

pobre, vai ter que trabalhar... A maioria não pensa em trabalhar, quer ficar na vida boa.

Em Portugal, alguns episódios também apontam para essa categorização. A noite *com os velhos portugueses* foi o primeiro episódio narrado por Sheila em referência à “tentativa” de fazer um programa. Segundo ela, a convite de Juliana, elas saíram com dois *velhos portuguesas*:

... Nós fomos, eram uns velhos, aquele carrão, carrão, carrão. Era portuguesa. Era dono de um hotel lá de Cascais, com outro. Levou nós no melhor restaurante lá em Lisboa. Nós comemos, comemos, era tudo clássico. Só homem engratado. Era um velho bem feio, só que eu num fico com homem por dinheiro nunca. Se eu quisesse, ficaria. Aí, ela [Juliana]: “Aí, dá moral, conversa com ele, num fica com cara feia”.

Segundo Sheila, a *cara feia* era porque *o velho ficava querendo passar a mão na sua perna*. Apesar do encantamento de *jantar no restaurante clássico* e de terem a oportunidade de ir a uma discoteca em Lisboa, descrita por ela como *tão chique que tinha o segurança pra pegar o carro... Uma passarela toda vermelha, aquela pista, aquele lugar chic, só bebida chic*, Sheila argumenta que *não servia para essas coisas. Não é meu rock*. A narrativa de Sheila demonstra que a entrada no mercado do sexo é considerada por ela uma “escolha” e não “necessidade”.

O assunto “fazer programa” era sempre provocado por Sheila, que após quase um ano de convivência admitiu ter “tentado” fazer um programa. Vale a pena ressaltar que o fato de eu ter relatado desde o início da pesquisa que passaria um tempo com a família das meninas, a princípio, criou certo receio que eu compartilhasse no contexto de origem informações sobre suas vidas que, *a priori*, eram mantidas em “segredo”. Segundo Juliana, Sheila não faz programas por ter receio de que *as pessoas fiquem sabendo... Não é porque ela não quer*.

Juliana considera ainda que, para trabalhar como garota de programa (e frisa, “*hoje sou profissional nisso*”), é necessário ter algumas habilidades que Sheila não tem, por exemplo, saber *não contar, esconder e aguentar a pressão*. Sheila diz que *era muito difícil resistir... a tentação... que era muita gente falando na cabeça dela*. Segundo ela, por incentivo de Juliana resolveu novamente experimentar, mas não conseguiu: *entrei no quarto e comecei a tremer toda*. Ela conta que, atualmente, os “programas” estão muito baratos: “*as putas cobram em torno de 20 euros e 40 euros o sexo anal...* Sheila

entra em um *site*, denominado como *T-gatas*, para me mostrar as *amigas travestis* de Juliana.

No último ano, uma das melhores amigas de Sheila era Karine, uma travesti brasileira que residia no Cacém. Casada com um português, trabalhava atendendo em casa. Frequentei sua casa com Sheila. Karine contava sobre seus clientes, mostrava as roupas, perfumes, cílios postiços e extensões que comprara, enquanto trocava mensagens via *Facebook*, na sua página profissional.

Outra categoria que emerge na etnografia é o *chular viado*. Um termo bastante depreciativo para fazer referência a rapazes que se definem como heterossexuais e que recebem benefícios materiais de homossexuais – pagamento de alugueis, bebidas, presentes, etc. Ademais, *chular viado* não configura esses rapazes dentro do grupo social como homossexuais. Em primeiro lugar, pelo fato de manterem uma posição ativa na relação sexual com outros homens. Fry (1974) caracterizou esse modelo como hierárquico, disseminado, sobretudo, nas classes populares. Nesse modelo, a hierarquização de gênero seria articulada a partir da oposição masculinidade/atividade sexual *versus* feminilidade/passividade, englobando assim todas as identidades sexuais. Segundo, pelo fato dessas relações serem vistas pelos rapazes em geral (mesmo os que não fazem *programas* ou *chulam viados*) como uma atividade econômica secundária, já que a grande maioria trabalha na área da construção civil. Em um site especializado em programas, Dora mostra-me os acompanhantes masculinos *novinhos*. Todos seguem mais ou menos o mesmo padrão estético: brancos ou *morenos de sol*,¹⁹⁸ fortes e depilados... (inclusive a virília). Não há nenhum negro ou mulato no *site*. A maioria mostra seus rostos e quase todos são brasileiros. Sheila conta que um programa com esses rapazes custa entre 60 e 180 euros.

Os rapazes que *chulam viados*, em suas páginas pessoais do *Orkut*, auto denominam-se como *bed boys*¹⁹⁹ e disponibilizam várias fotos sensuais (com pouca roupa, tiradas em posições sexuais), que demonstram sua virilidade, e que são comentadas tanto por meninas como também por homens, alguns deles portugueses.

O lugar do *chula viados* no grupo é bastante distinto. Há uma nítida diferenciação entre as noções de *ajuda* e *exploração*. No caso das meninas sustentar seus namorados brasileiros, a situação é enxergada como uma *fase difícil* vivenciada

¹⁹⁸ As classificações raciais, a forma como as pessoas se identificam e são identificadas em Mantena e no Cacém serão analisadas de forma particularizada no Capítulo VI.

¹⁹⁹ Bed Boys pode aludir tanto aos meninos maus (Bad Boys), como também aos meninos da cama (Bed Boys).

pelos rapazes brasileiros, como a saída de um emprego ou o fim de uma empreitada em obras. A *ajuda* é considerada uma forma de demonstração de afeto e amor dentro de uma relação estável. Contrariamente, os meninos *que comem viados por causa de dinheiro*, e, portanto, na visão das meninas não estabelecem uma relação de afeto, remete a uma diferença moral entre as duas categorias.

Os *chulas de viado* também não são classificados como *garotos de programa*. Se o *fazer programa* não parece ser visto como algo que prejudique o “outro”, o *chular viado* é associado, de forma recorrente, a noção de *exploração*. Dilson, um brasileiro mais velho apaixonado por Wellington, era referenciado como *coitado* e *explorado*. A própria expressão *chular*, significa viver à custa de outrem. A figura clássica do *chulo* de “prostitutas”, em alguns mercados do sexo é um exemplo do uso dessa expressão.

Assim, se o mercado do sexo fazia parte do cotidiano de muitos dos sujeitos dessa etnografia, para, além disso, fui percebendo que as próprias classificações e hierarquizações no mercado afetivo-sexual funcionavam também de acordo com o mercado do sexo local.

(Re) criando categorias: “pretos”, “brasileiros” e “tugas”

Porque brasileiro? Sei lá, mistura mais com a gente, acho que dá mais certo, ser da mesma raça da gente... Português é muito chato... Ahh mais uma vez eu fiquei com um cabo-verdiano... “Mas gosto de brasileiro mesmo” (Sheila).

Tanto para as meninas quanto para os rapazes, os namorados (as) são preferencialmente brasileiros. Apenas duas meninas já “namoraram” pessoas de outras nacionalidades ou fora do grupo social. O *homem brasileiro* é diferenciado como *mais atraente*, que *tem a cara mais sexy* e um *jeito* diferente de conversar. Contrariamente, os *africanos* são conceituados como *sem educação* e *estúpidos*. Segundo Camila, *se você num dá moral pra eles, eles te xingam: brasuca, puta*. Quando questiono Sheila sobre sua preferência em “ficar” com brasileiros, ela argumenta: *acho que dá mais certo, ser da mesma raça da gente*. A origem comum e a partilha de uma mesma “cultura” são aspectos importantes (ainda que discursivamente) na definição dos sujeitos como mais ou menos desejáveis por essas jovens.

Entretanto, dentro da categoria “brasileiros”, existe outra forma de classificação e hierarquização da diferença. A cor da pele é um elemento importante; quanto mais

“branco” melhor. Os jovens muito negros são considerados feios e menos “capazes” de “engatar” meninas/meninos. Ainda que a categoria “preto” seja utilizada para se referir aos africanos, os jovens brasileiros muito negros são constantemente confundidos com angolanos e estigmatizados dentro do próprio grupo social. Portanto, a afirmação de que “ser preto brasileiro é diferente [leia-se “melhor”] do que ser preto africano” parece funcionar, simbolicamente, apenas nas relações de sociabilidade mais amplas e em contraposição aos africanos. A cor da pele se relaciona diretamente com a ideia de beleza. As meninas “loiras e branquinhas” são consideradas “mais bonitas”. Muitas das jovens negras relatam a existência de preconceito dentro do próprio grupo social, ainda que este seja composto quase exclusivamente por negros e mestiços. Juliana relata que, quando iniciou seu namoro, muitos jovens questionaram a escolha de Maicon: “*como é que ele tá com aquela neguinha?*”. Camila, que se classifica como preta, ao ser traída pelo namorado, constata: “*ele me trocou por uma loira, bonita, você viu?... também, vai ficar com uma pretinha dessa?*”. Fry (2002) observa que no Brasil os produtos destinados a “pessoas de cor” estão sempre ligados ao fenótipo e a aparência, e particularmente interessante, são destinados a pessoas que pretendem “se embelezar”. Portanto, dentro da hierarquia de beleza e “desejabilidade” entre os jovens brasileiros migrantes a segregação muitas vezes é feita primeiramente pela “cor da pele”.

Os tugas

Na percepção dos sujeitos (rapazes e meninas), a obtenção de vantagens materiais é vista como a única motivação das meninas em manter uma relação afetiva-sexual com um parceiro português. Por outro lado, na visão das meninas, o “*pagar tudo*” não é mal visto, sendo considerado naturalmente como “*papel de homem*”. Existe uma construção da masculinidade relacionada à nacionalidade, através de uma nítida separação entre sexo e afeto. Mesmo de forma ambígua, os portugueses são considerados homens “bons” quando são provedores. Gilcilene, que viveu em Portugal e regressou para Cachoeirinha de Itaúna, conta sobre seu namorado português, policial, “*era um homem muito bom para mim... não me deixava trabalhar, nem nada*”. Em contrapartida, os brasileiros são conceitualizados como “*garanhões*”, que não “*podem ver um rabo de saia*”, pois são considerados mais viris e com um melhor desempenho sexual. Camila afirma ter se “*enrolado*” com um português, Sérgio, de 31 anos. Ela reclama sobre a frieza da relação:

Nas vezes em que eu vinha a Lisboa [Cacém], a gente não fazia sexo, e nem nas duas semanas [foram apenas duas semanas] em que moramos juntos... Perguntei para ele se ele tinha outra mulher, porque um homem ficar dois meses e tanto sem... E ele disse que não, que estava com problemas, não estava conseguindo... Sentia-me mal... Tava quase subindo pelas paredes.

Por outro lado, Camila considera que, pelo fato dela ser brasileira, Sérgio acreditava que ela estaria com ele por “interesse”, ou seja, pela possibilidade de ter algum benefício econômico na relação. *Eles (os portugueses) acham que as brasileiras vêm para roubar o dinheiro deles...* Camila narra um episódio. Depois de fazer compras no supermercado, ela sugeriu: *me leva para comer no MC Donald's?* e ele respondeu: *Eu acabo de gastar 70 euros de comida e você ainda me pede para te levar no MC Donald's?* Camila diz que Sérgio sugeriu que *ele pagava tudo*, que colocava comida em casa. A percepção de que há “interesse” por parte das brasileiras em obter vantagens materiais está muito presente nessas relações, uma vez que as jovens brasileiras são consideradas *a priori* como social e culturalmente mais fracas - menos escolarizadas, menos informadas e oriundas de um país pobre.

Essa visão também é recorrente na fala dos rapazes brasileiros que narram sobre brasileiras que *comem euros dos tugas*:

Igual mulher brasileira não tem não! Os portugueses também acham isso... Não podem ver uma brasileira que ficam doidos! Eu tinha umas amigas brasileiras e eles ficavam doidos com elas, aí era fácil delas *comer uns euros*", porque elas sabem fazer os trem (sexo) e eles ficam loucos. Elas são boas mesmo! (Marco)

De modo igual, ter um parceiro português não se constitui como prestígio social. Ao contrário, no interior do próprio grupo os parceiros portugueses são considerados *sujos, pegajosos*, pouco viris e de masculinidade duvidosa²⁰⁰.

O mesmo acontece nos locais de origem. Na visão dos moradores (familiares e amigos), o casamento com um português não é desejável. Shirley (16 anos) comenta: *“eu acho que ela [Sheila] vai casar com um português... ela já tá lá...”*. Digo a ela que

²⁰⁰ Juliana, trabalhadora do sexo, e seu namorado Maicon ilustram essa perspectiva: “minhas colegas não colocavam lençol branco quando iam atender um português, porque sempre ficava um risco... de b... [fezes]”. Maicon complementa, “com português é assim, o seu já pediu para você usar um vibrador? [risos]”.

em Portugal há muitos brasileiros e ela responde: “*quem sabe então ela dá sorte*”. D. Chiquinha mãe de Camila teme que a filha se case com um português:

Ela tava com um namorado português... Eu falei com ela. Ô Camila se você casar aí nesses Portugal, adeus... Aí que você não vem mesmo, diz que eles [os portugueses] não deixam. Tem uma menina daqui que foi para lá, casou e nunca mais voltou em Mantena. Eu tenho medo dela casar lá e depois não vir, ficar amarrada lá.

O ficar *amarrada*, enunciado por D. Chiquinha, alude a situações de mulheres brasileiras que se casam em Portugal, têm filhos e só podem regressar ao Brasil com a criança diante do consentimento do pai (cidadão português).

Os pretos

Por fim, os *africanos* são considerados menos desejáveis no contexto do Cacém. Dora diz gostar de meninos morenos, mas explica:

Mas tipo um cabo-verdiano num gosto. Raça ruim. Ai são muito estúpidos, sem educação. Você nunca lidou com eles, não? Eles não tem educação pra tratar você, eles xingam. Se você num dá moral pra eles, eles te falam mal e tudo.

A referência aos *africanos*, mais do que a cor da pele, se dá através da ideia de uma cultura diferente da brasileira que remete para hierarquias entre “Brasil” e “África”. É importante ressaltar que essa escala hierárquica opera de forma semelhante aos imaginários sobre esses lugares em Portugal.

Nas relações definidas pelas meninas como “programa”, os homens são classificados em “três tipos”. A própria elaboração das categorias implica uma hierarquização dos clientes segundo a nacionalidade. Há uma nítida preferência por clientes portugueses, apontados como o cliente ideal, pois se gasta menos tempo para “ganhar dinheiro”: “99% deles têm ejaculação precoce e o c... [orgão genital] pequeno... assim que gozam, se vestem e vão embora... é rápido”. Em relação aos “africanos”, muitas meninas não gostam por considerá-los como os que “querem te sacudir da cabeça para baixo”, ou seja, são definidos como homens que têm um bom desempenho sexual e prolongam o “programa”. O imaginário corrente no cenário brasileiro, que atribui aos homens negros e mestiços metáforas de volume, virilidade e desempenho sexual (Simões, França e Macedo, 2009:43), funciona nesse contexto

apenas para os africanos, ou seja, está mais vinculado à origem étnica/nacional do que propriamente à cor da pele. Dessa forma, os *pretos* (leia-se, africanos) e os brasileiros negros são percebidos como diferentes. Muitas meninas dizem aumentar os preços do “programa” para que os “africanos” desistam. Segundo, Juliana *nem sempre dá certo, eles pagam*. Por fim, há os brasileiros considerados privilegiados para a manutenção de relações afetivo-sexuais, mas os mais inconvenientes como clientes, na medida em que querem *gastar todo o tempo que pagaram e querem namorar*.

5.3 Notas sobre dinheiro, interesse, sexo e afeto

Nos últimos anos, diversos autores (Constable 2009; Hochschild 2003; Zelizer 2009) têm demonstrado a interpenetração entre práticas econômicas e relações afetivo-sexuais na intimidade que abriga relações físicas e/ou emocionalmente próximas, sobretudo vinculadas ao sexo, amor e ao cuidado (cf. Piscitelli, 2011).

Neste capítulo procurei ilustrar de que maneira a sexualidade torna-se uma categoria fundamental nas definições de masculinidades²⁰¹ e feminilidades nos deslocamentos que envolvem a cidade de Mantena e o Cacém, mostrando as maneiras como a sexualidade é ajustada pelos contextos locais, o que tem tido como consequência a reconfiguração das relações de poder e, também, o baralhamento de noções sobre o que é amor, desejo, interesse e *ajuda*.

A noção de *exploração* que tem sido associada aos *chulos de viado* é um exemplo de como os conteúdos morais, associados a determinadas trocas afetivo-sexuais, podem ser dissemelhantes. A ideia de *exploração* não é acionada para fazer referência à realização dos *programas* por parte das meninas, ou da *ajuda* monetária nas relações de namoro.

Por outro lado, se em alguns momentos os *programas* e a *ajuda* não eram enxergados como práticas amorais, na medida em que o dinheiro era utilizado para beneficiar a família ou o companheiro/a, ao longo da etnografia, fui percebendo que a própria noção de amor romântico, “um encontro de almas reparador” (Giddens, 1995:31) e de afetos normalmente associados à inexistência de qualquer interesse nas relações de intimidade não apareciam como narrativas fundamentais.

Dinheiro no bolso, calcinha no chão! Afirmava Maicon, quando fazia referência às *meninas da vida*. Mas não são só as meninas que fazem *programas*. A ideia de *que o*

²⁰¹ Será problematizado com mais profundidade no próximo capítulo.

gajo por mais bonito que seja, tem que ter dinheiro no bolso para conquistar as meninas, estava presente nas narrativas da maioria dos rapazes, como na maioria das meninas. Pagar bebidas na balada ou dar uma carona de carro, é utilizado como estratégia de engate, apesar de não “garantir” a sua eficácia. Maicon relata: É só levar uma garrafa de whisky para a mesa e as miúdas ficam todas em volta...bebem e depois saem fora.

Da mesma forma, algumas meninas afirmam: *é só levantar a bunda no balcão e os homens te pagam uma bebida*²⁰². O pagar bebidas ou dar uma carona de carro não simbolizam para rapazes e meninas uma separação entre interesse e dinheiro *versus* afeto e amor. O jogo da sedução parece implicar limites tênues entre essas noções. Ser um *homem bom*, muitas vezes associado ao sujeito que provém, aparece tanto na narrativa de Gilcilene sobre o seu namorado policial, como na auto-definição de Dalton, quando tentava me engatar na discoteca Bye Bye Brasil.

Não pretendo com as ponderações deste capítulo advogar sobre uma forma particular das classes populares de vivenciar a sexualidade ou de que o *interesse* está presente apenas nas relações afetivos-sexuais nesse segmento social.

Em 2012, no artigo *Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero* (Lima e Togni, 2012), abordamos os deslocamentos de mulheres brasileiras para Portugal, um fluxo configurado por mulheres de “classe média”, cuja motivação principal era uma relação afetiva-sexual com um cidadão português. A existência de um projeto pessoal e especialmente individualizado, que não se vinculava à existência de redes migratórias de suporte do tipo familiar ou comunitário e que projetava uma migração cujo objetivo principal é a formação de uma família ou o estabelecimento de uma relação conjugal no destino, permitiu-nos comprovar que, também nas classes médias, a utilização do sexo de maneira tática e o uso dos estereótipos que colocam as brasileiras em melhores posições, tanto no mercado do sexo, como também o matrimonial eram utilizadas de forma recorrente.

Assim, ao contrário, defendo que mais do que a classe, é na interseção de marcas sociais como nacionalidade, gênero e etnicidade que, em contextos específicos de deslocamentos, o uso tático da sexualidade e de determinadas concepções de feminilidades e masculinidades têm ocupado centralidade nas experiências dos sujeitos.

²⁰² Como canta Mano Brown, na música mulher elétrica: *Ela opera a festa, Ela quem comanda e minha comanda*²⁰² *quase preencheu, mais Se Ela vier valeu*. A comanda, na música, tem um duplo sentido: é uma alusão a quem administra e gerencia, mas também, faz referência ao formulário de anotação de pedido dos clientes em bares, discotecas e restaurantes.

Através da mobilidade de Sheila, mostrei como o fato dela ser *menina* demandou intensas negociações no seu contexto familiar. Fazer *a coisa errada e ficar falada* na região se configuravam como os principais receios de seus pais. Esse termo nativo é utilizado para narrar episódios de mulheres da região que se deslocaram para “Europa” e trabalharam como *prostitutas*, ou, ainda para, denotar uma “suspeita” do trabalho na prostituição.

Apesar desse receio, evidencio que ter um papel econômico importante na renda da família através das remessas de dinheiro reconfigura o lugar das meninas dentro da família, independentemente da atividade laboral exercida. Seus deslocamentos passam a ser vistos de maneira positiva pelos pais e irmãos.

Se é no campo da sexualidade que emergem as principais tensões para os deslocamentos de meninas da região, na segunda parte do capítulo mostro que a sexualidade, articulada com outras marcas de diferença, tem sido central também no Cacém e nas experiências de mobilidade dos sujeitos. A experimentação de uma maior liberdade sexual pelas meninas, a inserção no mercado do sexo e a construção de categorias de sujeitos mais ou menos desejáveis no mercado afetivo-sexual local também foram abordados.

Argumento que a vinculação nos imaginários entre “mulher brasileira” e prostituição, e a visibilidade concedida na mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante”, têm relação direta com as construções sexuais e afetivas dos sujeitos dessa etnografia que elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente, nacionalidade, “raça” e etnicidade, e reconfiguram as relações de poder através da interpenetração de noções sobre o que é amor, interesse e *ajuda*.

CAPÍTULO 6 - VIRANDO *HOMEM*. SOBRE MASCULINIDADES E CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA

Neste capítulo, pretendo “dar voz” às experiências de mobilidade dos rapazes que vivem no Cacém, confrontando-os com as trajetórias dos sujeitos que permaneceram em Mantena, bem como com os que tiveram experiências em Portugal e já retornaram. Argumento que é importante olhar para as trajetórias dos rapazes, especialmente porque são poucas as pesquisas e análises sobre o gênero e outros marcadores de diferença na literatura sobre as migrações internacionais que se centram nas experiências de homens e ou nas masculinidades (Piscitelli, Assis e Olivar, 2011).

Considero que os mesmos contextos que possibilitam ressignificações e negociações da diferença para as meninas, atuam de forma determinante também para os rapazes, ainda que de formas dissemelhantes. Dessa forma, utilizo de novo como recurso teórico analítico os conceitos de localização social, geografias de poder marcadas por gênero (Pessar e Mahler, 2001; 2003) e o modelo das interseccionalidades com o objetivo de refletir sobre as experiências dos rapazes.

Entre os rapazes, serão priorizadas as trajetórias e trajetos de Maicon, Yan, Jonas, Wellington e Beto, que se tornaram os principais sujeitos com os quais estabeleci relações contínuas na etnografia no Cacém, e com seus familiares e amigos em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna. No entanto, outros rapazes participaram da trama da etnografia e servem como contraponto para demonstrar como as experiências de deslocamento dos rapazes - suas trajetórias e trajetos - são heterogêneos.

Ao comparar as trajetórias, proponho-me analisar as formas como os discursos e as práticas sobre diferentes masculinidades e feminilidades se exprimem, são moldadas e ressignificadas ao longo do tempo e das experiências de mobilidade. Se o que unia Maicon, Yan, Jonas, Wellington, Beto e os outros rapazes era o fato de pertencerem a uma mesma idade, lugar de origem, determinado lugar na estratificação social e terem a experiência de deslocamentos entre fronteiras internacionais, outros aspectos como a relação com o trabalho, o estado civil, a experiência da paternidade, as configurações dos seus relacionamentos sexuais afetivos, as relações estabelecidas com suas famílias, bem como o lugar/posição ocupado dentro nos contextos sociais em que estavam inseridos, os diferenciavam sobremaneira, revelando a heterogeneidade de experiências e articulações entre marcadores de diferença. Dessa forma, reflexionar sobre a migração

de “jovens de classes populares” não esgota, no meu entendimento, as análises sobre esses deslocamentos. Tenciono abordar suas experiências e construções de masculinidades fora de um paradigma essencialista, que vincula determinadas práticas e valores a classes e grupos etários específicos. Compartilho com Vale de Almeida (2000:128) a ideia de que:

“Ser homem” no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados.

Por outro lado, *virar homem* se converteu em uma expressão recorrente utilizada, tanto pelos rapazes como pelas meninas, nos locais de origem e destino. Mas quais são os requisitos para que um indivíduo do sexo masculino seja reconhecido como homem em Mantena e no Cacém? Como afirma Vale de Almeida (2000:129) “esses requisitos espalham-se por todos os níveis do social, desde a família e o trabalho, do prestígio ao status, da classe social à idade, passando pela linguagem gestual e verbal”.

Dessa forma, a partir da observação de interações entre os rapazes, e entre os rapazes e as meninas, e ainda de entrevistas realizadas durante aproximadamente dois anos, abordarei, através de cenas etnográficas, algumas dimensões de seus discursos e práticas sobre diferentes masculinidades e feminilidades, desveladas nas relações de trabalho, familiares, afetivo-sexuais e nos contextos de sociabilidade.

6.1 Os gajos

Maicon nasceu em Barra de São Francisco, em um dos hospitais mais próximos de Cachoeirinha de Itaúna. É filho de D. Luiza e não conheceu o pai. Trabalhava desde os 8 anos na *roça* com a mãe, o padrasto e um dos irmãos, Délcio, que teve uma leucemia e faleceu aos onze anos. Elton, seu outro irmão, *logo que nasceu foi viver direto com a avó, nunca morou em casa*. Maicon estudou até ao 9º ano. Aos 14 anos, *saiu de casa*, depois de comprar uma arma de fogo com a intenção de matar Moisés, seu padrasto – segundo Maicon, ele lhe *batia muito* -, porém Maicon foi impedido por um dos vizinhos. Fora morar em Vitória, na casa de sua tia Glória no bairro São Pedro III, segundo Maicon: uma *favela*. Dos 14 aos 18 anos viveu com os tios. Trabalhava com

seu tio na construção civil e reitera diversas vezes que *eles foram o pai e a mãe que eu não tive. Eu trabalhava direitinho com o tio...e eu dava dinheiro para ajudar em casa ele não aceitava, ele não aceitava eu comprar roupa, nada...ele me dava tudo, roupa, ténis de marca... Eu gostava era de beber...e ir no baile funk...*

Todavia, Maicon sempre regressava a Cachoeirinha de Itaúna. Em suas visitas, hospedava-se na casa de D. Rosa, mãe de Wellington, Sheila e Beto, seu *melhor amigo*. De acordo com Maicon, a ideia de sua vinda para Portugal foi de D. Luiza, sua mãe. *Ela colocou na cabeça que se eu ficasse no Brasil eu ia morrer ou ir preso porque ela achava que eu estava virando vagabundo²⁰³ ... pelo meu jeito de vestir, andar e falar... eu gostava de falar muita gíria...e ela foi e falou para eu ir... meus tios não queriam, mas bom, eu falei: eu vou, fico três meses, se não gostar volto. Vagabundo é um adjetivo que Maicon utiliza para fazer referência a muitos de seus amigos no Brasil. Rapazes que usavam ou vendiam drogas. A maioria tá morto. Uns por assassinato outros de acidente de carro.*

D. Luiza tinha uma irmã que já vivia em Portugal, em Caneças, Concelho de Odivelas²⁰⁴. Maicon afirma que tinha o dinheiro da passagem. *Foi só o tempo de tirar o passaporte*. Em dois meses, Maicon desembarcou em Lisboa e foi direto para Caneças. Morou em Portugal até 2012 de forma ininterrupta. Conheci-o em sua casa, onde morava também Camila, em Janeiro de 2010. Durante a etnografia, tornou-se o meu principal interlocutor, consequência, em parte, pela liderança que exercia no grupo. Maicon era respeitado também nos cafés e bares do Cacém. Com ele, era possível circular nesses espaços, marcadamente masculinos, com “segurança”.

Yan, por sua vez, veio para Portugal com 14 anos. Estudou até o 8º ano e, em 2010, quando o conheci era solteiro e não tinha filhos. Sua mãe, Rosângela (39 anos), já residia em Queluz-Belas, perto do Cacém, e trabalhava em um posto de gasolina. No Brasil, trabalhava como doméstica. O pai, Wadson (37 anos), era pintor, mas havia sido preso no Brasil, por *matar* um policial. Antes de se mover para Portugal, morava com a avó materna, um tio e dois primos. Yan relata que seus pais eram casados, mas brigavam muito. Portanto, não morou muito tempo com a mãe e o pai juntos: *eles brigavam, separavam... meu pai sempre bebeu muito e já chegou a agredir minha mãe.*

²⁰³ *Vagabundo* era uma expressão recorrente usada também pelas meninas para adjetivar alguns rapazes. Sheila, por exemplo, utilizava a expressão ao contar que um amigo seu havia sido preso: *ele não é vagabundo não, não cometeu nenhum crime*. Camila também utiliza para reportar-se ao rapaz com quem Marcela estava saindo. *Não presta, é vagabundo, vende droga e tudo.*

²⁰⁴ Integra a Grande Lisboa.

No início eram mais agressões verbais, mas depois começou a agredir fisicamente e eu acho que é normal um filho ficar do lado da mãe, né, e como ele bebia, todo mundo via que ele estava errado.

Em seu percurso escolar, Yan passou por várias escolas, consequência das várias mudanças de cidade. Relata ter morado em Foz do Iguaçu (aos 6 anos), no Paraná, Guarapari (aos 12 anos) e Vitória, no estado do Espírito Santo. Os deslocamentos eram motivados pelo fato de sua mãe querer *fugir* de seu pai, mas *nunca por muito tempo, sempre de passagem. Ela como gostava dele, ele dava duas palavras de cabeça limpa e ela voltava. Eu não gostava, queria ter uma casa, acho que toda criança sonha em ter uma casa, com a mãe e o pai lá, mas não...*

Yan conta que também foi expulso de duas escolas por ser *bagunceiro e ter muitas faltas: gostava de matar aulas para fumar maconha, comecei a fumar com uns onze anos... mas por incrível que pareça, quando eu ia às aulas, sempre tinha boas notas. O difícil era eu me interessar a estudar, mas se eu tivesse, poderia ter seguido algum caminho... sei lá.* Dentre os inúmeros deslocamentos, em duas circunstâncias Yan separou-se de Rosângela: quando esta foi viver em Brasília, período em que ele permaneceu com a avó paterna, a quem considerava como *mais do que a minha mãe.* Declara que gostava muito de sua avó Iraci: *a melhor Deus levou, a carrasca ainda está ai.* Por *carrasca*, refere-se à avó materna, que ficou responsável por Yan durante um ano e meio, quando sua mãe migrou para Portugal.

A minha mãe sempre entrando com o dinheiro, e ela gastava o dinheiro com outras coisas. Eu sofria mesmo, ela escondia as coisas de comer, trancava a geladeira. Eu cheguei aqui, magro, mas magro mesmo. Eu só comia o que eu conseguia na rua. Com treze anos, eu já viva na rua, já saía, tinha que dar os meus pulos. Dar uns pulos, para Yan significa fazer algo para sobreviver. Comer, comprar roupas: eu já cheguei a roubar... mas muitas vezes era para comer mesmo, não era para luxo nem nada. Nunca fui pego...

Em Portugal, Yan teve sua primeira experiência laboral na construção civil, nomeadamente na montagem de andaimes. De acordo com ele, viver em Portugal o fez amadurecer: *isso aqui foi uma escola de vida para mim, amadureci muito...comecei a trabalhar, tive que dar meus pulos também.* Conhecido no grupo como *o puto*,

classificação que se relaciona com a idade, por ser o mais novo da turma²⁰⁵, era o melhor amigo de Maicon e um dos rapazes mais disputados pelas meninas. Do grupo, Yan também era o que tinha a pele mais clara, apesar de se auto afirmar como afro-brasileiro.

Wellington é o filho mais velho de D. Rosa e Sr. Calixto. Irmão de Sheila e Beto foi o primeiro, dentro da unidade doméstica, a se mover entre fronteiras transnacionais no ano de 2001. Estudou até ao 4º ano e antes de viver em Portugal não tivera outra experiência de mobilidade no Brasil. Viveu sempre em Cachoeirinha de Itaúna, na *roça*, seu lugar também de trabalho. No entanto, durante sua experiência fora do Brasil, Wellington viveu na Espanha, *em uma das empreitadas* de seu patrão, no Cacém e em Ericeira. Trabalhou na construção civil como ajudante e em uma fábrica de congelados, em Ericeira. Apesar de ser um dos pioneiros de Mantena a viver na região, esteve sempre sem documentação legal para residir em Portugal. Mesmo *ilegal*, regressou ao Brasil temporariamente em 2008 por três meses e quando voltou a Portugal trouxe consigo Camila, amiga de Sheila. Dentro do grupo, era considerado o mais *feio*, associação feita pelo fato de ter a pele mais escura do que a de outros rapazes e por não *pegar ninguém* nas festas e eventos do grupo.

Beto, irmão de Wellington e Sheila viveu no Cacém durante dois anos. Conheci-o já em Cachoeirinha de Itaúna, na primeira estadia na casa de seus pais. Desde quando nos conhecemos ele afirma *que um dia vai voltar para Portugal*. Amigo de Maicon e Yan relembra com nostalgia os casos de saídas no Cacém e Rio de Mouro, do excesso de bebidas e das *confusões* com policiais pela falta de pagamento do comboio: *a gente aprontava*, exclama. Beto relembra também dos lugares que trabalhou como servente e pintor, e relata que decidiu vir ao Brasil pela necessidade em ter carta de condução. No regresso ao Brasil se envolveu com Daiana, uma menina branca com os cabelos pintados de loiro, 16 anos, filha do dono da única mercearia do vilarejo. Decidiram se casar e, depois de poucos meses do casamento, Daiana engravidou. Os dois têm um filho, Wallyson, e vivem numa pequena casa situada na terra de Sr. Calixto e D. Rosa.

Jonas é primo de Wellington, Beto e Sheila, e filho de D. Joana. Foi o último nesse contexto familiar a se deslocar para Portugal. Conheci-o no Cacém, na casa de Sheila durante um almoço. É bastante tímido, tinha 23 anos e estava em Portugal há três

²⁰⁵ No dicionário infomal da língua portuguesa “puto” significa criança ou jovem do sexo masculino, sinónimo de garoto, menino, miúdo e rapaz. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/puto> [consultado em 02-12-2013].

anos. Nasceu em Mantena, viveu em Cachoeirinha de Itaúna até aos 18 anos, época em que foi viver em Mantena e trabalhar na construção civil. Solteiro e sem filhos, Jonas estudou até o 11º ano. Os pais são lavradores. Contrariamente à Maicon e outros rapazes, Jonas afirma que sua *infância foi mais escola. De vez em quando eu ajudava na roça, mas só de vez em quando. Agora a minha irmã ajudava mais...* Em 2008, depois do regresso temporário de seu primo Wellington, decidiu vir para Portugal. Nessa época, os primos já moravam no Cacém, para além de outros conhecidos e vizinhos de Cachoeirinha. Entretanto, sua primeira tentativa fora frustrada. Jonas entrou em território europeu pela França. Viveu na *favelinha* no Cacém, com Beto, Wellington e Sheila e ,de acordo com ele, depois de dois dias em Portugal começou a trabalhar, através da indicação de Maicon. Jonas é negro, de pele bem escura e traços finos. Seu pai é branco e D. Joana negra. Eles, como outros jovens de pele escura são habitualmente confundidos com *pretos* (africanos) no Cacém. Apesar de ser batizado na Igreja Católica, é um dos sujeitos que se identifica como evangélico, *crente*. Este fato é apontado por outros sujeitos de forma jocosa, na medida em que Jonas não frequenta os cafés com a mesma frequência e não bebe como os outros *homens*. Usualmente é *mais homem* dentro do grupo, *quem sabe beber*.

6.2 Que Brasileiros Portugal produz?

Utilizando os conceitos de localização social e geografias de poder marcadas por gênero (Pessar e Mahler, 2001; 2003) nessa seção, refletirei sobre as experiências dos rapazes, prestarei especial atenção nas formas e situações em que são acionadas marcas de diferença que simbolizam *ser brasileiro* e *homem* no Cacém. Para tanto, abordarei a construção de determinadas corporalidades e estilos, as negociações e ressignificações nas relações de sociabilidade e de trabalho, bem como nas relações afetivo-sexuais.

Estética e Performance entre Brasileiros

O compartilhamento de referências estéticas e gostos fora observado no Cacém e em Mantena. A aparência parece ser imperativa na definição imediata do *status* dos rapazes brasileiros. Para os “gajos” - gíria utilizada em Portugal para se referir a um

rapaz -, as roupas têm que ser “de marca”, sobretudo, mas não necessariamente, marcas ligadas ao esporte: no geral, as preferidas são *Nike, Adidas, Lacoste, Quiksilver, Billabong*, etc. Calça *jeans* baixa (aparecendo a cueca) e bermudas (mesmo no inverno) são muito utilizadas. Os acessórios são um complemento crucial à roupa em si. Cintos, bonés, brincos, cordões (de ouro ou prata), pulseiras e anéis são elementos caracterizadores de poder de compra e de sucesso. *Piercings* e tatuagens com nomes de mães, pais, filhos, namoradas ou passagens bíblicas, também são muito frequentes.

Estas mesmas referências estéticas estão presentes nos locais de origem. Maicon, por exemplo, faz referências de como gostava de se vestir ainda no Brasil: *camiseta regata, bonezinho, bermuda, de óculos, tipo playboy... gostava de coisas de marca, nike, adidas, essas coisas*. Se usar roupas de marca pode configurar seu estilo como *playboy*, Maicon, ao mesmo tempo, diz que o seu *jeito de andar, de vestir e de falar*, era associado no Brasil ao *virar vagabundo*. De fato, no Cacém, o mesmo estilo que poderia ser nomeado como de *playboy* ou *vagabundo* é correlacionado ao *ser brasileiro*.

Os cabelos dos rapazes são curtos e com corte cuidadoso (um bom modelo é o cabelo do jogador Neymar). Alguns jovens alisam o cabelo, fazem sobrancelhas e quase todos depilam o corpo: peito, braços, virilha e pernas. Os homens “sem pêlo” são bastante valorizados pelas meninas. A maioria das meninas diz que *está usando os meninos assim tudo raspado*. A cor da pele é um elemento fundamental: quanto mais “branco”, melhor. Os jovens muito negros são considerados feios e menos “capazes” de *pegar as meninas*. O corpo musculoso e bem definido é considerado um sinal de virilidade: a forma física é majoritariamente adquirida através do trabalho na construção civil e de exercícios em casa. Os rapazes não frequentam ginásios. Alguns também jogam futebol.

Em seu artigo “*Gender and Difference: Youth, bodies and clothing in Zambia*” Hansen (2000) defende que os corpos não são somente físicos ou materiais, mas também socialmente construídos e governados. A autora considera que os consumos e as formas de vestir são excelentes lugares para explorar as noções de agência e subjectividade, bem como mostrar como se constroem diferenças que envolvem gênero, idade e classe em determinados tempos e espaços. Nesse contexto migratório específico, a conjugação da roupa com os acessórios, a depilação, o corte de cabelo cuidado e as tatuagens estão relacionadas com certa *brasilidade* (Piscitelli, 2011, 2013). Estilos que se diferenciam deste são associados, no Cacém, aos *pretos* e aos *tugas*. Jonas, considerado pelos outros jovens como um dos mais *pretos*, em um dos dias de inverno,

colocou um cachecol e logo foi repreendido: *você está parecendo um africano, pá... eles é que usam essas coisas elegantes*. Como afirmou Woodward (2009), a diferença é marcada por símbolos, provocando associações entre a identidade pessoal e as coisas que a pessoa usa.

Ao compararmos esses mesmos estilos, estéticas e gostos nos contextos de origem – roupas, acessórios, gosto musical - percebemos algumas semelhanças. Se no Brasil, de uma maneira geral, tem sido associado às camadas populares, enquanto, no Cacém, simboliza *ser brasileiro*, constatei que em Mantena, uma aproximação entre classe popular a determinados estilos e preferências, se configurava como problemática. Em um dos churrascos que participei, na casa do diretor do Sistema de Águas e esgotos de Mantena, classificado na cidade como membro de uma *classe alta*, notei um compartilhamento de estilos e gostos - música, bebidas, roupas entre os sujeitos que vivem no Cacém, ainda que a diferença de classe estivesse presente.

Mais uma vez, constatei que a diferença de classe não serviria para explicar as lógicas de distinção na cidade. Não eram os gostos e estilos que serviam para distinguir as posições sociais dos sujeitos, mas o modo como se apropriam e significam os gostos musicais, os estilos de vestir, etc. Dessa forma, o conceito de grupo de estatuto (Lima, 2000) emergia novamente como um recurso analítico importante. As lógicas de distinção social em Mantena se relacionavam principalmente com a origem familiar, o lugar de residência, as categorias profissionais, o fato de ter uma boa casa e um bom carro, ainda que houvesse um compartilhamento de estilos e gostos.

6.3. Crime, Favelas e *sangue nos olhos*

Em Portugal, sobrepõem-se as discussões sobre a feminização das migrações, o que tem como consequência uma escassa discussão sobre a mobilidade de rapazes entre fronteiras internacionais. Na literatura sobre migrações internacionais, é na discussão sobre perfis migratórios e inserção laboral em Portugal que os rapazes aparecem: como trabalhadores não qualificados, com maior presença em segmentos de actividades socialmente pouco valorizadas, como é o caso da construção civil (Baganha e Malheiros, 1999; Casa do Brasil de Lisboa, 2007; Peixoto e Figueiredo, 2007).²⁰⁶ O crescimento do mercado da construção civil e obras públicas tem sido a justificativa mais plausível para o aumento da imigração brasileira em Portugal nas últimas décadas.

Porém, nos trabalhos de Machado (2003 e 2007) encontramos conjuntamente referências às experiências de homens migrantes. Ainda que o autor evoque a construção civil como uma das principais ocupações entre os brasileiros, no seu estudo de caso realizado na cidade do Porto, realça trajetórias laborais inscritas no mercado de atendimento ao público (garçons, animadores, músicos, capoeiristas, dançarinos, jogadores de futebol e atendentes ao público em geral), intitulado como “mercado da alegria”, no qual os brasileiros têm uma “suposta vantagem estrutural”, a reputação “de festivos, simpáticos e que falam português” (2006:173).

Machado (2009), demonstra como o contexto é importante na reconfiguração e ressignificação das diferenças, sobretudo o que significa *ser brasileiro*. Para ele, o trabalho é fundamental na análise da construção da organização social dos brasileiros no Porto, como também na construção de suas identidades, que são negociadas a partir de estereótipos e imagens a eles associados: alegria, simpatia e sensualidade.

Parece evidente que os conteúdos simbólicos associados aos “brasileiros em Portugal” possuem significados diferentes no que se refere ao gênero e aos locais de destino. Como demonstrei ao longo dos outros capítulos, em Portugal, a forte vinculação nos imaginários entre a “mulher brasileira” e prostituição, e a visibilidade concedida na mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante” parecem influenciar, de forma direta, as construções sexuais e afetivas dos sujeitos migrantes que

²⁰⁶ Para Peixoto e Figueiredo (2006), “as necessidades de mão-de-obra intensiva e não qualificada resultantes da entrada de capital estrangeiro (investimento e fundos estruturais) e do investimento nacional, sobretudo no sector da construção civil, foram satisfeitas com Africanos, primeiro, e Europeus de Leste e Brasileiros, mais tarde”

elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente nacionalidade, cor da pele/raça e gênero. Ou seja, é no campo da sexualidade que noções naturalizadas são construídas e entrelaçadas com outras diferenças.

No caso dos rapazes, há algumas especificidades. Se a alegria, sensualidade e festividade funcionam como retóricas funcionais em determinadas situações e contextos, ao longo dos últimos oito anos, período em que registrou-se o maior crescimento da “comunidade brasileira” em Portugal, a utilização de expressões brasileiras enfatizando a originalidade de práticas criminosas relacionadas com o Brasil podem ser observadas em inúmeras notícias produzidas na região metropolitana de Lisboa, em bairros considerados periféricos ou em locais associados a uma presença efetiva de brasileiros, como é o caso da Costa da Caparica, Ericeira, Setúbal e, mais recentemente, a linha de Sintra, e atuam de forma determinante nas experiências dos sujeitos.

Oliveira, na sua etnografia realizada na Costa da Caparica, afirma que entre as variadas combinações representacionais sobre os brasileiros em Portugal, a de que ele é “um potencial ladrão, é o pobre que vem das favelas e que traz consigo a violência e a criminalidade tão noticiadas no Brasil” (2006:148) é predominante. Para o autor, tais representações originam-se de pequenos delitos protagonizados por brasileiros no ano de 2001 e que foram detidos posteriormente.

“Arrastão na Praia de Carcavelos”²⁰⁷, “Rapto à moda do Brasil com resgate de 70 000 euros”²⁰⁸, e “Crime organizado brasileiro chegou em Portugal”²⁰⁹, são expressões e fenômenos relacionados ao Brasil, ainda que o sequestrador seja português, e o arrastão tenha sido feito por *jovens africanos de 2ª geração*, moradores de *bairros problemáticos*. Como comentou Miguel Vale de Almeida, os bairros *problemáticos* têm uma associação direta com a cor (negra), a origem étnica (africanos) e o estatuto de *imigrante*, somado às práticas de violência e criminalidade originados no Brasil.

Arrastão refere o assalto de um grupo de pessoas por um bando, normalmente constituído por jovens. A expressão — como o fenómeno — é originária do Brasil. As notícias referiam um grupo muito grande (literalmente centenas) de jovens dos bairros

²⁰⁷ Vale de Almeida (2007), disponível em <http://wp.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/2008/06/07-portugal.pdf>. Para outra análise sobre o “Arrastão” em Carcavelos praticado por jovens dos bairros considerados problemáticos de Lisboa, ver Carvalheiro (2008).

²⁰⁸ Jornal Correio do Manhã, 15 de abril de 2013.

²⁰⁹ Jornal Correio da Manhã, 19 de setembro de 2008.

problemáticos de Lisboa. A descrição era implicitamente racializada, e algumas fotografias (poucas, o que terá aumentado o seu valor icónico) tiradas com câmaras de telemóveis indicavam ‘de facto’ a cor dos supostos criminosos. Cor essa que se definia por contraste com a dos banhistas ao sol. Os boatos cedo se multiplicaram, tanto nos media como na rua, gerando confirmações: Lisboa teria finalmente ‘explodido’, no que seria o esperado resultado de condições de vida deficitárias nos bairros problemáticos; da sua demografia simultaneamente africana e imigrante; do carácter desenquadrado das chamadas segunda e terceira geração...” (2007:361).

Todavia, a vinculação dos brasileiros migrantes à criminalidade começa a ser mais freqüente a partir do ano de 2008, através do primeiro assalto a banco com reféns em Portugal e a notícia sobre a criação do PCP- Primeiro Comando de Portugal, uma alusão ao PCC Primeiro Comando da Capital²¹⁰, fundado na cidade de São Paulo, em setembro.

No primeiro episódio, os protagonistas, *dois jovens brasileiros*, assaltaram uma das dependências do BES (Banco Espírito Santo) em Campolide, sequestrando seis pessoas: dois homens e quatro mulheres. A negociação durou aproximadamente nove horas. No fim da noite, um dos rapazes foi alvejado pela polícia (Grupo de Operações Especiais) e morreu imediatamente. O outro sofreu ferimentos muito graves, mas sobreviveu. Foi condenado a onze anos de prisão. Este assalto teve grande repercussão midiática, que incluiu o noticiamento em tempo real das negociações entre os assaltantes e a polícia e os consequentes disparos e morte, sendo relembado em 2009 com o resultado da sentença e a extradição do rapaz em 2013²¹¹.

²¹⁰ O PCC – Primeiro Comando da Capital é uma organização criminosa e têm sido tema de etnografias como as de Biondi (2010), ou atravessam pesquisas e investigações sobre política, violência, territorialidade e organização das periferias urbanas, fundamentalmente as do estado de São Paulo. Para uma leitura sobre o PCC recomendo também os trabalhos de Feltran (2009; 2010 e 2011).

²¹¹ No Brasil, a notícia foi veiculada também no site Uai, filiado ao Jornal Estado de Minas “Famílias sofrem envolvimento de mineiros em assalto na Europa: Envolvimento de dois brasileiros, um morto e outro ferido, no roubo de um banco em Lisboa assusta parentes em Coronel Fabriciano, no Vale do Aço, e em Juramento, no Norte de Minas”. Disponível em http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_2/2008/08/12/em_noticia_interna,id_sessao=2&id_noticia=75227/em_noticia_interna.shtml, acessado pela última vez em 06 de outubro de 2013.



Foto 19 e 20 – Mídia e o Assalto ao BES

No entanto, em setembro de 2008, surge a notícia sobre a criação do PCP, que teria sido criado por *jovens brasileiros oriundos de favelas* que residem na Margem Sul. Publicado no Correio da Manhã, a matéria ocupava quatro páginas. Descreviam os membros do PCP como “*jovens com antecedentes criminais, em situação de ilegalidade em Portugal, que estariam organizados por meio da internet, onde exibiriam armas e o que conseguem nos assaltos nas suas páginas pessoais no site de relacionamentos Orkut*”. Fotos de armas, dinheiro e telemóveis seriam exibidos nas redes sociais para mostrar os *frutos dos roubos*. A descrição dos “jovens” e a leitura feita dos textos publicados em suas páginas pessoais sublinham o uso de gírias e apelidos dos membros do grupo que seriam os líderes do Primeiro Comando de Portugal e inclusive associa o termo *formar um bonde*²¹² a uma “gíria utilizada para descrever um grupo que sai em comboio para atacar outro”.



Foto 21 e 22 – Matéria sobre o Primeiro Comando de Portugal, Jornal Correio da Manhã, 16 de setembro de 2008.

²¹² Bonde é uma gíria utilizada nos bairros da periferia, especialmente no Rio de Janeiro, e serve para designar grupos de amigos que estão sempre juntos, além de ser um termo muito utilizado em letras de funk e na denominação dos nomes das bandas, como por exemplo, Bonde da Stronda, Bonde das Novinhas, Bonde das Maravilhas, etc.

Vale de Almeida (2000), no artigo *Corpos marginais: notas etnográficas sobre páginas «de polícia» e páginas «de sociedade»*, demonstra como os jornais, mais do que fontes de informação, podem ser lidos como veículos de representação²¹³. No que se refere aos brasileiros em Portugal, nos anos de 2005 e 2006, por exemplo, Cunha e Santos (2008) recolheram notícias sobre temáticas associadas ao *crime*, das quais 243 faziam referência aos *brasileiros*, nacionalidade preferencial de associação à imigração e à criminalidade²¹⁴. Vale a pena ressaltar que os dados coletados pela autora foram anteriores ao assalto ao banco e à divulgação da criação do Primeiro Comando de Portugal.

O que as imagens demonstram são sujeitos do sexo masculino, “morenos” ou negros, em uma “escala cromática do sistema de classificações fenotípicas (Vale de Almeida, 2000), de um mesmo grupo-etário e com estilos específicos que são normalmente associados no Brasil às classes mais baixas: usos de bonés, roupas associados ao *rap* e ao *funk*, óculos escuros, tatuagens e alguns gestos. Mc Didado, um dos supostos líderes do PCP, em uma reportagem na RTP²¹⁵, intitulada “Primeiro Comando de Portugal nega ligações ao crime”, elucida algumas questões importantes. Na filmagem, feita em sua casa, fala:

“nós não somos criminosos. Este é um grupo de música, dança...de diversão. Pronto, a gente era solteiro há mais ou menos três anos atrás, era difícil entrar nas discotecas portuguesas e a gente se formou para fazer nossas próprias festas, ir para balada juntos. Era cinco, seis rapazes só, e outros meninos começaram a gostar, começaram a entrar, PCP, PCP...ficou Primeiro Comando de Portugal. Era uma brincadeira. Os meninos gostam de *hip hop*, fizeram uma gravação lá no *Youtube*, colocaram fotos da gente brincando nas festas que a gente fazia...apareceu faca porque tinha churrasco, todas as festas que a gente fazia tinha churrasco..e de fato, colocaram ali de uma maneira provocativa, como se a gente fosse marginal, e aquela música é de um cantor do Brasil, não tem nada ver com hino do PCP. Quero deixar bem claro que nenhum de nós cometeu nenhum crime.

²¹³ Para aprofundar a temática sobre mídias e migrações em Portugal, recomendo a tese de Cabecinhas (2002) e os trabalhos de Cunha e Santos (2008). Para uma discussão exclusiva sobre as representações dos brasileiros no jornalismo televisivo em Portugal, ver Filho (2007).

²¹⁴ Como afirma Cunha e Santos “é importante realçar a sobrerepresentação da comunidade brasileira, que é a mais representada no total do corpus, mas de uma forma muito mais expressiva dentro do crime” (2008:80).

²¹⁵ Veiculada no dia 21 de setembro de 2008, disponível em <http://videos.sapo.pt/vWFwCjOSzID5roI0qghz>, acessada pela última vez em 04 de outubro de 2013.

No ano seguinte, ainda que a presença do PCP, *um grupo violento de brasileiros das favelas*, tenha sido negada pelas autoridades em Portugal, o número de detenções de brasileiros realizadas pelo SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) se intensificou. Numa reportagem veiculada pelo jornal Diário de Notícias, o jornalista descreve a ação do SEF, no Cenoura do Rio, discoteca brasileira famosa localizada na região da Expo, em Lisboa:

“Cerca de 20 inspectores, todos encapuzados e fortemente armados, apoiados por outros 20 elementos da PSP igualmente bem apetrechados de armas, apareceram de surpresa num bar no Parque das Nações, onde se realizou a Expo-98, e procederam à identificação de todos os clientes. Os cinco detidos, em situação ilegal, foram presentes ao juiz de instrução, ao fim da manhã, tendo sido constituídos arguidos. MC Didado, nome artístico, 22 anos, foi logo algemado quando os inspectores, encapuzados, o reconheceram no bar Cenoura do Rio. Tinha a esposa sentada no colo quando foi abordado.”²¹⁶

A possibilidade de existência do PCP serviu como justificativa da intensificação de operações junto de estrangeiros²¹⁷. De acordo com a notícia, cerca de 300 *cidadãos ilegais* foram identificados na zona de Setúbal²¹⁸, estando em curso o respectivo repatriamento. MC Didado tinha, na altura, 22 anos, era casado e tinha duas filhas. Cantor de *funk* e vendedor da ZON²¹⁹ era bem conhecido entre a “comunidade brasileira” residente em Portugal. Regressou para o Brasil no final de 2012, mora em Governador Valadares, se converteu ao Pentecostalismo e é pastor em uma igreja da cidade. Há cinco meses, publicou em seu *Facebook* dois álbuns intitulados. *Eu, o velho homem (antes)... shows, não se escandalize! E eu o novo homem. Com Deus!*

²¹⁶ Disponível em http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1149451&page=-1, acessado em 04 de outubro de 2013.

²¹⁷ É importante salientar que em 2012, nas acções de fiscalização em território português, foram identificados 8.583 pessoas com nacionalidade brasileira, sendo que 1.310 estavam *ilegais*. Por nacionalidade, tal como nos anos outros, os brasileiros (1.943) se configuram como 29,67% do total de notificações de abandono voluntário emitidas pelo SEF.

²¹⁸ De acordo com dados estatísticos (SEF, 2012), a distribuição territorial da população brasileira em Portugal evidencia uma concentração predominante na zona litoral do país, com destaque para os distritos de Lisboa (181.901), onde estão localizados o Cacém e a linha de Sintra; Faro (62.624) e Setúbal (44.197). Através dos circuitos de discotecas, bares e cafés com programações destinadas a brasileiros é possível perceber conjuntamente a dinâmica territorial desses fluxos.

²¹⁹ Empresa de telecomunicação e *internet*.

Cachoeirinha de Itaúna, os conflitos que tiveram como consequência agressões físicas e/ou morte. O espancamento de Maicon na saída de uma discoteca por seguranças *portugueses*; constantes brigas nos cafés e bares, que culminou em um assassinato em dezembro de 2012, no Cacém; o término da relação afetiva-sexual entre Camila e Roberson que teve como consequência a agressão física (de Camila sobre Roberson) e o seu internamento no hospital Amadora-Sintra, são alguns exemplos.

O porte de armas e o *estilo bandido* de se vestir, falar²²⁰, andar, somado ao gosto pelo *funk carioca* e o *rap*, constroem símbolos importantes sobre ser um *homem brasileiro*. É importante ressaltar que o Cacém está inserido numa imagética social aos *bairros problemáticos*. Os rapazes e meninas que se deslocaram de Mantena para Portugal vieram diretamente para o Cacém. Suas experiências de sociabilidade, portanto, estão circunscritas à espaços considerados periféricos - a linha de Sintra, que se converteu em um dos principais trajetos dos sujeitos, ao longo dos anos. O Centro Comercial Babilônia, na Amadora e a Feira de Monte Abraão, são alguns exemplos. Nesse mesmo contexto, a disputa dos territórios de sociabilidade e de masculinidades tornava-se evidente.

Maicon, por exemplo, ao narrar sobre os episódios mais relevantes de sua trajetória destacava constantemente sua participação em acções criminosas, detenções²²¹ e brigas no Brasil e no Cacém. Narra, rindo e enaltece essas experiências:

...fui preso no Brasil e aqui. Aqui por tráfico e no Brasil por briga mesmo. Já apanhei de polícia e aqui fiquei preso três meses. Meu tio e um outro cara ficaram presos, mas eu sai...contratei uma boa advogada.

²²⁰ Misse pondera que o “uso de expressões de gíria emula uma imagem social de “malandro” tanto quanto o uso do palavrão está associado às imagens do “macho” e da “virilidade”. Se o uso dessas expressões generaliza-se para além de seus contextos de uso frequente, isso pode indicar que os “valores” contidos nessas imagens sociais ampliaram-se para mais segmentos sociais do que antes” (2010:33). Subjetivação – Ele fala disso como produção do corpo do “bandido” – Nisso, Vigiar e Punir de Foucault também ajuda.

²²¹ Graça Fonseca (2010), na pesquisa intitulada “Percurso Estrangeiros no Sistema de Justiça Penal”, publicado em 2009, aponta para o facto de que em 2006, 20% da população reclusa masculina em Portugal tinha nacionalidade estrangeira. Dentre as principais nacionalidades estão sujeitos naturais de Cabo Verde (727), Angola (244), Brasil (243), Guiné-bissau (133), Espanha (110), Roménia (99), Ucrânia (80), São Tomé e Príncipe (53), Holanda (52), Moldávia (43) e França (34). Para a autora, existem correlações significativas entre a decisão final condenatória e a nacionalidade dos presos e aponta para uma discriminação judicial de estrangeiros.

O prédio onde a maioria dos rapazes morava era nomeado por eles como Carandiru²²². Um prédio cinzento e antigo. Na primeira vez que estive no prédio, acompanhada de Maicon, apresentou-me para André que acabara de chegar com as roupas sujas ainda do trabalho nas obras: *essa é a tal escritora que te falei que queria conhecer o Carandiru*. André responde de forma rude: *ah tá*. Vai à cozinha, traz dois litros de cerveja e fala: *Bem vinda ao Carandiru. Aqui polícia nenhuma entra e se entrar sai rapidinho. Aqui só moram brasileiros*. Depois ele e Maicon iniciam uma conversa sobre outro *gajo* que, pelo que eu entendi - eles praticamente conversavam em códigos -, devia dinheiro para André. Mas o rapaz fora bastante claro ao dizer: *o gajo já vacilou uma vez, se vacilar de novo, vou ter que dar um jeito*. E faz referência a ter armas de fogo.

Porém, ao longo da etnografia, percebia uma coexistência dos mundos: o do crime e do trabalho. E na fronteira tênue entre esses dois, a violência física era algo que resvalava em suas vivências. A oposição entre *bandido* ou *vagabundo* e *trabalhador* não servia, portanto, para compreender suas trajetórias. Mesmo os rapazes e as meninas que nunca cometeram delitos ou tiveram experiências de encarceramento e institucionalização conviveram de forma próxima a essas realidades. Camila teve seu irmão preso por cinco anos por tráfico de drogas; Sheila teve um primo assassinado *por causa de mulher* na porta da casa de sua tia no Morro do Margoso; Yan conviveu com a prisão do pai, consequência do assassinato de um policial durante dez anos, e a sua execução logo ao sair da penitenciária; Maicon comprou a primeira arma de fogo aos 14 anos para matar o padrasto que *batia nele e em seu irmão*. Estes são alguns de inúmeros exemplos.

Dessa forma, percebi que a construção de códigos e significados do que é ser homem atravessava “o mundo da construção civil” (Duarte, 2003) e conjuntamente “o mundo do crime” (Feltran, 2009). O “mundo da construção civil” para Duarte é um ambiente estritamente masculino e um local favorável para a produção de certos tipos de masculinidades, onde “a força física é exaltada como uma característica desejável”, e um contexto de compartilhamento de códigos, símbolos e hierarquias entre os rapazes que existe num duplo movimento, pois “ao mesmo tempo o local de trabalho produzia, era produzido” por certas masculinidades (2003:5).

²²² Carandiru é o nome popular da antiga Casa de detenção de São Paulo que chegou a abrigar 8.000 presos e se configurou por isso a maior prisão da América Latina. Foi desativada em 2002.

Já a acepção sobre o “mundo do crime” seguirá a noção utilizada por Feltran, ainda que o autor deixe claro na sua utilização que é uma expressão usual das periferias da cidade de São Paulo. Recorro-a pelo fato dela designar “o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objectivas, e discursivas que se estabelecem no âmbito local, em torno de negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos (2010:19)”, que atravessam as trajetórias de alguns rapazes, seja em suas experiências individuais, em suas redes familiares e de sociabilidade, ou nos locais de residência na origem. Durante a etnografia, Dalton, Wesley, Maicon e Natan foram presos. Dalton e Wesley por assalto a mão armada (um posto de gasolina e uma ourivesaria), Maicon por tráfico de drogas e Natan por assassinato. O encarceramento, para aqueles que já cumpriram a pena como Dalton, é caracterizado como uma experiência positiva:

Eu não sou bandido....fui roubar o posto, tirei 250 euros...e tive que dividir em três...quando a polícia veio atrás de mim eu já sabia...mas olha...foi até bom...tava sem trabalho..lá tem comida boa, ginásio, tv...mas agora já tá²²³.

Entretanto, esses mundos não são pólos opostos. Se em um primeiro momento, a representação do *vagabundo* ou *bandido* constrói-se em oposição ao *trabalhador*, partilha com ele características fundamentais do significado de *ser homem*, como demonstrou Zaluar (1985) e Guedes (1997) em outros contextos. Como afirmou Guedes:

“O bandido é um dos não trabalhadores mais importantes em termos simbólicos, sendo negativamente sob esse prisma, mas é também positividade, pois atualiza, de modo incontestado, uma das dimensões do modelo de homem. Por isso, estou supondo que o vetor trabalho não pode ser pensado, nesta configuração de valores, separado da concepção de homem” (1997:34).

²²³A afirmação não *sou bandido* parece estar associada a não ser um bom bandido, um bandido profissional. Todavia, na página de Dalton no facebook, há uma foto postada com Wesley, onde os dois fazem “cara de mau” e está escrito 157, referência ao artigo do código penal brasileiro específico para assalto à mão armada. O grupo Racionais Mc’s tem uma música intitulada “Eu sou 157”, cujo refrão é “Hoje eu sou ladrão, artigo 157, As cachorra me amam, Os playboy se derretem, Hoje eu sou ladrão, artigo. A polícia bola um plano, Sou herói, dos pivete (no contexto, meninos mais novos)”. No fim da música, após a morte de um dos rapazes, Mano Brown finaliza com essa mensagem: “Ae loko, muita fê naquele que tá lá em cima, Que ele olha pra todos, e todos tem o mesmo valor, Vem facil, vai facil, essa é a lei da natureza, Não pode se desesperar, E ae mulekadinha, to de olho em vocês hein, Não vai pra grupo não, a cena é triste, Vamo estuda, respeita o pai e a mãe, E viver, viver, essa é a cena, Muito Amor”.

Mais do que isso, como mostra Brant (1984) e mesmo Feltran (2009 e 2010), as pessoas vivem simultaneamente o crime e o trabalho. As permanências alternadas no Cacém e em Mantena me possibilitaram observar algumas situações em que o “mundo do crime” fazia-se presente. No primeiro dia no Morro do Margoso, reparei em movimentações de vendas de drogas. Quando eu e D. Chiquinha caminhávamos próximo de uma das bocas²²⁴ (não são muitas), fomos abordadas por Wanderson, que perguntou quem eu era. D. Chiquinha mostrou-se inquieta e respondeu: *ela é escritora e amiga da Camila lá dos Portugal*. Wanderson, por sua vez, conta que esteve em Portugal durante *muito tempo*. Pergunta-me se conheço o Amarelinho de Cascais e diz que *queria voltar, mas que tinha matado um cara e agora tava difícil*. Fala também sobre o desejo de ir para Londres, porque sua irmã casara com um inglês. D. Chiquinha continua a descer as escadas do morro, apressadamente e Vander finaliza: *you é muito simpática e eu gosto muito da Camila. Vi ela crescer. Fica a vontade e se precisar de alguma coisa estamos aí*. Vander, segundo D. Chiquinha, era um dos principais traficantes do Margoso.

Para alguns rapazes migrar se configurava como uma possibilidade de *mudar de vida*, de reconstrução de suas trajetórias, de conversão²²⁵, na medida em que possuíam antecedentes criminais, dívidas com traficantes ou inimizades que colocavam suas vidas em risco (como o caso de Wanderson, Yan e Maicon). Micael, irmão de Camila, na minha segunda estadia em Mantena havia saído recentemente da prisão após cumprir uma pena de cinco anos por tráfico de drogas e procurava trabalho como servente de pedreiro. Desanimado com as constantes recusas, reclamava da dificuldade por ser ex-presidiário somado ao facto do estigma em viver no Morro do Margoso. Sobre rapazes com antecedentes criminais e/ou dívidas (o que ele entende como *treta*), Maicon esclarece: *para quem tem treta no Brasil vale a pena morar aqui, dá para viver tranquilo. Tinha um monte de colega meu que morava aqui, no primeiro andar mesmo (do Carandiru). Resolveram voltar e agora estão todos presos lá no Brasil. Pensaram que não iam ser presos e quando desceram do avião foram todos presos. Com certeza foi algum X9²²⁶, porque eles chegaram e a Polícia Federal estava à espera deles*.

²²⁴ Ponto de venda de drogas.

²²⁵ Utilizo o conceito de conversão de acordo com a concepção em “mudar de vida” encontrada os discursos das igrejas de correntes neopentecostais, como uma ruptura entre um “antes” (no pecado) e um “depois” (com Jesus). Para uma discussão sobre religião e juventude ver Sofiati (2010), no que se refere aos novos carismáticos da Igreja Católica e Mariz (2005;2000) para as religiões neopentecostais.

²²⁶ Delator

Encontrei conjuntamente, rapazes que tiveram a primeira experiência de um ato criminoso, em Portugal, como por exemplo Dalton, Wesley e Natan.

Ao narrar também sobre sua vinda para Portugal, conta sobre o receio de sua mãe dele *virar vagabundo*. *Ser morto ou preso* era o destino de Maicon para sua mãe se permanecesse no Brasil. Entretanto, o rapaz afirma: *eu era muito trabalhador, gostava era de tomar umas birritas e fumar maconha*. Aqui reside uma diferença fundamental nas experiências dos rapazes de determinadas idades no que se refere ao consumo de drogas ilícitas. Essa diferença foi evidenciada por Feltran (2010) no contexto das periferias de São Paulo e por Caetano (2010) no âmbito da discussão sobre criminalidade e violência na região do Vale do Rio Doce (da qual Mantena e Governador Valadares fazem parte). Para Feltran, nos circuitos de classe média e de elite:

É muito comum que o consumo de drogas ilícitas esteja em boa parte desvinculado, como relação social, da violência e dos traficantes profissionais. O consumo não passa pela vinculação com a violência que o caracteriza em suas relações com a polícia. (...) nesses casos, a distribuição passa por tantas etapas antes de acessar o consumidor final, e tão capilares, que aquele que acende o baseado já está bem distante, no plano das relações sociais, daquele indivíduo imerso na sociabilidade sempre ameaçada por ações violentas da mundo do crime. O consumo nessas circunstâncias, isola-se do circuito direto do tráfico de drogas, dos interesses que o disputam e da violência que o cerca. Não é assim que a droga ilícita é percebida nos bairros das periferias, nos quais é igualmente consumida. (...) ali, se um adolescente fuma maconha nos finais de semana, é quase certo que suas relações sociais vão passar diretamente por pessoas que vivem ou obtêm parte significativa de sua renda no tráfico de drogas. Mais do que isso, é quase certo que essas relações sociais estarão marcadas pela violência- dos traficantes, dos indivíduos vinculados a eles que praticam outras ações criminosas e, principalmente da polícia (2009:110).

Caetano, da mesma forma, afirma que a violência está em todos os lugares, mas aponta para uma criminalização da pobreza: nos *bairros de classe média, em Governador Valadares, é visível o tráfico, mas eu nunca vi ninguém sendo preso. A maneira como se produzem os dados sobre a violência a vinculam a espaços socioeconomicamente desfavoráveis*. Dessa forma, *fumar um baseado* no contexto onde Maicon estava inserido, ainda que fosse *trabalhador*, o mantinha entre uma fronteira tênue entre o “mundo do crime” (Feltran, 2009:114).

Nos locais de origem, no Morro do Margoso e em Cachoeirinha de Itaúna, as concepções sobre masculinidades e feminilidades também produziam diferentes

expectativas, resultados e conteúdos simbólicos (Boyd e Grieco, 2003; Ong, 1999 e Pessar e Mahler, 2001). Se para as meninas, o receio da *coisa errada* e do *bagunçar* estava diretamente relacionada à sexualidade das mesmas, para os rapazes, a prática de delitos, a possibilidade de encarceramento e o uso excessivo de bebidas alcoólicas são as preocupações mais recorrentes, sobretudo dos familiares. Narrativas e experiências de encarceramento, visitas às prisões, relatos sobre assassinatos, participação no tráfico de drogas e uso de psicoativos eram frequentes entre mães, vizinhos, etc. A cena etnográfica que relato abaixo revela como o encarceramento parece ser um importante rito de passagem nesses contextos.

Por volta das 17 horas subo com D. Chiquinha para outras ruas do morro. Ela conhece todas as pessoas. Cumprimenta-as e diz que está dando uma volta comigo... que estou passeando, sou de Belo Horizonte, mas vivo em Portugal. Sentamos na porta da casa de D. Niquinha, que logo me perguntou se eu gostava de Portugal. Respondo que sim e ela conta que um de seus netos morou lá, voltou ao Brasil e que amanhã estava regressando a Portugal (para a Charneca da Caparica). *Sua mãe mora lá*, afirma. Relata que o neto voltou por causa da namorada e que agora *está levando ela também*. D. Niquinha é mãe de Miriane, usuária de *crack*. Na conversa com D. Chiquinha, que até há poucos meses tinha um de seus filhos preso, fala sobre seu neto de 18 anos (filho de Miriane e de Antonio, que conheci no supermercado da primeira vez que estive aqui. Ele também morou em Portugal por 8 anos) que está preso e foi autorizado a passar o aniversário no Morro. Dona Niquinha desabafa *tô cansada de cadeia*, me olha e diz *não assusta não, mas essa juventude de hoje é assim*. Conta que a namorada foi visitá-lo e que não gostou quando a sua outra avó disse para eles irem para o quarto namorar. Posteriormente, D. Chiquinha me conta que o neto dela *matou um homem por causa de mulher...essa namorada mesmo. É por isso que está preso*. Nesse contexto, a idade é um marcador social importante. A juventude, evocada por D. Niquinha, tem nos 18 anos, idade da maioridade penal, consequências importantes.

6.4 O trabalho nas obras

A dimensão laboral tornou-se relevante na etnografia por vários motivos. Em primeiro lugar, porque é o trabalho que permite aos rapazes a sobrevivência econômica e a aquisição de bens de consumo. Por outro lado, a maioria dos rapazes “conheceu” Lisboa a partir do trabalho na construção civil. Outros, como Wellington e Maicon,

viveram temporariamente em Espanha. No entanto, abordar a inserção no trabalho da construção civil²²⁷ proporciona apreender outras experiências marcantes para os rapazes na própria constituição de sua identidade pessoal, inclusive no que significa *ser homem*. Compartilho com Vale de Almeida (2000), a ideia de que o trabalho é importante para a definição da identidade social e para a construção de determinadas masculinidades. Lugar de interação e definição de estatuto social, funciona conjuntamente como um importante produtor de hierarquias e diferenciação.

Yan, por exemplo, relaciona o seu aprendizado de *virar homem* com o início do trabalho nas obras. O *trabalho pesado*, o consumo de bebidas alcólicas e a quantidade que *se aguenta beber* é associado à maior virilidade dos rapazes e faz parte do cotidiano de trabalho²²⁸.

Meu primeiro trabalho na vida foi nas obras, há 5 anos atrás, foi quando eu conheci o Maicon...eu até gostava de estudar aqui (em Portugal), já tinha passado aquela fase de matar aula e tudo...mas vi que minha mãe precisava de ajuda...você sabe o que é uma mulher sozinha sustentar uma casa? É complicado. Fui trabalhar...magrinho...nossa, não aguentava nada...tive que me esforçar... aí foi que eu comecei a virar homem, porque o puto não bebia... Eu não bebia até começar a trabalhar...aquela coisa de beber na obra, nossa já fiquei muito bêbado em obra...

É importante salientar que, na narrativa de Yan, o aprendizado do trabalho na construção civil é um rito importante na construção de sua masculinidade. No entanto, quando completou 18 anos, ou seja, adquiriu a maioridade civil, afirmou: *eu já me sentia homem, daí quando fiz 18 tive a certeza*. Nota-se que a maioridade civil, aos 18 anos, se torna um recurso importante em sua auto-identificação, mas a sua construção enquanto *homem* passa, conjuntamente, por outros aspectos não relacionados com a idade cronológica: a força física, *aguentar a beber* e ser independente financeiramente através do trabalho.

²²⁷ De acordo com Oliveira, no Brasil a força de trabalho na construção civil “compõem-se por indivíduos jovens, do sexo masculino, com baixa escolaridade, reduzida qualificação profissional e por um expressivo número de migrantes” (2008: 60), que corresponde com a sociografia dos rapazes que trabalham no ramo da construção civil em Portugal.

²²⁸ Duarte (1999), Duarte e Gomes (2008) já apontavam para o facto de que a bebida desempenha um papel crucial na formação de uma “legítima identidade masculina”. No entanto, associam-na, sobretudo aos segmentos populares. De facto, em Mantena, o consumo do álcool associado à masculinidade perpassa outros segmentos e relaciona-se sobretudo ao que se bebe – cachaça, whisky, vodka e onde se bebe. O beber whisky com energético, por exemplo, é associado às classes com maior poder económico, os *patrões*, enquanto o consumo da cachaça vincula-se às classes pobres. A cerveja se configura como a bebida alcoólica que atravessa esses dois contextos.

O uso do álcool durante a jornada de trabalho foi destacado por vários dos rapazes. A fala de Robson ilustra essa afirmação:

A gente comprava uma garrafa de whisky e virava a noite trabalhando. Direto. A gente bebia demais. Tinha uns portugueses lá que mexiam com a parte elétrica, todo hora ele tava com uma garrafa...falava: aí brazuca, toma whisky...a gente trabalhava esquentado o dia todo. Era raro o dia que eu estava bom. Cachaça pura, vodka...nossa senhora. E eu bebia mesmo. Lá todo mundo bebe...mulher, criança...o cara sai daqui pode até não beber, mas chegou lá (Portugal), acabou... Tinha um cara lá que era crente e não bebia. Quando eu saí da obra ele estava bebendo, mas bebendo mesmo!

Composta por uma rede de intermediários, o trabalho nas obras é *arranjado* através de conhecidos. *Se o patrão de alguém estiver precisando, ou de outro brasileiro que você vai conhecendo*, afirma Roberson. Oliveira, ilustra as dinâmicas predominantes sobre o recrutamento de trabalhadores nas obras:

“O cotidiano de um desempregado (na Costa da Caparica) inicia-se muito cedo, com uma ida à praça central da Costa e um vaguear insistente ao longo das principais vias, à procura de amigos ou conhecidos que disponham de alguma novidade em relação ao trabalho. A prática predonminante dos empregadores parece ser a divulgação de um contacto telefónico, que circula depois entre os migrantes, para qual devem ligar para obter informações. Em geral, um encontro é combinado em um local discreto, onde ficam aglomerados os interessados. O empregador seleciona, então, os trabalhadores, que são imediatamente transportados para a obra, onde permancem por período que podem atingir até seis meses. Não havendo contrato de trabalho, desde logo, o tempo e o espaço da atividade são definidos exclusivamente pelas necessidades do encarregado” (2006:140).

Os relatos dos rapazes no Cacém possuem uma dinâmica bastante parecida, sobretudo no que se refere à mobilidade repentina e aos períodos de trabalho intenso e outros de inatividade. Entretanto, no grupo, a gestão das ofertas de trabalho e da contratação era feita em grande parte por Maicon, que possuía os principais contactos dos empregadores. Através dele, Wellington, Beto, Robson e Jonas *conseguiram trabalho*. O *patrão* de Maicon, Jorge, foi responsável pela elaboração do contrato de trabalho de Maicon, Beto e Jonas, e, posteriormente, de Juliana, *mulher* de Maicon. Foi através do trabalho em uma das obras de Jorge que Maicon e Yan se conheceram.

Machado, através da figura do *broker* (intermediário), inspirado pela biliografia sobre coronelismo e poder local que analisam as relações de poder e o papel desses

personagens e pela análise de Feldman-Bianco (1981) sobre imigrantes e mediações em lugares específicos, demonstra o prestígio e a importância destes sujeitos para os imigrantes brasileiros no Porto. É através dos *brokers* que os sujeitos que chegaram recentemente conseguem trabalho ou um emprego melhor, “oportunidades financeiras das mais variadas” e um acesso diferencial no mercado de paquera (2007:175). A figura do *broker* também revalida a importância das redes sociais e de suas complexas relações de *ajuda* nos processos de deslocamentos, mostrados de forma pormenorizada no Capítulo 2.

Nesse sentido, no Cacém, considero Maicon um *broker*. O facto de Maicon possuir os principais contactos de trabalho e ter a *confiança do patrão*, explica em parte a liderança exercida no grupo. Maicon foi um dos únicos que chegou a ser encarregado, ocupação de respeito e influência na construção civil. A narrativa de Jonas ilustra a *intimidade* de Maicon com o patrão e a importância das redes de amizade e conhecimento:

Desde quando eu cheguei tive dois patrões empreiteiros. O primeiro que trabalhei seis meses e agora o Jorge. Quem me orientou foi o Beto e o Maicon. O Wellington não tinha tanta intimidade com o patrão. Já eles, trabalhavam com ele há mais tempo.

Jonas começou a trabalhar depois de dois dias de sua chegada no Cacém. Segundo ele, na favelinha era um bom lugar para encontrar contatos de trabalho na construção civil. O primeiro trabalho de Jonas foi em Fanhões, *para lá de Loures*. *Trabalhava eu, mais um brasileiro e um português*. Para Jonas, o trabalho em si na construção civil é parecido no Brasil e em Portugal, o que é diferente são as pessoas *com quem você trabalha e maneira como as pessoas trabalham*. Se para Jonas o trabalho nas obras em Portugal *é mais rápido, mais adiantado...trabalha mais...tem que mostrar mais trabalho aqui*, Maicon afirma o trabalho em Portugal *é mais leve* que no Brasil, pelo facto de existir algumas máquinas. No entanto, o facto de ter mais intimidade durante algum tempo com o patrão, permitia-o negociar suas funções.

A repartição de tarefas no mercado da construção civil em Portugal foi observada e parece ter como critério de hierarquização as origens nacionais e étnicas. Em todas as narrativas aparecia a noção de *equipes*. A equipe dos *africanos*, dos *brasileiros* e dos *ucranianos*, com funções bem demarcadas que condicionavam inclusive a sociabilidade entre os trabalhadores. Com estatuto mais baixo estavam os

africanos, responsáveis pela cofragem²²⁹, a forma e o *esqueleto da obra*. Acima surgem os brasileiros que têm como função os acabamentos. Em posição elevada foram relatados em alguns casos encarregados ucranianos e/ou portugueses. Os patrões são sempre portugueses.

Meu encarregado era ucraniano. Que trabalhava para um português. Eu já trabalhei perto de um angolano, mas com eles assim, não. Quer dizer, a gente trabalhava na mesma obra, mas eles mexiam com cofragem, tipo o esqueleto da obra...essas coisas e a gente com acabamento. (Roberson)

Tinha três ucranianos...um era advogado na terra dele. Tinham várias equipes, a gente via os africanos, mas eles mexiam com ferro e a gente com alcatrão. A gente convivia mais era com os ucranianos. (Yan)

No entanto, o trabalho na construção civil possui ainda outras particularidades. Um mercado laboral marcado por condições precárias de trabalho, sazonalidade e risco físico tem consequências nos projectos de vida e nas experiências dos rapazes. Surgem narrativas recorrentes sobre trabalhar e não receber, ganhar menos que o combinado, excessivas horas de trabalho, ausência de contrato e acidentes de trabalho.

As narrativas sobre o trabalho nas obras dos rapazes de Mantena são semelhantes aos dados coletados por Oliveira (2006) em sua pesquisa na Costa da Caparica, região marcada pela concentração de brasileiros, ao identificar um conjunto de relações sociais e econômicas ligadas ao trabalho na construção civil. A ausência de contratos de trabalho, que leva à “ilegalidade” e à evasão dos empregadores de qualquer obrigação legal, foi observada pelo antropólogo. Roberson, por exemplo, foi um dos rapazes que teve um grave acidente de trabalho ao desabar do quarto andar de uma obra²³⁰.

Ninguém trabalhava de capacete. Eu sofri um acidente na obra. E na minha obra estava todo mundo ilegal, tudo brasileiro. Fui para

²²⁹ Cofragem é um termo utilizado na construção civil para fazer referência a construção da forma e estrutura de edifícios.

²³⁰ De acordo com dados de 2007, ocorreram 12.489 acidentes de trabalho com estrangeiros, a maioria nas áreas da construção civil e das indústrias transformadoras. Dentre este número, 20 acidentes foram mortais. Levando em consideração a nacionalidade dos trabalhadores acidentados, os brasileiros surgem em primeiro lugar. No mesmo ano, 4 trabalhadores morreram e 3.138 tiveram acidentes não mortais (Oliveira e Pires, 2010:50). A esta evidência estatística é preciso salientar que inúmeros estrangeiros trabalham na informalidade, ou seja, não tem o trabalho no sector da construção, o que os torna invisível nos dados. O caso de Marlon é um exemplo.

o hospital e meu patrão pagou tudo: os dias que fiquei parado, os remédios. Mas eu disse que não tinha caído na obra. Porque ele falou que se eu dissesse eu ia arrebentar com os meus amigos, né... iam fechar a obra e todo mundo ia perder o trabalho. Aí eu concordei né. Foi melhor assim. E tava sem andaime né. Se a coisa (inspecção) fosse lá eu ganhava o processo, né. Mas foi bom para mim e foi bom para todo mundo. Quando eu estava lá, morria gente direto. Morreu um amigo meu eletrecutado, um caiu de um andaime e morreu. Eu caí do quarto andar e não morri!

Se a explicação sobre a intensificação do número de brasileiros em Portugal se relaciona com o crescimento do mercado da construção civil e obras públicas, o que levou a um aumento das oportunidades de trabalho nesses setores (Malheiros, 2007; Oliveira, 2006), a crise nesse mesmo setor, que se inicia em 2010/2011, teve influência direta na vida dos rapazes e meninas de Mantena. No final de 2011, comecei a observar maior dificuldade dos rapazes que reclamavam da *falta de trabalho nas obras*. Eles passavam mais tempo em casa ou nos cafés, e Jonas e Wellington voltaram a viver com Sheila que, naquela altura, assumia a casa financeiramente (renda e comida). De acordo com ela, era sua *obrigação* ajudar, já que *são do mesmo sangue. Outro dia dei 20 euros para cada um, fiquei com dó, eles estavam sem dinheiro, coitados!*

No início de 2012 a situação agravou-se. Em uma de minhas visitas ao Cacém fiquei bastante impressionada com a situação financeira das pessoas: o desemprego já de longa duração entre os rapazes e até mesmo falta de comida, já que a única pessoa na casa a contribuir era Sheila, que relatava: *a última semana foi cheia de problemas...cortaram a água e o gás estragou...Tive que arrumar 53 euros para pagar a multa....a Samanta me emprestou. Tem umas coisas que só acontecem comigo.*

Por outro lado, o desentendimento de Maicon com o patrão, Jorge, teve conjuntamente, consequências para todos. A relação dos dois andava estremecida. Um acidente com a carrinha da obra, fora do horário de trabalho, e Maicon estava embriagado; o facto de Jorge diminuir o valor da hora de trabalho e não pagar a alguns dos ajudantes, como por exemplo Wellington e Beto, contribuíram para o conflito. Mas a detenção de Maicon, em Janeiro de 2012, por furtar um carro (segundo ele pegou emprestado para ir à Ericeira) e o seu posterior espancamento no Cacém que o levou quase à morte foram determinantes nesse desfecho. Havia pouco trabalho, o valor da hora trabalhada havia diminuído, eram cada vez mais constantes os relatos sobre trabalhar e não receber. E Maicon, o *broker*, perdera o prestígio e a *intimidade* com o patrão. Na manhã de 12 de Janeiro de 2012, Maicon me liga, como de costume.

Pergunto se está tudo bem e onde estava trabalhando. Ele responde: *eu fui trabalhar, mas meu patrão me falou umas coisas que encheram o saco e eu voltei para casa*. Pergunto o que o patrão havia falado e ele finaliza a conversa: *depois a gente conversa, essas coisas a gente não fala pelo telefone*. Maicon não voltou a trabalhar mais para Jorge.

6.5 Construindo a diferença e novas hierarquias: tensões, respeito e masculinidades entre “brasileiros” e “pretos”

Ainda que, no início da minha pesquisa, não tivesse a pretensão em discutir sobre sistemas de classificações raciais, esse marcador social se revelou importante, na medida em que os rapazes migrantes criavam repertórios que accionavam complexas articulações entre raça/etnicidade/nacionalidade como elementos constitutivos da identidade pessoal e de grupo. Logo nos primeiros meses de realização da etnografia no Cacém, percebi uma nítida separação entre os grupos dos *brasileiros* e dos *pretos*. Inicialmente, Sheila e outras pessoas esclareciam-me o uso da categoria *preto*: *Preto, eu falo assim, africano [risos]. É que eu acostumei a falar como os portugueses. Preto, portanto, era uma apropriação de uma categoria utilizada pelos “portugueses” para fazer referência aos PALOPS*.

Mas no Cacém ou em Portugal, o que significa ser *preto*? Num primeiro momento, procurei compreender a segregação étnica no bairro, como também os lugares simbólicos dos atores locais anunciados pelos sujeitos nesse cenário: *os pretos, os portugueses e os brasileiros*. Pensar sobre a inter-etnicidade poderia ser um caminho interessante. É importante ressaltar que a conceptualização da etnicidade nas ciências sociais americanas encontra nas migrações internacionais, sobretudo a partir do estudo pioneiro de Thomas & Znaniecki (1918), um forte impulso. Pensar sobre a incorporação dos imigrantes nas sociedades americanas foi objetivo de várias monografias e estudos empíricos, incorporados na sociologia urbana da Escola de Chicago, onde as diferenciações étnicas das cidades através da segregação socio-espacial eram analisadas através do conceito de etnicidade, o que significou um deslocamento de “imigrantes” para “étnicos” (Poutgnat e Streiff-Fenart, 1997) ²³¹.

²³¹ Para uma revisão teórica do conceito de etnicidade sugiro a leitura de Poutgnat e Streiff-Fenart, (1997) e Barth (1969).

Todavia, foi na etnografia de Bourgois (2002 [1995]) *El Barrio*, cuja convivência entre portorriquenhos que moravam nos EUA e afroamericanos provocavam “hostilidades interétnicas” e inúmeros “deslocamentos sociais”, que encontrei algumas pistas²³². Ao descrever as relações entre afroamericanos e porto riquenhos no bairro, o antropólogo afirma:

“A tensão racial no El Barrio não estava focalizada exclusivamente em torno dos brancos. A rede de Ray era intensamente segregada em seu interior. Ela era composta quase que exclusivamente por sujeitos de segunda geração, Nova Iorquinos nascidos em Porto Rico. Ainda que Ray fosse classificado como “black” pela sociedade anglo-americana – como a maior parte de seus empregados - a maioria das pessoas eram explicitamente hostis com os afro-americanos (...) “Os negros e porto-riquenhos realmente não se dão bem aqui” (2002:22).

Este excerto demonstra proximidades e diferenças em relação ao Cacém. A existência de uma tensão racial e o facto da maioria dos sujeitos que são explicitamente hostis com os *pretos* se autoidentificarem como negros, ou afro-brasileiros²³³ e serem, conjuntamente, identificados pelos portugueses como *africanos*, pode ser considerada uma regularidade. A propósito, são recorrentes as queixas de rapazes e meninas ao serem *confundidos* com angolanos ou cabo-verdianos. A narrativa de Maicon é categórica: *Já pensaram que eu era cabo-verdiano... foi numa discoteca... eu disse não, eu sou brasileiro. Eu me considero negro... não sou branco. E nem preto.* Yan, um dos rapazes considerados mais “clarinhos”, que se auto-identifica como afro-brasileiro no seu perfil do *Orkut*, como a maioria dos outros rapazes, demonstra a ambiguidade das classificações raciais que podem ser compreendidas unicamente como categorias relacionais:

Eu não sou preto. Falo que sou afro-brasileiro porque minha mãe tem descendência, minha bisavó era preta, mesmo preta! Branco eu não sou, preto eu também não sou...talvez mulato... mas se calhar mulato é mais escuro, né!

²³² “Racial tension in El Barrio is not just focused around whites. Ray’s network was intensely internally segregated. It was almost exclusively composed of second-generation, New York-born Puerto Ricans. Although Ray himself would be classified as “black” by anglo society - as would almost half of his employees - most were explicitly hostile to African- Americans (...) Blacks and Puerto Ricans really don’t get along here”. Tradução minha.

²³³ A categoria afrobrasileiro emerge da própria classificação racial do site de relacionamentos Orkut que disponibiliza na elaboração dos perfis, as seguintes opções de *etnias*: branco (caucasiano), afro-brasileiro (negro). Nos perfis do *Orkut*, a maioria dos sujeitos se auto identificam como afro-brasileiros, ainda que a categoria *pretos brasileiros* seja utilizada por rapazes de pele *mais escura* para se diferenciarem dos outros *pretos*.

Como apontou Woodward (2009), ainda que a identidade seja marcada pela diferença em lugares ou contextos particulares, algumas marcas de diferença são vistas como mais importantes que as outras. No Cacém, ao longo da etnografia, fui compreendendo que a demarcação simbólica de *ser brasileiro* era, sobretudo, uma contraposição à categoria *preto* e estava associada a outros elementos que ultrapassavam a cor da pele ou a origem étnica. *Ser preto*, significava na maior parte dos casos ocupar uma posição inferior na hierarquia das diferenças em Portugal. Dito de outra forma, a referência aos *africanos*, mais do que através da cor da pele²³⁴ se dá através da ideia de uma *cultura diferente* da brasileira que remete para hierarquias entre “Brasil” e “África”. Como muitos deles afirmavam: *o Brasil é o Brasil...a África não é nada*. É importante ressaltar que essa escala hierárquica opera de forma semelhante aos imaginários sobre esses lugares em Portugal²³⁵. Era melhor ser *preto brasileiro* que *preto africano*, categoria que preenche um lugar de menos *status* também nas atividades laborais marcadas por uma clara etnicização, como é o caso da construção civil e a área de limpezas.

Dentro de uma hierarquia de valores simbólicos ligada à branquitude do Estado-Nação de origem, um Brasil “branco”, ou “mestiço”, no Cacém, os *pretos brasileiros* são brancos. Angola é *preta*. Os *pretos africanos* são pretos. Além do mais, o Brasil faz parte de um “Ocidente” em desenvolvimento e a África não. Talvez seja por esse motivo que se branqueia o *preto brasileiro* no Cacém.

O que pretendo demonstrar é como os contextos migratórios são relacionais, na medida em que determinados cenários e localizações envolvem complexos sistemas classificatórios, nos quais a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outros grupos, que são produzidos discursivamente e que inclui ou não a

²³⁴ É importante assumir que não vou trabalhar as teorias raciais ou sobre os conceitos de etnicidade, o primeiro, um polêmico corpus teórico, sobretudo no caso brasileiro e o segundo, empregado sobretudo, nos EUA e na Europa, especialmente no que se refere à trabalhos e investigações sobre os “imigrantes”. Limito-me a inseri-la como um dos mais relevantes marcadores de diferença na produção de diferenças no Cacém, que, todavia, se articula com outros marcadores sociais. Reconheço também, que um dos caminhos para pensar esta etnografia poderia ser a realização desta discussão, que pretendo, talvez, realizar no pós-doutoramento. Para uma discussão sobre os sistemas de classificação racial e a produção de identidades raciais e étnicas no Brasil, ver Fry (1996), Oliveira (2004), Vale de Almeida (2000) e Sansone (1996).

²³⁵ Cabecinhas (2002), na tese intitulada “Racismo e Etnicidade em Portugal” conclui que de modo geral, na sociedade portuguesa, à exceção dos ciganos, que são colocados numa posição subalterna, sujeitos oriundos das ex-colônias africanas possuem um menor estatuto social e não são diferenciados em termos de grupos nacionais. Ao contrário, são homogeneizados sob a classificação de «africanos» ou «pretos».

categoria nacionalidade. No Cacém, um território marcado por uma intensa presença de africanos de língua portuguesa e, mais recentemente, de brasileiros. Em muitos momentos, a diferença é construída em oposição aos angolanos e cabo-verdianos (*os pretos*), que envolve a “negação de que não existem quaisquer similaridades entre os dois grupos” (Woodward, 2009:9), categorizados de forma homogénea como *pretos*, independentemente de sua origem nacional.

Contudo, as demarcações da diferença também são eleitas de acordo com as experiências nos locais de origem. Em Mantena, a hierarquia de classificação racial se entrecruza com a classe. Ser “negro” na cidade se configura como o mais baixo nível hierárquico, enquanto no Cacém, ainda que se verifique uma desigualdade de classe (sobretudo no que se refere aos portugueses), a interação social com os africanos tem tornado possível a elaboração de novos arranjos classificatórios. A construção da diferença (Brah, 2006) é produzida através da articulação e hierarquização de outros marcadores de diferenciação social: gênero, sexualidade, nacionalidade e etnicidade. Ser *preto brasileiro* no Cacém parece mais vantajoso do que ser *negro e pobre* em Mantena.

Todavia, pensar as relações de poder no Cacém e a construção e ressignificação das diferenças pressupôs, conjuntamente, reflectir sobre as concepções de diferentes masculinidades, atravessadas não somente por categorias raciais e étnicas, como conjuntamente gênero e sexualidade.

Ainda que para ser *preto*, bastasse ser oriundo da África e ter a pele escura, *ser brasileiro* quando relacionado a cor da pele, significava *ser moreno/a*. Todavia, não bastava para *ser brasileiro* ter nascido no Brasil. Existia um conjunto de estilos, comportamentos e *hexis* corporais (Bourdieu, 2006 [1964])²³⁶ que tornavam os rapazes e as meninas mais ou menos *brasileiros*. Nas discotecas, cafés e eventos brasileiros, membros de bandas, dançarinos (as) e MC’s de *funk*, produzidos como “novas celebridades” dentro do grupo, são reconhecidos como tendo um *status* elevado. Dessa forma, utilizo a noção de estilo de Abramo (1994) e Simões, França e Macedo (2009), como “um jeito de dar-se a ver em público, uma forma de encenação e comunicação”. Esta noção de estilo tornou-se relevante à medida que permite articular interesses e expectativas de auto-imagem e imagem colectivo a determinados objectos, corpos e práticas, que, nesse contexto específico, definem os significados do que é *ser brasileiro em Portugal*, nomeadamente no Cacém.

²³⁶ O que é entendido por *hexis* ultrapassa a noção de *capital físico ou corporal*, correspondente a uma disposição e a uma trajetória individual, mas inclui conjuntamente, uma dimensão de grupo.



Foto 24 – Folder de divulgação de uma “festa brasileira”

Mas *ser brasileiro* no Cacém envolvia outros conteúdos simbólicos para além de um estilo e uma estética específica. Havia uma disputa clara de territórios que envolviam noções de respeito e poder associados a um sujeito criminal e masculino. As narrativas sobre *confusões*, *brigas*, ameaças de morte eram recorrentes, sobretudo nos espaços dos cafés que geralmente envolviam tensões e disputas entre *brasileiros* e *pretos*. Como afirmara Vale de Almeida (2000:186), nos cafés “está-se exposto também aos inimigos”. A tensão entre esses “grupos” parecia aumentar desde a primeira vez que estive no Cacém, em Janeiro de 2010. A maioria dos espaços era frequentada ou por *brasileiros* ou *africanos*. Quando se reuniam em um mesmo espaço, e os cafés eram os prevacentes, - depois do trabalho nas obras nos dias de semana ou nos finais de semana durante o dia - havia sempre *confusão*, como relatavam os rapazes e meninas.

Em uma das visitas ao Cacém, encontrei Wellington no Minipreço. Caminhávamos juntos em direção à casa de Sheila. No caminho, Wellington relatava o incidente da noite anterior, no café. De acordo com ele, um *preto estranhou*²³⁷ Maicon, e o resultado foi que *ele quebrou uma garrafa de cerveja na cabeça de um deles*. Muita confusão, brigas e algumas pessoas separaram. Depois da *briga*, segundo Wellington, Maicon pegou uma arma de fogo e *queria descer para matar o cara. Tranquei a porta e escondi a chave, teve que ser!*

²³⁷ Desentendeu-se.

No Cacém, encontrei códigos de interação distintos entre os rapazes que não implicam em relações de igualdade. Se os homens são rivais potenciais na competição pela masculinidade (Vale de Almeida, 2000:188), um modelo frágil que pode ser constantemente reconstruído e que é competitivo e hierarquizante, as classificações e posições entre os rapazes vigentes se estabelecem de maneira situacional. Em um primeiro nível, poderíamos falar sobre os códigos de interação nas relações entre *pretos* e *brasileiros*, cujos cafés são um dos poucos *locus* privilegiados de sociabilidade entre esses grupos. A interação entre esses grupos, sinónimo muitas vezes de *confusão*, é reconhecida pelas próprias discotecas do entorno, que distinguem os eventos entre *noite brasileira* ou *noite africana*, ainda que nas *noites brasileiras* se escutasse poucas músicas africanas, como o kuduro, e, nos *eventos africanos*, músicas brasileiras, como o *funk carioca*.

Nessas relações predominam uma escassa comensalidade – bebidas e cigarros - e uma co-existência no espaço dos cafés desconfiada. Ainda que se note como hábito recorrente cumprimentar todos as pessoas que estão no café, não são aceitáveis brincadeiras em tom jocoso, como tentativas de feminizar alguns rapazes ou emitir comentários sobre *gajas brasileiras*. O contrário também foi evidenciado. Aliás, de forma similar aos contextos de origem, as brigas e os desentendimentos - ainda que no Cacém as rivalidades entre rapazes eram classificadas como *entre pretos e brasileiros* – eram, em sua maioria, motivados por questões relacionadas à honra masculina: quando se desrespeita *a mulher de alguém* ou por disputas entre *quem era mais homem*. No Cacém, o lugar prevalecte para a ocorrência de conflitos eram os cafés.

Nos cafés, era o *rap* brasileiro, fundamentalmente o paulista, que transitava nos espaços de *pretos e brasileiros*. A maioria dos rapazes brasileiros tinha como bandas favoritas, os Racionais MC's e a Facção Central²³⁸. O contrário não fora evidenciado: o

²³⁸ Racionais MC's é um grupo de *rap* paulistano, fundado em 1992, que teve e tem forte impacto no Brasil. O grupo foi responsável pela passagem do *rap* nacional de um gênero musical periférico, para um fenômeno musical nacional. Para Gessa (2010), “este grande sucesso veio da voz e da capacidade musical de quatro homens negros que viviam nas áreas mais pobres da cidade mais rica do Brasil, São Paulo. Seus nomes são Edi Rock, KL Jay, Ice Blue e Mano Brown”. Racionais MC e seus álbuns são importantes para dar voz a um grande número de jovens negros e meninos que vivem nas favelas por meio de um discurso político, poético e musical fornecendo-lhes os meios para articular os sentimentos associados com ser negro e pobre. No Brasil, durante muito tempo, a classe média branca tem sido o protagonista de demandas populares e líder de movimentos de transformação social na área de obras literárias e artísticas projetos”. Sobrevivendo no Inferno foi uma das obras que mudaram esse cenário. Pelo *rap*, Racionais MC deu às palavras e música um novo tipo de ressonância e poder. Facção Central é um grupo paulistano de *rap*, fundado em 1989. Uma das polêmicas que envolvem a banda é o facto de uma de suas músicas, “Versos Sangrentos” foi alvo de censura no Brasil, sendo o videoclipe retirado do ar.

rap negro de Lisboa (Raposo, 2007e 2010), cantado sobretudo em crioulo era desconhecido pelos rapazes de Mantena. Maicon, quando perguntei sobre as memórias de sua infância, respondeu-me agressivamente: *Infância? Que infância, menina! Eu não tive infância, quem teve foi você!* E mostra-me uma de suas músicas preferidas do grupo Facção Central, “Eu não pedi para nascer (2003)”. Depois de escutarmos a música, juntos, ele fala: “*é fixe*²³⁹ ... *a gente que cresce no meio da violência mesmo... sei lá... gosto das letras, desse tipo de música... e quando escuto...sei lá, fico mais tranquilo... facção... racionais.*”

Maicon relembra cenas em que era obrigado a trabalhar na *roça* e apanhava de seu padrasto. Narra sobre o facto de ter a sua primeira festa de aniversário aos 23 anos, no Cacém: “*gastei 500 euros... mas fiz minha festa... nunca tive essas coisas... a gente (ele e o irmão) via os outros com brinquedo, festinha, bolo... mas a minha mãe e meu padrasto....*”

Ao longo dos três anos e meio no Cacém, as retóricas e discursos exagerados de Maicon sobre suas façanhas nas brigas e *tretas* com os *pretos* eram recorrentes e demonstravam “bravura” e “virilidade”²⁴⁰, como também os casos de conquista sexual de meninas. Todavia, a primeira vez que entrei no café de Seu Nuno, um espaço quase exclusivamente masculino e prioritário de “confusões”, estava acompanhada de Maicon e Yan, após oito meses do início da etnografia. Corroboro com a análise de Vale de Almeida, que reitera a importância dos *cafés*, a “casa dos homens” na “lógica local de organização da vida quotidiana” em sua etnografia no Alentejo. Se para o autor, “foi um espaço-tempo privilegiado para a minha observação e interação, onde inclusive as informações sobre os outros dois (o trabalho e a família) foram sobremaneira recolhidas (2000:58), a relevância dos cafés na sociabilidade masculina no Cacém, como também nos bares em Cachoeirinha de Itaúna em Mantena, foi constatada. Todavia, ao contrário de Vale de Almeida, pelo fato de ser mulher e solteira, o meu acesso a esses espaços era condicionado à presença dos rapazes, fundamentalmente Maicon e Yan, no Cacém, e Beto, em Cachoeirinha de Itaúna.

Depois de cortar o bolo, no aniversário de Wellington, Maicon sugeriu a todos que fôssemos ao café e que ele pagaria. *Vamos comemorar o aniversário do Wellington!* Percebi que as pessoas não gostaram muito da idéia, afinal lá era tido por todos como o *lugar da confusão*. O café era

²³⁹ Gíria utilizada em Portugal, significa legal, bacana.

²⁴⁰ Fonseca (1996), ao desenredar os códigos de honra masculinos que regulavam a interação em uma vila localizada em Porto Alegre, assinalou de que maneira noções de “bravura” e “virilidade” funcionavam como importantes componentes do prestígio masculino.

o espaço em que Wellington contara sobre a *última briga de Maicon com uns africanos*- garrafas quebradas, a tentativa de buscar a arma de fogo. Yan pondera com Maicon e diz que era melhor eles irem buscar a cerveja para tomar em casa, porque não achava boa ideia ir com as meninas, eu, a "mulher do Wellington", Sheila e Camila, porque lá era muita bagunça. Maicon diz que não, que iria reservar uma mesa lá no canto e que ninguém mexeria com a gente. Com muita paciência, Yan convence Maicon e eles decidem ir apenas comprar cervejas, já que haviam acabado. Porém, me convidam para acompanhá-los. Confesso que senti medo, consequência dos episódios relatados ao longo do tempo que permanecia no Cacém. Mas não poderia perder essa oportunidade. Era a primeira vez, depois de 9 meses de trabalho de campo que teria acesso ao universo dos cafés. Fomos somente Eu, Maicon e Yan. O café estava cheio. Tocava Racionais Mc's. "Sobrevivendo no Inferno"²⁴¹. Na porta, vários pequenos grupos de homens em roda. Maicon e Yan cumprimentaram todos eles. Logo que entrei no café haviam de mulheres eu, Carla, uma travesti brasileira, e mais duas mulheres. Todos bebiam e fumavam muito. Poucos portugueses, a maioria eram africanos e brasileiros. Maicon e Yan conheciam quase todas as pessoas... Maicon me mostra o gajo que ele havia brigado da última vez... e diz "tas a ver, nós brigamos, mas eu falo com ele e tudo. Ao entramos, Maicon sugeriu que tomássemos uma cerveja lá... Eu, ele e Yan sentamos em uma das mesas, mais reservada e começamos a conversar. Yan conta que não gostava de trazer as meninas no café porque só rolava bagunça. Pergunto se era por causa das brigas. Ele responde: também... aqui, rola de tudo... muita bebida, muita droga... e que não gosto de estar aqui com meninas e chegar os caras oferecendo e chamando para fumar ou cheirar. Maicon relata que já usou muitas drogas, que não gostava de mentir... e que às vezes gosta de cheirar. Mas, por exemplo, ele exclama: não gosto de estar aqui com você e chega um gajo me oferecendo coca... você vai pensar que eu sou um drogado. Falo que achava que era porque haviam muitas brigas naquele espaço. E relato que presenciei uma "briga" em Cachoeirinha, onde um dos rapazes havia agredido uma mulher, a dona do bar. Imediatamente, Yan e Maicon concordaram que não admitiam homens que batiam em mulheres... Yan diz que sua mãe apanhava muito de seu pai, que chegava bêbado em casa... não suporto... se puder entro, mas me dá vontade de vomitar. Maicon completa dizendo que não é capaz de bater numa mulher porque elas não aguentam. Sentados ali, chegam mais dois brasileiros, o Baixinho de 46 anos, capixaba e um outro rapaz do Mato Grosso do Sul. Eles me apresentam: essa é minha amiga a Paula! Usualmente, Maicon me apresentava e logo alertava que não era para folgarem comigo. Um dos homens responde com dois pitbulls do lado, quem vai chegar aí, perto dela. Percebi que eles usufruem de "algum respeito" ali no Cacém. Baixinho diz: na última semana fizemos um trato aqui nesse café... quem vai mandar aqui agora vai ser nós, os brasileiros e não os

²⁴¹ Sobrevivendo no Inferno é o nome do quarto álbum lançado pelo grupo Racionais Mc's no ano de 1997. Foi o primeiro e o único álbum de rap que vendeu 250.000 cópias em apenas uma semana, somando, em menos de seis meses, meio milhão de cópias vendidas (Gessa, 2010).

africanos...porque se a gente não tomar conta da nossa casa quem vai tomar, não é não? Todos riem. Os rapazes cumprimentam também *africanos*. Mas é um *brasileiro, preto*, que chega agressivamente perto de mim dizendo que eu teria que pagar uma cerveja para ele. Não entendi se era brincadeira, ou não. Mas fiquei receosa e sugeri ao Maicon que deveríamos ir embora, pois todos estavam nos esperando. Maicon responde: *vamos tomar mais uma*. E eu digo: *não, eu vou subir, mesmo sem vocês*. E ele então responde: *então vamos embora*. Compra mais 5 litros de cerveja e marca na *sua conta*. Regressamos os três, para o apartamento de Sheila, o 502.

No Cacém, o prestígio masculino era alvo de disputa em territórios simbólicos e físicos, sobretudo com os *pretos*. Afirmo sobretudo com *pretos*, uma vez que os *portugueses*, ainda que discursivamente, não se configuravam como um grupo que ameaçava a “virilidade” e a “bravura” dos *brasileiros*, sobretudo no que se refere à sexualidade e à disputa das meninas. Durante o último ano da realização da etnografia, os conflitos entre *brasileiros* e *pretos* aumentaram no Cacém. A recorrência de brigas nos cafés ou discotecas brasileiras -nomeados pelos sujeitos como *risca faca* ou *faca show*, um termo usado para classificar pejorativamente lugares de diversão onde desavenças e brigas são frequentes. Em suma, quer dizer *lugar de briga, confusão*²⁴² que eram cada vez mais frequentes, como também a aparição de armas de fogo ou *quebras e vôos de garrafas*. Não pretendo dizer que antes os conflitos não existiam, mas, *geralmente*, eram mediados de forma eficiente por Maicon, Ivo, ou ainda por mim. Era preciso *esfriar a cabeça dos gajos*, como explicava Sheila.

Em Junho de 2012, Maicon havia regressado para o Brasil e grande parte dos rapazes encontrava-se desempregado, consequência da crise econômica que atingiu primeiramente a área da construção civil. Isso quer dizer que o tempo de permanência nos cafés era cada vez maior. Em uma noite, recebo uma ligação de Camila que pedia *ajuda* para encontrar *um bom advogado*. Tales, seu namorado, tinha sido detido em Mem Martins portando uma arma de fogo. De acordo com ela, o motivo do porte de arma estava relacionado a uma briga recente do namorado com um *preto do Cacém*, que havia *comido a namorada de um amigo*. A arma era para *assustar* o rapaz que estava jogando futebol naquela região. Interpelei Camila sobre o porquê de Tales ser o responsável pela *vingança* do amigo, já que não era sua a namorada. E Camila respondeu: *ah menina, sei não. Coisa de homem...é que um preto comeu a mulher de*

²⁴² Há músicas que fazem referências a esses lugares, associados ao consumo de álcool demasiado e às constantes confusões, como por exemplo “Risca faca” da banda Aviões do Forró.

um brasileiro, aí já viu né! Tales fora interceptado pela polícia antes de encontrar o rapaz no campo de futebol. Ficou detido uma noite e responde processo por porte ilegal de armas de fogo.

Contudo, foi em Dezembro de 2012 que uma das desavenças teve como consequência extrema o assassinato de um *angolano* por um *brasileiro*²⁴³. Natan, um rapaz brasileiro havia entrado no café de Sr. Nuno fora abordado por Fallu que disse: *não pagas nada? Paga uma cerveja!* Natan respondeu negativamente e Fallu não gostou: *Brazuca folgado!* Ao sair do café, acompanhado de sua namorada, Pâmela, Fallu *mexeu com a moça*. Passou-se uma semana. Natan voltava para casa e fora surpreendido por Fallu e uma *turma de pretos*. Apanhou muito e disse para Fallu: *vou te matar!*²⁴⁴

Depois de algumas semanas, Natan entrou novamente no café onde estavam Fallu e outros amigos. Fallu chamou Natan para *conversarem* lá fora. Natan foi. Fallu pediu desculpas, mas Natan disparou três tiros em Fallu, que morreu na hora. Natan foi preso em flagrante. Este episódio mudou radicalmente a sociabilidade no Cacém. Ainda que alguns rapazes e meninas afirmassem que, a partir daquele incidente, *os pretos* iriam respeitar os *brasileiros*, como me explicara Magno: *esses pretos são folgados... agora vão respeitar mais... bateram no Natan que tava sozinho. Covardia...e ele falou que ia matar o Fallu. Foi lá e matou... porque brasileiro tem sangue nos olhos, não é que nem africano que anda com faca não!* Porém, como elucidaram Jéssica, Sheila e alguns rapazes, de fato, estava cada vez *mais difícil ser brasileiro* no Cacém.

6.6 Entre modelos “tradicionais” e de abertura: sexualidade, moralidades e família

Uma vez que o esquema conceptual adoptado pressupõe reflexionar sobre o gênero não apenas como uma categoria analítica, mas como um tipo de diferenciação que assume conteúdos específicos em contextos particulares que se intersectam com outros marcadores de diferença (Strathern 1988; 2006; Piscitelli (2008; 2010; 2011;

²⁴³ É importante salientar que a reconstrução deste episódio foi possível a partir das narrativas de vários dos sujeitos que estavam presentes. Na altura, eu estava no Brasil e quando regresssei Natan continuava preso.

²⁴⁴ Se, como demonstrou Vale de Almeida (2000:190), o relato de proezas, a importância da retórica, a capacidade de provocar os outros (como também a capacidade de réplica,) que colocam em causa a masculinidade – capacidade de trabalho, sucesso económico, e força física e sexualidade -, são autorizados na sociabilidade dos homens no Alentejo em contraposição à agressividade física, no Cacém, estas situações somente são permitidas entre *brasileiros ou entre pretos*. A “quebra” desta etiqueta pode ocasionar situações de violência física.

2013), nesta seção procurarei demonstrar de que maneira a sexualidade, do mesmo modo que a cor da pele e a etnicidade, converteu-se como um dos marcadores de diferença determinantes nas experiências dos rapazes, na construção de masculinidades ou do *ser homem*, como também na delimitação de fronteiras intragrupoais – *os brasileiros* – e entre outros grupos – *pretos e portugueses*.

No Cacém, *ser homem* não se circunscreve às dimensões laborais, o *aguentar a beber* e o sucesso econômico dos rapazes. O desempenho sexual e as relações estabelecidas com as meninas são, conjuntamente, elementos estruturantes e organizadores de suas masculinidades e tecem importantes hierarquias entre sujeitos mais ou menos desejáveis ou mais ou menos *homens*.

No campo da sexualidade emergem também diferenças na construção de modelos e ideais sobre família, amor e relações afetivos-sexuais, possibilitadas pelos deslocamentos entre fronteiras internacionais. O fato de Portugal ser um cenário marcado por uma excessiva sexualização da “mulher brasileira” e pela noção naturalizada de uma “cultura” sexual brasileira (Parker, 1991) tem tido como consequência, também para os rapazes, uma reelaboração de categorias e estratégias que dinamizam classificações do que é ajuda, amor e interesse, tornando os sujeitos mais ou menos desejáveis nos mercados afetivos-sexuais. O esquema classificatório dos sujeitos, que incluem os rapazes, é entretido no mesmo contexto simbólico e discursivo das meninas, em que a sexualização ocupa um papel de destaque.

Dito de outra forma, em Portugal, a forte vinculação nos imaginários entre “mulher brasileira” e prostituição e a visibilidade concedida na mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante” parece influenciar de forma direta as construções sexuais e afetivas dos sujeitos em deslocamento que elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente nacionalidade, cor da pele e gênero.

Se, inicialmente, os discursos associados à sexualidade dos rapazes poderiam ser fixados como consequência de uma determinada fase de vida - uma vez que a grande maioria se deslocou entre os 18 e 22 anos - como a “adolescência” e a “juventude” ou resultado do facto dos sujeitos serem oriundos de uma classe social específica²⁴⁵, considerados como contextos socioculturais precisos de aprendizagem da sexualidade

²⁴⁵ Como demonstrei no Capítulo 5, no Brasil, prevalecem discursos sobre a importância da emancipação feminina e da existência de relações mais igualitárias, fruto de uma ideologia individualista invocada pelas classes medianas, em contraposição às “classes mais baixas”, ou “populares”.

(Leal, 2003), a etnografia revelou descontinuidades entre discursos e práticas quotidianas e ténues fronteiras entre “modelos de abertura” e “modelos tradicionais” de gênero e família.

Se os discursos dos rapazes sugerem não haver grandes alterações e ressignificações nas concepções e vivências das relações afetivos-sexuais e familiares, contudo, nas interações e situações vivenciadas quotidianamente, verifiquei significativas ressignificações, possibilitadas pela alteração de suas localizações sociais e de contextos cuja geografia de poder marcada por gênero desorganizava padrões e modelos de família, moralidade e gênero.

As definições das relações pelos rapazes e meninas como “ficar”, “comer” e “namorar” são um exemplo. *Comer* é utilizado tanto numa linguagem masculina como feminina e significa ter uma relação sexual que envolve penetração. O significado de ficar, entretanto, consensualmente é classificado como *beijar na boca e dá uns amassos, mas não vai aos finalmente*. Para Justo (2005), “ficar” é uma forma de relacionamento afetivo que caracteriza-se por “ser breve, passageiro, imediatista, volátil e descompromissado²⁴⁶”. No entanto, de acordo com os sujeitos, *ficar* pode ser o início ou possibilidade de construção de uma relação duradoura, o *namoro*, que significa uma relação que envolve *compromisso* e *respeito*, na maioria das vezes, sinônimo de fidelidade.

O que diferencia discursivamente o *comer* de *ficar* é o fato de as meninas terem uma relação sexual no primeiro encontro, enxergado de forma negativa e potencialmente impeditiva para a construção de uma relação de namoro. Para os rapazes, contrariamente, tal prática é normalizada e demonstra virilidade. A narrativa de Maicon, vulgar na fala dos rapazes, é bastante reveladora:

Do meu ponto de vista você tem que namorar sem comer, todas as minhas namoradas eu comi depois. Você vai para cama hoje com um camarada, amanhã você vai com outro, e depois você quer namorar comigo? Se eu fico com uma pessoa hoje, a gente troca o telefone começa a trocar mensagens e tal, aí sai de novo e tal... para tudo tem a sua hora. Você não conhece um cara hoje e vai transar com ele. Porque hoje em dia é só você dar um beijo numa menina e ela já está tirando a calcinha.

Ao ler a narrativa de Maicon, poderíamos deduzir que ainda que a migração seja uma possibilidade de mudar algumas concepções de gênero, como, por exemplo, adiar a

²⁴⁶ A expressão “ficar” é parte do vocabulário no Brasil e em Portugal. Para uma análise antropológica do sentido/significado no Brasil, ver Shuch (1998).

maternidade e a paternidade precoce e a entrada no matrimônio, que condicionam suas vidas futuras, subsistem modelos de gênero assimétricos. No entanto, a ambiguidade entre modelos ideais de família e amor e modelos de abertura e liberdade, foram evidenciadas por meio da disparidade entre os modelos ideais (enquanto discurso) e as exigências práticas da vivência cotidiana. Maicon, por exemplo, afirma que *tem que namorar sem comer*, apesar de ter relatado posteriormente que conheceu sua namorada, Juliana, no contexto do mercado do sexo.

Juliana é trabalhadora do sexo há quatro anos. Conheceu Maicon em um *programa* e reencontraram-se através da locação de um quarto na casa de Maicon. Começaram a morar juntos e depois a *namorar*. Ela atendia os *clientes* em casa, ainda que ele *colocasse as regras dentro de casa e as coisas* (materiais)... *Nunca me pediu um centimo*. Juliana considera que separa muito bem: *o trabalho, de tomar conta da casa, cuidar dele e ser mulher dele (do marido)*, o que remete à “dupla carreira da mulher prostituta” analisada por Fonseca (1996). Apesar dos ciúmes de Maicon e do fato dele manter financeiramente a casa, Juliana afirma que havia *se acostumado a fazer aquilo*, a ter o seu *próprio dinheiro*, ainda que não fosse um *trabalho fácil*. Maicon, por sua vez, relata:

Eu conheci ela no programa aqui no Cacém, aconteceu... meus amigos diziam “para com isso...”, mas depois eu aluguei um quarto para ela, um amigo dela me pediu, não sabia que era ela. Quando abri a porta era ela, ela não me reconheceu, mas eu reconheci ela. O amigo dela me disse: “Você sabe que ela faz programa?” E eu disse que não queria saber da vida dela, que queria saber que no final do mês ela me pagaria a renda [aluguel]. Aí a gente começou a ficar... e eu disse que ela então teria que largar o trabalho e arranjar um trabalho decente. Ela arranjou outro trabalho, mas depois parece que continuou a fazer programa...

Na fala de Maicon encontramos copiosas contradições. *Ficar* na sua fala é utilizado para fazer referência à sua relação com Juliana que desde o início envolvia relações sexuais. Aliás, na primeira vez, Maicon fora cliente de Juliana. Portanto, a hierarquia entre *ficar, namorar e comer*, defendida na sua exposição anterior não funcionou para a relação com Juliana. Da mesma forma que a ordem dada por ele, enquanto marido, de Juliana ter de *arrumar um trabalho decente*, não fora cumprida pela mesma. Juliana continuou a *fazer programa*.

Maicon trabalhava na construção civil e durante sua ausência em casa, Juliana atendia seus *clientes*. Como afirmei anteriormente, Maicon assumia um importante

papel de autoridade e liderança entre os rapazes, sobretudo, porque possuía a função de *broker* e era respeitado pelos *pretos* no Cacém. Essas especificidades podem explicar o porquê de dentro do grupo o trabalho de Juliana não ser assunto de piadas jocosas ou uma ameaça à virilidade e masculinidade de Maicon: ao menos não de forma explícita.

Ou seja, o prestígio de Maicon no grupo faz com que ele não seja percebido como “cornô” e Juliana como “puta”. No entanto, o estatuto muda os fatos, ressignificando-os: nas inúmeras brigas e, como consequência, a separação do casal, Juliana era nomeada como “puta” por várias meninas e rapazes.

Ninguém nunca falou nada... dos meus amigos [conta Maicon sobre Juliana]. Acho que era por cisma de mim. Eu nem pensava nisso, quando eu tava trabalhando. Às vezes eu chegava em casa seis horas, sete, às vezes meia-noite.

Se falar sobre o trabalho de Juliana era um assunto “proibido”, a temática sexual esteve sempre presente na interação entre as meninas e os rapazes no Cacém, mais ainda na sociabilidade com as meninas. A casa de Sheila é bastante movimentada, principalmente nos fins-de-semana. Nas vezes em que fomos aos bailes *funks* e discotecas, dormi em seu apartamento. Dormíamos todos no mesmo quarto. A falta de espaço e de um lugar de intimidade para os rapazes e meninas não é um inibidor para as práticas sexuais. Os jovens trocam carícias e transam nesse mesmo espaço (o quarto). Numa das noites, escutava Lívia e Zico trocando carícias, ela disse em bom-tom, antes de dormir, que *o Benfica entrou em campo*, estava menstruada. Em outra noite, dormíamos Sheila, Dalton e eu na mesma cama e Dora e Elias num colchão ao lado. Sheila disse: *Não quero saber de barulho, entendeu?*

A linguagem e a postura dos sujeitos são bastante sexualizadas. São frequentes as brincadeiras envolvendo o comportamento e a intimidade sexual e afetiva nesse contexto. Para Fonseca (1991:11), o estilo, ou seja, essa forma jocosa de expressão ligada na maioria das vezes à sexualidade, não se constitui como um acessório a um conteúdo independente, é sim “um elemento indispensável para a compreensão da cultura popular”.

Conversar sobre sexo somente com os rapazes não era muito frequente. Entretanto, em um dos churrascos realizados na casa de Sheila, tornou-se possível. Estávamos eu, Maicon, Yan, Wellington e Jonas na cozinha, bebendo cervejas. A conversa iniciou-se quando perguntei intencionalmente para Jonas se ele havia namorado Lucimar, prima de Sheila, que eu havia conhecido em Mantena e que me

dissera diversas vezes *que gostava* de Jonas. O rapaz responde que havia apenas *ficado* com Lucimara.

No debate sobre as diferenças entre *ficar*, *comer* e *namorar* é que surgiu a temática da sexualidade. Yan disse: *adoro saber a opinião das mulheres sobre os homens*²⁴⁷. Os rapazes contam que quando *tem uma menina bonita* (utilizam o caso de Célia, uma nova amiga de Sheila), e mais de um deles *quer ficar com ela...que eles apostam para ver quem vai conseguir comer ela*. Yan tenta me explicar que normalmente quem consegue *ficar com ela fica melhor na turma...se for um considerado mais fraco fica mais bem visto na turma...fica mais forte*.

Ao longo da conversa fui percebendo a existência de hierarquias entre os sujeitos, até então, classificados “brasileiros”. A cor da pele, por exemplo, é um elemento importante: quanto mais “branco” melhor. Os rapazes muito negros são considerados feios e menos “capazes” de “engatar” meninas/meninos. Ainda que a categoria *preto* seja utilizada para fazer referência aos africanos, os rapazes brasileiros *mais escuros* (como Jonas, Beto e Wellington) são constantemente confundidos com angolanos e estigmatizados dentro do próprio grupo social. Portanto, a afirmação de que “ser preto brasileiro é diferente [leia-se “melhor”] do que ser *preto africano* parece funcionar, simbolicamente, apenas nas relações de sociabilidade mais amplas e em contraposição aos *africanos*.

Essa hierarquia dentro do grupo auxilia na justificação do fato de Maicon e Yan serem os principais narradores dessa cena etnográfica. Eram os *mais fortes* e os *mais bonitos*. Jonas e Wellington limitavam-se a observar e falavam esporadicamente, principalmente quando lhes dirigia uma pergunta direta. Yan relata um episódio em que uma menina de 15 anos com quem havia saído, *espalhou que ele era ruim de cama*.

Não entendo isso...vou te fazer uma pergunta...se você não gosta de ficar com um cara, você não vai ligar para ele vai? Respondo que não. E ele diz: *então porque ela fica me ligando...se fosse tão ruim assim não ligava*". Yan relata o caso sempre olhando para Maicon, perguntando para ele se não era verdade o que relatava, esperando sua aprovação. Menciona que tinha *dado só uma: dei só uma, não sou máquina não...quero ver o homem que trabalha o dia todo no que faço - carregando*

²⁴⁷ Tenho consciência de que o fato de ser mulher e solteira condicionou os discursos e narrativas dos rapazes, como esta afirmação de Yan. Apesar de ser a única mulher “autorizada” a participar da conversa, continuava a ser enxergada como tal. Falar de sexo com eles implicava emitir minhas opiniões e também compartilhar algumas experiências.

ferro, bebe muito, eu bebi muito, não bebi Maicon? E consegue dar duas ou três numa noite! Jonas, Wellington e Maicon ficam calados, como se concordassem com Yan. Ele prossegue: *não tenho vergonha de falar não... dei só uma mesmo, mas fiz a mulher gozar, não fiz? Então, é isso que importa.* A satisfação feminina na relação sexual é consensualmente importante para os rapazes e é o que lhes confere reputação dentro do grupo. Por isso, são valorizadas práticas como o sexo oral (sobretudo o feito pelos rapazes nas meninas) e o beijo na boca durante a relação sexual.

No que concerne a primeira experiência sexual, a maioria dos rapazes tiveram a primeira experiência entre os 12 a 14 anos com meninas dos locais de origem, geralmente da mesma faixa-etária. Somente Wellington, oriundo da zona rural, tivera sua experiência inicial mais tarde, aos 18 anos. Outros temas abordados foram os métodos contraceptivos, considerados uma responsabilidade feminina, uma vez que a maioria das meninas utilizam pílulas anticoncepcionais e todos os rapazes são contra o *gozar fora*, considerado pouco prazeroso como o uso de preservativos, sobretudo em relações de namoro, onde estão implícitas as noções de compromisso e fidelidade.

O *medo de engravidar* é referido por muitas meninas que utilizam como principal método a pílula. Como afirmei anteriormente, a contraceção é vista pela maioria dos rapazes como um “dever” feminino e a grande maioria é contra a interrupção voluntária da gravidez. Todavia, durante o trabalho de campo, três meninas engravidaram e, uma delas, fez a interrupção da gravidez (permitida em Portugal desde 2007)²⁴⁸, ainda que a prática seja considerada inaceitável para a maioria dos sujeitos. A narrativa de Maicon ilustra o posicionamento discursivo da maioria dos rapazes:

Não aceito aborto... a criança não tem nada a ver, ela não pediu para vir no mundo... Se você engravidou, você tem que prevenir antes. Com tanta camisinha e pílula que vende nas farmácias... o homem também tem que cuidar, só que a mulher tem que prevenir muito mais que o homem. Já chegou vez que não tinha camisinha... mas eu não transo com qualquer uma... muitas até preferem... transar sem camisinha... agora se a menina engravidar eu assumo o moleque, se eu não tiver certeza que o filho o meu...faço DNA (ADN).

²⁴⁸ O aborto, também denominado interrupção voluntária da gravidez, foi legalizado em Portugal por referendo em 2007 e é permitido até às 12 semanas de gravidez a pedido da mulher, independentemente das razões

Em outubro de 2011 Juliana engravidou. Na altura, ela e Maicon estavam separados. Inicialmente, Juliana afirmou que o filho era de um namorado-cliente²⁴⁹, Miguel. Na altura, Maicon ficou bastante chateado e contou-me que, apesar de estarem separados, haviam tido *momentos de recaída* e que o filho poderia ser seu. Depois de alguns meses Juliana e Maicon reataram e ela afirmou que o filho, afinal, era seu. Acompanhei a gravidez de Juliana até o sexto mês, quando ela e Maicon decidiram regressar ao Brasil. Maicon não voltava há oito anos e Juliana, que tinha outro filho que estava aos cuidados de sua mãe, desejava reencontrá-lo e ter a criança perto da família. Maicon não requereu exame de DNA (ADN), o teste de paternidade²⁵⁰.

Maicon me liga e pergunta se eu não gostaria de ir com eles (Maicon e Juliana) ao Centro Comercial Colombo para *comprar umas coisas*. Respondo que sim. Ele e Juliana descem a escada, ela está grávida de seis meses. Pegamos o metro e no Colombo, fomos direto ao Continente. Eles queriam comprar fraldas e um carrinho para o bebê, que segundo eles, *é muito mais barato aqui*. Ficou claro, que Maicon tinha assumido a paternidade da criança. Sempre dizia *meu filho vai assistir filmes pornôs, meu filho não precisa de berço, vou colocar ele na nossa cama e em volta uma cerca elétrica*. Juliana é quem coordena tudo. O dinheiro, a hora de almoçar, o que comprar...Num dado momento, quando procurávamos fraldas, fui pedir informação para um funcionário do supermercado e ele conhecia Juliana. Se referiu a ela como Karla. “*Olá Karla, quanto tempo...*”. Fiquei bastante constrangida, e a observar o Maicon. Juliana ficou um pouco sem graça, e Maicon calado. O homem pergunta se ela vai regressar para o Brasil e ela responde que sim... depois que ele sai, ela diz “*ele era lá da Rinchoa, foi cliente. Antes disso, ao passarmos por fraldas de adultos, rimos um bocado, e Juliana diz: “bom Paula, você já sabe de tudo mesmo né...então posso contar... minhas colegas não colocavam lençol branco quando iam atender um português, porque sempre ficava um risco....(de bosta)”*. Maicon complementa: com português é assim, algum já pediu para você usar um vibrador? (muitos risos). Andamos por toda parte do supermercado na secção de crianças... eles (Juliana, sobretudo) olharam o carrinho, roupas, fraldas, etc... mas decidiram ir almoçar primeiro antes de fazerem as compras. (Caderno de Campo, março de 2012)

²⁴⁹ Para saber mais sobre a figura do namorado-cliente, sugiro a tese que já referi de Dolabella (2010), ICS- Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.

²⁵⁰ Fonseca (2004), no artigo “A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA” mostra que atualmente, no Brasil, são cada vez mais recorrentes a realização dos testes de DNA em laboratórios públicos (com recursos do Estado) e cínicas particulares, bem como a existência de quadros em programas de televisão que custeiam o exame para “mães solteiras” e “descornados”.

No almoço, Maicon passa a maior parte do tempo calado. Almoçamos no Mac Donald's e, depois, eu e Juliana fomos a casa de banho. Quando estávamos sós pela primeira vez, ela me disse: *lembra quando eu te disse sobre o pai do meu filho? Eu não tenho certeza, mas não estou enganado o Maicon, ele sabe de tudo. Deus ajude que seja dele*. Perguntei a ela se achava que ele iria querer fazer o teste de DNA e ela respondeu que não sabia. Depois pediu-me que na hora que ela fosse trocar o dinheiro (euros por real), que eu não deixasse ele entrar na casa de câmbio: *não quero que ele saiba quanto e da onde vem esse dinheiro*. Disse que iria tentar. Mas antes de irmos a casa de câmbio, voltamos ao Continente. Após fazerem as contas (a Juliana é quem decidiu), compraram um carrinho de bebê, dois pacotes de fraldas e toalhinhas. *Ninguém vai ter esse carrinho lá*, afirmava Juliana. Logo depois de fazer o pagamento, ela deu as notas para ele contar e fazer o pagamento.

Na percepção dos rapazes, a obtenção de vantagens materiais é vista como a única motivação das meninas em manter uma relação afetiva-sexual com um parceiro português. Considerados pouco viris, não se configuram como potenciais concorrentes aos *brasileiros*, ainda que seja a nível do discurso. Para os rapazes, as namoradas também são preferencialmente brasileiras, apesar de Maicon, Yan e Jonas terem namorado e compartilhado a casa com meninas portuguesas no início de suas trajetórias de mobilidade. *As brasileiras são as melhores* é uma narrativa recorrente entre os rapazes e significa, como nos estereótipos e conteúdos simbólicos e discursivos presentes em Portugal, mulheres que *gostam mais de sexo*, são mais sensuais e *cheirosas*. Ou ainda, respostas como as de Yan: *sei não Paula, só sei que é melhor* (as brasileiras). Tornar-se brasileiro no Cacém parece uma aprendizagem singular e de grupo, mediada, em parte pela importância concedida à sexualidade na construção da identidade social e sua constante articulação com o mercado do sexo local e os códigos de gênero, como também com estereótipos ligados a criminalidade e a construção de um *estilo bandido*.

Todavia, as experiências de mobilidade dos rapazes de Mantena para o Cacém revelam muitas contradições entre valores considerados “tradicionalistas” e “modernos” e mostram uma desigualdade entre os ideais e práticas nas relações de gênero e também nas concepções sobre diferentes masculinidades e feminilidades. Meu principal argumento é de que apesar do ideal de família conjugal e de relações de gênero tradicionais – como o controle da sexualidade feminina, a noção de que o homem é o provedor econômico, ser contra o aborto e considerar que a contracepção é uma

obrigação feminina – estarem fortemente presentes nos discursos dos sujeitos, suas práticas contradizem esses mesmos ideais. A liberdade sexual das meninas, o namoro com meninas em que a relação sexual se dá na primeira noite ou com meninas trabalhadoras do sexo e a gestão feminina do dinheiro, se configuram como exemplos práticos importantes.

Considero que modelos de família e de gênero não são substituídos um pelo outro. Alinho-me a perspectivas como as de Matos (2000) que defende a coexistência entre o que se define por “tradição” e “modernidade” que são negociadas em diferentes contextos socioespaciais, em diferentes segmentos sociais, como também através da religião. A religião, por exemplo, e sobretudo a inserção dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa em igrejas neopentecostais ou carismáticas, têm reforçado ideais tradicionais de família conjugal como, por exemplo, a importância da paternidade como possibilidade de *mudar de vida* na trajetória de Yan²⁵¹. No entanto, categorias como *estar crente*, emergem na etnografia para revelar a coexistência e tensão entre diferentes valores, possibilitando aos sujeitos articularem suas experiências de acordo com as situações e de forma relacional.

6.7 Alguns Desfechos

No início deste capítulo, defendi a heterogeneidade das experiências de deslocamento dos rapazes e a importância de se analisar as formas como os discursos e as práticas sobre diferentes masculinidades e feminilidades se exprimem, são moldadas e ressignificadas ao longo do tempo das experiências de mobilidade. Ao discutir fragmentos de suas trajetórias, suas diferentes concepções sobre masculinidades e feminilidades e as articulações entre marcadores de diferença como classe social, nacionalidade, cor da pele e sexualidade, proponho-me agora apresentar diferentes percursos e desfechos observados na análise das trajetórias dos rapazes que fizeram parte da etnografia. Destes percursos e desfechos emergem situações de conflito, dificuldades econômicas, encarceramento e discussões sobre religião, *mudar de vida*, nascimento e morte.

²⁵¹ Questão abordada na próxima seção.

Ser crente e estar crente: Deus o papel da religiosidade nas trajetórias

Em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna, a prática religiosa e a convivência nas igrejas, nomeadamente as de correntes pentecostais como as evangélicas e o movimento católico carismático converteram-se em um tópico de análise significativo. Na construção da subjectividade dos sujeitos, de suas famílias, nas práticas de lazer e sociabilidade e nas visões de mundo. Na casa da família Camargo existem inúmeras referências à Igreja Mundial do Poder de Deus: salmos escritos nas paredes e um poster do apóstolo Wellington Santiago. Como salientou Duarte e Gomes, “a religiosidade compõe tradicionalmente o sistema de sentidos que configura a casa - em sua poderosa e englobante dimensão moral” (2008:180). Na televisão os canais de preferência são a TV Mundial do Poder de Deus e a Rede Record²⁵², cujo dono é Edir Macedo, fundador da IURD - Igreja Universal do Reino de Deus. D. Rosa, atualmente frequenta a Igreja Mundial do Poder de Deus. Dissera já ter frequentado a Igreja Universal, mas que *mudou porque era muito dogmática*. Perguntei a ela o que significava ser dogmática e D. Rosa respondeu-me: *é cheio daquelas coisas, não pode isso, não pode aquilo... tinha uma época que não podia nem assistir TV*. Além da mãe de Sheila, percebi que era frequente a rotatividade entre as igrejas evangélicas. Quando decidi ir para o Morro do Margoso, aproveitei a ida de D. Rosa ao culto em Mantena, realizado todas as terças feiras pela manhã. As intensas narrativas sobre o *perigo de subir o Morro* fizeram com que solicitasse à D. Rosa que me acompanhasse. Portanto, assisti um culto evangélico pela primeira vez.

Dai a Cesar o que é de Cesar, e o que é de Deus a Deus

Igreja Mundial do Reino de Deus, Mantena. Aproximadamente 30 pessoas assistem ao culto, às 8:30 da manhã, a maioria das pessoas são mulheres. O culto tem a duração de 1 hora e meia e mais da metade do culto, o pastor pregava sobre o dízimo, e, inclusive sugerindo o valor que cada pessoa deveria contribuir. Naquele dia, o valor era 30 reais. Dizia que a obra de Deus estava precisando de ajuda e se as pessoas não colaborassem o programa do apóstolo Waldomiro iria acabar e a Igreja de Mantena correria

²⁵² A Rede Record é transmitida também em Portugal, Reino Unido e Espanha. No Cacém, é o canal de televisão predominante.

o risco de fechar. Ao fazer uma alusão aos deveres de pagar impostos, o dinheiro dado ao César, justificava a necessidade do pagamento para a obra de Deus. Posteriormente, perguntou à plateia quem precisava de um milagre econômico. Todas as pessoas da sala levantavam as mãos e depois do sermão do pastor, proferiam, Aleluia, Senhor. No final do culto ajoelha-se no “altar”, fecha os olhos e deixa vários envelopes no chão para os fiéis buscarem e colocarem o dinheiro. (Caderno de Campo, 28 de maio de 2010)

Na família Santos, Sr. Divino, pai de Camila frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus todos os dias da semana, com exceção da quinta-feira. Ao chegar do trabalho, no plantio e colheita de café e feijão, usualmente toma banho, janta e vai para o culto. Como sugere Camurça (2006), a adesão a uma determinada religião tem sido fruto, acima de tudo, de uma escolha individual ao invés de estar vinculada ao contexto familiar. Na família Camargo, por exemplo, apenas D.Rosa é frequentadora de cultos religiosos. Sr. Calixto e Beto não a acompanham e nem participam de outra igreja. Já na família Santos, encontramos uma pluralidade de práticas religiosas. D. Chiquinha frequenta a igreja católica de Mantena, Marlon é evangélico e estuda para ser pastor na Igreja Wesleyana, de origem metodista. Micael, que estava preso até recentemente, não frequenta nenhuma igreja e Edmílson, que na altura trabalhava como pintor na Paróquia de Mantena, também não, ainda que frequente alguns dos eventos do movimento católico carismático Canção Nova, acompanhado das vizinhas que são consideradas *tipo família* e participam ativamente do Movimento, como é o caso de Valda e Regiane . Contudo, em Mantena, a influência das igrejas pentecostais podem ser notadas na própria configuração das relações sociais, na procura de trabalho e na participação e ocupação de posições e estatutos na sociedade mantenense. Como referi anteriormente, Mantena possui 52 igrejas. Rômulo, médico em Mantena, considera que o *lobby* evangélico na cidade dificulta o surgimento e a manutenção de espaços de sociabilidade:

Aqui em Mantena não tem uma boate, aqui tem um contexto de evangélico muito grande na cidade, um monte de igreja que assim você abre um barzinho, coloca uma música ao vivo e dali a pouco tem uma reclamação, e o juiz manda fechar. Quantos bares já foram fechados aqui em função disso. Já a tolerância em Barra de São Francisco é maior, lá tem bares, discotecas...Então é assim, lá (no Cacém) eles têm muito mais opção de vida social do que aqui.

No caso de Mantena e Cachoeirinha de Itaúna, afirmo que a capacidade de atração das igrejas reside também na falta de lazer e espaços de sociabilidade alternativos aos bares. As igrejas, os cultos e os eventos religiosos se converteram em importantes locais de paquera e ampliação das redes de amizade. Jonas, por exemplo, começou a frequentar uma das igrejas porque *a menina que gostava e sua família eram da igreja*. Várias pessoas como Shriley e Lucimara, primas de Sheila, têm nos cultos o principal lugar de lazer e interação.

Em Cachoeirinha de Itaúna, aos domingos, por exemplo, as ruas ficam desertas. A maioria dos moradores se subdivide nos cultos das quatro igrejas, três delas evangélicas, do vilarejo. A grande circulação de pessoas nos fins-de-semana é condicionada pelos horários dos cultos.

Era domingo. Acordei por volta das 7:30. D. Rosa e Sr. Calixto já estavam acordados. Levantei-me e D. Rosa avisara que um de seus sobrinhos viria me buscar em breve para irmos em Pouso Alto, visitar a D. Luiza, mãe de Maicon. Pouso Alto se localiza também na zona rural, é o local onde a Sheila nasceu e estudou até concluir o primário. Antes, passamos em Cachoeirinha na casa da mãe da Edilene, amiga de Sheila, D. Rosa me apresentou como sendo “a amiga da Sheila lá de Portugal”. Edilene e Patricia me olharam um pouco desconfiadas e perguntaram sobre Sheila. As meninas caminhavam, com a bíblia na mão, em direcção à Igreja Batista. Caminhei com elas e enquanto isso, conversamos um pouco. Ainda era cedo para o início do culto. A rua estava praticamente deserta. Contudo, um pouco antes do início dos cultos a rua começou a ficar movimentada. Parecia que toda a vila direcionava-se para os cultos religiosos: na Igreja Batista, Presbiteriana e a Casa da Oração (todas elas evangélicas e se localizam na rua principal). A rua voltava a estar esvaziada. As Igrejas, abarrotadas. (Caderno de Campo, 26 de maio de 2010).

Alguns trabalhos que relacionam juventude e religião têm partido da premissa de que existe uma relação causal direta entre as dificuldades impostas pela sociedade brasileira actual- ausência de educação formal, empregabilidade e descrença no universo político - e a capacidade de atração das igrejas e correntes pentecostais (Sofiati, 2011). De facto, os dados sociográficos demonstram a princípio que a maior parte dos jovens²⁵³ que aderem às correntes pentecostais são oriundas “das classes populares, enfrentam o problema do desemprego e baixa escolaridade e possuem um

²⁵³ Nessas pesquisas, o “jovem” geralmente é concebido como um grupo etário: pessoas entre 15 a 24 anos, de acordo com a definição institucional (Estado) e estatísticas (IBGE). Entretanto, a “condição juvenil”, têm sido considerada uma fase da vida de transição para a duldez que favorece a experimentação de novos sentidos da religião, como “fonte de imaginação simbólica” (Novaes, 2006:156).

perfil de baixa ou nenhuma participação nos espaços da ação política tradicional” (Sofiati, 2011:31).

Se, por um lado, a escassez de espaços de sociabilidade é referida pela maioria dos sujeitos e constatada por mim em Mantena e no Cacém, o envolvimento em comunidades religiosas pode ser também uma importante forma de reconstrução do projecto de vida, como *sair das drogas* ou do alcoolismo, situação relatada por Marlon ou ainda permitir a interação com outros segmentos da sociedade mantenense, como é o caso de Valda, desde que começara a fazer parte do grupo Canção Nova de Mantena, notadamente vinculado a uma classe média, ao inverso das religiões evangélicas.

Dos 26 sujeitos que fizeram parte da etnografia, mais de metade têm na família nuclear membros participantes ativos em movimentos religiosos pentecostais como as Igrejas evangélicas e o Movimento Católico Carismático e frequentavam os cultos com regularidade, antes dos deslocamentos entre fronteiras internacionais. Em Portugal, existem diversas igrejas evangélicas, muitas delas consequência da expansão territorial de igrejas brasileiras neopentecostais, como a IURD e a Sara Nossa Terra²⁵⁴. Com sede na Amadora, próximo ao Cacém, a Sara Nossa Terra possui em sua programação semanal cultos intitulados como “Culto da Quebra das Maldições”, “Instituto dos Vencedores” e “Culto da Cura emocional” e aos sábados tem uma programação especial para “jovens”, nomeado como “Arena Jovem” e “Sara Point”²⁵⁵, que é frequentado situacionalmente por algumas pessoas. A IURD possui, somente na linha de Sintra, 12 sedes, sendo uma delas no Cacém. Todavia, a programação dos sábados da Sara Nossa Terra têm se configurado mais atraente.

Contudo, não é a expansão do neopentecostalismo brasileiro em Portugal o pretexto para abordar a importância da religiosidade no cotidiano e nas experiências de deslocamentos dos sujeitos, mas, sim, as mudanças e ressignificações dessas experiências pelos sujeitos ao longo das trajetórias de mobilidade. Foram inúmeras as vezes em que perguntava sobre algum dos sujeitos e obtinha como resposta *Ih, Fulano tá crente, tá na Igreja*. Comecei a perceber que era possível *estar crente* sem necessariamente *ser crente* e interessei-me em compreender os significados implícitos nessas duas classificações e as mudanças e ressignificações da religiosidade no contexto

²⁵⁴ Para além dessas congregações, em Portugal existem também a Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Assembléia de Deus e a Congregação Cristã.

²⁵⁵ Disponível em <http://www.sntpt.com/pt/contactos/telefonos-e-moradas/item/amadora.html>, acessado em 31 de outubro de 2013.

do deslocamento entre fronteiras internacionais. O que era *estar crente* e em que momentos os sujeitos *tornavam-se crentes*? O que significava *ser crente*? Seria possível falar em conversões e reconversões? Algumas situações durante o campo ilustram essas questões.

Em primeiro lugar, nota-se que o *ser crente* associa-se a uma série de restrições consideradas “morais” que são impostas pelas religiões, nomeadamente a partir de uma percepção negativa da sexualidade, em que o impulso sexual deve ser controlado. O “sexo fora do casamento, masturbação, prostituição, traição e ficar e o homossexualismo” são proibidos (Sofiati, 2011:184), como também o uso de drogas ilícitas e lícitas (como o álcool). A sexualidade e o uso de álcool são determinantes nas construções das subjectividades desses sujeitos, sobretudo dos rapazes, já que o *aguentar a beber* e a predação sexual estão intimamente ligados ao *ser homem*.

Dessa forma, o comportamento moral requerido, que enfatizava uma distinção clara entre o bem e mal e reivindicava uma “fê em ação” (Gomes, 2008) e um compromisso identitário não se revelava desejosa pela maioria dos sujeitos participantes da etnografia.

Contudo, algumas situações de insegurança, como desemprego, problemas de saúde ou um término de relacionamento são circunstâncias habituais em que os sujeitos *ficam crentes*. Dalton *ficou crente* um período após infartar, consequência do uso abusivo de álcool e cocaína. Zico, desempregado de longa duração, frequentou os cultos da IURD e, através da rede de entreajuda estabelecida na Igreja, conseguiu um trabalho. Wellington começou a frequentar a igreja, após conhecer sua atual namorada. A propósito, o interesse por alguma menina ou rapaz frequentador/a dos cultos de determinadas igrejas também são condicionantes importantes para a participação nas religiões neopentecostais. Duarte e Gomes, por meio da etnografia de três famílias de distintos contextos socioculturais e econômicos apontam para o surgimento de uma nova categoria no campo, o “evangélico não praticante”, considerado pelos autores como paradoxal já que o ser evangélico estaria associado até recentemente à uma “indissociabilidade entre adesão e pertencimento e o compromisso congregacional” (Duarte e Gomes, 2008:180).

Mas a conversão também fora constatada, sobretudo entre os rapazes que retornaram para o Brasil, principalmente Yan. Regressar, sem o esperado “sucesso” do projecto migratório”, muitas vezes lido como acumulação de dinheiro, compra da casa própria ou de um carro e uma moto era tarefa difícil. Encontrar ou reencontrar, o

projecto divino (Sofiati, 2011) configura-se como uma alternativa plausível. Não pretendo com isso dizer que a religiosidade é vivenciada racionalmente de maneira instrumental, mas que os discursos e narrativas neopentecostais têm auxiliado e aliviado algumas trajetórias, como as de Yan. Em 2011, seu pai fora assassinado em Governador Valadares, após cumprir uma pena por ter matado um policial. Em Junho de 2012, seu melhor amigo Maicon, ou nas palavras de Yan *parceiro e irmão*²⁵⁶, também falecera de forma abrupta.

Nesta seção, ainda que de forma sucinta, pretendi demonstrar de que maneira a religião ou a participação em grupos religiosos tornou-se um dos marcadores de diferença que se articulam nas experiências dos sujeitos em mobilidade. As noções do *ser crente* e *estar crente* corroboram com a ideia de fronteira e não de ruptura, e de que a mobilidade pode possibilitar rearranjos classificatórios. Por fim, gostaria de salientar ainda que a identificação com o *ser crente* ou a frequência nos cultos de uma igreja específica não tenha sido observada ao longo da etnografia, a ubiguidade de *Deus*, fora constatada: na linguagem: *Se Deus quiser, Deus é fiel, Graças a Deus*, mensagens publicadas nas redes sociais, e nas tatuagens. A tatuagem de Maicon continha os dizeres *Na lei de Deus fui julgado, na do homem condenado*²⁵⁷ e a de Yan *Que Deus ilumine meus caminhos*.

Diversas pesquisas têm procurado compreender as vivências e os significados dados à religiosidade no Brasil contemporâneo (Almeida, 1996, 2006, 2009; Contins e Gomes, 2007; Mariano, 2008) e nos fluxos transnacionais em Portugal (Mafra, 1999; Donizete, 2000), marcado pelo crescimento das igrejas neopentecostais, e da popularização de um *Deus* que aparece na fala dos sujeitos, em adesivos de carros²⁵⁸, em lojas especializadas, nas músicas de *rap*, no mercado de música *gospel*, etc.²⁵⁹

²⁵⁶ No final do capítulo falarei sobre a morte de Maicon.

²⁵⁷ Trecho da música “A vítima” dos Racionais Mc’s, incluída no álbum “Nada como um dia após o outro” lançado em 2002.

²⁵⁸ *Deus é fiel, Presente de Deus, Nas Mãos de Deus, Tira o olho que foi Deus que me deu*, são alguns exemplos.

²⁵⁹ Tenho consciência sobre a importância da temática das religiões e de *Deus* na trajetória dos sujeitos merecia uma análise mais aprofundada. Contudo, dei prioridade a outras categorias de diferenciação social, que ao se articularem com o gênero, foram se mostrando fundamentais, como “raça”, etnicidade, classe e sexualidade.

Experiências de paternidade: *botar filho no mundo*

O projeto de construir uma família sempre esteve presente nos discursos dos rapazes de Mantena. Como observou Monteiro, em sua pesquisa sobre juventude em uma “favela” carioca, “a paternidade e a criação de um núcleo familiar harmônico também integram o projecto de vida dos rapazes” (1999:128). Quando iniciei a etnografia no Cacém, a maioria dos rapazes não tinham filhos – Yan, Wellington, Jonas, Maicon, Denis, Roberson, Beto e Atenilson. Apenas Roberson tivera a experiência da paternidade anterior ao deslocamento entre fronteiras internacionais. Todavia, ao longo desses três anos Beto (23 anos), Elias (21 anos), Maicon (26 anos) e Yan (20 anos), nessa ordem temporal, vivenciaram a paternidade de formas dissímeis. A literatura socioantropológica²⁶⁰ sobre a paternidade no Brasil tem sido encoberta nas discussões da gravidez na “adolescência”, nas experiências de maternidade (Heilborn, Salem, Brandão e Knauth, 2002) e paternidade como os trabalhos de Fonseca (1998) e Dias e Aquino (2006). Consensualmente, os autores ponderam que a experiência da maternidade/paternidade “têm significados próprios para mães e pais demarcados por relações de gênero” (Dias e Aquino, 2006:1452). No âmbito da pesquisa GRAVAD, Dias e Aquino apontam para algumas transformações nas vivências das paternidades, sobretudo de “jovens”. A noção de uma “nova paternidade” (Fonseca, 1998) é anunciada através do crescimento do envolvimento dos homens nas atividades domésticas, especialmente nas tarefas de cuidado com as crianças. Entretanto, coexiste a noção socialmente naturalizada de que cuidar do filho/a é um assunto feminino. Essa naturalização é apontada por Lyra e Medrado na própria invisibilidade dos dados sociodemográficos no Brasil no que se refere à paternidade em diferentes grupos etários, o que explicita uma delimitação clara de papéis e modelos de gênero, ainda que se verifique “uma transformação lenta dos valores no plano das atribuições parentais” no Brasil (2000:146).

No campo, em Mantena e no Cacém, deparei-me com experiências de paternidade muito heterogêneas. Para Beto, como afirmei no Capítulo 3, *ser pai* em Mantena, e sobretudo na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna, implicou o impedimento

²⁶⁰ Salienta-se que no campo da psicologia e saúde pública existem trabalhos e investigações sobre a temática da paternidade. Ver Gomes e Resende (2004); Levandowski e Piccinini (2006; 2004); Levandowski (2001) e Medrado (1999).

do regresso à Portugal, desejado pelo rapaz, como também exigiu uma mudança de comportamento nomeada no seu grupo doméstico como virar *homem*. Somado a isso, as obrigações materiais e simbólicas com a família de Daiana - tradicional, branca e com um estatuto superior à família Camargo – negra e que ocupava uma posição social desprivilegiada- eram cobradas pela família de Daiana. Contudo, não era somente a paternidade o factor impeditivo do regresso de Beto: o rapaz não tinha à sua disposição recursos financeiros próprios para a realização da viagem, portanto, era imprescindível o consentimento de D. Rosa e Sr. Calixto. O filho, Wallyson passava a maior parte do tempo na casa de D. Rosa, aos seus cuidados.

Elias (21) e Dora (20) por sua vez tiveram um filho, Yuri. A gravidez de Dora, segundo Elias, não fora planejada. A rotatividade de parceiros dela teve como consequência a dúvida em relação a paternidade de seu filho. As próprias meninas comentavam. Elias terminou o namoro com Dora e não assumiu a criança. Meses depois, quando Yuri nasceu, todos no Cacém comentavam: *é dele mesmo, é a cara dele...focinho de um, cara do outro*. A confirmação da paternidade a partir de semelhanças físicas fez com que Denis quisesse “conhecer” o filho. Quando Yuri estava com dois meses, Dora conheceu Nuno, um rapaz português com quem ela namora actualmente e que *assumiu Yuri como se fosse seu filho*.

Maicon decidira assumir a paternidade durante a gravidez de Juliana, mesmo sem ter a “certeza” se era ou não o pai biológico da criança. Dizia que esperaria o bebé nascer. Quando regressou ao Brasil, Juliana estava com seis meses de gravidez. Logo após o nascimento de Wenderson, nome escolhido por Maicon por ser o nome do seu irmão que falecera aos onze anos, vítima de leucemia, conversamos pelo MSN. Maicon parecia bastante desanimado e conta que ele e Juliana haviam terminado. Todos, no Cacém, haviam visto fotos da criança publicadas no perfil de Juliana e comentavam em tom irónico: *o bebé é lindo, a cara do Maicon... só que é branco*” (risos). A ausência de Maicon no Cacém, nesta ocasião, autorizava as piadas sobre Juliana e seus clientes e a ingenuidade de Maicon em acreditar que o filho poderia ser seu. Reproduzo as poucas palavras de Maicon sobre o assunto, na conversa “virtual” do início de Junho de 2012:

Paula diz:
Seu filho nasceu!

Maicon diz:
Yah

Paula diz:
Você já viu ele?

Maicon diz:
Yah

Paula diz:
É lindo

Maicon diz:
Yah

Paula diz:
E você como está?

Maicon diz:
Bem.

Paula diz:
Você já registou ele?

Maicon diz:
Eu não

Paula diz:
Como assim não?

Maicon diz:
Não, assim não

Paula diz:
Não entendo

Maicon diz:
É melhor não entender mesmo amiga

Paula diz:
O filho não é seu?

Maicon diz:
Naoaoaoaoaoao...
Você tem falado com a Juliana

Paula diz:
Falei com ela porque ela me chamou para ir lá na casa dos pais
Mas não falei de você
Não perguntei

Maicon diz:
Hum
Tá bom
Foi bom falar com você
Tenho saudade

Paula diz:
Eu também! Beijos

Yan teve uma experiência díspar dos outros rapazes. Apesar de ser o mais novo, o *puto*, como era reconhecido no grupo, suas narrativas sobre a importância de construir uma família eram recorrentes. Encontrou na paternidade, fruto de uma relação de namoro com Tatiane, o *verdadeiro valor de viver*. Entre tantas mortes, o nascimento de sua filha Júlia, possibilitou à Yan, como ele mesmo afirma, *mudar de vida*. A gravidez de Tatiane acelerou o projeto de retorno do casal. Yan estava desempregado há alguns meses e Tatiane, como Juliana, desejava que o filho nascesse no Brasil, perto de sua família. Regressaram para Governador Valadares, lugar de origem de Tatiane e município próximo a Mantena.

No dia do nascimento de Júlia, Yan publicou na sua página do *Facebook*: *o dia que descobrir o verdadeiro valor de viver, muito feliz com minha família e agradecido com todos que não nos esqueceram nas orações obrigado! E mais agradecido ainda com Deus que nos deu esse lindo presente.*

Ser pai possibilitou-lhe reconfigurar seus projetos. A paternidade como “queima de uma etapa” foi observada em diferentes trabalhos etnográficos (Arihla, 1998; Scott 1990). Na trajetória de Yan, *mudar de vida* implicava parar de *dar uns pulos* e ser responsável por Tatiane e Júlia; *escolhi outro caminho*, afirma. Tatiane é evangélica e, desde que Yan e ela começaram a namorar, ele começou a frequentar os cultos e a incorporar algumas narrativas evangélicas: *Jesus nos ama, a luta é intensa mais o esforço é recompensado por Deus*, etc. Fé, superação, luta e vitória tornam-se discursos ordinários, ainda que Deus, nunca estivesse ausente nas suas narrativas e discursos.

Sobre *Morte matada e Morte morrida*

Focault (1996) afirmara de antemão sobre a capilaridade do poder, justamente por ser uma relação que não é fixa. Deve ser analisado como algo que circula, e que os indivíduos que estão em posição de exercer o poder, também podem sofrer a sua ação. O poder e a liderança de Maicon no grupo também não eram fixos.

Do rapaz que *metia medo*, autoritário e desafiador, cuja “liderança” passava pela intersecção corporal do “bandido” com o “trabalhador”, conheci-o também nos seus medos, angústias e vergonhas. Em novembro de 2011, no quarto de Sheila, quando entrei para buscar o meu telemóvel é que Maicon entrou no quarto, fechou a porta e sentou-se ao meu lado e foi então que nossa relação estreitou-se. Ele disse que precisava *me contar uma coisa*. Contou-me que estava com uma *doença na cabeça, que seu cabelo caía em blocos: Eu me sinto muito triste, porque às vezes quero sair mas nos locais não se pode entrar de boné, eu tenho vergonha, não me sinto à vontade. Fica tudo pelado... olha!* Maicon tira o boné pela primeira vez: no seu couro cabeludo havia partes com perda total de cabelo. Pela primeira vez em dois anos aparecia na narrativa de Maicon referências a emoções como *vergonha, medo e tristeza*, sentimentos associados à feminilidade e usualmente a um “sinal de fraqueza” para os homens²⁶¹.

²⁶¹ Como Lutz (1990) observou sobre o lugar da emoção no pensamento ocidental, “qualquer discurso sobre emoção, é também, implicitamente um discurso sobre gênero” (*apud* Coelho, 2010:268).

Maicon afirma ter ido a uma médica em Santarém, quando estava trabalhando em uma das obras como encarregado, que *tomou uns comprimidos, usou um shampoo e não adiantou...* Conta que fez exame de sangue "*fiz tudo, sida, HIV, Aids, tá a ver...não deu nada...* Ao longo da conversa Maicon relatava que havia perdido seu irmão, com onze anos, consequência de uma leucemia. Receava estar também doente. E pediu que eu o acompanhasse no hospital Amadora-Sintra. *Não quero ir sozinho!* Combinamos de ir na próxima semana, em um dos dias em que ele não tivesse trabalho. Na altura, Maicon já não trabalhava todos os dias. A crise econômica já havia afetado a área da construção civil, actividade laboral da maioria dos rapazes.

Não obstante, no dia posterior à conversa com Maicon, acordo com uma mensagem de Sheila que dizia: quando *puder me liga*. Ela estava bastante aflita ao telefone: *aconteceu uma coisa horrível essa noite, horrível mesmo...quase mataram o Maicon...foi por pouco*. Pergunto como e onde. Sheila relata que *foi perto do Atlético*, uma das principais discotecas do Cacém. De acordo com sua narrativa, alguém colocara fogo em um automóvel e *os seguranças da discoteca espancaram ele, achavam que ele tinha feito isso...foi horrível, tô revoltada. Vi ele caído no meio da rua, todo ensanguentado, parecia que tava morto. Gritei demais...eles (os seguranças) cuspiram nele pá, não se cospe nem num cachorro. Ele chegou no fundo do poço*. Sheila fala sobre o racismo contra brasileiros: "*se fosse um tuga, eu duvido que eles iam fazer isso*". Após falar com ela, liguei imediatamente para o Maicon (ela havia me dito que ele estava na casa de *um amigo* no Carandiru. Maicon atendeu o telefone como se nada tivesse acontecido. Eu disse que sabia que ele estava machucado e perguntei como estava. *Eu estou bem Paula, mas podia estar melhor*. Pergunto se poderia visitá-lo e ele disse que ia trabalhar, *que tinha que terminar um serviço, mas que às 20 horas estaria em casa, e que, se eu quisesse poderia ir*. Combinamos. Logo depois liguei para Sheila avisando que iria ao Cacém, que iria visitá-lo e perguntei se ela gostaria de vir comigo. *Vou sim, disse ela*. Foi difícil dormir. A cena retratada por ela: ele caído, desacordado, com o rosto cheio de sangue, não me saía da cabeça.

Sheila liga-me por volta das 14 horas, e eu digo que estarei no Cacém às 17. Quando estava já no comboio recebo uma *sms* de Maicon *você vai vim cá?* Respondi que já estava a caminho, na Amadora. Ele manda outra *sms* dizendo que já estava em casa. Antes, passei pela casa de Sheila. Ela relatou a história novamente e disse: *está tudo muito mal contado!* E que não sabia se não tinha sido ele *a colocar fogo nos carros*. Relata que quando estava saindo da discoteca, um dos seguranças perguntou a

ela se conhecia Maicon. *Ele disse o nome dele completo...eu disse que sim, mas que não tinha nada a ver como que ele fazia...já paguei a minha conta não paguei?* E completou: *quero ver se ele (Maicon) está falando a verdade...vou olhar nos olhos dele, aí a gente sabe se a pessoa tá falando a verdade. As coisas que Maicon fazia, que Sheila referencia, são sobretudo as constantes discussões e brigas nos cafés e discotecas e o roubo de um carro no Cacém. Maicon roubara um carro, segundo ele *pegou emprestado*, para passar o Natal conosco em Ericeira e foi detido pela polícia.*

A sua *má fase* era atribuída pela maioria dos sujeitos à gravidez de Juliana que, até então, afirmava que o pai da criança era um *tuga*, e pela desarmonia com Jorge, seu único patrão ao longo dos oito anos de Maicon em Portugal.

Entro no Carandiru. A porta do apartamento estava aberta. Chamo por Maicon, que diz para eu entrar. Ele estava na cozinha. Fumava um cigarro e tomava cerveja. Os olhos roxos, o rosto todo desfigurado. Levanta para me cumprimentar e eu pergunto o que havia acontecido: *os seguranças me estranharam... a gente discutiu*. Maicon ia relatando os pormenores do estranhamento sem olhar para mim e Sheila. À medida que descrevia a cena mexia nas teclas de seu telemóvel. E repetia várias vezes: *mas deixa, tá-se bem, não vai ficar assim*. Sheila o questiona sobre ter sido o responsável pelo incêndio no carro. Mas Maicon responde enfaticamente: *não fui eu, quando faço merda, assumo. Tava voltando a pé para casa, cê acha que eu ia colocar fogo num carro? Entrava, fazia uma ligação directa e pronto, é fácil. Aquele carro que fomos para Ericeira (ele se refere ao Natal), foi assim, tás a ver...eu assumo*. Relata que os seguranças do Atlético já haviam lhe ameaçado e, pergunta a Sheila, quem o tinha levado para o hospital. Ela responde: *a ambulância uai*. Maicon tem como ideia fixa vingar-se dos seguranças. De acordo com ele já tem *a arma* e precisa de uma moto: *mas eu tenho muitos amigos! Não vai ser problema*. Enquanto conversávamos, eu fazia o jantar.

Maicon não se *vingou* dos seguranças. E logo após esse episódio violento, somado à gravidez de Juliana, a perda do trabalho e a *doença na cabeça*, resolveu regressar ao Brasil pela primeira vez, após oito anos. No início de Março, Maicon mandou-me um SMS que dizia: *vamos embora na sexta ou no sábado*. Percebi que o “vamos” significava ele e Juliana. Retorno a ligação e digo que gostaria de me despedir deles. Ele fala susurrando: *“te ligo amanhã para explicar direito”*. Desde que voltou a namorar Juliana, sempre fala baixo, parece que com receio que alguém escute, e as conversas são bem breves.

Chegara em Lisboa com 18 anos em 2004, no mesmo ano que eu. Antes de regressar, acompanhei-o ao hospital Amadora-Sintra onde fora diagnosticado alopecia, uma doença autoimune que precisava ser melhor investigada. Nessa altura, Maicon ainda estava bastante machucado. Passamos o dia juntos no hospital, e ele, quando se dirigia a mim, chamava-me em tom de brincadeira de D. Luiza, o nome de sua mãe.

No dia 21 de março de 2012, acompanhei Maicon e Juliana até o aeroporto. Perguntei a eles se tinham decidido ficar juntos. Juliana responde: *vamos embora juntos, ele vai para Minas, conhecer minha família e depois vai para Vitória, porque já tem trabalho garantido lá. ...Eu só vou morar com ele quando tiver uma casa, pode ser alugada mesmo, mas que tenha tudo lá dentro direitinho.* Maicon riu-se, mas Juliana foi bastante incisiva “*porque quando você estava bem, não queria mais saber de mim, agora que está na pior quem sobrou...só eu...cadê os seus amigos?*” Ao se despedir, Juliana diz: *gente, você vê, ir embora para começar do zero e ainda grávida.* Sentia algum pesar na fala de Juliana e na do Maicon não. Pergunto a ele se está ansioso e ele responde: *Eu não, sou bicho solto.* Maicon me abraça, pela primeira vez, e os dois entram pela porta de embarque.

Nos próximos meses conversámos através do MSN. O nascimento de Wenderson, o término do relacionamento com Juliana e a *saudade dos amigos e do Cacém, afinal foram oito anos né!* Maicon regressara para Vitória, para a casa de seus tios *que eram como pai e mãe.* Não reencontrara os seus amigos do Brasil: *não tem ninguém aqui, nem conheço mais ninguém... nem saí ainda.* Logo ao chegar, conseguira emprego nas obras através de seu tio. Na altura, dissera que estava ganhando bem, quase três mil reais por mês, o equivalente a aproximadamente mil euros. O *boom* da construção civil no Brasil, consequência das obras de infra-estrutura para grandes eventos (como o Mundial de Futebol e as Olimpíadas) e o aparente crescimento econômico brasileiro, fizera com que Maicon tivesse bastante trabalho, inclusive fora de Vitória. Em uma de nossas conversas, estava no Rio de Janeiro, em Petrópolis. Apesar das *saudades*, Maicon dizia-se bem e, logo após alguns meses, começou a namorar novamente. Trabalhava, *ganhava dinheiro*, os seus tios não queriam *deixar ele ir embora.* Como afirmou Maicon: *agora só faltava ir ao médico, ver o problema na cabeça.*

Era março de 2012. Nessa altura, no Cacém, Junior, 25 anos, filho de D. Lena, que se deslocou na mesma época que Maicon e não regressara ao Brasil, havia morrido, consequência de uma explosão de gás em sua residência. Todos estavam muito

comovidos. Era a primeira vez que alguém do grupo falecia, produzindo recorrentes narrativas sobre o regresso e *o medo de morrer aqui*, em Portugal, sem rever a família. Alexandre deixara um filho de dois anos. D. Lena não via o filho há oito. Foi necessário articular as redes Mantena-Cacém para enviar o corpo do rapaz, que tinha um custo de 5 000 euros. Por meio de amigos, vizinhos, pessoas oriundas de Mantena e de colegas da construção civil (*pretos, portugueses*, etc) e através da poupança de Junior, somou-se a quantia necessária para o envio do corpo.

No dia 23 de Junho de 2012, em uma situação-limite, compreendi melhor a densidade do *continuum* entre o campo, entre o Cacém e o Brasil, que tenho vindo a descrever. Ao abrir o meu “feed de notícias” do *Facebook*, encontro as seguintes palavras no perfil de Juliana: *Que Deus acolha Maicon! Descansa em paz meu amor!* Maicon havia morrido, era um facto. Mas como? Onde? Quando? De maneira quase instantânea, recebo a ligação de Sheila chorando. Era a segunda morte durante a etnografia, em menos de seis meses. Eu também chorava, e na verdade, desacreditava da sua morte. Sheila conta que Maicon morrera afogado em uma cachoeira. Tivera uma congestão e não foi possível socorrê-lo. Ele chegou a pedir ajuda, mas os amigos *acharam que era mais uma de suas brincadeiras*.

Maicon dizia não ter medo da morte. *Ser bicho solto e não trocar de roupa se for preciso matar alguém* eram frases recorrentes, ainda que nunca tivesse assassinado ninguém. Portava armas de fogo, fora espancado no Cacém, *quase morreu*, sobrevivera às inúmeras brigas e confusões *com os pretos nos cafés* e à morte da maioria de seus amigos da mesma faixa etária, na origem, consequência de mortes violentas como assassinatos ou acidentes de carro ou motos²⁶². E morrera afogado. A indignação das pessoas, não era em relação à morte em si, anunciada tantas vezes, mas à maneira como Maicon havia morrido. Grande parte das pessoas concordava com Jonas: *Se fosse morte matada, a gente até entendia! Mas morte morrida... morrer afogado... não é justo!*

A morte de Maicon coincidiu com o término do trabalho de campo. Ou, a sua morte teve como consequência o encerramento do campo para mim, ao final de três

²⁶² Para fins estatísticos, no Brasil, são consideradas como morte violenta os assassinatos, suicídios e os acidentes de transporte. No caso de homicídios, nos anos entre 2007-2011 foram vitimadas 206.005 pessoas, número superior aos 12 maiores conflitos armados acontecidos no mundo entre 2004 e 2007. No período 2001/2011, a única região do país que apresenta declínio em suas taxas – e de forma expressiva – é a Sudeste, onde os índices praticamente caem pela metade devido às quedas que acontecem em São Paulo, desde 1999, e no Rio de Janeiro, a partir de 2003. Em compensação, em Minas Gerais as taxas crescem significativamente e o estado do Espírito Santo, no ano de 2011, ocupa o segundo lugar nas taxas de homicídio juvenil de unidades federativas (estados). Dados disponíveis em <http://www.mapadaviolencia.org.br/>, acessado pela última vez em 30 de Outubro de 2013.

anos. Posteriormente ao falecimento de Maicon, Yan e Wellington regressaram ao Brasil, para Governador Valadares e Cachoeirinha de Itaúna, respectivamente. Jonas, Sheila, Camila, Dora, Lívia, Jéssica, Igor, Magno e Zico permanecem no Cacém. Dalton acabara de cumprir a pena por assalto a mão armada e regressou para o Rio de Janeiro, acompanhado de sua nova namorada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos capítulos anteriores, ao procurar responder à pergunta inicial da pesquisa: Como a “Europa poderia ser Cacém”? Percorri durante quatro anos os trajetos e trajetórias de 26 sujeitos oriundos de uma mesma cidade – Mantena - que vivem no bairro do Cacém, região metropolitana de Lisboa.

Anterior à minha primeira visita ao Cacém e encontro com Sheila, o desconforto com abordagens teóricas e metodologias que construía a noção de uma “comunidade brasileira” em Portugal, consequência de um nacionalismo metodológico (Wimmer e Schiller, 2002, 2003) e de um privilégio concedido à etnicidade na maioria das análises (Schiller, 2012) já fazia-se presente. De fato, o entendimento sobre a existência de uma “cultura” comum baseada no pertencimento a um determinado Estado-Nação, nesse caso, o Brasil, não me auxiliava na reflexão sobre as circulações e mobilidades que envolvem Portugal e o Brasil na contemporaneidade, nem a compreensão dos deslocamentos entre Mantena e o Cacém.

Foi através de permanências alternadas nos locais de origem e destino dos sujeitos que foi possível contextualizar socialmente as trajetórias sociais desses “migrantes” - suas relações familiares, a história da sua família e das relações e trajetórias dos que a compõem, seus contextos de sociabilidade, percursos laborais e escolares e recursos econômicos. Ao mesmo tempo, ao confrontá-las com as trajetórias biográficas e sociais dos sujeitos que permaneceram nos locais de origem, os quais não tiveram a experiência do deslocamento entre fronteiras internacionais, permitiu-me extrapolar o relato dos fatos das experiências vividas, através da criação de uma familiaridade não só com o que o interlocutor pensa, mas com o contexto intersubjectivo em que o sujeito pensa (Lima e Pina-Cabral, 2005: 364-365).

Ao desenredar o que é enxergado exclusivamente como “étnico”, pude compreender categorias nativas comumente utilizadas no Cacém como “brasileiros”, “tugas” e “africanos,” que comunicavam sobre complexas classificações sociais tecidas a partir de marcas sociais entretecidas como posição social, origem regional, idade, nacionalidade e sexualidade.

Ao longo da tese, argumentei que a construção da diferença e sua operacionalização - classificação, hierarquização e representação dos sujeitos - têm

funcionado de acordo com os espaços onde os mesmos estão inseridos nas sociedades de destino, nesse caso, o Cacém, bem como dos seus contextos de origem.

Compreendi as experiências de mobilidade dos sujeitos de Mantena para o Cacém a partir da análise da mobilidade como um conceito alargado, que incluiu mobilidades físicas, residenciais, sociais e biográficas. Pensar a mobilidade social dos sujeitos envolvidos nesses deslocamentos entre fronteiras internacionais ultrapassou refletir sobre as desigualdades entre Estados-nação (Brasil e Portugal). Para além dos contextos nacionais, as desigualdades locais e regionais atuaram de maneira determinante na prática de atribuir sentido às experiências de mobilidade desses sujeitos. Assim, categorias como *pretos brasileiros*, *pretos africanos*, *chulas de viado*, *portugas e brasileiras(os)* são construídas na articulação de diversas marcas de diferença, conforme a situação e os contextos de interação. Foi preciso comparar o impacto direto das mobilidades através das fronteiras internacionais na vida dos indivíduos que se deslocam.

Para tanto, as relações espaciais foram fundamentais para uma comparação entre as posições sociais nos locais de origem e destino. Os espaços de vivência dos sujeitos, classificados como *roça*, *morro*, *periferia*, *cidade e subúrbio*, somente se tornaram inteligíveis em sua relacionalidade. Como argumentei na tese, a polissemia do termo *periferia* foi revelada pela heterogeneidade de experiências, condições de vida e possibilidades de interação com outros sujeitos, permitiu articular outras marcas de diferença e reconfigurar as relações de poder.

Mensurar a posição social dos sujeitos dessa etnografia exigiu um esforço relacional, na medida em que se teve que levar em consideração as posições sociais ocupadas anteriormente nas sociedades de origem, as estratégias e concepções sobre a mobilidade social construída pelos próprios sujeitos, que muitas vezes é pensada de acordo com os valores da origem.

Argumento que o compartilhamento das mesmas formas de moradia e, na maioria das vezes, o mesmo estatuto laboral, com “africanos” e alguns “portugueses” no Cacém, têm possibilitado aos sujeitos romper barreiras de cor/raça associada a uma classe baixa, tão importante nos contextos de origem. Numa hierarquia de classificação racial que se entrecruza com a classe, ser *preto* em Mantena se configura como o mais baixo nível hierárquico, enquanto no Cacém, a construção da diferença é feita, sobretudo, através da nacionalidade e da origem étnica. Ser “preto brasileiro”, no Cacém, parece melhor do que ser *preto e pobre* em Mantena. A interação social com

“portugueses” e “africanos” tem tornado possível a elaboração de novos arranjos classificatórios através da articulação e hierarquização de outros marcadores de diferenciação social: sexualidade, nacionalidade e etnicidade.

Todavia, discuto que para ser “brasileiro/a” não basta ser oriundo do Brasil. Tornar-se brasileiro no Cacém é uma aprendizagem singular e de grupo, que passa pela autonomização financeira e, conseqüentemente, um maior acesso ao consumo e ampliação da vida social quando comparada com os contextos de origem. Por outro lado, interesses e expectativas de auto-imagem e imagem coletiva também definem os significados do que é “ser brasileiro/a em Portugal”, nomeadamente no Cacém. Determinadas **corporalidades** como *o jeito de andar, colocar uma calça bem apertadinha, blusa decotada, usar bermudas e não cachecol (mesmo no inverno), tipos de tatuagens, piercings* e o uso recorrente de algumas gírias. **Objetos:** carros, telemóveis de última geração, *notebooks*, roupas, sapatos, bebidas como Whisky e Red Bull; e, determinadas **práticas:** frequentar bailes *funks* e discotecas brasileiras e fazer churrascos são alguns exemplos de vinculação ao *ser brasileiro*.

Aliás, o consumo como forma de ação simbólica serviu como um importante instrumento de análise da negociação do *status* dos “jovens migrantes”. O acesso a determinados bens de consumo é quantificado, tanto no destino quanto na origem como *melhorar de vida e aproveitar a vida, e* tornam-se linguagens simbólicas que comprovam o “sucesso” dos sujeitos que se deslocaram entre fronteiras internacionais.

Se no Cacém, essas preferências e estilos simbolizam *ser brasileiro (a)*, argumento que a diferença de classe não serviu para explicar as lógicas de distinção social na cidade de Mantena. Curiosamente, se no Brasil, de uma maneira geral, esses mesmos estilos, estéticas e gostos são associados às camadas populares, em Mantena, sujeitos (auto) classificados na cidade como membros de uma *classe alta*, compartilhavam com os sujeitos que vivem no Cacém os mesmos estilos e gostos - música, bebidas, roupas - ainda que a diferença de “classe” estivesse presente.

Defendo que não são gostos e estilos que servem para transmitir as posições sociais dos sujeitos, mas o modo como se apropriam e significam seus gostos musicais, estilos de vestir, etc. As lógicas de distinção social em Mantena se tornaram mais claras a partir do conceito de grupo de estatuto (Lima, 2000), onde outros mecanismos de distinção podem ser incorporados na análise, principalmente a origem familiar, o lugar de residência, as categorias profissionais, o facto de ter uma boa casa e um bom carro,

mesmo que houvesse um compartilhamento de estilos e gostos, ou um salário ou recurso econômico semelhante ao das *classes altas*.

Mas ser brasileiro (a) no Cacém envolve, conjuntamente, a articulação de outras marcas de diferenciação social. A importância concedida à sexualidade na construção da identidade social e sua constante articulação com o mercado do sexo local foram constatados. Afirmo que a mobilidade entre fronteiras internacionais para contextos e conteúdos particulares, tem situado mulheres e homens de forma diferente. Tanto no caso das meninas, como dos rapazes em situação de deslocamento entre Mantena e o Cacém, a sexualidade ocupa centralidade no processo de construção da diferença e na classificação moral dos sujeitos, como também, se configuram como uma das principais categorias que circulam entre essas fronteiras.

Se, na origem, o fato de Sheila ser *saideira* e *sem juízo*, parece estar associado a uma noção de “virtude” feminina, intimamente ligada à maneira como se vive a sexualidade, que a colocava como “desviante”, comparado aos comportamentos sexuais aceitos em Mantena, em Portugal, é no campo da sexualidade e do agenciamento das noções de brasilidade (Piscitelli, 2011, 2013) que a construção da diferença será efetuada e articulada com outras marcas de diferenciação social como nacionalidade, raça e idade. Isto é, em Portugal, um cenário marcado por imaginários/noções excessivamente sexualizados/as referentes/ligados/as a “mulher brasileira” e pela noção naturalizada de uma cultura sexual brasileira que as experiências de deslocamento dos sujeitos serão negociadas e significadas. A construção do *ser brasileiro em Portugal* é negociada, sobretudo, através da sexualidade, articulada com outros marcadores sociais. O próprio contexto discursivo sobre o que é *um brasileiro(a)* modela e produz identificações que priorizam a sexualidade enquanto marca social.

No caso dos rapazes, para além da sexualidade entretecida com a nacionalidade e etnicidade, esse mesmo contexto discursivo tem possibilitado uma reelaboração de categorias e estratégias que dinamizam classificações do que é ajuda, amor e interesse, tornando os sujeitos mais ou menos desejáveis nos mercados afetivo-sexuais. Argumento que o esquema classificatório dos sujeitos, que inclui os rapazes, é entretecido no mesmo contexto simbólico e discursivo das meninas, em que a sexualização ocupa um papel de destaque.

Contudo, outros elementos funcionam como retóricas funcionais no caso dos rapazes. No Cacém, frequentes referências ao crime organizado, ao *sangue nos olhos* e à *violência* são constantemente acionadas como conteúdos simbólicos que se

vinculavam a ideia do *ser brasileiro*. O porte de armas e o *estilo bandido* de se vestir, falar, andar, somado ao gosto pelo *funk carioca* e o *rap*, constroem símbolos importantes sobre ser um *homem brasileiro*.

Ressalta-se que esse contexto discursivo coaduna com diversas matérias midiáticas dos últimos oito anos, em que a utilização de expressões brasileiras enfatizando a originalidade de práticas criminosas relacionadas com o Brasil são cada vez mais frequentes, como, por exemplo, o *Arrastão da Praia de Carcavelos* e a formação do PCP – Primeiro Comando de Portugal.

Repensando gênero, família e moralidade a partir de contextos transnacionais

A etnografia revelou também que os deslocamentos entre fronteiras internacionais têm possibilitado novos arranjos de gênero, família e moralidade, o que não significa, necessariamente, um corte com modelos e padrões anteriores aos deslocamentos. Ao abordar as dimensões relacionais e temporais dos projetos migratórios, evidencio que a mobilidade se configura uma estratégia local de mobilidade social, que inclui a reprodução social das famílias e, ao mesmo tempo, projetos individuais.

As categorias nativas *melhorar de vida* e *aproveitar a vida* me ajudaram nessa reflexão. Em um primeiro momento, observei que essas categorias possuíam diferentes camadas de significado, dependendo dos sujeitos que as utilizavam - sujeitos em deslocamento, familiares, amigos e vizinhos –, como também se modificavam ao longo do tempo do deslocamento. Assim, a pesquisa revelou que, para os sujeitos que participaram nessa etnografia, os projetos migratórios familiares / individuais não são noções dicotômicas, mas realidades coexistentes.

A ideia de *melhorar de vida*, associada geralmente a um projeto familiar de mobilidade - melhorar a casa, comprar carro, moto e/ou abrir o próprio negócio, ajudar a família –, não se mostrou contraditória com a noção do *aproveitar a vida*, vinculada a um maior acesso ao consumo – roupas, eletrodomésticos, idas a shows, restaurantes –, ao estar solteiro, não ter filhos, mais *liberdade* e ausência do controle direto dos pais.

Ao contrário, a etnografia mostra como as experiências dos sujeitos ao longo da migração têm baralhado essas dicotomias, demonstrando inúmeras ambiguidades: combinações de modelos de família e moralidade, reconfigurações de relações de gênero, códigos relacionais que incluem noções de honra, reciprocidade e hierarquia,

sem excluir valores individualistas. Ao invés de associar determinados modelos familiares a determinadas classes sociais, defendo, como Machado (2001), a existência no contexto brasileiro de posições e situações de classe em diferentes temporalidades.

Mas a etnografia permitiu refletir para além do contexto brasileiro. Através dos diferentes projetos de mobilidade existentes para rapazes e meninas e das reconfigurações nas relações familiares a partir da mobilidade dos sujeitos, revelo que, nos contextos transnacionais, as combinações de noções de família e moralidade são diferenciadas. Mais do que a classe, é na interseção de marcas sociais como nacionalidade, gênero e etnicidade que em contextos específicos de deslocamentos, o uso tático da sexualidade e de determinadas concepções de feminilidades e masculinidades têm ocupado centralidade nas experiências dos sujeitos.

Meu principal argumento é que apesar do ideal de família conjugal e de relações de gênero tradicionais que - defendem o controlo da sexualidade feminina, a noção de que o homem é o provedor econômico, “proíbem” o aborto e consideram a contraceção um dever feminino -, as práticas dos sujeitos dessa etnografia contradizem esses mesmos ideais. A importância das meninas na gestão do dinheiro, o namoro dos rapazes com meninas em que a relação sexual se deu na primeira noite ou com meninas trabalhadoras do sexo, e a liberdade sexual vivenciada pelas mesmas, são exemplos práticos importantes.

Considero ainda que modelos de família e de gênero não são substituídos um pelo outro. Defendo a coexistência entre o que se define por “tradição” e “modernidade” renegociadas em diferentes contextos socioespaciais, em diferentes segmentos sociais, como também através da religião. A inserção dos sujeitos dessa etnografia em igrejas neopentecostais ou carismáticas, por exemplo revela a intensificação de modelos tradicionais de família conjugal. Considero que essa foi uma das linhas de desdobramento da pesquisa que por ter sido analiticamente limitada merece, no futuro, uma reflexão mais aprofundada.

Se inicialmente, a idade foi considerada por mim o marcador de diferenciação principal para analisar as trajetórias e experiências desses sujeitos, pelo fato destes pertencerem a um mesmo grupo etário, gênero, nacionalidade e sexualidade adquiriram centralidade. A idade ou a noção de um estilo de vida jovem foi apenas um dos marcadores de diferença reivindicados no contexto desses deslocamentos. Mais do que articulada com outras marcas sociais de diferença, a idade, muitas vezes não adquire centralidade nas experiências de deslocamentos entre fronteiras internacionais desses

sujeitos. O alargamento e as próprias dinâmicas da idade – ser *jovem, velho, novinha* - foram observados em diferentes situações e contextos de interação tanto em Mantena, quanto no Cacém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel, (1994). *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Trad. Graça Índias Cordeiro; Heitor Frúgoli Jr; São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011

AGUIAR, Sonia. *Redes sociais na internet: desafios à pesquisa*. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, Santos, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20E0%20pesquisa.pdf. Acesso em: 15 fev. 2013.

ALMEIDA, Ronaldo de; D'ANDREA, Tiarajú; DE LUCCA, Daniel. *Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas*. *Novos Estudos-CEBRAP*, 82: 109-130, 2008.

ALMEIDA, Ronaldo. **A Igreja Universal e Seus Demônios: um estudo etnográfico**. 1ªed. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

_____. Ronaldo. "A universalização do Reino de Deus." *Novos Estudos CEBRAP* 44: 12-23, 1996.

ALVIM, Filipa. "‘Só muda a moeda’: Representações sobre o tráfico de seres humanos e trabalho sexual em Portugal". Tese de doutoramento em Antropologia, IUL/ISCTE, 2013.

ALVIM, Filipa, e BORDONARO, Lorenzo. "The greatest crime in the world's history: uma análise arqueológica do discurso sobre tráfico de mulheres". Lisboa: VI Congresso Português de Sociologia, 2008.

ALVIM, Filipa; TOGNI, Paula. *Sob o véu dos direitos humanos: Tráfico, Tráfego e Políticas Públicas para a Imigração. Um estudo de caso sobre as mulheres brasileiras em Portugal*. I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, Universidade Autônoma de Barcelona, 2010, pp.145-152.

ANDALL, Jacqueline. *The space between: Gender politics and immigration politics in contemporary Europe*. 2003. In Andall, J (ed.) **Gender and Ethnicity in Contemporary Europe**, Oxford: Berg, pp.39-60.

ANTHIAS, Floya. *Beyond feminism and multiculturalism:: Locating difference and the politics of location*. In: Women's Studies International Forum. Pergamon,p. 275-286, 2002.

ANTHIAS, Floya; LAZARIDIS, Gabriella (ed.). **Gender and migration in Southern Europe: Women on the move**. Berg, 2000.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos*. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**, pp. 321-362, UNICAMP, 2011. (Coleção Encontros Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero).

_____. *De Governador Valadares e Criciúma para Boston*. *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 7, p. 3754, 2007.

_____. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Unicamp Campinas, SP, 2004.

_____, Gláucia de Oliveira. Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, 193-232.

AZEVEDO, Patrícia. *Para além do prejuízo. Análise das narrativas de identidade e reconstrução de subjectividades em mulheres brasileiras na área metropolitana de Lisboa*. Tese de Mestrado, ISCTE, Lisboa, 2008.

BADARÓ, Celeste. *Questão migratória: Brasil e Espanha*. Disponível em http://www.pucminas.br/imagdb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20080402093444.pdf?PHPSESSID=6f637a02ea0df6e8ae3824c49cba6, acessado pela última vez em fevereiro de 2013.

BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FERNANT, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.

BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; BLANC, Cristina Szanton. **Nations Unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized Nation-States**. Amsterdam: Gordon and Breach Science Publishers, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BELELI, Iara. *Amores online*. In: PELÚCIO, Larissa *et al.* (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Editora Cultura Acadêmica, 2012. p. 56-73.

BERTAUX. **Destinos pessoais e estrutura de classe**; trad. José Saramago. Lisboa: Morais Editores, 1978

BIONDI, Karina. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC**. São Paulo: Terceiro Nome. 2010.

BONETTI, Aline. *Intrusas Bem-vindas: Um olhar sobre os cruzamentos entre gênero, relações de poder e sensibilidade na pesquisa etnográfica*. In: GROSSI, Miriam; SCHWADE, Elisete (org.) **Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade**, p.17-46, 2006.

BORDONARO, Lorenzo Ibrahim. *Living at the margins: Youth and modernity in the Bijagó islands (Guinea-Bissau)*. Tese de Doutorado, ISCTE/IUL, 2007.

BOURGOIS, Philippe. **In Search of Respect. Selling Crack in El Barrio**. 2ª edição, Publisher: Cambridge. University Press, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, p. 183-191, 1996.

_____. *Condição de classe e posição de classe*. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOYD, Monica. *Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas*. *International Migration Review*, v. 23, n. 3, p. 638-670, 1989.

BOYD, M e GRIECO, E. *Women and migration: incorporating gender into international migration theory*. University of Toronto, 2003. Disponível em <http://www.migrationinformation.org/feature/display.efm?ID=106>, acessado pela última vez a 15 de dezembro de 2013.

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*. *Cadernos pagu* (26), janeiro-junho pp.329-376, 2006.

_____. **Cartographies of Diaspora**, Londres, Routledge, 1996.

BRANDÃO, Elaine Reis. *Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência*. 2003. PhD Thesis. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social.

BRETELL, Caroline. **Anthropology and migration: essays on transnationalism, ethnicity and identity**. WalnutCreek: Altamira Press, 2003.

_____. *Theorizing migration in Anthropology: the social construction of networks, identities, communities, and globalscapes*, in Brettel, Caroline e Hollifield, James (eds.) (2000), **Migration Theory: Talking across Disciplines**, Londres, Routledge, pp. 97-136, 2000.

BRYCESON, D. and U. VUORELA, eds. **The Transnational Family: New European Frontiers and Global Networks**. Oxford: Berg, 2002.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. New York, Routledge, 1990.

CABECINHAS, R. *Racismo e Etnicidade em Portugal: uma análise pisisociológica da homogeneização das minorias*. Braga, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2002.

CACHADO, Rita. *Trajectos interurbanos na diáspora: o elo esquecido da mobilidade social*. CIES e-Working Paper, Lisboa, n. 83, 2009.

CAETANO, Cristina Salles. *Reflexões sobre as dimensões teóricas e práticas de enfrentamento da criminalidade urbana no contexto brasileiro*. Cadernos NEDER, n.3, Disponível em http://www.univale.br/central_arquivos/arquivos/caderno-neder-3---violencia-e-criminalidade.pdf#page=40, acessado pela última vez em março de 2014.

CALDEIRA, T. P. R.. 2000. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**, São Paulo, Edusp/Ed. 34, 2000.

_____. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**, São Paulo, Brasiliense, 1984

CAMPANI, Giovanna. *Immigrant women in southern Europe: Social exclusion and gender*. In: conference on “Migration in Southern Europe,” Regional Network on Southern European Societies, 19–21 September. 1997.

_____. *Women migrants: from marginal subjects to social actors*. The Cambridge survey of world migration, 546-550, 1995.

CARDOSO, Ana; PERISTA, Heloísa. *A cidade esquecida: pobreza em bairros degradados de Lisboa*. Sociologia, Problemas e Práticas, 15: 99-111, 1994.

CARNEIRO, Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção*. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, n. 11, 1998.

CARRARA, Sergio e SIMÕES, Júlio. *Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira*. Cadernos Pagu (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007, pp.65-100

CASTLES, Stephen. *Entendendo a Migração Global: Uma perspectiva desde a transformação social*. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 2011, 18.35.

CARSTEN, Janet. 2004. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press.

CARSTEN, Janet (ed.) (2000), **Cultures of Relatedness: New Approaches to the Study of Kinship**, Cambridge, Cambridge University Press

CARVALHO, Marília Pinto de. *Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero*. Educação e Pesquisa, 2003, 29.1: 185-193.

CASTLES, Stephen (2005), **Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: Dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais**, Lisboa, Fim de Século

CHALLINOR, Elizabeth (2011) “*Cape Verdean Migrants and Extended Mothering*” in (org.) Michelle Walks and Naomi McPherson: **Mothering: Anthropological Perspectives**, Bradford, ONT: Demeter Press, pp196-208, 2011.

CHO, Sumi; CREWSHAW, Kimberlé; e MCCALL, Leslie. *Toward a Field of Interseccionality Studies: Theory, Applications and Praxis*. Signs, Journal of Women in Culture and Society, vol. 38, n. 4, p. 785-810, 2013.

CLIFFORD, James. *Culturas Viajantes*. In: ARANTES, Antonio (org). **O espaço da diferença**. Campinas, SP, Editora Papirus, 2000.

CÔELHO, Christiane. *Contra-correntes migratórias: o retorno dos brasileiros*. Centro de Estudos Sociais (CES), coord. por Boaventura de Sousa Santos, Colóquio “Caminhos do Futuro”, Coimbra.

CONTADOR, António Concorde. *Consciência de geração e etnicidade: da segunda geração aos novos luso-africanos*. Sociologia, Problemas e Práticas, 26: 57-83, 1998.

CONTINS, Márcia, and Edlaine de Campos GOMES. *Os percursos da fé: uma análise comparativa sobre as apropriações religiosas do espaço urbano entre carismáticos e neopentecostais*. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP/Ponto Urbe 1 (2007): 1-16.

CONSTABLE. *At Home but Not at Home: Filipina Narratives of Ambivalence Returns*. Cultural Anthropology, 14, 2, p. 203-228, 1999.

CORDEIRO, Graça, BAPTISTA, Luís e FIRMINO DA COSTA, António (eds.). **Etnografias Urbanas**. Oeiras, Celta editores, 2003.

CORDEIRO, Graça Índias. *Um bairro no coração da cidade: um estudo antropológico sobre a construção social de um bairro típico de Lisboa*. 1995.

COSTA PINTO, T. “Apropriação dos espaços em bairros sociais: o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro”. Sociedade e território, n.20, Porto, Afrontamento, 1994.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*, Estudos feministas 1, p.171-189, 2002.

CUNHA, Isabel Ferin, et al. **Media, imigração e minorias étnicas II**. ACIDI, IP, 2006.

DAVIES, Charlotte. **Reflexive Ethnography: A Guide to Researching Selves and Others**, Psychology Press, 1999.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação 41, Set /Out /Nov /Dez, p. 40-52, 2003.

_____. *O rap e o funk na socialização da juventude*. Educação e Pesquisa, 28.1: 117-136, 2002.

DEBERT, G. G. (Org.); Goldstein, D. M. (Org.). **Políticas do Corpo e o Curso da Vida**. 1. Ed. São Paulo: Sumaré, 2000. V. 1000. 320 p.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas 2004. *Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil*. In : DEBIAGGI, Sylvia Dantas ; PAIVA, Geraldo José (org.). **Psicologia, E/Imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 135-164, 2004.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela ML. *Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil*. Caderno de Saúde Pública, 2006, 22.7: 1447-1458.

DIÓGENES, Glória Maria. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras eo movimento hip-hop**. Annablume, 1998.

DOLABELLA, Lira Turrier. *Namoradinhas do Brasil “na noite” lisboeta: homens portugueses e mulheres brasileiras no contexto das casas de alterne*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2009.

DO BRASIL, Casa. A 2.ª *Vaga de Imigração Brasileira para Portugal (1998-2003): Estudo de Opinião a Imigrantes Residentes nos Distritos de Lisboa e Setúbal*. Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME, estudo disponível em http://www.casadobrasildelisboa.rcts.pt/arqartigos/pesquisa_brasileiros.doc, 2004.

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. *Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

DUARTE, Cláudia Glavam. *Etnomatemática, currículo e práticas sociais do "mundo da construção civil"*. 2002. 2003. PhD Thesis. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo (RS). Orientadora: Gelsa Knijnik.

DUARTE, L.F; GOMES, E. **Três Famílias. Identidades e Trajetórias Transgeracionais nas Classes Populares**. FGV Editora, Rio de Janeiro, 1998.

DUARTE, Luiz Fernando. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Zahar, 1988.

_____. *Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas*. In: LOPES, J. S. Leite. (org.) **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro, UFRJ/Marco Zero, 1987, pp.203-226.

DURHAM, Deborah. *Disappearing youth: Youth as a social shifter in Botswana*. *American Ethnologist*, 2004, 31.4: 589-605.

DURHAM, E. R. "A sociedade vista da periferia", in, **A dinâmica da cultura**, São Paulo, Cosac & Naify, p. 377-407, 2004[1986b].

_____. **A Caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota** [1940]. 2ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

FABIAN, Johannes (1983), **Time and the Other: How Anthropology makes its Object**, New York, Columbia University Press.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Dualismos em Duelo*. Cad. Pagu no.17-18 Campinas, pp. 10-79, 2002.

FEIXA, Carlos. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1994.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Reinventando a Localidade: Globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes internacionais*. Revista Horizontes Antropológicos, ano 15, n. 31, p. 19-50, 2009.

_____. *Entre a "fortaleza" da Europa e os laços afetivos da "irmandade": luso-brasileira: um drama familiar em um ato só*. In: FELDMAN-BIANCO, B; BASTOS, C; VALE DE ALMEIDA (org), **Trânsitos Coloniais: Diálogos críticos luso-brasileiros**, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2001.

_____. *Múltiplas Camadas de Tempo e Espaço: Reconstruções de classe, da etnicidade e do nacionalismo entre imigrantes portugueses*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, número 38, PP. 193-223, 1993.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo**: Editora UNESP, 2011.

_____. *Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana*. Revista de Antropologia, 565-610, 2010.

FERNANDES, Gleiciani Maria de Oliveira, 2008. *Viver "Além-Mar": estrutura e experiência de brasileiras imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa*. Tese de mestrado em Antropologia Social e Cultural, apresentada à Universidade de Lisboa, através do Instituto de Ciências Sociais

FERREIRA, Vítor Sérgio. Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo. *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo, Oeiras, Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, Celta Editora*, 265-366, 2003.

FIRMINO DA COSTA, António. **Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural**. Celta Editora, 2008.

FLAMM, Michael; KAUFMANN, Vincent. *Operationalising the Concept of Motility: A Qualitative Study*. *Mobilities*, v. 1, n. 2, p. 167-189, July 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. (12a ed.) (Roberto Machado, trad.) Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996

FONSECA, Lucinda (coord.) (2005). **Reunificação Familiar e Imigração em Portugal**. Observatório da Imigração. Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural, Lisboa.

FONSECA, Cláudia. *Classe e a recusa etnográfica*. In: FONSECA, Cláudia; BRITES, Jurema. **Etnografias da participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006

_____. **Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FRUGOLI, Heitor Junior. *O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 48 N° 1, PP. 133-165, 2005.

FRY, Peter. *Estética e política: relações entre "raça", publicidade e produção de beleza no Brasil*. In: GOLDENBERG, Miriam. (org.) **Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro, Record, 2007.

_____. **A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral**. Editora Record, 2005.

FUSCO, W. *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

GEISEN, Thomas (2010). *New Perspectives on Youth and Migration Belonging, Cultural Repositioning and Social Mobility*. In: Cairns, David (Ed). **Youth on the Move**. VS Verlag für Sozialwissenschaften.

GELL, Alfred. *Recém-chegados ao mundo dos bens: o consumo entre os Gonde Muria* In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias de uma perspectiva cultural**. Niterói: EDU FF, 2010.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Jorge Zahar Editor, 2001.

GLUCKMAN, Max. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In: Bela Feldman-Bianco (ed). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Unesp, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, [1975], 1988.

GOMES, Mariana Selister. *O imaginário social < Mulher Brasileira > em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*. Tese de Doutorado em Sociologia, IUL/ISCTE, 2013.

_____. *Mulheres brasileiras em Portugal e imaginários sociais: uma revisão crítica da literatura*. CIES e-Working Paper N.º 106/2011. Disponível em:

http://cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP106_Gomes_000.pdf, consultado pela última vez em março de 2014.

GOMES, Sueli de Castro. *Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos*. Revista Imaginário - USP, vol. 12, no 13, 143-169, 2006.

GONÇALVES, Alfredo José. *Migrações Internas: evoluções e desafios*. *Estud. Avançados*, vol.15, n.43, pp. 173-184, 2001.

GRAMUSCK, Sherri; PESSA R, Patricia R. **Between two islands: dominican international migration**. Berkeley: University of California Press, 1991.

GROSSI, Miriam. Na busca do 'outro' encontra-se a si mesmo. In: Trabalho de campo e subjetividade. Florianópolis, UFSC, 1992.

GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores**. Niterói, Eduff, 1997.

GUEDES, André Dumans. **O trecho, as mães e os papéis : etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás**. São Paulo: Garamond, 2013.

GUEDES, Gilvan Ramalho; MARQUES, Denise Helena Franca. Migração e mercado de trabalho em Portugal: Uma análise comparativa entre Brasileiros e Africanos Lusófonos, 2008.

GUPTA, Akhil; FERGUSON , James (Ed.). **Anthropological locations: boundaries and grounds of a field science**. Berkeley:University of California Press, 1997.

_____. **Culture, Power and Place: Explorations in Critical Anthropology**, Durham, Duke University Press, 1997a.

_____. *Beyond "culture": Space, identity, and the politics of difference*. *Cultural anthropology*, 1992, 7.1: 6-23.

GUSMÃO, Neusa Maria. **Os filhos da África em Portugal - Antropologia, Multiculturalidade e educação**. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG, 2009.

HANNERZ, Ulf. *Being there ... and there... and there! Reflections on multi-site ethnography*. *Ethnography*, v. 4, n. 2, p.201-216, June 2003.

_____. *Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional*. MANA, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.7-39, 1997.

HANSEN, Karen Tranberg. *Gender and Difference: Youth, Bodies and Clothing in Zambia*. *Gender, Agency and Change: An Anthropological Perspective*, p. 33-54. In: GODDARD, Victoria. **Gender, Agency and Change: Anthropological Perspectives**, Routledge, 2000.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women. The reinvention of nature**. Routledge, New York, 1991.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style**. Londres: Methuen and Co., 1979.

HEILBORN, Maria Luiza. (org.) **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, Garamond/Fiocruz, 2006.

HERSCHMANN, Micael. **O funk eo hip-hop invadem a cena**. Editora ufrj, 2000.

HINE, Christine. *How can qualitative internet researches define the boundaries of their projects?* In: MARKHAM, A.N.; BAYM, N.K. **Internet inquire: conversations about method.** Los Angeles: SAGE, 2009. p.1-20.

HOCHSHILD, Arlie Russell, 2003, **The Commercialization of Intimate Life.** Berkeley, The University of California Press.

HOERDER, Yvonne, et al. **Negotiating Transcultural Lives: Belongings and Social Capital among Youth in Comparative Perspective.** University of Toronto Press, 2005.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette (ed.). **Gender and US immigration: Contemporary trends.** Univ of California Press, 2003.

INDA, Jonathan Xavier. **Targeting immigrants : government, technology, and ethics.** Blackwell Publishing, 2006.

KAUFMAN, Vincent; BERGMAN, Manfred; JOYE, Dominique. *Motility: Mobility as Capital.* International Journal of Urban and Regional Research, v. 28, n. 4, p. 745-756, Dec. 2004.

LEAL, Andrea Fachel. *Uma antropologia da experiência amorosa: estudo de representações sobre a sexualidade.* Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2003.

LEVI, Giovanni. *Usos da Biografia.* In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (coord.). **Usos & Abusos da história oral.** 5ª ed, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

LEVITT, Peggy; GLICK SCHILLER, Nina. *Conceptualising simultaneity: a transnational social field perspective on society.* International Migration Review, v.38, nº3, pp. 1002-1039, 2004.

LIMA, Maria Antónia Pedroso de. **Grandes Famílias, Grandes Empresas: Ensaio Antropológico sobre a Elite de Lisboa,** Lisboa, D. Quixote, 2002.

_____. *A importância das emoções: novos caminhos no estudo do parentesco e da família.* In VI Congresso de Antropologia Espanhola: Perspectivas en el estudio del parentesco y la familia, Tenerife, 1993.

_____. *A pluriactividade como estratégia de reprodução familiar na Madragoa.* In: Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces, Outros Olhares: Actas das Sessões Temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro, p. 273-281, 1996.

LIMA, Maria Antonia Pedroso; TOGNI, Paula Christofolletti. *Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero.* Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 135-144, jan./jun. 2012.

LIMA, Maria Antónia Pedroso de e SARRÓ, Ramon (eds.). **Terrenos Metropolitanos: Ensaio sobre Produção Etnográfica,** Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

LISBOA, W. *Fluxos transatlânticos e identidade: a imigração brasileira em Portugal eo imaginário português sobre o Brasil.* XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambú, Brasil, 2010.

LOBO, Andréa. *Tão longe e tão perto. Organização família e emigração,* 2006.

LOYOLA, Maria Andréa. *A Antropologia da sexualidade no Brasil.* Physis, Revista de Saúde Coletiva, 10(1), Rio de Janeiro, 2000, pp.143-167.

_____. *A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas.* In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999

LUTZ, Helma. *At your service madam! The globalization of domestic service.* Feminist review, 70.1: 89-104, 2002.

MACHADO, Igor José de Renó. **Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto**, Lisboa: ICS, 2009.

_____. Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 51, n. 2, 2008.

_____. (Ed.) **Um Mar de Identidades. A imigração brasileira em Portugal**, São Carlos: Ed. UFSCar, 2006.

MACHADO, Lia Zanotta. *Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil*. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2001.

MACHADO, Luis Fernando. **Contrastes e Continuidades: Migração, Etnicidades e Integração dos Guineenses em Portugal**, Oeiras, Celta Editores, 2002.

_____. **Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade**. 1994.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas, Editora da Unicamp, 2010 [1995].

MAFFESOLI, Michel. **El tiempo de las tribus**. 1990.

MAFRA, Clara. Relatos compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses. *Mana*, 2000, 6.1: 57-86.

MALHEIROS, Jorge (org). **A imigração Brasileira em Portugal**. ACIDI, Lisboa, 2007.

_____. *Circulação migratória e estratégias de inserção local das comunidades católica goesa e ismaelita: Uma interpretação a partir de Lisboa*», in *Lusotopie*, pp. 377-398, 2000.

_____. (1996), *Imigrantes na Região de Lisboa: Os anos da Mudança*, Lisboa, Edições Colibri.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme. “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos”. In *Revista de Antropologia*, FFLCH/USP. São Paulo, vol 35, 1993.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**, São Paulo, Brasiliense, 1984.

MAHLER, Sarah J.; PESSAR, Patricia R. *Gendered geographies of power: Analyzing gender across transnational spaces*. 2001.

MAHLER, Sarah. Theoretical and Empirical Contributions toward a Research agenda for Transnationalism. In: SMITH, M. P; GUARNIZO, L. **Transnational from Below: Comparative Urban and Community Research**. Vol. 6, London, Transaction Publishers, 1998.

MAHMOOD, Saba. *Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito*. *Etnográfica*, 10.1: 121-158, 2006.

MANGIN, William (ed.). **Peasants in Cities. Readings in the Anthropology of Urbanization**. Boston: Houghton Mifflin, 1970.

MALAGODI e MARQUES, 2007. Para além de ficar ou sair: as estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa (org.). **Juventude rural em perspectiva**, p.184-197, 2007.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the western Pacific. An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea.** First published 1922, by Routledge & Kegan Paul Ltd, 2002.

MAPRIL, José. *Banglapara: imigração, negócios e (in) formalidades em Lisboa. etnográfica*, 2010, 14.2: 243-263.

_____. *A “Modernidade” do sacrifício Qurban, lugares e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa.* Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Lisboa, 2008.

_____. *Passageiros de Schengen: a dialética entre fluxo e encerramento no trabalho de campo. Terrenos Metropolitanos: Ensaio sobre Produção Etnográfica.* Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006, 53-71.

MARCON, Frank Nilton. *Identidade e Estilo em Lisboa: Kuduro, juventude e imigração africana*, Cadernos de Estudos Africanos [Online], 24 | 2012, posto online no dia 13 Dezembro 2012, consultado o 12 Abril 2014. URL : <http://cea.revues.org/706> ; DOI : 10.4000/cea.706.

MARCUS, George. *Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography.* Annual Review of Anthropology, v. 24, p. 95-117, 1995.

MARIANO, Ricardo. 2008. *Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos.* In: Revista de Estudos da Religião, dezembro, pp. 68-95.

MASSEY D., ARANGO, J., Hugo, G., KOUAOUCCI, A., PELLEGRINO, A. e TAYLOR, E. *Theories of international migration: a review and appraisal*, in Population and Development Review, nº 19, pp. 431-66, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos. *Mobilidades e escritos: mensagens trocadas (São Paulo – Portugal, 1890-1950).* Revista História: Questões & Debates, Curitiba, UFPR, n. 56, p. 113-136, jan./jun. 2012.

MAZZUCATO, Valentina. *Transcending the nation: Explorations of transnationalism as concept and phenomenon.* In: KALB, Don; PANSTERS, Wil; SIEBERS, Hans (Ed.). **Globalization and development: themes and concepts in current research.** Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004. p. 131-162.

MEDRADO, Benedito, et al. *A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero.* Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento, 1999, 1: 230-248.

MCDERMOTT, Elizabeth. *Multiplex Methodologies: Researching Young People’s Well-Being at the intersections of Class, Sexuality, Gender and Age*, p. 235-254. In: Edited by Yvette Taylor, Sally Hines and Mark E. Casey. **Theorizing intersectionality and sexuality.** Palgrave Macmillan, Basingstoke, 2010.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento.** Editora: Perspectiva, 1979 [1935].

MENEZES, MA de; SATURNINO, M. **As migrações sazonais do sertão paraibano para as usinas canavieiras de São Paulo. Migrantes: trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro).** São Carlos: Edufscar, 2007.

MENEZES, Marilda A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes.** ED: Relume Dumará. Paraíba; 2002.

MILLER, Daniel. **Capitalism: an ethnographic approach.** London: Berg Publishers, 1997.

_____. **Material culture and mass consumption.** Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The Internet: an ethnographic approach.** Oxford: Berg, 2000.

MIRANDA, Joana. **Mulheres Imigrantes em Portugal: Memórias, dificuldades e integração e projetos de vida**. Estudos OI, número 35, ACIDI, Lisboa, 2009.

MISKOLCI, Richard. *A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente*. In: PELÚCIO, Larissa et al. (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Editora Cultura Acadêmica, 2012. p. 35-55.

MISSE, Michel. *Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido"*. Lua Nova, 2010, 79: 15-38.

MITCHELL, J. Clyde. **Social Networks in Urban Situations: Analyses of Personal Relationships in Central African Towns**, Manchester, Manchester University Press, 1969.

_____. *The Kalela Dance. Aspects of Social Relationships among Urban Africans in Northern Rhodesia*. Manchester: Manchester University Press (*The Rhodes-Livingstone Institute Papers*, 27), 1956.

MONTEIRO, Simone; HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca*. In: **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, 1999, 117-145.

MOROKVASIC, M. *Birds of Passage are Also Women*. *International Migration review*, vol.18, nº4, pp. 996-907, 1984.

MOURA, Cristina Patriota e VASCONCELOS, Larissa. *Trajetórias, trajetos e motilidade na Universidade de Brasília*. *Revista Antropológica Niterói*, n. 32, p. 87-112, 1. Sem, 2012.

NUNAM, Carolina; PEIXOTO, João. *Crise econômica e retorno dos brasileiros em Portugal*. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 20, n. 38, 2012.

OKELY, Judith. *Own and other culture*. *Anthropology and autobiography*. London, New York, 139-174, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. Editora Unesp, 2ª edição, 1998.

OLIVEIRA, S. P. *Sem Lenço, Sem documento: Brasileiros Não-documentados em Portugal*. In: Machado, Igor José de Reno. **Um mar de Identidades: A imigração brasileira em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

OLWING, Karen. **Caribbean Journeys: An Ethnography of Migration and Home in Three Family Networks**, Durham, Duke University Press, 2007.

_____. *Cultural sites: sustaining a home in a deterritorialized world*, in OLWING, Karen e HASTRUP, Kristen (eds.), **Siting Culture: The shifting Anthropological Object**, London, Routledge, pp. 17-39, 1997.

OLWING, Karen e HASTRUP, Kristen (eds.). **Sitting Culture: The Shifting Anthropological Object**, London, Routledge, 1997.

ONG, Aiwa. **Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality**, Durham, London, Duke University Press, 1999.

PADILLA, Beatriz. *A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise*. In: MALHEIROS, Jorge (2007), **Imigração Brasileira em Portugal**, ACIDI, Lisboa, pp. 217-226, 2007.

PADILLA, B. (2006). *Integração dos imigrantes brasileiros recém-chegados na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades*, in MACHADO, I. (Ed.) **Um Mar de Identidades. A imigração brasileira em Portugal**, São Carlos: Ed. UFSCar.

PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Vítor Sérgio (ed.). **Jovens e rumos**. Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

PAIS, José Machado; FERREIRA, Vítor Sérgio (Orgs.). **Tempos e transições de vida: Portugal ao espelho da Europa**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2010.

PAIS, J. Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1996.

_____. *A construção sociológica da juventude: alguns contributos. Análise social*, 1990, 25.105-106: 139-165, 1990.

PARKER, Richard, 1991, **Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Best Seller.

PARK, Robert (1925), «The City: suggestions for the investigation of human behaviour in the urban environment», in Park, Robert e Burgess, Ernst (eds.) (1925) [1967], *The City: Suggestions for the Investigation of Human Behaviour in the Urban Environment*, Chicago, Chicago University Press, pp. 1-46.

PARREÑAS, Rhacel Salazar (ed.). **Servants of globalization: Women, migration and domestic work**. Stanford University Press, 2001.

PEDONE, Claudia; GIL ARAUJO, Sandra. *Maternidades transnacionales entre América Latina y el Estado español. El impacto de las políticas migratorias en las estrategias de reagrupación familiar*. Solé, C., Parella, S. y Cavalcanti, L., Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones. Documento del Observatorio Permanente de la Inmigración, 2008, 19: 151-176.

PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, ANPEd, no 5/6, 1997.

PEREIRA, José Carlos Alves. *O lugar desmanchado, o lugar recriado? Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional*. Tese de Doutorado apresentada Programa de Pós- Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2012.

PEREIRA, Juliana. *As Meninas do Pequi fora do Sertão: goianas imigrantes em Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2009.

PINA CABRAL, João e PEDROSO DE LIMA, Antónia. *Como fazer uma História de Família: um Exercício de Contextualização Social*. Etnográfica. Vol. IX (2), 2005.

PEIXOTO, João. *Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal*. *Anál. Social* [online]. 2007, n.183 [citado 2014-04-25], pp. 445-469 . Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732007000200004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0003-2573.

PEIXOTO, João; FIGUEIREDO, Alexandra. **Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal**. *Imigração Brasileira em Portugal, Lisboa, ACIME/Observatório da Imigração*, 2007, 87-111.

PEIXOTO, João; COELHO, Manuel. **A mobilidade internacional dos quadros: migrações internacionais, quadros e empresas transnacionais em Portugal**. 1999.

PESSAR, Patricia R. The Role of gender, Households, and social networks in the migration process: a Review and Appraisal. In: HIRSCHIMAN, Charles; KASINITZ, Philip and DE WIND, Joshua (Ed.). **The handbook of international migration: the american experience**. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 51-70.

PESSAR, Patricia R.; MAHLER, Sarah J. *Transnational migration: Bringing gender in*. *International Migration Review*, 2003, 37.3: 812-846.

PINHO, Filipa. A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira. *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: Observatório das Migrações (OI)/Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2007.

PINTO, Teresa Costa; GONÇALVES, Alda - *"Os bairros sociais vistos por si mesmos: imagens, conflitualidades e insegurança"*. Cidades - Comunidades e Territórios. Lisboa: CET - Centro de Estudos Territoriais. ISSN 1645-0639. 1 (2000) 101-111.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. UNICAMP, 2011. (Coleção Encontros Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero).

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. (orgs.) **Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos. Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro, EdUERJ, Coleção Sexualidade, gênero e sociedade, 2013.

_____. *¿Actuar la brasileñidad? Tránsitos a partir del mercado del sexo*. Revista Etnográfica, fevereiro, n15 (1): 5-29, Lisboa, 2011.

_____. *Geografia política do afeto: interesse, "amor" e migração*. I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, Universidade Autônoma de Barcelona, pp.14-22, 2010.

_____. *As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha*. Revista Sexualidad, Salud y Sociedad, n. 1, p. 177-201, 2009.

_____. *Looking for new worlds: Brazilian women as international migrants*. **Signs**, Chicago, v. 33, p. 784-793, 2008.

_____. (2008). *Interseccionalidades, Categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. Revista Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274.

_____. Apresentação. *Gênero nos mercados do sexo*. Cadernos Pagu (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero –Pagu/Unicamp, 2005, pp.7-23

_____. *Sexualidade tropical em contextos de Primeiro Mundo: migração de Brasileiras para a Itália no contexto da Transnacionalização do mercado sexual*. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. *Entre a praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina*. Campinas: UNICAMP, 2002.

PHIZACKLEA, A. One Way Ticket: **Migration and Feamle Labour**, Routledge and Kegan Paul, London, 1983.

PONTES, Luciana. 2004. *"Mulheres brasileiras na mídia portuguesa"*. Cadernos Pagu, 23: 229, 257, Cara, cor, corpo, Campinas, Unicamp.

PONTES, Wallace T. *Conflito agrário e esvaziamento populacional: a disputa do Contestado pelo Espírito Santo e Minas Gerais (1930-1970)*. UFES, Dissertação de Mestrado, 2007.

PORTES, Alejandro. *Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea*. Sociologia, problemas e práticas, 2000, 33: 133-158.

_____. *"Comunidades Transnacionais"*. In **Migrações Internacionais**. Oeiras, Celta. Pp. 127-144, 1999.

PORTES, Alejandro; ZHOU, Min. The new second generation: Segmented assimilation and its variants. *The annals of the American academy of political and social science*, 1993, 530.1: 74-96.

PORTUGAL. **Lei n. 23 de 04 de julho de 2007**. Aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional. Disponível em: [http://www.sef.pt/documentos/56/NOVA %20LEI %20ESTRANGEIROS .pdf](http://www.sef.pt/documentos/56/NOVA%20LEI%20ESTRANGEIROS.pdf). Acesso em: 23 de março de 2013.

POUTIGNAT, P; STREIFF-FERNANT, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.

RAPOSO, Otávio. *Representa Red Eyes Gang: das redes de amizade ao hip hop*, Dissertação de Mestrado em Antropologia Urbana, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2007.

_____. “Juventude, condições e modelos de vida: o contexto sociocultural da *Quinta da Fonte*”, *Configurações*, Braga, 3, pp.47-67, 2007a.

RAPOSO, Rita. *Condomínios fechados em Lisboa: paradigma e paisagem. Análise social*, 186, p. 109-131. 2008.

RECUERO, Rachel. *Teoria das redes e redes sociais na Internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 27., Porto Alegre, 2004. **Anais** Disponível em: <http://repositorio.intercom.org.br/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2012.

REDFIELD, Robert. **The folk culture of Yucatan**. Chicago: University of Chicago Press, 1941.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Identidade Brasileira no Espelho Interétnico: Essencialismos e Hibridismos em São Francisco*. Série Antropologia, Vol.241, pp. 1-27, 1998.

RODRIGUES, Elsa. “Do *Brasil-Palhaço* ao *Portugal-Europa*: a importância de *onde se vem* na construção do para *onde se vai* nas estratégias de imigrantes femininas brasileiras em Lisboa”. In: TROVAO, Susana (org). **De muitas variadas partes ao Portugal do Século XXI**. Edições Colibri, Lisboa, 2010.

RODRIGUES, J. M. C. *Nós não somos todos iguais. Campo social de residência e estratégias de distinção num bairro de realojamento*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural e Urbana, Lisboa, ISCTE, 1997.

ROMANÍ, O. **Jóvenes y riesgos: unas relaciones ineludibles?** Edicions Bellaterra, 2010.

ROSALDO, Renato (1983), **Culture and Truth: The Remaking of Social Analysis**, London, Routledge.

ROSALES, Marta; CANTINHO, Vanessa e PARRA, Susana. **Crescer fora de água? – Expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na região metropolitana de Lisboa**. Lisboa, ACIDI, 2009.

SALEM, Tania. *Tensão entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holístico*. *Revista Mana*, 12(2), 2006, pp.419-447.

_____. “Homem... já viu, né?": *representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular*”. In: M. L. Heilborn (org.), **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV Editora. pp. 15-61, 2004.

SALES, Shirlei; PARAÍSO, Marlucy. *Escola, Orkut e juventude conectados: falar, exhibir, espionar e disciplinar*. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 225-242, maio/ago. 2010.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SALGUEIRO, Teresa. *Lisboa, metrópole policêntrica e fragmentada*. In *Finisterra*, vol. 32, nº 63, pp. 179-190, 1997.

SANTINHO, Maria Cristina. *Refugiados e Requerentes de Asilo em Portugal: Contornos Políticos no Campo da Saúde*. Lisboa, ISCTE-IUL, tese de doutoramento, <<http://hdl.handle.net/10071/3512>>, 2011.

_____. *Afinal, que asilo é este que não nos protege?* Revista Etnográfica, Lisboa, vol. 17 (1), p. 5-29 (2013).

SANTOS, José Alcides Figueiredo. *Uma classificação socioeconômica para o Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2005, 20.58: 27-45.

SANTOS, Maria Gonçalves Conceição; CRAVIDÃO, Fernanda Maria. *Matrimônios e Convivências. Trabalhadores brasileiros na região centro de Portugal*. Fazendo Gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Florianópolis, 2010. Disponível em www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/127827877_ARQUIVO_Matrimonioeconvidencias.TrabalhadoresbrasileirosnaRegiaoCentrodePortugal.pdf, acessado pela última vez em março de 2014.

SASSEN, Saskia. **Contrageografías de la globalización Gênero y ciudadanía en los circuitos transfronterizos**. Traficantes de sueños, 2003.

SARTI, C. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Ed. Autores Associados, Campinas, 1996.

SCHILLER, Nina Glick; ÇAGLAR, Ayse. **Migrant incorporation and city scale: towards a theory of locality in migration studies**. 2008.

SCHILLER, Nina Glick ÇAGLAR, Ayse e GULDBRANDSEN, Thaddeus (2006), «*Beyond the ethnic lens: locality, globality and born again incorporation*», in *American Ethnologist*, vol. 33, nº 4, pp. 612-633

SCHILLER, Nina Glick; SALAZAR, Noel. *Regimes of Mobility Across the Globe*. Journal of Ethnic and Migration Studies, Vol. 39, No. 2, 183-200, 2012.

SCHILLER, Nina Glick. *Transnationality. A Companion to the Anthropology of Politics*, 2004, 448-467.

SHOHAT, Ella. *Notes on the "Post-Colonial"*, Social Text n. 31/32, Third World and Post-Colonial Issues, p. 99-113, 1992.

SCHROOTEN, Mieke. *Virtual migrant communities: 'orkut' and the brazilian case*. Bielefeld: COMCAD, 2010. (General Editor: Thomas Faist; Working Papers – Centre on Migration, Citizenship and Development; 80).

SCHUCH, P. *Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o "ficar" entre jovens universitários de Porto Alegre/RS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

SCOTT, Joan. **Gender and the politics of history**. Columbia University Press, 1988.

SHOHAT, Ella. *Notes on the "Post-Colonial"*, Social Text n. 31/32, Third World and Post-Colonial Issues, p. 99-113, 1992.

SILVEIRA, Flavio Leonel. *As Complexidades da noção de fronteira. Algumas reflexões*. Caderno Pós Ciências Sociais - São Luís, v. 2, n. 3, jan./jun, PP. 17-38, 2005.

SILVEIRA, Maria C. Barros da. *O contestado espiritosantense (1889-1963): o processo de consolidação dos limites territoriais do Estado do Espírito Santo*. Sem data (s/d), p.1-15.

SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora e MACEDO, Márcio. *Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo*. Cadernos Pagu (35), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2010, pp.37-78.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos.** Belo Horizonte, Argumentum Editora, 2009.

SOARES, Weber. **Da metáfora a substância: redes sociais migratórias e migração nacional e internacional em Governador Valadares e Ipatinga.** Belo Horizonte, UFM, 2002

_____. *Emigrantes e investidores: Redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense*, 174 pp. Mestrado em demografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os jovens carismáticos.** 2009. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

SOUZA, Jessé; GRILLO, André eT. al. **A Ralé Brasileira. Quem é e como vive.** Editora UFMG, Belo Horizonte, Coleção Humanitas, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. 2003.

SØRENSEN, Birgitte Refslund. The experience of displacement: reconstructing places and identities in Sri Lanka. *Shifting Culture, the Shifting Anthropological Object.* London: Routledge, 1997, 142-64.

STOCKING JR., G. W. "Antropologia em Chicago: a fundação de um departamento independente – 1923-1929", in PEIXOTO, F. A.; PONTES, H. & SCHWARCZ, L. M. (orgs.), **Antropologias, histórias, experiências**, Belo Horizonte, Ed. UFMG, p. 15-59, 2004.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia.** Editora da UNICAMP, 2006[1988].

TAUBE, Maria José. **De migrantes a favelados: estudo de um processo migratório.** Campinas, Editora Unicamp, 1ª ed., 1996.

TECHIO, Kactia. *Imigrantes brasileiros não documentados: Uma análise comparativa entre Lisboa e Madri.* **Socius Working Papers**, nº1, 2006.

TEIXEIRA, Flávia. *Juízo e Sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália.* In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS ,Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**, pp. 385- 434, UNICAMP, 2011. (Coleção Encontros Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero).

TELLES, Vera da Silva. "Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade". In: TELLES, Vera et al. **Nas tramas da cidade.** São Paulo: Associação Editorial Iluminuras, 2006.

THOMAS, W. And ZNANIECK, F. **The Polish Peasant in Europe and America.** New York, Octagon Books, 1974 [1919].

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS -McLAUGHLIN, Virgínia (Ed.). **Immigration reconsidered: history, sociology and politics.** Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.

_____. **Durable inequality.** Berkeley: University of California Press, 1999.

TOGNI, Paula Christofolletti. "Melhorar de vida" ou "Aproveitar a vida"? *Jovens brasileiros migrantes numa periferia de Lisboa (Portugal).* In: PADILHA, Beatriz et al. **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa:** Atas do 2o Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa. Lisboa: ISCTE 2012. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2013.

_____. *Que brasileiros(as) Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo.* In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS ,Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.).

Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil, pp. 385- 434, UNICAMP, 2011. (Coleção Encontros Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero).

TOGNI, Paula C. e RAPOSO, Paulo. **Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portugueses: gênero e imigração.** Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009 (Estudos OI)

TORRESAN, A. *Loud and Proud: immigration and Identity in a Brazilian/Portuguese Postcolonial Encounter in Lisbon*, Portugal. A thesis submitted to the University of Manchester for the degree of Doctor of Philosophy in the Faculty of Social Sciences and Law, 2004.

TROVÃO, Susana (org). **De muitas variadas partes ao Portugal do Século XXI.** Edições Colibri, Lisboa, 2010.

VELASCO, Laura. Identidad cultural y territorio: una reflexión en torno a las comunidades transnacionales entre México y Estados Unidos. **Región y Sociedad**, México: Sonora, v. 9, n. 15, p. 107, 1998.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **Individualismo e cultura : notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1987.

VALE DE ALMEIDA, Miguel, «Comentário», in Sanches, Manuela (ed.) (2006), *Portugal não é um País Pequeno: Contar o Império na Pós-Colonialidade*, Lisboa, Edições Cotovia, pp. 359-367, 2006.

_____. “O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso «lusófono»”, em Cristina Bastos, Miguel Vale de Almeida e Bela Feldman-Bianco (orgs.), **Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2002. pp.23-37.

_____. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade.** Lisboa: Fim de Século, 2ª edição, 2000.

_____. **Um Mar da Cor da Terra: raça, cultura e política da identidade** Lisboa: Celta, 2000.

VALE DE ALMEIDA, Miguel Vale de; CORRÊA, Mariza; PISCITELLI, Adriana. *Flores do Colonialismo”: Masculinidades numa perspectiva antropológica. Trajetórias do Gênero, Masculinidades. Cadernos Pagu (11). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1998, 201-229.*

VIANNA, Hermano, (1990). *Funk e cultura popular carioca.* In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, p. 151-160.

XAVIER, M. *Redescobrimo o Brasil: Processos Identitários de Brasileiros em Portugal.* Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação. Coleção Teses, ACIDI, Lisboa, 2007.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas.** FGV Editora, 2004.

_____. **Cidadãos não vão ao paraíso.** Campinas, Editora Unicamp, 1994.

_____. **A máquina e a revolta.** São Paulo, Brasiliense, 1985.

ZAMBERLAM, J., Corso, G., BOCCHI, L., Filippin, J., & KULKAMP, W. (2009). **Estudantes internacionais no processo globalizador e na internacionalização do ensino superior.** Porto Alegre: Solidus.

ZELIZER, Viviana, 2009, **La Negociación de la Intimidad.** México, Fondo de Cultura Económica.

WAGNER, Roy (2010). **A invenção da cultura**. São Paulo, CosacNaify.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Relatório de Pesquisa, UFRPE/CNPq, 2006.

_____. *Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro*. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude Rural em perspectiva**, Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

WACQUANT, Loic. **As duas faces do Gueto**. Trad. De Paulo Cesar Castanheira. São Paulo, Boitempo, 2008.

WEISS, Anja. *The Transnationalization of Social Inequality: Conceptualizing Social Positions on a World Scale*. *Current Sociology*, 53, pp. 707-728, July 2005.

WHYTE, William Foote [1943] (2005). **Sociedade de Esquina [Street Corner Society]. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

WIMMER, Andreas; GLICK SCHILLER. *Methodological nationalism, the social sciences e the study of migration*. *International Migration Review*, v. 37, nº3, pp. 576-610, 2003

_____. *Methodological Nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences*. *Global Networks*, 2,(4): 301-334, 2002.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes, 2000, pp.7-72.

WULFF, Helena (1995), "Introducing youth culture in its own right. The state of the art and new possibilities", in Vered, Amit-Talai, Helena, Wulff (eds.) **Youth Culture**, 1-18.

SITES CITADOS

<http://www.casadoBrasil.info/>, acessado em 27 de julho de 2012.

http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_38.pdf (Consultado pela última vez a 21.03.2013).

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=204940>, acesso em 27/10/2012.

<http://www.sef.pt/documentos/56/NOVA%20LEI%20ESTRANGEIROS.pdf>.

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=313960&idtema=16&search=minas-gerais|mantena|sintese-das-informacoes>, último acesso em acesso em 12 de fevereiro de 2014].

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/8446/6564>, acessado em 02 de fevereiro de 2014.

<http://www.salmo91.net/>, acessado em 10 de setembro de 2012.

http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html acessado pela última vez em fevereiro de 2013.

<http://censo2010.ibge.gov.br/>, consultado pela última vez em fevereiro de 2013.

<http://www.programaescolhas.pt>, acessado pela última vez em 13 de outubro de 2013.

<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/portugal/detidos-dezenas-de-brasileiros-na-ericeira>

<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/regresso-de-imigrantes-brasileiros-afecta-economia-de-zonas-como-a-camargo-da-caparica-e-ericeira-1541357>

<http://www.frontex.europa.eu/>, consultado pela última vez em 20 de novembro de 2013.

http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=6262#0, consultado pela última vez em 20 de novembro de 2013.

www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=Conten&t&pa=showpage&pid=1, acessado em 12 de Novembro de 2013.

<http://www.juventude.gov.br/>, acessado em 12 de fevereiro de 2014.

<http://www.cplp.org/id-46.aspx>, acessado em 10 de fevereiro de 2012.

<http://www.prouniportal.mec.gov.br>, acessado em 03 de agosto de 2013.

<http://www.portalmantena.com.br>, acessado desde maio de 2010.

<http://www.mantenaterra Boa.com.br/>, acessado desde maio de 2010.

<https://www.facebook.com/mantenenses.ausentes>;

<https://www.facebook.com/pages/Mantenense-Ausente/593841207301442>

https://www.facebook.com/estravazza.modas?fref=pb&hc_location=friends_tab

<http://www.priberam.pt/dlpo/puto> [consultado em 02-12-2013].

http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1149451&page=-1, acessado em 04 de outubro de 2013.

<http://www.sntpt.com/pt/contactos/telefonos-e-moradas/item/amadora.html>, acessado em 31 de outubro de 2013.

<http://www.mapadaviolencia.org.br/>, acessado pela última vez em 30 de Outubro de 2013.

<http://www.ine.pt/xportal/xmain?xlang=pt&xpgid=inemain&xpid=INE>].

<http://www.iom.int/jahia/jsp/index.jsp>.

ANEXO A – Principais personagens da tese (por ordem alfabética)

Adílson

Filho mais velho de D. Chiquinha. De acordo com Camila ele foi viver em Vitória e *nunca mais mandou notícias*.

Alexandre

Filho de D. Helena, vive em Portugal, no Cacém, há nove anos. É casado com Sandrely e pai de Alan.

André

Morador do Carandiru e amigo de Maicon trabalhava na construção civil. Era de Vitória – ES.

Antônio

Viveu em Portugal há oito anos e atualmente é vereador em Mantena. Teve uma filha com Miriane, filha de D. Chiquinha.

Ateíson

Natural de Belo Horizonte, vive em Portugal há oito anos. Amigo do grupo, morava em Setúbal e passava os fins de semana na casa de Sheila. Trabalha na montagem de andaimes.

Adílson

Namorado de Cleusa, mãe de Dora.

Alan

Neto de D. Helena, vizinha de D. Rosa, seus pais vivem em Portugal desde os seus 7 anos. Conheci-o em Cachoeirinha de Itaúna. O desejo de Alan era viver em Portugal com os pais. Aos 13 anos, juntou-se aos pais no Cacém.

Bacatão

Vive em Ericeira e é oriundo de Cachoeirinha de Itaúna.

Barriga

Vive em Ericeira e é oriundo de Cachoeirinha de Itaúna.

Breno

Um dos melhores amigos de Sheila em Cachoeirinha de Itaúna. Seu irmão viveu em Portugal durante oito anos. Na zona rural, os rumores são que Beranrdo é *gay*, pois só *andava com mulheres e não pegava ninguém*.

Bruno

Natural de Mantena, é estudante de psicologia na UNIVALE – Universidade do Vale do Rio Doce em Governador Valadares.

Beto

Irmão de Sheila que viveu no Cacém durante dois anos e meio. Deslocou-se para Portugal aos 19 anos e trabalhava na área da construção civil. Quando iniciei a pesquisa, Beto já havia regressado para Cachoeirinha de Itaúna, na zona rural, onde o conheci. Um dos *melhores amigos* de Maicon, narrava constantemente histórias dos dois no Cacém, sobretudo as que envolviam o excesso de consumo de

bebidas alcoólicas, o *aguentar beber* e as *zoeiras* com os policiais *tugas* e com os *pretos*. No seu retorno, acabou se casando e atualmente tem um filho. Entretanto, afirma regressar a Portugal *um dia*.

Camila

Uma das personagens centrais da tese, Camila se moveu para Portugal com 21 anos, motivada por Sheila, sua amiga desde Mantena. Moradora do Morro do Margoso, a casa de sua família converteu-se em um dos principais espaços de estadia nas minhas permanências em Mantena. A partir dela e de sua família foi possível reconstruir os trajetos e trajetórias de outros “migrantes” em Mantena, fundamentalmente, no Morro do Margoso.

Celina

Vive em Ericeira e é oriunda de Mantena.

Chef

Vive em Ericeira e é oriundo de Cachoeirinha de Itaúna.

Clérrison

Tio de Maicon, é apontado como o pioneiro a se deslocar para Portugal. Foi preso em 2005 e não enviou mais notícias desde então.

Cleusa

Mãe de Dora. Natural de Mantena, trabalha como doméstica na casa de uma família portuguesa.

Daiana

Esposa de Beto, mãe de Wallyson.

D. Altamira

Senhora que em acompanhou na primeira viagem de ônibus para Mantena. Sua filha viveu em Portugal.

D. Rosa

Mãe de Sheila, Beto e Wellington, D. Rosa é casada com Seu Calixto e vive na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna. É analfabeta e trabalha no plantio e colheita de café, para além das tarefas domésticas. Atualmente *cuida* do filho de Beto. Todos os seus filhos tiveram experiências de mobilidade entre fronteiras internacionais. D. Rosa é evangélica e em 2010 tinha 48 anos.

D. Chica

Mãe de Camila, D. Chica (61 anos) tem 5 filhos: Ateílson, Marlon, Edmílson, Micael e Camila. De acordo com ela, *um de cada homem*. É *juntada* com Seu Divino, pai de Camila e vive no Morro do Margoso há quase 30 anos. D. Chica é analfabeta e trabalhou como lavadeira durante várias décadas. No entanto, uma artrose nas pernas dificultou a realização de seu trabalho, como diminuiu sua mobilidade, uma vez que do Morro do Margoso ao centro da cidade é preciso ultrapassar 250 degraus. Aposentou-se com um salário mínimo. Cuida da casa, de Micael e Seu Divino. É católica.

D. Helena

Vizinha de D. Rosa em Cachoeirinha de Itaúna, seus dois filhos viviam em Portugal. Ela cuidava de seu neto Alan. Um de seus filhos, Junior, faleceu em Portugal vítima de uma explosão de gás no Cacém no ano de 2012.

D. Joana

Irmã de D. Rosa e mãe de Jonas. Vive em Cachoeirinha de Itaúna e teve *problema dos nervos* após o deslocamento de seu filho. D. Joana toma remédios *controlados* e não sabe que Jonas está em Portugal, mas sim, em São Paulo.

D. Gertrudes

Primeira esposa de Seu Divino, já falecida.

D. Luiza

Mãe de Maicon, é vizinha da Família Camargo.

D. Niquinha

Vizinha de D. Chiquinha no Morro do Margoso. Têm netos e filhos que vivem em Portugal.

D. Regina

Vizinha da família Santos há 30 anos no Morro do Margoso. Ela e suas filhas são consideradas como *parte da família* de Camila.

D. Zezé

Vizinha da família Camargo, um de seus filhos se deslocou para Portugal há alguns anos e não enviou mais notícias. É avó de Leandro e Thayná.

Dalton

Natural de Mantena, viveu no Cacém (na *favelinha*) e em Ericeira. Trabalhador da construção civil, era nomeado pelo grupo como *chula de viado*. Foi casado com uma *portuguesa* e *ficou* com Juliana. Em 2013 foi preso por assalto a um posto de gasolina, cumprindo pena de um ano.

Dedé

Um dos pioneiros a se deslocar para Portugal. Vive em Ericeira.

Dison

Apaixonado por Wesley, era constantemente referenciado dentro do grupo como coitado, por ser *explorado* por chulas de viado. Trabalhava em uma estufa de verduras e legumes em Ericeira e no início da etnografia tinha 44 anos.

Dora

Dora é uma das poucas meninas que ao atravessar as fronteiras internacionais, contava com a ajuda da mãe que vivia em Portugal. No entanto, Dora não morava com a mãe. Trabalhava em uma loja de telecomunicações, tinha o seu próprio dinheiro e vivia com outras meninas da sua idade. Dora era, dentro do grupo, considerada *piriguete*, pelo fato de ter diversos namorados. Em 2012, engravidou de Elias, que não assumiu a criança. Dora, então, retornou para a casa da mãe. Atualmente casou-se com um rapaz português que assumiu a criança como seu filho.

Edmar

Viveu cinco anos em Portugal, na Costa da Caparica, e regressou ao Morro do Margoso, local em que comprou quatro imóveis. No morro, Edmar era um dos rapazes mais assediados pelas meninas.

Edmílson

Filho de D. Chiquinha e irmãos de Camila, trabalha como pintor e é D.J de funk em Barra de São Francisco.

Elias

Ex-namorado de Dora e pai do seu filho. Não reconheceu a criança por duvidar que o filho fosse seu. Vive no Cacém com uma brasileira, Neide. De acordo com o grupo, Elias *não gosta de trabalhar e vive as custas de mulher*.

Eldi

Vive em Ericeira e é oriundo de Cachoeirinha de Itaúna.

Gilcilene

Viveu em Portugal entre os anos de 2004 a 2007. Conheci-a em Cachoeirinha de Itaúna, em sua casa onde montou um pequeno salão de beleza. Considerada na zona rural como o exemplo paradigmático de mulheres que vão para Portugal *fazer coisa errada*, regressou para visitar os filhos e não retornou mais a Portugal.

Gracie

Vive em Ericeira e é oriunda de Fortaleza- Ceará. Compartilha casa com Murício e Ilza.

Igor

Natural de Goiânia, é calceteiro e compartilhou o apartamento 502 com Sheila e Camila.

Ilza

Apontada na zona rural como uma das primeiras a se deslocarem sozinhas para Portugal, em 2004. Vive em Ericeira.

Jaime

Natural de Belo Horizonte, é administrador do Hospital da cidade de Mantena e foi o meu principal contato com a “classe alta” Mantense.

Jessica

Amiga de Sheila, Camila e Jonas ficou grávida de Ricardo, há três anos em Portugal. O pai, *angolano*, desapareceu. Ricardo era cuidado um pouco por todos.

Jonas

Primo de Sheila, Wellington e Beto nasceu em Cachoeirinha de Itaúna e antes de se deslocar entre fronteiras internacionais, para além da roça, conhecia apenas a cidade de Mantena. Trabalhava no plantio e colheita do café e no corte de eucaliptos e teve uma breve experiência na construção civil. Conheci-o no Cacém, logo que chegou em Portugal. Tímido, tinha 20 anos e era reconhecido no grupo como *crente*.

Julia

Namorada e mãe da filha de Yan.

Juliana

Trabalhadora no mercado do sexo, Juliana era namorada de Maicon e amiga de Sheila e Camila. Conheceram-se todos em Portugal, no Cacém. Juliana tinha um filho de quatro anos no Brasil que ficara aos cuidados da mãe e do pai, uma família muito evangélica. Migrou para Portugal aos 19 anos. Diferente de Maicon e outros sujeitos, regressou temporariamente ao Brasil.

Junior

Filho de D. Helena, viveu em Portugal de forma ininterrupta por oito anos. Morreu, em 2012, vítima de uma explosão de gás em sua residência no Cacém. Seu corpo foi trasladado para Cachoeirinha após a ajuda financeira da rede de Mantena no Cacém, amigos e colegas de trabalho.

Paula Christofolletti Togni

Jurandir

Dono de uma das agências de viagens em Mantena.

Landa

Vive em Ericeira e é oriunda de Mantena. Amiga de Sheila.

Leandro

Neto de D. Zezé, após três tentativas frustradas de travessia na fronteira viveu nos EUA durante dois anos, sendo deportado por conduzir sem documento de habilitação. Vive em Cachoeirinha de Itaúna, casou-se e tem uma filha.

Lisete

Vive em Ericeira e é oriunda de Cachoeirinha de Itaúna.

Lívia

Uma das melhores amigas de Juliana, também fazia programas. Sua presença no grupo foi tensa, após ela ficar com o namorado de Camila, Zico.

Lucila

Filha de Seu Divino e irmã de Camila por parte de pai.

Lucimara

Prima de Sheila, Wellington e Beto, mora no Morro do Margoso.

Luma

Enteada de Marlon, vive no Morro do Margoso.

Magno

Amigo de Sheila e Camila no Cacém, é natural de Governador Valadares e trabalha tomando conta de uma quinta no mesmo bairro.

Maicon

Um dos pioneiros em Cachoeirinha de Itaúna que se moveram para Portugal, Maicon exercia uma grande liderança no grupo e no Cacém. A possibilidade de interação com os rapazes e em espaços de sociabilidade marcadamente masculinos só foi concretizada pela sua mediação. Conquistar a confiança de Maicon levou aproximadamente oito meses. Deslocou-se para Portugal aos 18 anos e permaneceu sem regressar a origem até os 25 anos. Trabalhava como *encarregado*, um cargo de confiança na área da construção civil.

Marco

Vive em Cachoeirinha de Itaúna. Morou em Portugal durante três anos.

Maria das Dores

Filha mais velha de Seu Divino e irmã de Camila por parte de pai.

Marli

Vive em Ericeira e é oriunda de Cachoeirinha de Itaúna.

Marlon

Filho mais velho(31 anos) de D. Chiquinha trabalhava na construção civil e atualmente é pastor de uma igreja evangélica próxima a Mantena. É *juntado* com Bianca e vive no Morro do Margoso. Não possui filhos.

Maurício

Vive em Ericeira e é oriundo de Cachoeirinha de Itaúna. Um dos pioneiros e a se deslocar e um dos *mais velhos* do grupo (45 anos), muitos dos eventos como Natal e a Páscoa são geralmente comemorados em sua casa.

MC Didado

MC de funk. Natural de Governador Valadares, ficou famoso em Portugal, sobretudo, após a divulgação da criação do PCP – Primeiro Comando de Portugal. Atualmente *está crente* e canta hip hop gospel.

MC Dinho

Um dos primeiros MCs de *funk* em Portugal, possuía grande visibilidade nas discotecas brasileiras e nas redes sociais (Orkut). Natural de Belo Horizonte, viveu durante um ano também em Londres. O rapaz trabalhou comigo em uma pizzeria na região central de Lisboa e foi um importante mediador no meu primeiro encontro com Sheila.

Micael

Filho de D. Chiquinha e irmão por parte de mãe de Camila. Durante os últimos cinco anos (desde os 20 anos) esteve preso na Penitenciária de Mantena por tráfico de drogas. Atualmente por não se apresentar na condicional, regressou a prisão.

Miltinho

Primo de Sheila, tinha 18 anos e trabalhava no corte de eucaliptos. Nas minha estadias em Cachoeirinha me acompanhava nos deslocamentos para o centro e outros sítios e fazendas da região. Miltinho tornou menos arriscada a minha permanência na zona rural, como também facilitou a minha mobilidade na zona rural, na medida em que tinha uma moto.

Miriane

Filha de D. Niquinha e vizinha da família Silva.

Nilson

Dono da maior agência de viagens de Mantena. Viveu nos EUA por dez anos.

Odair

Temido em Cachoeirinha de Itaúna, por ter matado a tiros um rapaz, consequência de uma discussão no bar de Seu Jovinho, andava sempre armado. O rapaz me assediava constantemente e após uma discussão com ele, passei a andar acompanhada na zona rural.

Rejane

Filha de D. Regina é uma das melhores amigas de Camila no Morro do Margoso. É casada e tem um filho.

Roberson

Um dos jovens já “retornados” de Portugal, conheci-o em Cachoeirinha de Itaúna. Trabalhava na construção civil e após ter um acidente de trabalho regressou à zona rural.

Paula Christofolletti Togni

Rodriguinho Playboy

Stripper masculino de casas noturnas brasileiras, principalmente o Go Times.

Rômulo

Médico na cidade de Mantena, foi secretário municipal de saúde. Oriundo de uma *família tradicional* de Mantena, mora em um dos “melhores” bairros da cidade.

Roselane

É considerada uma das mulheres pioneiras no Morro do Margoso a se deslocar para Portugal. Vizinha de D. Chiquinha, enquanto estava em Portugal construiu uma das *casas modernas* do Morro.

Sandrely

Mãe de Alan, vive no Cacém. É oriunda de Cachoeirinha de Itaúna.

Seu Calixto

Pai de Sheila, Beto e Wellington, Seu Calixto (61 anos) sempre trabalhou no plantio e colheita do café, na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna, local de onde nunca saiu.

Seu Divino

Pai de Camila, no início da pesquisa tinha 74 anos. Nasceu em Trabalhou sempre como carroceiro em Mantena e atualmente planta feijão e milho em um pequeno pedaço de terra. Frequenta diariamente a Igreja Universal do Reino de Deus- IURD, e possui duas filhas de sua primeira relação: Maria das Dores e Lucila que vivem em Mantena. Após ficar viúvo, *juntou* com D. Chiquinha e tiveram Camila que hoje tem 25 anos.

Seu Gilmar

Pai de Daina, é dono da única mercearia de Cachoeirinha de Itaúna.

Seu Jovinho

Dono do principal bar da zona rural de Cachoeirinha de Itaúna.

Sergio

Ex- namorado de Camila. É português.

Sheila

Foi por intermédio de Sheila que conheci o Cacém e a grande maioria dos sujeitos que fizeram parte dessa etnografia. A sua trajetória e de sua família são fundamentais na construção da pesquisa. A casa de sua família, na *roça*, Cachoeirinha de Itaúna, configurou-se como um dos principais locais de pesquisa e estadia nos trabalhos de campo realizados no Brasil. Sheila moveu-se para Portugal no ano de 2007, aos 19 anos e continua vivendo no Cacém. Trabalha como faxineira e atualmente faz um curso de estética (manicure, pedicure e depilação).

Shirley

Prima de Sheila, vive no Morro do Margoso. Tem 15 anos, é evangélica. Foi com Shirley que subi o morro pela primeira vez. Durante os primeiros dias ela também me acompanhava, uma vez que D. Rosa pediu que ela *cuidasse* de mim.

Silmara

Casada com um dos filhos de D. Zezé, separou-se e casou-se novamente com um português em Ericeira.

Sofia

Companheira de casa de Sheila, mudou-se em 2012 para Ericeira. Era conhecida dentro do grupo por ficar com muitos rapazes.

Thayná

Filha de Gilcilene, mora em Cachoeirinha de Itaúna e frequenta a Escola Agrícola.

Valda

Valda é vizinha e madrinha de batismo de Camila. Estudante de graduação em Serviço Social em Mantena.

Zico (Zico)

Ex- namorado de Camila, é natural do Tocantins e trabalha na construção civil. No início da etnografia participava da maioria das festas e idas aos bailes funk. Atualmente está *crente*.

Wagner

Marido de Valdirene, filha de D. Regina. Viveu nos EUA.

Wallyson

Filho de Beto e Daiana e neto de D. Rosa. Tem 2 anos.

Wanderson

Principal responsável pela venda de drogas no Morro do Margoso. Viveu em Portugal durante cinco anos.

Wellington

Irmão mais velho de Sheila e Beto, Wellington foi o primeiro filho de D. Rosa a se mover. Com pouca escolaridade (4ºano), a mais baixa entre os rapazes, trabalhava na *roça* em Cachoeirinha de Itaúna e em Portugal na construção civil. Através do trabalho nas obras viveu durante quatro meses na Espanha. Considerado um dos rapazes mais *feios* do grupo, namorou Ellen, uma brasileira natural de Fortaleza e se casaram no final de 2013.

Wesley

Considerado um dos rapazes mais bonitos do grupo, era *chula de viado* e passou dois anos preso por assalto a uma joalheria na Grande Lisboa.

Yan

Figura central na etnografia, era o melhor amigo de Maicon. Deslocou-se para Portugal aos 14 anos. Teve sua primeira experiência laboral em Portugal, na construção civil, nomeadamente na montagem de andaimes. Conhecido no grupo como *o puto*, classificação que se relaciona com a idade o mais novo da turma. Atualmente vive em Governador Valadares, *está crente*, casado e tem uma filha de 01 ano.

Yuri

Filho de Dora e Elias.

